

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM
MESTRADO EM LINGUÍSTICA APLICADA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: LINGUÍSTICA APLICADA
LINHA DE PESQUISA: LETRAMENTOS E CONTEMPORANEIDADE



PROGRAMA “ENGAJANDO FAMÍLIAS NA ESCOLA”:
estratégias, possibilidades e desafios

ALANA DRIZIÊ GONZATTI DOS SANTOS

Natal/RN

2015

ALANA DRIZIÊ GONZATTI DOS SANTOS

PROGRAMA “ENGAJANDO FAMÍLIAS NA ESCOLA”:
estratégias, possibilidades e desafios

Dissertação apresentada ao programa de Pós Graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, na área de concentração de Linguística Aplicada, como requisito final para obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem.

Orientadora: Profa. Dra. Maria do Socorro Oliveira

Natal/RN

2015

Seção de Informação e Referência

Catálogo da Publicação na Fonte. UFRN / Biblioteca Central Zila Mamede

Santos, Alana Driziê Gonzatti dos.

Programa "Engajando famílias na escola": estratégias, possibilidades e desafios / Alana Driziê Gonzatti dos Santos. - Natal, 2015.
232 f. : il.

Orientadora: Maria do Socorro Oliveira.

Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes – Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem.

1. Estudos de letramento - Dissertação. 2. Projetos de letramento - Dissertação. 3. Letramento familiar - Dissertação. I. Oliveira, Maria do Socorro. II. Título.

ALANA DRIZIÊ GONZATTI DOS SANTOS

PROGRAMA “ENGAJANDO FAMÍLIAS NA ESCOLA”:

estratégias, possibilidades e desafios

Dissertação apresentada ao programa de Pós Graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, na área de concentração de Linguística Aplicada, como requisito final para obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem.

Natal/RN, 15 de dezembro de 2015.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Maria do Socorro Oliveira
Presidente da banca – UFRN
(Departamento de Letras)

Prof. Dr. Moisés Alberto Calle Aguirre
Membro interno - UFRN
(Departamento de Demografia e Ciências Atuariais)

Profa. Dra. Ivoneide Bezerra de Araújo Santos
Membro externo - IFRN

Dedico este trabalho a meus pais, *Nelsi Catarina Gonzatti dos Santos* e *Darius dos Santos*. Sem eles, estou certa de que a minha preocupação com o letramento familiar não teria tanto sentido. São, assim, colaboradores indiretos, porém indispensáveis, na construção desta pesquisa.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Nelsi Catarina Gonzatti dos Santos, e ao meu pai, Darius dos Santos, por terem me apoiado, acima de tudo, com muito amor e esforço, nesta caminhada. Não há palavras para expressar meu amor e meu orgulho por vocês.

À minha orientadora, Professora Doutora Maria do Socorro de Oliveira, coordenadora do programa de extensão do Ministério da Educação (MEC) em parceria com a Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), “Letramentos e políticas públicas: a família na escola”, a qual, desde o meu primeiro dia de graduação, iluminou meus horizontes e me guiou por esta jornada.

À professora Rita de Cascia Gomes, por aceitar fazer parte deste trabalho de forma aberta e sob total entrega, inclusive dando importantes e amáveis sugestões para que os meus passos fossem mais firmes.

À Escola Municipal Professor Ulisses de Góis e à sua equipe, principalmente à direção, à coordenação do turno matutino e aos professores que contribuíram conosco, pela parceria.

Aos alunos e aos familiares que fizeram parte dessa pesquisa, os quais contribuíram para o desenvolvimento do programa com muita prontidão e disposição.

Ao Professor Doutor Moisés Alberto Calle Aguirre, coordenador do projeto “O *habitus* de estudar: construtor de uma nova realidade na educação básica da região metropolitana de Natal”, feito em parceria entre o Observatório da Educação (OBEDUC) e a UFRN, por confiar em meu trabalho e sempre ter prontas, para mim, palavras doces de incentivo.

Aos colegas e amigos do projeto “O *habitus* de estudar: construtor de uma nova realidade na educação básica da região metropolitana de Natal”, sobretudo a Dayveson Noberto da Costa Pereira, Fernanda Nayara da Silva Mendonça, Rita de Cascia Gomes, Mércia Maria de Santi Estácio, Vanuza Alves da Silva, Cynthia Nara Juvêncio Barbosa e Maria de Jesus Xavier Aguirre, por quatro anos de aprendizados compartilhados.

Aos participantes da base de pesquisa “Letramento e Etnografia”, em especial a Ana Maria de Oliveira Paz, Débora Maria da Silva Oliveira, Fernanda Nayara da Silva

Mendonça, Glícia Azevedo Tinoco, Ivoneide Bezerra de Araújo Santos, Karen Christina Pinheiro dos Santos, Louize Lidiane Lima de Moura Câmara, Maria Cleidimar Fernandes de Brito, Milena de Macedo Barbosa Nascimento, Raimunda Valquíria de Carvalho Santos, Marta Helena Feitosa Silva, Ayres Charles de Oliveira, Arisberto Gomes de Souza e Teresa Paula de Carvalho Leôncio, pelas conversas e trocas em reuniões.

Aos colegas e professores da graduação em Letras na UFRN e do Programa de Pós Graduação em Estudos da Linguagem, da mesma instituição, pelas contribuições na minha formação.

À colega Teresa Paula de C. Leôncio, coordenadora e idealizadora do projeto “Divulgando leituras, conquistando leitores”, pelo apoio ao nosso trabalho e às práticas de letramento literário da região.

À Milena de Macedo Barbosa Nascimento, colega que se disponibilizou a fazer a ficha catalográfica do *e-book* resultante do nosso programa.

Ao Professor Doutor Marcone de Oliveira Maffezzolli, coordenador da TV Universitária, o qual aceitou nossa visita de forma muito positiva e cedeu subsídios aos colaboradores para uma formação mais sólida em relação às mídias.

Aos responsáveis pelo Museu de Ciências Morfológicas da UFRN e a seus bolsistas, os quais receberam nossa equipe de colaboradores e despertaram o interesse adormecido de muitos familiares pelo ambiente universitário.

À direção e às professoras da Escola Municipal José Horácio de Góes, situada na comunidade de Guanduba, em São Gonçalo do Amarante, por receberem nosso projeto, nossos alunos e nossas famílias, enriquecendo ainda mais o trabalho realizado.

Aos membros das bancas de qualificação e de defesa, os Professores Doutores Maria do Socorro Oliveira, Ivoneide Bezerra de Araújo Santos e Moisés Alberto Calle Aguirre, pelas valorosas contribuições para a pesquisa e o seu produto, a dissertação.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pelo apoio financeiro concedido à nossa pesquisa durante o curso do Mestrado.

Ao Programa de Extensão Universitária (ProExt), vinculado ao Ministério da Educação (MEC), pelo suporte à realização da pesquisa durante o ano de 2014.

Ao OBEDUC, efetivado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela concessão, a partir de apoio financeiro ao projeto maior, de ônibus para a locomoção da comunidade escolar à Universidade, bem como de camisetas do projeto, do pagamento de materiais escolares para os alunos, de uma das inscrições *online* necessárias para a execução das ações, assim como da impressão e editoração do livro “Jornal Flor”.

À Anna Carolina da Silveira Gonçalves Lins de Oliveira, por me lembrar, diariamente, com um sorriso no rosto, de que as grandes conquistas só vêm com esforço e dedicação.

À Beatriz de Lucena Moreira, por estar comigo nesta etapa do ensino e em tantas outras (passadas e futuras), compartilhando angústias e trazendo alegrias, também.

À Isabel Jales Costa Souza, por ser, há dez anos, um pilar sólido em minha vida e por se fazer cada vez mais presente em todos os sentidos.

Ao Márcio José Corcino de Araújo, por me fazer sorrir diariamente e estar ao meu lado e me apoiando diante das angústias e das conquistas desse movimento.

À Pauline Champagnat, por ter confiado em mim pessoal e academicamente e me trazer a alegria de ser tia da Naila.

À Sabrina Tomasetto da Silva, por oferecer momentos de descontração, alegrando meus dias, e dar palavras de apoio quando necessário.

Aos amigos que incentivaram durante esta jornada e participaram de todo este processo.

A todos que, de alguma forma, contribuíram para o desenvolvimento positivo dessa pesquisa.



1

*In every conceivable manner, the family is
link to our past, bridge to our future.²*

(Alex Haley)

¹ Descrição da imagem: Mãe e filha, abraçadas, veem o jornal eletrônico que produziram em nosso programa, com o auxílio do computador. A filha aponta para a imagem em destaque no *site*.

² Em todos os sentidos, a família é a ligação com o nosso passado, a ponte para o nosso futuro.
(Tradução nossa)

RESUMO

Educação e comunidade estão entrelaçadas nas conjunturas atuais, de modo que as práticas sociais, as problemáticas situadas e os trabalhos emancipadores têm cada vez mais adentrado o ambiente escolar. Nesse contexto, a ampliação de estudos com foco no letramento familiar torna-se necessária para a mobilização de alternativas e ações nesse âmbito, visto que, assim, o ambiente colaborativo é produzido e o engajamento é efetivado. Em função do objeto de estudo eleito – letramento familiar –, norteamos esta pesquisa, que se insere no projeto “O *habitus* de estudar: construtor de uma nova realidade na região metropolitana de Natal” (CAPES/OBEDUC/UFRN) e no programa “Letramentos e políticas públicas: a família na escola” (MEC/PROEXT/UFRN), a partir dos seguintes objetivos: discutir ações de linguagem implementadas em um programa de letramento familiar, buscando criar recursos potencializadores dos letramentos desenvolvidos para: 1) registrar ações, divulgar informações diversas (eventos, textos e ações); 2) desenvolver estratégias de aproximação entre a escola e a família e 3) apontar impactos de tais vivências de letramento familiar. Para alcançar tais objetivos, fundamentamos a discussão em aportes teóricos dos *estudos de letramento* (STREET, 1984; McLAREN, 1988; BARTON & HAMILTON, 1993; KLEIMAN, 1995, 2000), aprofundando-nos em questões do *letramento familiar* e dos *projetos de letramento*. Metodologicamente, inserimo-nos na área de estudos da Linguística Aplicada e tomamos como paradigma o qualitativo (ERICKSON, 1990; BORTONI-RICARDO, 2008), com abordagem etnográfica crítica (MOITA LOPES, 1993; THOMAS, 1993; HEATH & STREET, 2008). Compreendemos, a partir de nossas análises, que as famílias têm muito a contribuir com a realidade da escola e, percebendo a relevância e o valor nas ações, elas participam e agem em prol das ações e da educação dos alunos, mesmo em meio às situações complexas da rotina. Ainda, apreendemos que são necessários diálogos e a realização de atividades *com* a comunidade, procurando sempre, nesses momentos, ter envolvimento, priorizar saberes locais e a construção de um conhecimento compartilhado, de modo a articular, de forma efetiva, as esferas da escola-comunidade-família.

PALAVRAS-CHAVE: Estudos de letramento. Letramento familiar. Projetos de letramento.

ABSTRACT

Education and community are currently intertwined, so that social practices, situated problems and emancipation processes have, more and more, entered in the school environment. Considering this context, the expansion of studies focusing on *family literacy* becomes necessary for the mobilization of alternatives and actions in this area. This research forms part of the project "The *habitus* of study: builder of a new reality in metropolitan Natal" (CAPES/OBEDUC/UFRN) and the program "Literacies and public policies: the family at school" (MEC/PROEXT/UFRN). In view of the chosen object – *family literacy* – therefore, we try to: 1) discuss actions implemented in a family literacy program, with specific reference to create literacy resources to register, discuss material, events, texts, 2) actions and promote forms of interaction by the family in the school environment; 2) develop bonding strategies between school and families; 3) point the impact of such experiences of family literacy. To achieve these objectives, we base the discussion on theoretical contributions of the New Literacy Studies (STREET, 1984; McLAREN, 1988; BARTON & HAMILTON, 1993; KLEIMAN, 1995, 2000), focusing on Family Literacy and Literacy Project issues. Regarding to the research paradigm, we consider the Applied Linguistics field of study and we take the qualitative model (ERICKSON, 1990; BORTONI-RICARDO, 2008), with ethnographic critical approach (MOITA LOPES, 1993; THOMAS, 1993; HEATH & STREET, 2008). We understand, through our analysis, that families have much to contribute to the reality of schools, and, having seen relevance and value, these collaborators participate and act in support of the actions and the student's education, even in the midst of complex routine situations. Still, we have learned that dialogues and activities with the community are necessary, looking forward to having involvement, local knowledge and the construction of shared learning; following this path, the collaborative environment is produced and the collaboration is effective.

KEY WORDS: New Literacy Studies. Family Literacy. Literacy projects.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Projeto de pesquisa “O <i>habitus</i> de estudar: construtor de uma nova realidade na RMN” em ações nas escolas parceiras	21
Figura 2 – Abertura do Capítulo 1	27
Figura 3 – Princípios e pressupostos do paradigma qualitativa	30
Figura 4 – Registros fotográficos dos ambientes da escola	33
Figura 5 – <i>Link</i> para acesso das produções	41
Figura 6 – Família com certificado do programa	44
Figura 7 - Pesquisadores, equipe escolar, famílias e alunos nas rodas de conversa	46
Figura 8 – Retomando as questões de pesquisa	48
Figura 9 – Abertura do Capítulo 2	50
Figura 10 – Eventos de letramento do dia a dia	54
Figura 11 – Evento de letramento sobre as Eleições 2014	58
Figura 12 – Princípios contra o silenciamento para a implantação de projetos de letramento	63
Figura 13 – Colaboradores em prática de leitura com o Jornal Flor	64
Figura 14 – Focos de estudo em letramento familiar (Wasik ET AL., 2000)	67
Figura 15 – Definição da palavra <i>programa</i>	69
Figura 16 – Princípios de engajamento com as famílias	75
Figura 17 – Abertura do Capítulo 3	76
Figura 18 – Características de projetos de letramento	77
Figura 19 – Pessoas que moram na residência do aluno	79
Figura 20 – Capa do Jornal Flor	81
Figura 21 – Captura da tela das nossas produções	83
Figura 22 - Família acessando o <i>Jornal Flor</i>	83
Figura 23 – Rede de aprendizagem colaborativa estabelecida em nossa pesquisa ...	86
Figura 24 – Prática de letramento familiar (mãe e filha)	87
Figura 25 – Alguns eventos de letramento de nosso programa	90
Figura 26 – Aluna realizando a gravação do seu relato sobre o bairro	92
Figura 27 – Visitando a Universidade	93
Figura 28 – Grupo de leitura em jogo com participação de uma avó colaboradora ...	95

Figura 29 – Biblioteca / Familiares, alunos e equipe escolar no evento de inauguração da biblioteca	96
Figura 30 – Encerrando as ações do programa	97
Figura 31 – “Lançando meu primeiro livro”	98
Figura 32 – Grau de escolaridade dos familiares	101
Figura 33 – Comentário de mãe ao jornal eletrônico	112
Figura 34 – Grau de parentesco dos colaboradores aos alunos	113
Figura 35 – Colaboradora compartilhando sua história de vida	116
Figura 36 – Lançamento da segunda edição do <i>Jornal Flor</i>	117
Figura 37 – Colaboradores em nosso último evento de letramento	123

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Relação de colaboradores da pesquisa	36
Quadro 2 – Fatos apresentados nos questionários	38
Quadro 3 – Relato da professora sobre os alunos	39
Quadro 4 – Relação de alunos e familiares	40
Quadro 5 – Dados gerados pela pesquisa	47
Quadro 6 – Alfabetização versus Letramento (Kleiman, 2005)	56
Quadro 7 – Trechos do guia para programas de letramento familiar (LITERACY BC, 2000)	70
Quadro 8 - Princípios norteadores de programas de letramento familiar (CASPE, 2003)	71
Quadro 9 – Exemplos de programas internacionais de letramento familiar	72
Quadro 10 – Relato da professora (Notas de campo)	78
Quadro 11 – Respostas de familiares acerca do envolvimento com a escola	79
Quadro 12 – A escolha do nome do jornal	82
Quadro 13 – Carta de aluna à avó no Dia dos Avós (esq.), seguida de resposta (dir.)	84
Quadro 14 – Rodas de conversa	85
Quadro 15 – Imagem da visita à UFRN e relato colaborativo de mãe e filha	86
Quadro 16 – Eventos e práticas inseridos nos projetos de letramento do Programa ...	88
Quadro 17 – Relato da professora da turma acerca da atividade	91
Quadro 18 – Notas de campo da professora da turma acerca do evento	94
Quadro 19 – Notas de campo da professora da turma acerca das leituras	95
Quadro 20 – Características dos eventos de letramento construídos	99
Quadro 21 – Histórias de letramento (escrita para a equipe escolar)	100
Quadro 22 – Memórias escolares de uma mãe	101
Quadro 23 – Histórias de letramento (leitura para as famílias)	101
Quadro 24 – Histórias de letramento (escrita para as famílias)	102
Quadro 25 – Alguns relatos sobre o bairro de Nova Descoberta	104
Quadro 26 – Relação de tempo na comunidade e familiares que moram com o aluno	105
Quadro 27 – Resposta de uma avó à homenagem de Dia das Mães feita pelos alunos	106
Quadro 28 – Relatos de experiência colaborativos sobre a visita à UFRN	106

Quadro 29 – Notícia sobre a inauguração da biblioteca da Escola Municipal José Horácio de Góes	108
Quadro 30 – Página do Jornal Flor e relatos transcritos	108
Quadro 31 – Histórias de vida de uma mãe e uma avó, colaboradoras	109
Quadro 32 – História colaborativa, criada por aluna e sua avó, que tornou-se página do Jornal Flor	110
Quadro 33 – Relato de familiar acerca do Desfile da Independência da comunidade	111
Quadro 34 – Características das práticas de letramento construídas	112
Quadro 35 – Formas de envolvimento	113
Quadro 36 – Justificando o acompanhamento, a participação e a presença	114
Quadro 37 – Trecho de relato sobre o passeio à Universidade	116
Quadro 38 – Recorte da fala do Prof. Dr. Moisés Alberto Calle Aguirre	120
Quadro 39 – Prefácio do livro <i>Jornal Flor</i>	121
Quadro 40 – Fala da coordenadora do turno matutino da EMPUG	122
Quadro 41 – Trechos de rodas de conversa	123
Quadro 42 – Comentários sobre o programa	124
Quadro 43 - Trecho das Notas de Campo realizadas pela Professora Rita de Cascia	125

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
AILA	<i>Association Internacionale de Linguistique Appliquée</i>
BC	<i>British Columbia</i>
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CCHLA	Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes
DLCL	Divulgando leituras, conquistando leitores
EJA	Educação de Jovens e Adultos
EMPUG	Escola Municipal Professor Ulisses de Góis
IFRN	Instituto Federal do Rio Grande do Norte
LA	Linguística Aplicada
MEC	Ministério da Educação
NLS	<i>New Literacy Studies</i>
NCB	<i>National Children's Bureau</i>
ONG	Organização não governamental
PALS	<i>Parents as Literacy Supporters</i>
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PDF	<i>Portable Document Format</i>
PIBID	Programa Institucional de Bolsa de Início à Docência
PPP	Projeto Político Pedagógico
PROERD	Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência
PROEXT	Programa de Extensão Universitária
OBEDUC	Observatório da Educação
REAL	<i>Raising Early Achievement in Literacy</i>
RMN	Região Metropolitana de Natal
RN	Rio Grande do Norte
SEMURB	Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano e Habitação
SME	Secretaria Municipal de Educação
UFRN	Universidade Federal do Rio Grande do Norte

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	18
1 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA	27
1.1 Campo de estudos da pesquisa	28
1.2 Paradigma da pesquisa	29
1.3 Abordagem da pesquisa	31
1.4 Ambiente da pesquisa	32
1.5 Colaboradores da pesquisa	35
1.6 Procedimentos de geração de dados da pesquisa	41
1.7 Instrumentos de geração de dados da pesquisa	42
1.8 Procedimentos e categorias de análise da pesquisa	48
2 QUADRO TEÓRICO	50
2.1 Estudos de letramento	51
2.1.1 Conceituações	51
2.1.2 Dispositivos didáticos	60
2.2 Letramento familiar	67
2.2.1 Conceituação	67
2.2.2 Programas	70
2.2.3 Desafios e resistências do letramento familiar.....	73
2.2.4 Formas de engajamento	75
3 ESTRATÉGIAS, POSSIBILIDADES E DESAFIOS DE UM PROGRAMA DE LETRAMENTO FAMILIAR	77
3.1 Projetos de letramento	78
3.2 Eventos de letramento.....	91
3.3 Práticas de letramento.....	101
3.3.1 Concepções de leitura e escrita	101
3.3.2 Práticas de leitura e escrita	105

3.4 Formas de envolvimento	114
3.5 Resistências, negociações e pactos	118
3.6 Impactos	122
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	127
REFERÊNCIAS	130
APÊNDICES	138
Apêndice 1 – Quadro de ações do programa	
Apêndice 2 – Notas de campo da pesquisadora	
Apêndice 3 – Questionários aplicados à equipe escolar	
Apêndice 4 – Questionados aplicados com as famílias	
Apêndice 5 – Mapeamentos aplicados à equipe escolar	
Apêndice 6 – Mapeamentos aplicados com as famílias	
ANEXOS	178
Anexo 1 – Jornal Flor	
Anexo 2 – Respostas por membros da equipe escolar aos questionários	
Anexo 3 – Respostas dos familiares aos questionários	
Anexo 4 – Mapeamento(s) respondido(s) por membro(s) da equipe escolar	
Anexo 5 – Mapeamentos respondidos por familiares	
Anexo 6 – Transcrições das rodas de conversa	
Anexo 7 – Transcrições das histórias de vida (publicadas no Jornal Flor em forma de vídeo)	
Anexo 8 – Transcrição de outros vídeos publicados no Jornal Flor	
Anexo 9 – Notas de campo da professora da turma	
Anexo 10 – Notícias publicadas acerca de nossas ações	
Anexo 11 – Autorização para realização da pesquisa na escola (direção) e para registro fotográfico e publicação (responsáveis)	234

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Pensar em *letramento familiar* é refletir sobre educação, sociedade e comunidade, visto que tal construto contempla os impactos de práticas de leitura e escrita situadas e entendidas como sociais. Com vistas a contemplar discussões acerca deste nosso objeto de estudo, trazemos algumas das problemáticas que suscitaram o trabalho apresentado nesta dissertação.

A educação³ envolve muito mais do que ensino e, hoje, reconhecemos que esta não pode ser realizada sem que haja um trabalho colaborativo entre várias esferas (entre elas, a escolar). O Plano Nacional de Educação (2014-2024), Lei Nº 13.005, por exemplo, propõe, entre suas diretrizes, a “formação para a cidadania, com ênfase nos valores morais e éticos em que se fundamenta a sociedade” (BRASIL, 2014, p. 1). Nesse sentido, a educação está estritamente vinculada a valores, os quais, muitas vezes, perpassam e são formuladas por ações do âmbito familiar. Assim, a parceria entre a escola e a família pode possibilitar saberes valiosos na construção do aluno como indivíduo e cidadão.

Inicialmente, no contexto em que nos situamos para construir a pesquisa (uma escola pública de ensino fundamental), alguns questionamentos, nas conversas informais entre a equipe escolar, especialmente entre os professores, faziam-se bastante presentes em razão desta problemática:

- ? Como, em quatro horas (tempo diário em que o aluno fica na escola) podemos criar valores e propiciar experiências de letramento pouco presentes ou incentivadas, na maioria dos casos, nas outras vinte horas (tempo diário em que o aluno fica fora da escola, geralmente em casa)?
- ? A resposta para superar esse desafio seria tentar envolver os familiares no contexto escolar, além de nos momentos de entrega de resultados?
- ? Mas *quando* e *como* fazer isso?

³ A concepção de educação adotada nesse trabalho é emancipatória (FREIRE, 2006), engajada, com atenção ao empoderamento, aprendizado, à cidadania e a melhorias que favoreçam a eficácia do ensino. “Nesse sentido, a escola precisa oferecer as condições necessárias para que, através das práticas letradas desenvolvidas no seu interior, os educandos possam tanto se apropriar dos seus próprios discursos, quanto ir além destes. Dessa forma, as vozes silenciadas pelos discursos dominantes encontrariam eco e contribuiriam decisivamente para a legitimação de diferentes vozes, de diferentes discursos. É preciso, então, construir um espaço de escuta em que o diálogo contemple os anseios, os sonhos e as necessidades existenciais deles.” (SANTOS, 2012, p. 70).

Responder a essas perguntas não seria possível sem mudanças na relação da escola com outros contextos, pois o social não pode ser desvinculado do trabalho educativo, especialmente quando pensamos em promover mudanças e impactos. Dessa forma, tanto as ações da comunidade devem adentrar os muros da escola quanto as práticas desenvolvidas em seu interior devem extrapolá-los.

Entretanto, sabemos que, no âmbito escolar, as práticas de leitura e escrita produzidas pelos discentes e requisitadas pelos docentes são, normalmente, relacionadas apenas a essa esfera social (por exemplo, ditado, exercício, resumo, prova *etc*). No que diz respeito ao contexto da alfabetização – etapa de estudos na qual esta pesquisa se insere – esse mecanismo se torna ainda mais presente: como processo de decifração, aprendizado do alfabeto e utilização do código escrito para comunicação, essa etapa dos estudos escolares é imersa em atividades que se restringem a seu próprio meio. Assim, grande parte das práticas realizadas acaba sendo compartilhada apenas pelos membros desse contexto, sem terem como propósito extrapolar os muros da escola e realizar ações sociais na sua comunidade.

Além disso, para que seja feito um trabalho, de fato, mobilizador, além de uma mudança na concepção de práticas escolares, é necessário que a comunidade se envolva e perceba *relevância* do programa a ser realizado. A participação de familiares e de outros membros da equipe escolar e da comunidade que possam impactar os aprendizados é crucial para que o trabalho possa abranger a sociedade de forma positiva. Tais problemáticas apontam para a necessidade de implementar programas de letramento familiar que possam suprir essa ausência.

No Brasil, há diversas políticas públicas, entendidas como estratégias pela ação do Estado em virtude de necessidades da sociedade (BENDRATH, 2010), que promovem, entre outros aspectos, a relação família-escola. Entretanto, ao realizarmos um levantamento de programas no Portal do MEC⁴ relacionados ao *letramento familiar*, notamos a ausência de políticas voltadas para estabelecer a articulação efetiva da escola com outras instâncias educativas, como a familiar – apesar de haverem iniciativas em contextos específicos, por exemplo, há o “Acompanhamento da frequência dos alunos”, ligado à Bolsa-Família; a “Mobilização de Famílias pela Educação de Qualidade”, centrada no trabalho voluntário e comunitário pelas escolas; a “Escola Aberta”,

⁴ Sítio do Portal do MEC <<http://portal.mec.gov.br/>> Acesso em 28 Abr 2013

estreitando relações com a comunidade nos finais de semana; e a “Pesca e Aquicultura Familiar”, trabalhando a partir da implementação de cursos para famílias ribeirinhas.

Considerando esses dados, percebemos que ainda não há, na educação do Brasil, uma política que considere o letramento familiar como *programa*, ou seja, uma política que envolva efetivamente os familiares nas práticas letradas do dia a dia da escola junto aos alunos, preocupação já presente em vários países, como Canadá, Austrália, Inglaterra e Estados Unidos⁵ (UNITED WAY OF AMERICA, 1996; NATIONAL CENTER FOR FAMILY LITERACY, 1997; U.S. DEPARTMENT OF EDUCATION, 2001), inspirados na visão de que há uma relação complexa entre os letramentos de ‘casa’ e os letramentos ‘escolares’.

Justificamos nossa pesquisa na crença de que demonstrar, academicamente, o valor dos programas é necessário para que sejam eficazes as ações deste âmbito, assim como para que possam ser criados recursos e formuladas estratégias eficazes e fundamentadas para a realização desses programas. Avançamos nos estudos brasileiros da área, então, ao promover, neste trabalho, discussões que possam apoiar outros pesquisadores e/ou professores interessados em realizar programas de letramento familiar.

Ademais, esclarecer as motivações pessoais que me levaram a realizar a presente pesquisa implica retomar percursos educacionais e trajetórias de vida. Voltamos à época em que comecei a aprender a ler, aos dois anos e meio, em casa, com a minha mãe, pois teria que ser oradora da minha turma do jardim de infância. A ajuda diária, desde essa época, estendeu-se ao longo dos anos, nas atividades de casa, nos trabalhos e no incentivo aos estudos, este também muito enfatizado pelo meu pai. Essa realidade, distante de muitos jovens que, por vezes, precisam conciliar estudos e trabalho durante a adolescência, fez com que, aos dezesseis anos, eu pudesse entrar na graduação e, aos vinte, no Mestrado. Durante esse tempo na academia, em contato com projetos de monitoria, extensão e pesquisa relacionados aos letramentos, voltar o olhar para o letramento familiar pareceu-me, assim, algo natural.

Então, a principal motivação acadêmica para a execução dessa pesquisa refere-se à relevância social do trabalho, bem como à noção de que há poucos programas em execução, no contexto brasileiro, que tratem dessa relação, e a vinculação do programa

⁵ Nesses países, é muito comum encontrarmos folhetos ou livros governamentais ou de organizações sociais que funcionam como guias para trabalhos envolvendo a família na escola.

de letramento familiar desenvolvido, nomeado “Engajando famílias na escola”, a grupos, projetos e programas articulados pela UFRN.

Os primeiros encaminhamentos para esta pesquisa surgiram, assim, a partir de um trabalho decorrente da parceria firmada em 2011 entre o grupo “Letramento e Etnografia”, do PPGEL-UFRN, e o projeto de extensão “O *habitus* de estudar: construtor de uma nova realidade na região metropolitana de Natal”, coordenado pelo Professor Doutor Moisés Alberto Calle Aguirre, integrado ao Programa do Observatório da Educação (UFRN) e financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Nesse projeto do OBEDUC, pesquisadores da área de letramentos, assim como de outras áreas, tiveram a oportunidade de se inserir em escolas que firmaram acordo com o projeto, no intuito de trabalhar em sala de aula junto às professoras envolvidas no projeto. Durante os anos de 2012 e 2013, estivemos em contato com a comunidade, com a professora da turma e com a escola na qual nosso trabalho foi desenvolvido, realizando projetos de letramento e analisando as demandas da escola com relação às ações. Dessa forma, o projeto de pesquisa foi responsável pela vinculação entre a academia e a escola parceira, bem como articulador de recursos para várias de nossas atividades.

Figura 1 – Projeto de pesquisa “O *habitus* de estudar: construtor de uma nova realidade na RMN” em ações nas escolas parceiras (Descrição da imagem: Pesquisadores do projeto de pesquisa posam em frente à fachada de três escolas parceiras, entre elas a EMPUG, onde ocorre nosso programa)



Fonte: < <https://ohabitusdeestudar.files.wordpress.com/> > Acesso 12 Out 2015

Além disso, no ano de 2013, houve a aprovação pelo MEC do programa de extensão “Letramentos e políticas públicas: a família na escola”⁶, coordenado pela Professora Doutora Maria do Socorro Oliveira e executado durante o ano de 2014, permitindo que as ações de letramento fossem ampliadas. No programa, que atendia especialmente regiões periféricas da capital potiguar, a proposta era articular, nas ações, o letramento familiar, escolar, comunitário e do professor. A partir do programa, o trabalho com vistas a esses letramentos tomou novas proporções, visto que 1.128 (mil cento e vinte e oito) pessoas foram atendidas por suas ações (entre elas, nossos colaboradores).

Nesse caminho, contando com o contato já estabelecido com a comunidade em que os trabalhos vinham sendo desenvolvidos, a escola, a professora da turma, os alunos e as famílias, nós fizemos a proposição de um programa de letramento familiar. Construimos nossas ações e sistematizamos, nesta dissertação, as estratégias, as possibilidades e os desafios dos movimentos feitos neste processo.

Para execução do programa “Engajando famílias na escola”, foi necessário reunirmos recursos que permitissem e facilitassem a colaboração das famílias às ações escolares, e nesse cenário ocorreu o nascimento do Jornal Flor, um jornal eletrônico que seria fruto de todas as ações de linguagem e os eventos desenvolvidos com os colaboradores. Esse movimento se deu devido ao papel que as mídias exercem na sociedade como um espaço político de transmissão de informação e circularidade de seu acesso, além de que as mídias comunitárias apontam para novas possibilidades do contexto educacional.

O *letramento digital* já exerce influências na escola, por isso, considerando esse contexto favorável, adotamos como recurso para o desenvolvimento do programa de letramento familiar o jornal eletrônico, caracterizado como um recurso vivo, uma ferramenta de publicação e distribuição de informações em rede, pela *internet* ou por meios digitais, que permite o fortalecimento e engajamento dos alunos e da comunidade às atividades curriculares.

Para tal, como ponto de partida, buscamos referências para refletir sobre nossas inquietações e traçamos o percurso dos estudos em letramento familiar. O tema foi

⁶ A relação entre projetos de letramento, família e políticas públicas, além da orientação de atividades situadas e sociais, diz respeito a “mobilizar as famílias e setores da sociedade civil, articulando a educação formal com experiências de educação popular e cidadã, com os propósitos de que a educação seja assumida como responsabilidade de todos e de ampliar o controle social sobre o cumprimento das políticas públicas educacionais” (BRASIL, 2014, p. 8).

abordado academicamente⁷ em 1982, por Shirley Brice Heath, na publicação *Language in Society* (Linguagem na Sociedade), tratando da conexão (e também dos afastamentos) entre a prática de contação de histórias antes de dormir, pelos familiares, e as habilidades narrativas dos alunos, na escola. Essa obra é pioneira, ao ressaltar que o envolvimento familiar pode ter impactos no aprendizado do aluno, independente da situação social, cultural ou econômica desta família.

Além do trabalho fundador de Heath (1982), destacamos o estudo de Ruth S. Nickse, um panorama dos programas de letramento familiar (ou intergeracionais, conforme a autora). Nos Estados Unidos, *The noises of literacy* (Os ruídos do letramento), apresentado em 1989 e atualizado em 1990, trouxe motivações, expectativas, atividades, avaliações, classificações e recomendações para este tipo de trabalho.

Destacam-se os programas de Auerbach (1990), St. Pierre, Layzar & Barnes (1995), Caspe (2003), Cairney (2005) & Dantas (2006, 2010), voltados para o fortalecimento de famílias imigrantes e/ou desprivilegiadas de suas conjunturas, notando-se que “(...) as escolas geralmente precisam entender as famílias e comunidades nas quais os alunos estão situados. Há uma necessidade de diálogo genuíno entre escolas e comunidade.” (CAIRNEY, 2005, p. 52)⁸. Essa necessidade se relaciona, principalmente, às possibilidades de empoderamento que tal prática traz ao contexto dos trabalhos.

Esses estudos, conforme se observa, mostram-se preocupados com comunidades marginalizadas e geralmente relacionados às crianças em etapa inicial do ensino (*letramentos emergentes*), acreditando-se que haja contribuição destes programas em longo prazo para a formação do aluno.

No Brasil, as discussões sobre o letramento familiar estão em fase de construção, pois há poucas pesquisas publicadas seja em dissertações, teses ou livros tratando desta temática.

Uma dessas publicações ocorreu em 2003, no livro *Letramento no Brasil*, em que Ana Maria de Oliveira Galvão escreve o capítulo “Leitura: algo que se transmite entre as gerações?”. Apesar de não cunhar o termo *letramento familiar*, a autora se

⁷ Destacamos que, antes dessa publicação, a prática do letramento familiar já era realizada em alguns contextos; o trabalho de Adelaide Sophia Hunter Hodless, educadora familiar, é conhecido como pioneiro nesse sentido, datando do final do Século XIX (dezenove). Quase cem anos se passaram até que o letramento familiar se tornasse um tópico de discussões acadêmicas.

⁸ “(...) Schools generally need to understand families and the communities within which they are situated. There is a need for genuine dialogue between schools and their communities.” (*Tradução nossa*)

insere na área ao provocar reflexões sobre a influência de heranças familiares e os avanços, entre gerações, nas práticas de letramento em determinado contexto social e econômico, em contraste aos modelos estatísticos.

Além desses trabalhos, têm-se registrado (OLIVEIRA, no prelo) dissertações e teses acadêmicas, das quais destacamos os trabalhos de Euzébio (2011) e Barbosa (2014), orientados da Mary Elizabeth Cerutti-Rizzatti, coordenadora do Núcleo de Estudos em Linguística Aplicada da Universidade Federal de Santa Catarina (NELA/UFSC), os quais discorrem sobre os usos sociais da escrita nos domínios escolar e familiar. Goulart (2012) interessa-se nas práticas e nos eventos de leitura de seis famílias em um mesmo segmento genealógico com descendência de pais analfabetos, avançando, assim, nas reflexões trazidas por Galvão (2003).

As pesquisas, caracterizadas como descrições ou estudos de caso etnográficos, servem-nos para melhor compreensão dos entrelaces entre letramentos e famílias, mas não apresentam objetivos similares aos desta pesquisa por não trabalharem com programas colaborativos de letramento familiar, conforme já se observa em estudos de outros países.

Inserindo-se em uma área mais pedagógica, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) e o Ministério da Educação (MEC) publicaram, em 2009, o livro *Interação escola-família: subsídios para práticas escolares*, organizado por Jane Margareth Castro e Marilza Regattieri. Essa publicação é valiosa por ressaltar a importância de projetos e programas de inserção da comunidade às atividades escolares, colocando que “projetos criados por iniciativa de uma ou mais professoras, projetos elaborados por SMEs⁹, assim como outros originados pela pressão da comunidade local (...), com o tempo e os bons resultados, acabaram virando política municipal.” (CASTRO & REGATTIERI, 2009, p. 48).

Acreditamos, em consonância com esses autores, que estudar atos interessados no letramento familiar, direcionando-o para a mobilização comunitária, são uma alternativa para as demandas atuais do ensino, justificando-se, por conseguinte, a realização de pesquisas nesta área do letramento.

Desta forma, norteamos nosso trabalho a partir das seguintes questões de pesquisa: Que recursos podem apoiar o desenvolvimento de um programa de letramento familiar que permita a interação entre os membros das comunidades escolar e familiar?

⁹ Secretarias Municipais de Educação

Que ações podem ser implementadas para integrar as famílias às atividades curriculares? Que estratégias de engajamento podemos utilizar para promover a aproximação entre as esferas familiar e escolar?

Em função disso, nosso objetivo geral é discutir ações de linguagem implementadas em um programa de letramento familiar, visando à ampliação dos letramentos dos alunos e da família, no sentido de fortalecê-la. Consideramos, assim, como objetivos específicos: 1) criar recursos potencializadores dos letramentos desenvolvidos (por exemplo, o *e-book* e o jornal eletrônico) para registrar ações, divulgar material, eventos, textos e ações; 2) promover formas de interação pela família no ambiente escolar; desenvolver estratégias de aproximação entre a escola e a família; 3) apontar impactos de tais vivências de letramento familiar.

Para alcançar tais objetivos, fundamentamos a discussão sobre essa ação com aportes teóricos dos *estudos de letramento* (HEATH, 1983; STREET, 1984; PRINSLOO & BREIER, 1996; BARTON & HAMILTON, 1993; KLEIMAN, 1995, 2000, 2005, 2006, 2007; McLAREN, 1988; OLIVEIRA, 2008, 2010; OLIVEIRA, TINOCO & SANTOS, 2011), aprofundando-nos em questões do letramento familiar (HEATH, 1982; ANDERSON, 1994; PUCHNER, 1997; LITERACY BC, 2000; RASMUSSEN, 2000; WASIK et al., 2000; GADSEN, 2002; PADAK et al., 2002; CASPE, 2003; CAIRNEY, 2005; GREGORY, 2005; KENDRICK et al., 2005), para discutir sua conceituação, os programas, os dispositivos, os desafios e as estratégias de engajamento.

Com relação ao paradigma de pesquisa, inserimo-nos na área de estudos da Linguística Aplicada, dada nossa preocupação com uma questão social que envolve usos da linguagem (CELANI, 2000; LEFFA, 2001; MOITA LOPES, 2009; MENEZES et al., 2009), considerando que discutir letramento familiar e os impactos da construção do programa a partir de *eventos de letramento* reunindo os membros da comunidade no ambiente escolar, de forma colaborativa e em práticas sociais, mostra-se relevante dentro desse campo, pois evoca a preocupação com uma problemática de natureza situada e que envolve os usos da linguagem – a inserção da família em práticas de letramento do ambiente escolar. Tomamos como paradigma o qualitativo, com abordagem etnográfica crítica, para que possamos focar a situação da comunidade, suas significações e singularidades, mobilizando recursos para o empoderamento.

Estruturalmente, nossa dissertação se divide em cinco partes, a saber: *Considerações Iniciais, Contextualização da Pesquisa, Quadro teórico, Estratégias, possibilidades e desafios de um programa de letramento familiar e Considerações Finais.*

A primeira parte se destina à apresentação do nosso trabalho, considerando-se as motivações e problematizações que nos levaram a realizar esta pesquisa, o objeto do nosso estudo, a relevância acadêmica e social do mesmo, as questões e os objetivos que o norteiam e o posicionamento teórico e metodológico adotado.

No primeiro capítulo, *Contextualização da Pesquisa*, comentamos os seguintes aspectos: a inserção da pesquisa na área da Linguística Aplicada, o paradigma interpretativo, a natureza etnográfica crítica, o ambiente da pesquisa, os colaboradores, os procedimentos e instrumentos de geração de dados, o *corpus* e os procedimentos de análise de dados da pesquisa.

No segundo capítulo, *Quadro teórico*, apresentamos o referencial teórico que alicerça nosso estudo, com atenção aos conceitos de *Estudos de letramento*, práticas de letramento e eventos de letramento, assim como aos projetos de letramento entendidos como dispositivos didáticos, além de discutirmos acerca de *Letramento familiar*, especificamente sua conceituação, os programas, as dificuldades e resistências e as formas de interação.

No terceiro capítulo, *Estratégias, possibilidades e desafios de um programa de letramento familiar*, serão discutidas, de forma analítica, as ações do programa. As categorias utilizadas para tal são *Dispositivos didáticos, Eventos de letramento, Práticas de letramento* (concepções de leitura e escrita e práticas sociais de leitura e escrita), *Formas de envolvimento, Resistências, negociações e pactos e Impactos.*

A parte final, intitulada *Considerações finais*, destina-se às respostas a nossas questões de pesquisa, ressaltando contribuições do trabalho, e às discussões sobre caminhos e possibilidades para pesquisas futuras nesta área de atuação.

CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA¹⁰

Figura 2 – Abertura do Capítulo 1

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO 2015

CAPÍTULO I:

Contextualização da pesquisa

Neste primeiro capítulo de nossa dissertação, temos como finalidade apresentar questões metodológicas da pesquisa, abordando especificamente a sua inserção na área da Linguística Aplicada, o paradigma e o tipo de pesquisa em que o estudo se insere, a descrição do ambiente da pesquisa, dos colaboradores, dos procedimentos e instrumentos de geração de dados, o *corpus*, e dos procedimentos de análise dos dados da pesquisa.

- 1 A LINGUÍSTICA APLICADA
- 2 O PARADIGMA QUALITATIVO
- 3 A ABORDAGEM ETNOGRÁFICA CRÍTICA
- 4 O AMBIENTE DA PESQUISA
- 5 OS COLABORADORES
- 6 OS PROCEDIMENTOS DE GERAÇÃO DE DADOS
- 7 OS INSTRUMENTOS DE GERAÇÃO DE DADOS
- 8 O CORPUS
- 9 OS PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE
- 10 CATEGORIAS DE ANÁLISE



Fonte: Dados do Programa “Engajando famílias na escola”

¹⁰ Esta dissertação segue a normatização ABNT NBR 14724:2011.

1.1 Campo de estudos da pesquisa

Nosso estudo se insere no campo de estudos da Linguística Aplicada (LA). Apesar de ser considerada uma ciência nova, por ter seu início na década de 1940, a LA já sofreu diversas mudanças com relação aos seus focos de interesse. O enfoque recente da LA se dá por uma redimensionalização de seus estudos, os quais eram primeiramente voltados somente ao ensino em língua estrangeira. Outras temáticas de interesse dos pesquisadores, conforme consta do site da Associação Internacional de Linguística Aplicada¹¹ (AILA), são competências linguísticas e comunicativas do indivíduo e problemas relacionados com a linguagem e comunicação das sociedades.

Especificamente no contexto brasileiro, observamos, a partir da pesquisa feita por Menezes et al. (2009) em periódicos nacionais, uma diversidade temática na área, apresentando-se estudos com enfoque em Análise do Discurso, Metodologia de ensino de línguas estrangeiras e Formação de professores. Atualmente, todavia, destaca-se a preocupação crescente da área com Tecnologias Educacionais, Aprendizagem da Língua, Linguagem e Gênero e *Letramento*.

Conforme Moita Lopes (2009), a LA investiga a linguagem como prática social em diversos domínios, pois “reconhece a necessidade de não se constituir como uma disciplina, mas como uma área mestiça e nômade” (MOITA LOPES, 2009, p. 19), sendo caracterizada, pelo mesmo autor, como indisciplinar. Dessa forma, ela abarca objetos, objetivos, métodos e teorias dos mais diversos, buscando diálogo com outras disciplinas sempre que necessário para melhor compreensão das questões sociais que envolvam a linguagem.

Além da natureza situada, outra dimensão relevante nesse campo de estudo é seu caráter político. Considerando que não encontramos políticas públicas ou políticas educacionais consolidadas relatando uma preocupação central com práticas de letramento familiar em contexto escolar, acreditamos que, a partir das ações da comunidade na qual nos inserimos, possamos construir caminhos para a implantação de políticas as quais assumam esse fim. Já afirma Celani (2000, p. 17), a relevância da LA na formulação de uma política educacional brasileira, explicando que

¹¹ Association Internationale de Linguistique Appliquée (originalmente) foi fundada na França, em 1964, como uma Organização não governamental (ONG), e conta com milhares de pesquisadores como membros ativos da LA. Seu site oficial é <http://www.aila.info/en/>.

1. o objetivo fundamental da educação é preparar os indivíduos para o exercício lúcido da cidadania, integrando-os no mundo do trabalho com possibilidades de progresso pessoal; 2. a atividade humana envolve o uso da linguagem; 3. a LA deve ter papel relevante na formulação de uma política educacional. (CELANI, 2000, p. 17)

Com efeito, julgamos que, a partir da construção de ações de fortalecimento e legitimização do letramento familiar em contexto escolar, este trabalho cumpre a função que a LA pretende assumir no campo das ciências sociais. Essa preocupação se relaciona diretamente com a responsabilidade e o compromisso que a LA deve ter com a sociedade (LEFFA, 2001), a ética da pesquisa e, principalmente, em dar retorno aos participantes agentes da geração de dados.

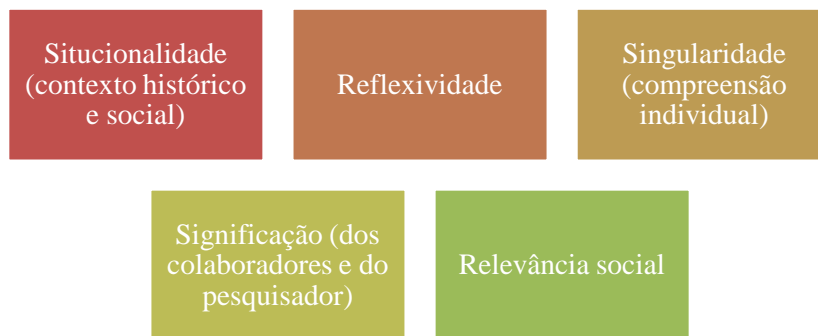
1.2 Paradigma da pesquisa

Esta pesquisa se enquadra no paradigma qualitativo, com subsídios em Bortoni-Ricardo (2008). Essa condução metodológica surge como uma oposição ao positivismo, a partir de críticas, em meados de 1920, à concepção de pesquisa indutiva¹² por ele proposta. Assim, possui como principal consideração a relevância dos contextos históricos e significados sociais da realidade pesquisada nas ações e nos resultados obtidos, sendo, dessa forma, importante criar asserções que evoquem àquela situação específica, procurando contemplá-la de forma detalhada em sua individualidade e enfocando no processo construído durante a pesquisa. A *situcionalidade* refere-se, assim, à preocupação com em que tempo e espaço ocorre a geração de dados e quais as influências disso para a pesquisa.

Fazer essa consideração significa, também, atentar ao pressuposto da *reflexividade*; ao afirmarmos que as práticas vigentes são parte da pesquisa, não podemos excluir o pesquisador dessa realidade, afinal “todas as formas de conhecimento são fundamentadas em práticas sociais, linguagens e significados” (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 58-59). Por isso, a pesquisa qualitativa não é neutra, visto que considera as crenças e ideologias de seus colaboradores, ou seja, suas *significações*, e os fenômenos e contextos sociais relacionados a eles, conforme sua *singularidade*. Vejamos, a seguir, uma sistematização desses princípios e pressupostos:

¹² Considera-se a **indução** como a criação de regras gerais a partir da observação empírica das regularidades visualizadas na relação entre as variáveis em determinado contexto. (PRODANOV, FREITAS, 2013)

Figura 3 – Princípios e pressupostos do paradigma qualitativa



Fonte: Bortoni-Ricardo (2008)

No nosso caso, muito importa considerar contextos históricos e sociais ao trabalhar com uma escola pública de um bairro de classe média baixa, com a participação de famílias, em sua maioria, compostas por cinco membros, e familiares colaboradores, em sua maioria, que trabalham em casa ou como empregados domésticos (conforme respostas aos *Questionários*), o que acarreta em avaliarmos a singularidade de suas compreensões, a significação desses colaboradores acerca do programa, bem como a *relevância social* de sua execução.

Por ressaltar a sociedade como fator contemplado em trabalhos sob um olhar qualitativo, tal paradigma é bastante utilizado pelas pesquisas de nossa área de atuação (LA), como apresenta Moita Lopes (1994). Consideramos relevante esse movimento para nosso ambiente de pesquisa, pois, conforme aponta Bortoni-Ricardo (2008, p. 32), “as escolas, e especialmente as salas de aula, provaram ser espaços privilegiados para a condução de pesquisa qualitativa”.

Nesse contexto, Erickson (1990, p. 121) relata as principais questões a serem levadas em conta em um pensamento qualitativo:

1. O que está acontecendo, especificamente, na ação social que ocorre nessa situação em particular?
 2. O que essas ações significam aos agentes envolvidos no momento no qual as ações ocorreram?
 3. Como os acontecimentos são organizados em padrões da organização social e dos princípios culturais aprendidos para o dia a dia(...)?
 4. Como o que está acontecendo nesse contexto como um todo (isto é, na sala de aula) se relaciona às ocorrências em outros níveis do sistema, em seu exterior ou interior (ex, no ambiente da escola, na família de uma criança, o sistema escolar, mandatos do governo federal sobre a integração)?
 5. Como as formas como é organizado o dia a dia desse ambiente se comparam a outras formas de organização social em uma ampla variedade de configurações em outros lugares e outros tempos?
- ¹³ (ERICKSON, 1990, p. 121)

¹³ “1. What is happening, specifically, in social action that takes place in this particular setting? 2. What do these actions mean to the actors involved at the moment the actions took place? 3. How are the

Nesse sentido, utilizamos o paradigma e instrumentais predominantemente relacionados a ele, em consonância com a natureza e nossas questões de pesquisa para, centrados em um problema observado em determinado contexto, questionarmos o porquê e o como buscar possibilidades para o contexto estudado.

1.3 Abordagem da pesquisa

Dentro do paradigma qualitativo, buscamos subsídios na abordagem etnográfica crítica (MOITA LOPES, 1993; THOMAS, 1993; HEATH & STREET, 2008) de pesquisa, considerando-a “como uma escolha metodológica que pode propiciar, no contexto escolar, um espaço permanente de reflexão” (HORIKAWA, 2008, p. 25). Isto ocorre visto que a etnografia crítica atrela a teoria social crítica a métodos etnográficos de investigação (MOITA LOPES, 1993), considerando que há consciência crítica na etnografia quando, após descrição dos fatos como são¹⁴, edificamos ações de construção de significado para/por aqueles atores sociais para mobilizar recursos de mudança e fortalecimento¹⁵.

Sobre este aspecto do trabalho, destacamos o caráter interventivo próprio da abordagem e da nossa pesquisa, realizada a partir de uma aproximação do pesquisador ao pesquisado e, principalmente, inserção no contexto em que pretendemos atuar, procurando compreender os colaboradores daquela comunidade e analisar as necessidades dos mesmos (junto a eles), promovendo ações as quais os fortaleçam e que possam ser partilhadas para favorecerem os colaboradores, provocarem reflexão e se tornarem saberes comunitários.

happenings organized in patterns of social organization and learned cultural principles for the conduct of everyday life (...)? 4. How is what is happening in this setting as a whole (i.e., the classroom) related to happenings at other system levels outside and inside the setting (e.g., the school building, a child's family, the school system, federal government mandates regarding mainstreaming)? 5. How do the ways everyday life in this setting is organized compare to other ways of organizing social life in a wide range of settings in other places and at other times?” (tradução nossa)

¹⁴ Destacamos a importância do trabalho etnográfico como descrição cultural (CANÇADO, 1994), pois nossa ação interventiva deve ser pautada em descrições sistemáticas do contexto situado onde realizamos nossa prática para que ela possa ser efetiva e surtir efeitos positivos aos colaboradores envolvidos.

¹⁵ Cameron (1992) considera estas preocupações éticas no que é chamado de *empowering research* (pesquisa de fortalecimento).

mais do que descrever a cultura escolar, cabe ao pesquisador colaborativo inserir-se no processo de construção dessa cultura, aproximando-se de pessoas, situações, locais e eventos típicos do local de pesquisa, de maneira a entender que os significados que caracterizam o mundo social são constituídos pelo homem, em um processo de interpretação e reinterpretação de sua experiência. (HORIKAWA, 2008, p. 23)

Com objetivos comuns entre o pesquisador e os colaboradores da pesquisa, os resultados se diluem entre as práticas realizadas em grupo. Dessa forma, “a etnografia crítica tenta garantir uma visão dos participantes da pesquisa como estando ativamente envolvidos no mundo social que os cerca e quer revelá-los criticamente.” (THOMAS, 1993, p. 5) sendo “a linguagem entendida, então, como um fenômeno social que implica relações de poder e mudança” (THOMAS, 1993, p.7).

No campo da Linguística Aplicada, vemos claras contribuições dessa abordagem de pesquisa, visto que ela evoca linguagens e discursos como basilares no encaminhamento de propostas transformadoras (HORIKAWA, 2008).

Na pesquisa colaborativa, “colaborar não significa que todos devam participar das mesmas tarefas e com a mesma intensidade, mas que, sobre a base de um projeto comum, cada partícipe preste sua contribuição específica, isto é, contribua para beneficiar esse projeto” (IBIAPINA, 2008, p. 31). Com isso, ressaltamos que, ao ter uma variedade de colaboradores em nossa pesquisa (equipe escolar, alunos e familiares, por exemplo), reconhecemos que cada um desempenha seu papel frente às atividades e colabora de acordo com as suas necessidades e possibilidades.

1.4 Ambiente da pesquisa

O ambiente de nossa pesquisa é a Escola Municipal Professor Ulisses de Góis (EMPUG), situada no bairro de Nova Descoberta, em Natal – RN. De acordo com o livro “Natal: meu bairro, minha cidade”, organizado pela SEMURB¹⁶ em parceria com a Prefeitura de Natal no ano de 2009, a região de Nova Descoberta só começou a ser povoada perto da década de 1950, por imigrantes que fugiam da seca em outras regiões. Estruturou-se na área uma população majoritariamente residencial, com minorias de centros de comércio e indústria. Mapas elaborados pela SEMURB em 2009 destacam, também, que nessa área há três escolas municipais e uma estadual, além de uma área militar, um cemitério e diversas praças ou campos e quadras.

¹⁶ Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano e Habitação

A EMPUG, que surgiu no ano de 1959, no lugar de um mercado público da região, tinha como objetivo a redução do analfabetismo na área, tendo sido implementada pelo prefeito Djalma Maranhão. Foram feitas diversas campanhas, como “De pé no chão também se aprende a ler” nessa época, em que professores saíam às ruas à procura de alunos. Entretanto, na época do Golpe Militar, a escola passou por momentos de repressão e invasão, só retornando ao funcionamento em 1965, e retomando normalmente o exercício de funções educativas em 03 de abril de 1977, quando foi criada oficialmente através do ato nº 1.902.

Figura 4 – Registros fotográficos dos ambientes da escola (Descrição da imagem: Corredores, ginásio, salas de aula, espaço do recreio e da merenda são retratados nas imagens)



Fonte: Dados do Programa “Engajando famílias na escola”

Situada na Rua Padre Raimundo Brasil s/n, Zona Sul do município de Natal, a Escola Municipal Professor Ulisses de Góis conta com uma localização privilegiada no que diz respeito à proximidade com centros das mais diversas áreas (comércio, lazer, cultura, saúde *etc*), sendo este um dos seus diferenciais em comparação a outras escolas públicas do mesmo município.

Estruturalmente, a escola conta com uma direção, uma sala de professores, uma sala de coordenação pedagógica, uma secretaria, um arquivo, grandes espaços de convivência, uma quadra poliesportiva para aulas de educação física, um pátio, doze salas de aula em prédio principal e anexo, uma biblioteca, uma sala de artes, uma sala multifuncional, um laboratório de informática, uma sala de vídeo, um refeitório, uma cozinha, banheiros masculino e feminino.

A escola possuía, no ano de desenvolvimento do programa, a Educação de Jovens e Adultos no período noturno, destinando os outros turnos para educação infantil e fundamental I (manhã) e infantil e fundamental II (tarde). Além da EJA, a escola também contava com os projetos “Mais Educação” e “PROERD”¹⁷, visto que o bairro é conhecido por possuir um alto índice de violência e uso de drogas, além do “Projeto de leitura”, “Projeto de reciclagem”, “Projeto da amizade” (correio), “Projeto de LIBRAS”, “Projeto de música” (flauta doce), “Projeto rádio escola”, “Projeto de preparação para o IFRN¹⁸”, “PIBID¹⁹” (leitura) e o projeto “O *habitus* de estudar: construtor de uma nova realidade na educação básica da RMN²⁰” e o programa “Letramento familiar e políticas públicas: a família na escola” nos quais nos inserimos.

¹⁷ Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência

¹⁸ Instituto Federal do Rio Grande do Norte

¹⁹ Programa Institucional de Bolsa de Início à Docência

²⁰ Região Metropolitana de Natal

1.5 Colaboradores da pesquisa

Quadro 1 – Relação de colaboradores da pesquisa

<p>Pesquisadores</p>	<ul style="list-style-type: none"> • As ações foram implementadas por interesse do projeto "O <i>habitus</i> de estudar" (UFRN) e por membros do grupo "Letramento e Etnografia" (UFRN).
<p>Equipe escolar (1.5.1)</p>	<ul style="list-style-type: none"> • A equipe foi representada pela professora responsável pela turma em que ocorreram as ações, Rita de Cascia Gomes, e esporadicamente por outros seis colaboradores.
<p>Alunos (1.5.2)</p>	<ul style="list-style-type: none"> • A turma de primeiro ano do ensino fundamental, com quinze alunos, participou do nosso projeto.
<p>Familiares (1.5.3)</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Os responsáveis pelos alunos da turma os quais quisessem participar das nossas atividades, com quantidade variável ao longo do ano, foram cruciais para nossas ações.

Fonte: Dados do Programa "Engajando famílias na escola"

Os colaboradores da pesquisa serão descritos mais detalhadamente a seguir, considerando-se para tal caracterização, de forma híbrida, as informações dadas pela direção da escola, construções de autobiografias (realizadas pelos alunos e pela professora da turma), relatos da professora da turma sobre os alunos e familiares, histórias de vida (familiares e professora da turma), questionário (familiares e equipe escolar) e o mapeamento das práticas e histórias de letramento (familiares e equipe escolar).

Devido a nossa pesquisa incluir uma grande variedade de colaboradores, dentre estes inclusas crianças, teremos certa cautela ao nomear os menores e seus familiares, tendo algumas considerações sobre a ética nesse sentido.

Diante de uma população expropriada, excluída, mantida no silêncio, as vozes que pesquisadores escutam e registram precisam ser ouvidas, divulgadas, sobre isso não há dúvida. A pergunta que se faz é: como denunciar sem expor as populações? (...) Essa questão e suas implicações éticas merecem mais atenção do que lhes temos dado. O compromisso de devolver dados exige que o pesquisador e sua equipe discutam a natureza dos relatórios, a forma da escrita, os modos de circulação de informações. Surge, desse modo, a delicada necessidade de repensar modos de abordar nomes, rostos e fontes. (KRAMER, 2002, p. 57)

Neste tópico, amparados por discussões de Kramer (2002), discutimos três aspectos que merecem atenção em nossa pesquisa: como trazer discursos dos nossos

colaboradores ao trabalho; como publicar memórias imagéticas de nossas ações; como considerar a autonomia das crianças em exporem suas opiniões em relação a esses aspectos. Tais reflexões surgem do cuidado com a proteção a nossos colaboradores, principalmente, às crianças, mas, em contrapartida, sem a incoerência teórica e metodológica de retirar-lhes a voz que lhes é dada na pesquisa, sem deixá-las novamente ausentes de sua própria autoria.

A criança é sujeito da cultura, da história e do conhecimento. Pergunto: é sujeito da pesquisa? Embora os estudos transcrevam seus relatos, elas permanecem ausentes, não podem se reconhecer no texto que é escrito sobre elas e suas histórias, não podem ler a escrita feita com base e a partir dos seus depoimentos. As crianças não aparecem como autoras dessas falas, ações ou produções. Permanecem ausentes. (KRAMER, 2002, p. 51)

No interesse de que as crianças possam se reconhecer em nossa pesquisa, sem serem expostas devido a isso, utilizamos nomenclaturas fictícias que remetam, de alguma forma, traços dos colaboradores. Lembramos, também, que nossa pesquisa não objetiva trazer críticas ao seu contexto situado, porém alternativas para o aumento da participação familiar e colaborativa no contexto escolar. Por isso, acreditamos que a visibilidade do trabalho não se apresente como um risco aos colaboradores, e, assim, reafirmamos nossa escolha.

Destacamos que tal procedimento também foi colocado para os familiares e profissionais da escola os quais o desejassem, o que não se mostrou como dificuldade para os mesmos, devido à consciência e aceitação dos colaboradores sobre as ações e a visualização das contribuições da realização de uma pesquisa interessada no local. Kleiman (2002, p. 191), comenta, possivelmente justificando este achado em nossa pesquisa, que “Pelo fato de a pesquisa com a linguagem não oferecer riscos para o sujeito pesquisado, estes argumentam que a relação que se estabelece entre pesquisador/pesquisado nessa área é diferente (...)”.

Considerando a natureza colaborativa de pesquisa e a etapa de ensino em que nosso trabalho se insere (início do desenvolvimento das habilidades escritas), a maior parte de nossas ações envolve o coletivo, o que faz com que não haja muitos problemas no sentido de nomear colaboradores individualmente, salvo algumas exceções; dessa forma, enfocamos nosso olhar para a questão das fotografias e dos registros de nossos *eventos de letramento*, visto que nossas publicações circulam *online* e incluem tais elementos.

No caso das fotografias de crianças, há que se perguntar: quem autoriza a participação, o nome, a gravação? Quem autoriza a utilização de fotografias? Sabemos que é o adulto, e concordamos que é necessário que assim seja, mais uma vez para proteger as crianças, para evitar que suas imagens sejam exploradas, mal-usadas. Mas, se a autorização quem dá é o adulto, e não a criança, cabe indagar mais uma vez: ela é sujeito da pesquisa? Autoria se relaciona à autorização, à autoridade e à autonomia. Pergunto: como proteger e ao mesmo tempo garantir autorização? Como resolver esse impasse? (KRAMER, 2002, p. 53)

Nesse sentido, adotamos Autorizações escritas (disponíveis em anexo) assinadas pelos responsáveis como um dos documentos utilizados – ressaltando seu caráter legal. Esse procedimento possibilitou a publicação *online* de nossos jornais, assim como autorizou o uso dos dados em nossa dissertação; ainda assim, procuramos utilizar poucas imagens neste trabalho, evidenciando nossa já discutida preocupação com a exposição demasiada. Mantivemos nosso olhar, também, à autorização das crianças sobre suas próprias imagens. Para tal, inserimo-las nessa prática social de escrita, ao realizar o momento de autorização em sala de aula e junto a elas, para estudo, compreensão e aceitação própria.

1.5.1 Equipe escolar

No que se refere aos recursos humanos da escola, observamos, de acordo com o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola: no corpo docente da instituição, encontram-se 53 (cinquenta e três) professores, sendo 3 (três) de educação infantil, 17 (dezesete) dos anos iniciais do ensino fundamental, 19 (dezenove) nos anos finais do ensino fundamental, 1 (um) de nível I de Educação de Jovens e Adultos (EJA), 1 (um) de nível II de EJA, 10 (dez) de nível III e IV de EJA e 2 (dois) da sala de recursos multifuncionais. Em relação à formação e qualificação profissional desses docentes, a diretora afirma que todos possuem pelo menos graduação completa, e alguns possuem especialização ou cursos de aperfeiçoamento. O pessoal técnico-administrativo é composto pela direção, centro executivo de liderança e articulação do planejamento, com um diretor e um vice-diretor, sete coordenadores pedagógicos, prestadora de assessoria à direção ao acompanhar atividades didático-pedagógicas, um inspetor e onze auxiliares de secretaria, apoio ao processo educacional e auxílio à direção. O pessoal de apoio é dividido em apoio técnico pedagógico, responsável por: 1 (um) sala de multimeios, 6 (seis) biblioteca escolar e 1 (um) oficina pedagógica de arte-educação; apoio administrativo, responsável por: 1 (um) arquivo, 6 (seis) vigias, 3 (três) merendas,

5 (cinco) auxílio de higienização, 4 (quatro) atividades culturais, desportivas e lazer e 3 (três) laboratório de informática.

Para construção de nossas atividades, contamos com a parceria de toda a equipe da escola, conforme termo na sessão de Anexos dessa dissertação. Isso foi perceptível durante o desenvolvimento das ações, principalmente aquelas que eram mais notoriamente impactantes ao contexto, pois nesses momentos sempre houve participação e apoio da direção e da coordenação da escola, além da de outros professores ou profissionais de apoio.

De forma mais sistemática, contamos com 7 (sete) profissionais desta escola como colaboradores na pesquisa; estes, além de participarem de algumas ou de todas as ações interventivas, responderam a dois de nossos instrumentais: Questionário e Mapeamento das práticas e histórias de letramento. Destacamos, a partir destes, dados gerais apresentados com relação aos colaboradores.

Quadro 2 - Fatos apresentados nos questionários

Nome	Função	Turno em que trabalha	Etapa de ensino em que atua	Formação
Rita de Cascia	Professora	Manhã	1º ano A (fundamental)	Especialização
Ivla Cristina	Professora	Manhã	1º ano B (fundamental)	Mestrado
Liane Fernandes	Professora	Manhã	3º ano (fundamental)	Especialização
Ilana Soares	Professora	Manhã	Ensino fundamental I (informática)	Especialização
Sandra Maciel	Coordenadora	Manhã	Ensino fundamental I	Especialização
Jance Leite	Vice-diretor	Manhã	Ensino fundamental	Especialização
Norma Chacon	Diretora	Manhã	Ensino fundamental	Não informado

Fonte: Dados do Programa “Engajando famílias na escola”

Por estarmos situados especificamente em uma turma de primeiro ano de ensino fundamental, o professor responsável (Rita de Cascia Gomes) é polivalente, tendo contato diário com os alunos e as famílias. Este fator foi relevante para o planejamento de ações com certa liberdade de horários e facilitador para gerar maior inclusão dos colaboradores. A parceria mais direta que tivemos foi com a professora da turma na qual foram realizadas as ações, a qual atuou com contribuições de professora pesquisadora em nossa pesquisa, conforme apresentaremos no tópico 1.8.

1.5.2 Alunos

O corpo discente da escola é constituído por aproximadamente 500 alunos, nos níveis infantil, fundamental e de EJA. A turma do primeiro ano A do Ensino Fundamental da Escola Municipal Professor Ulisses de Góis, turno matutino, é composta por quinze alunos, quatro meninos e onze meninas, de faixa etária média de seis anos de idade. O quadro de nomenclaturas escolhidas individualmente aos alunos será apresentado no próximo tópico, junto à relação dos familiares, por fins didáticos.

Conforme apresentado nas entrevistas realizadas para construção da reportagem informativa sobre o bairro onde a escola se situa, disponíveis na primeira edição do nosso jornal, todos os alunos moram em Nova Descoberta e nas proximidades da escola; dos treze alunos os quais participaram do momento, onze nasceram no município de Natal – RN²¹ e vivem no bairro desde o nascimento, um nasceu em Açu e outro em São Paulo. Por isso, podemos notar que tais colaboradores, em sua maioria, já estudavam na EMPUG e já se conheciam, o que facilitou a construção de envolvimento. De forma geral, trazemos o relato da professora da turma sobre os alunos, feito no início das ações:

Quadro 3 – Relato da professora sobre os alunos

“A turma é receptiva para receber as aprendizagens que lhe são oferecidas, é interessada pelas aulas dinâmicas e atrativas, gosta muito do espaço da biblioteca, onde são realizadas contação de histórias, leituras individuais de livros infantis e levam livros para leitura em casa. Adoram também das aulas de informática, pois desenvolvem atividades de formação de palavras, desenhos, pinturas, jogos e brincadeiras diversas e na sala de vídeo gostam muito das exibições de filmes infantis e dos musicais, onde cantam e se alegram muito. A sala de aula é alegre, pois se desenvolvem muitas atividades individuais e coletivas, cantam-se cantigas infantis, ouvem-se músicas, realizam-se brincadeiras coletivas e jogos educativos. As atividades escolares de sala de aula são realizadas em sua totalidade, enquanto as atividades de casa são realizadas 50%, dificultando o processo de aprendizagem, pois se considera que as atividades de casa reforçam as aprendizagens adquiridas em sala de aula. 80% dos alunos da turma frequenta regularmente as aulas e 20% tem frequência irregular, ocasionalmente comparecendo às aulas e, por isso, normalmente estando à parte das atividades realizadas com relação ao Projeto e ao próprio processo de alfabetização. Para o desenvolvimento da aprendizagem são realizadas atividades dentro do processo de alfabetização e letramento, trabalhando com os vários gêneros textuais, produção de textos coletivos, tarefas individuais sobre os vários suportes da linguagem oral e escrita.”

Fonte: Dados do Programa “Engajando famílias na escola”

²¹ Rio Grande do Norte

1.5.3 Familiares

Consideramos como familiares pais, mães, irmãos, avós, tios ou cuidadores (sem grau de parentesco) que quisessem participar de nossas ações. Durante todos os nossos encontros, deixamos facultada a participação, mas em momentos “diferentes” (por exemplo, passeio à Universidade, encontro reflexivo de publicação da primeira edição do *Jornal Flor*) houve a adesão de pelo menos um familiar por aluno. Houve, também, atividades colaborativas de casa, para serem realizadas pelos alunos em parceria com familiares, para seguinte compartilhamento com a turma. Além disso, essas pessoas foram cruciais para tornarem o instrumento do *Jornal Flor* uma prática social, pois as mesmas são as principais leitoras vinculadas à realidade para compartilhar as produções.

Quadro 4 – Relação de alunos e familiares²²

Aluno	Familiar(es) colaborador(es)²³
<i>Alex de Lima</i>	Mãe (Adri de Lima), Pai (Ias de Lima), Tio (Fabio de Lima), Tia, Avó (Silia de Lima), Avó (Mari Auxiliadora) e Irmão (Jonas de Lima).
<i>Ari Oliveira</i>	Mãe (Lau Oliveira) e Irmã (Larinha Oliveira).
<i>Bia Medeiros</i>	Mãe
<i>Duda Pereira</i>	Mãe (Line Rolim), Pai e Irmão.
<i>Flá Dantas</i>	Mãe (Eli Rameiro), Avó (Nita Rameiro) e Avó (Mari de Lima).
<i>Gabi da Silva²⁴</i>	Mãe
<i>João Batista</i>	Avó, Mãe, Pai (Mando Batista), Irmã (Aninha Batista) e Irmãs (2).
<i>Juju Silva</i>	Mãe (Mari Silva), Pai (João Silva) e Irmão (Marquinhos Silva).
<i>Kah Barbosa</i>	Avó (Gi Barbosa)
<i>Mimi dos Santos</i>	Mãe (Dami dos Santos)
<i>Oto Bezerra</i>	Mãe (Manu Bezerra), Avó (Mica Bezerra) e Tia (Rafa da Silva).
<i>Pri Fernandes</i>	Mãe (Lucy dos Santos), Pai e Avó (Lete dos Santos).
<i>Rafa da Silva</i>	Mãe (Fran da Silva) e Pai.
<i>Ray Cunha</i>	Mãe (Rosa Silva) e Avó (Cida Silva).
<i>Vivi Silva</i>	Mãe (Eli Silva) e Cuidadora (Jose Pereira).

Fonte: Dados do Programa “Engajando famílias na escola”

²² Aqueles assinalados de vermelho não assinaram nossos termos e, por isso, não serão citados em nossa análise. Todos os nomes utilizados são apelidos/pseudônimos.

²³ Alguns colaboradores não foram nomeados em nossos instrumentos de pesquisa, mas participaram de algum/alguns dos eventos de letramento; nestes casos, optamos por elencar apenas o grau de parentesco deste familiar com o aluno.

²⁴ Aluna não concluiu o ano letivo devido a abandono.

1.6 Procedimentos de geração de dados da pesquisa

Durante as trinta ações do programa, iniciadas no dia 20 (vinte) de março de 2014 e finalizadas no dia 16 (dezesesseis) de dezembro de 2014²⁵, houve a criação e o desenvolvimento do programa de letramento familiar, com passos de aproximação entre a escola e a família. Nossas ações se dividiram em três momentos para a produção de três edições do dispositivo didático utilizado, o *Jornal Flor* – título escolhido pelos colaboradores para nomear o jornal eletrônico da turma (ver tópico 1.7.1), envolvendo cada uma de nossas publicações do jornal eletrônico: entre os dias 20 (vinte) de março e 03 (três) de junho (*primeira edição*), 10 (dez) de junho a 25 (vinte e cinco) de setembro (*segunda edição*) e 02 (dois) de outubro a 16 (dezesesseis) de dezembro (*terceira edição*).

Figura 5 – Link para acesso das produções



Fonte: Dados do Programa “Engajando famílias na escola”

Nele, publicamos práticas de letramento realizadas pelos alunos e familiares, principalmente (houve, também, a aparição de outros participantes na sessão Espaço do Leitor), assim como recebemos acessos, comentários e contribuições sobre o jornal. A cada edição publicada, foi realizado um momento de reflexão com todos os colaboradores, evocando as impressões de cada um sobre o trabalho (roda de conversa reflexiva, ver no tópico 1.7.6). Ao final do ano escolar, logo após a publicação da terceira edição do nosso jornal, procuramos ouvir as vozes dos nossos participantes e suas percepções sobre as atividades realizadas e promover retorno à comunidade local sobre as ações, com, por exemplo, a entrega de um DVD contendo um documentário e as edições do jornal, disponíveis para acesso a qualquer momento. Os *eventos de letramento* foram registrados a partir de notas de campo (ver tópico 1.7.2), fotos (ver tópico 1.7.3) ou vídeos, com fim de se tornarem dados concretos dos impactos sociais da pesquisa.

Em complementaridade a essas ações, tivemos a necessidade de obter mais informações da equipe escolar e dos familiares a partir de questionários (ver tópico 1.7.4) e mapeamentos de práticas de leitura e escrita (ver tópico 1.7.5), aplicados de

²⁵ Nosso plano de ações encontra-se na sessão de Apêndices desse trabalho.

acordo com a disponibilidade dos colaboradores. No próximo tópico, elencaremos, de forma sistemática, os instrumentais utilizados.

1.7 Instrumentos de geração de dados da pesquisa

Devido à natureza qualitativa da nossa pesquisa (ver tópico 1.3), ocorreu a construção de instrumentos variados os quais pudessem evocar, principalmente, as percepções de nossos colaboradores. Assim, adotamos a triangulação como ferramenta no âmbito metodológico e, por isso, o caráter de nosso instrumental é, também, híbrido. Destacamos, dessa forma, 6 (seis) instrumentais, os quais geraram registros imagéticos, escritos e em vídeo de nosso programa: os *gêneros que circulam no Jornal Flor*, as *notas de campo* (da pesquisadora e da professora da turma), *fotografias*, *questionários*, *histórias de letramento* e *vídeos e transcrições das rodas de conversa*, os quais serão explicados a seguir.

Os *gêneros*²⁶ *que circulam no Jornal Flor* são constituídos por autobiografias, histórias de vida, relatos, reportagens, cartas, resumos, pesquisas, notícias e comentários produzidos pelos colaboradores (equipe escolar, familiares e alunos). O *Jornal Flor* constituiu-se como forte dispositivo de envolvimento familiar e, dados os registros que o constituíram, tornou-se instrumento de geração de dados. Consideramos esta uma fonte rica de informações etnográficas, pois

A fonte jornalística “infantil” assume uma posição de força discursiva, embora sua intencionalidade tenha um difícil dimensionamento de razões. O discurso jornalístico põe em funcionamento uma série de fenômenos lingüísticos que deixa entrever a não transparência e uniformidade da linguagem. Ao usar recursos como a ambiguidade, a ironia, a metáfora, a mídia derruba facilmente a neutralidade na qual tenta se salvaguardar: põe em evidência os vários sentidos das palavras e, com isso, a carga ideológica de seu discurso. Apesar de tentar passar a imagem de que o texto midiático não tem caráter autoral, não possui sujeito que assuma o discurso, na verdade esta objetividade é construída visando a servir como legitimadora de determinados setores da sociedade. A realidade é construída e subjetivamente interpretada pelo indivíduo, o que nos leva a concluir que a cena teatral midiática constitui a cena da vida cotidiana. Afinal, que outra realidade é possível conhecer senão a que nos chega representada? (MELO, 2007, p. 6)

²⁶ Adotamos a concepção de gêneros da Nova Retórica, considerando que “gêneros não são apenas formas. Gêneros são formas de vida, modos de ser. São *frames* da vida social. São ambientes para a aprendizagem. São os lugares onde o sentido é construído. Os gêneros moldam os pensamentos que formamos e as comunicações através das quais interagimos. Gêneros são os lugares familiares para onde nos dirigimos para criar ações comunicativas inteligíveis uns com os outros e são os modelos que utilizamos para explorar o não-familiar.” (BAZERMAN, 2011, p. 23).

Consagradas entre as pesquisas etnográficas, outro instrumental da nossa pesquisa constituiu-se das *notas de campo*, “relatórios que descrevem experiências e observações que o pesquisador teve ao participar de forma intensa e envolvida” (EMERSON, FRETZ & SHAW, 1995, p. 8)²⁷ em algum contexto social e temporal. Esse registro sistemático promove, além da organização das ações, uma visão particular de determinadas situações, sendo um alicerce para a construção de nossas análises.

Normalmente, este instrumento é utilizado apenas pelo pesquisador; porém, dada a relevância da percepção situada dos nossos colaboradores, adotamos tal ferramenta como prática da pesquisadora e, também, da professora responsável da turma. Durante as quarenta ações realizadas entre os colaboradores, a professora e a pesquisadora dispuseram de anotações em notas de campo individuais, realizadas com referência a cada atividade; nelas, foram postos resumos dos momentos, comentários e aspectos relevantes.

Com a professora da turma e o grupo de pesquisa da UFRN, também, em reuniões semanais, houve discussões sobre o andamento do projeto e as próximas feitura colaborativas (planejamento de ações). Nestes encontros, realizamos atas de reunião, as quais contribuíram para as notas de campo dos pesquisadores, mas não foram caracterizados como instrumentais diretos da pesquisa.

Os *registros fotográficos*²⁸ desta pesquisa foram realizados com uma Câmera Digital Sony® NEX-5RL-16MP, e se tornaram instrumentais do nosso trabalho ao considerarmos que as fotografias documentam o ambiente visual de nossas ações, podendo também capturar momentos nos quais ocorrem práticas sociais de leitura e escrita (HAMILTON, 2000). Veremos, também, a partir das teorizações do próximo capítulo, que o uso de fotografias possibilita o registro dos *eventos de letramento*, uma de nossas categorias de análise.

²⁷ Tradução para a língua portuguesa por Leandro de Oliveira, na *Revista Tendências: Caderno de Ciências Sociais*. Nº 7, 2013.

²⁸ Nas fotografias em que o rosto dos nossos colaboradores aparece, utilizamos a técnica do esfumaçar a região dos olhos para preservar a identidade dos mesmos.

Figura 6 – Família (mãe, tio, avó, irmão e aluno) com certificado do programa (Descrição da imagem: cinco membros familiares sorriem, no evento de encerramento do programa, portando, nas mãos do aluno, o certificado de participação)



Fonte: Dados do Programa “Engajando famílias na escola”

Conforme já comentado, essas documentações só ocorreram após Autorização escrita por todos os colaboradores e, apesar da grande quantidade de registros realizados, exporemos, nesta dissertação, apenas 30 imagens das ações, prezando pelo bem estar de nossos colaboradores.

Além disso, produzimos, no primeiro trimestre da pesquisa, *questionários* de dois tipos (para a equipe da escola e para os familiares), e ambos foram enviados com antecedência para a professora da turma, para que obtivéssemos seu aval. Estes foram entregues e respondidos por tais indivíduos para que houvesse uma complementaridade com os mapeamentos (descritos a seguir), além de, no segundo caso, com as narrações feitas em entrevistas sobre as histórias de vida desses familiares. O questionário do primeiro tipo constituiu-se de 10 (dez) perguntas, sendo 7 (sete) referentes a dados gerais do colaborador e 3 (três) perguntas abertas sobre o Jornal Flor e o contexto escola-comunidade-famílias; já o questionário do segundo tipo possui 16 (dezesesseis) questões, 6 (seis) destas sendo de caráter geral e 10 (dez) relacionando a participação familiar na escola, 6 (seis) perguntas fechadas e 4 (quatro) abertas.

Os questionários foram impressos (sete cópias do primeiro e quinze cópias do segundo); com a equipe da escola, deixamos facultada a resposta no momento da

entrega ou um retorno em dia posterior, com os familiares, encaminhamos como atividade de casa, dando alguns dias para resposta. Apesar de sabermos dos riscos de não recebimento, comuns nesta prática, não tivemos problemas e todos nossos colaboradores responderam ao instrumental no tempo estipulado, o que já se revela como um fator de comprometimento dos mesmos com a pesquisa.

Os objetivos de ambas as produções foram (i) conhecer o perfil de nossos colaboradores, (ii) promover uma reflexão pessoal sobre a participação da família na escola e (iii) visualizar o papel dessa relação para cada um dos colaboradores. A integração do uso de questionários ao método etnográfico foi discutida por Pearce (2002), considerando que este trabalho pode sugerir medidas alternativas, aumentar a profundidade dos achados e selecionar e produzir dados mais ricos. Por isso, apesar de o questionário ser muitas vezes considerado um instrumento quantitativo de pesquisa, nosso enfoque prossegue por rumos qualitativos.

Outrossim, para obter apontamentos sobre caminhos a percorrer na relação do letramento e da família na escola, além de lembranças e narrativas de nossos colaboradores, produzimos documentos a serem respondidos com os familiares e a comunidade escolar, atentando aos seguintes aspectos: nível de escolaridade, práticas de leitura (individuais e com os alunos) e práticas de escrita pessoais e educacionais, caracterizados como *histórias de letramento*. Não queríamos, com nossa pesquisa, perpetuar silenciamentos (KEY, 1998) por isso dar voz a quem, por muito tempo, não tem tido voz em trabalhos acadêmicos constituiu-se, em nosso entendimento, como um encorajamento à participação ativa dos colaboradores.

Este instrumental, além de contribuir para uma criação do perfil de nossos colaboradores, traçou caminhos para que nosso trabalho pudesse resultar em mudanças e impactos àquela comunidade, especialmente pensando na visão de escola por eles nutrida, a relação de participação escola-comunidade-família desenvolvida e as ações de leitura e escrita dos familiares, a partir de práticas que visassem à *agência* desses colaboradores, fator que será explorado como um dos aspectos de Projetos de letramento, no próximo capítulo.

As rodas de conversa também serão exploradas como instrumental da pesquisa, considerando que

É assim (...) com as rodas de conversa, quando utilizadas como instrumento de pesquisa, uma conversa em um ambiente propício para o diálogo, em que todos possam se sentir à vontade para partilhar e escutar, de modo que o falado, o conversado seja relevante para o grupo e suscite, inclusive, a

atenção na escuta. Nas rodas de conversa, o diálogo é um momento singular de partilha, porque pressupõe um exercício de escuta e de fala, em que se agregam vários interlocutores, e os momentos de escuta são mais numerosos do que os de fala. As colocações de cada participante são construídas por meio da interação com o outro, seja para complementar, discordar, seja para concordar com a fala imediatamente anterior. (...) Um dos seus objetivos é de socializar saberes e implementar a troca de experiências, de conversas, de divulgação e de conhecimentos entre os envolvidos, na perspectiva de construir e reconstruir novos conhecimentos sobre a temática proposta. (MOURA & LIMA, 2014, p. 3-4)

As rodas de conversa ocorreram em dois momentos, nos dias 11/12/2014 e 16/12/2014, em sala de aula, tendo sido, o primeiro, evento de letramento destinado à produção, por familiares, de um comentário sobre o papel das famílias e o desenvolvimento dos alunos (e, até, dos próprios familiares) durante o programa, a ser publicado na terceira edição do *Jornal Flor*, e, o segundo, evento de publicação e distribuição da última edição do jornal e encerramento das atividades do programa e letivas, com participação de pesquisadores, equipe escolar, familiares e alunos, para a realização de relatos acerca das contribuições do programa para a comunidade.

Os dois momentos foram gravados com uma Câmera Digital Sony® NEX-5RL-16 MP, com consentimento dos colaboradores, e foram transcritos para, junto das fotografias, tornarem-se instrumentos da pesquisa.

Figura 7 - Pesquisadores, equipe escolar, famílias e alunos nas rodas de conversa (Descrição da imagem: acima, três membros da equipe escolar e dois pesquisadores configuram a mesa de autoridades do evento de encerramento do programa; abaixo, familiares e alunos estão sentados, em formato de lua, para discutir nossas ações)



Fonte: Dados do Programa “Engajando famílias na escola”

A seguir, demonstramos, em quadro, a relação entre os nossos procedimentos, instrumentais e dados gerados a partir destes, os quais constituirão o *corpus* a ser analisado nesta pesquisa.

Quadro 5 – Dados gerados na pesquisa

AÇÕES	INSTRUMENTAIS	DADOS GERADOS
Práticas de leitura e escrita visando à publicação das três edições do Jornal Flor.	Gêneros que circulam no Jornal Flor	Autobiografias, histórias de vida, relatos, reportagens, cartas, resumos, pesquisas, notícias e comentários produzidos pelos familiares e alunos.
Escritura das ocorrências nos momentos de sala de aula, feita pela pesquisadora e pela professora da turma, oriunda da observação participante.	Notas de campo	Verbalizações da pesquisadora e da professora feitas durante o desenvolvimento dos projetos de letramento.
Registros das ações desenvolvidas no projeto de letramento, feitos pela pesquisadora.	Fotografias	Imagens dos eventos de letramento.
Dados gerais sobre os colaboradores, avaliação do desenvolvimento do Jornal Flor pela equipe escolar e considerações sobre a relação comunidade-escola pelas famílias.	Questionário	Perfis dos colaboradores.
Histórias das práticas de leitura e escrita com as quais as famílias e a equipe escolar lidam no cotidiano.	Histórias de letramento	Apontamentos sobre caminhos a percorrer na relação do letramento familiar com a comunidade escolar.
Roda de conversa <i>Datas: 11/12/2014 e 16/12/2014</i> Análise dos impactos de tais vivências aos colaboradores da pesquisa (equipe escolar, pesquisadores, familiares e alunos).	Vídeos e transcrições das rodas de conversa	Comentários avaliativos das trajetórias de ações.

Fonte: Dados do Programa “Engajando famílias na escola”

1.9 Procedimentos e categorias de análise da pesquisa

Como procedimento de análise da pesquisa, fizemos a opção pelo olhar qualitativo dos dados, o qual não tem o propósito de valorizar, por exemplo, a análise aos aspectos formais do gênero em detrimento das ações de linguagem mediadas pelos textos. Retomamos, ainda, nosso interesse pela triangulação dos dados, considerando que esse mecanismo proporciona a combinação de diversos métodos, dados e percepções (CANÇADO, 1994). Assim, para sistematizarmos nossas 6 (seis) categorias da pesquisa, retomemos as questões que a circundam:

Figura 8 – Retomando as questões de pesquisa



Fonte: Dados do Programa “Engajando famílias na escola”

Para responder à questão “Que recursos podem apoiar o desenvolvimento de um programa de letramento familiar que permita a interação entre os membros das comunidades escolar e familiar?”, asseguramos a categoria **Projetos de letramento**, na qual discutiremos dados gerados a partir de notas de campo da pesquisadora e da professora da turma, assim como informações dos questionários, fotografias e transcrição de vídeo. Tais discussões serão pautadas pelas características de projetos de letramento apresentadas por Oliveira (2010), entre elas o conceito de agentes de letramento (BAZERMAN, 2006) e de abordagem colaborativa (IBIAPINA, 2008) em rede (OLIVEIRA, 2003), assim como o conceito de programas (CASPE, 2003).

Pensando em “Como delinear ações para este programa?”, sistematizamos as categorias: **Práticas de letramento**, pautadas nas concepções de leitura e escrita e nos textos produzidos pelos colaboradores; e **Eventos de letramento**, registrados a partir das notas de campo da professora da turma e da pesquisadora, assim como pelas fotografias. As considerações realizadas terão como base os conceitos de práticas e eventos de letramento (STREET, 1984; BARTON, HAMILTON & IVANIC, 1993), assim como as categorias de eventos de letramento propostas por Hamilton (2000).

Atentando a “Que estratégias de engajamento podemos utilizar para promover a aproximação entre as esferas familiar e escolar?”, utilizamos as categorias: **Formas de envolvimento**, que resulta da análise de dados obtidos através da aplicação de questionários com os familiares, assim como das contribuições ao Jornal Flor; **Resistências, negociações e pactos**, apontadas nos mapeamentos de práticas de leitura e escrita respondidos pelos familiares; e **Impactos**, considerados sob a luz do instrumental Rodas de conversa.

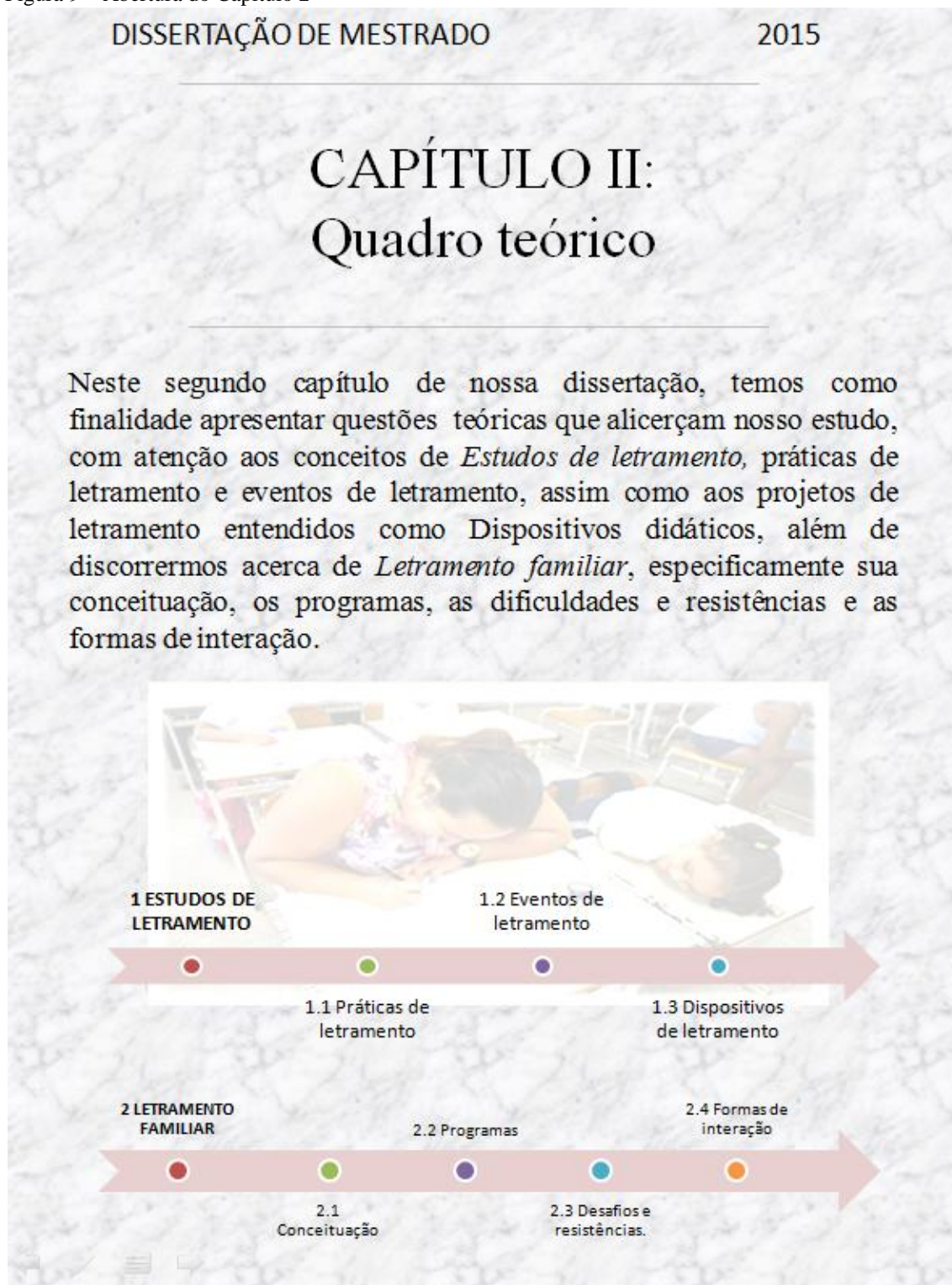
Além dos instrumentais já citados, o Jornal Flor e as Notas de Campo da professora e da pesquisadora foram vozes presentes na análise de todas essas categorias, visto que evocam diferentes aspectos de opiniões, ideias, incentivos, resistências e necessidades de nossos colaboradores.

Como referencial para a categoria *Formas de envolvimento*, utilizamos postulados de Key (1998), NCB (2010), Cairney (2005) e Anderson (1994), para *Resistências negociações e pactos*, o guia para programas de letramento familiar (LITERACY BC, 2000) e conceitos de Padak, Sapin & Baycich (2002), e, para os *Impactos*, toda a fundamentação teórica foi mobilizada.

De posse dessas informações, apresentaremos, no próximo capítulo, nosso referencial teórico, o qual se centra nos Estudos de Letramento.

ESTUDOS DE LETRAMENTO

Figura 9 – Abertura do Capítulo 2



Fonte: Dados do Programa “Engajando famílias na escola”

3.1 Estudos de letramento

3.1.1 Conceituações

Nosso posicionamento teórico centra-se nos *estudos de letramento*, área que se insere nos estudos da LA; assim, consideramos como práticas sociais a leitura e a escrita. O surgimento da área remete internacionalmente aos *New Literacy Studies* (NLS) – em português, “Novos Estudos de Letramento”²⁹ – protagonizados pelos teóricos Heath (1983), Street (1984), Prinsloo & Breier (1996), McLaren (1988), Barton & Hamilton (1993). Os NLS são explicados a partir do seu foco nas práticas, em detrimento de abordagens dominantes que priorizam a aquisição de habilidades, e percebemos que:

Os letramentos são melhor compreendidos como um conjunto de práticas sociais; estas podem ser inferidas por eventos mediados por textos escritos. Há diferentes letramentos associados a diferentes domínios da vida. Práticas de letramento são padronizadas por instituições sociais e relações de poder, e alguns letramentos são mais dominantes, visíveis e influentes do que outros. Práticas de letramento possuem propósito e são incorporadas a objetivos sociais maiores e às práticas culturais. O letramento é situado historicamente. Práticas de letramento mudam e novas são frequentemente adquiridas através de processos informais de aprendizado e criação de sentido. (BARTON & HAMILTON, 1993, p.8)³⁰

Dessa forma, algumas considerações podem ser feitas. O(s) letramento(s), conceito plural, se relaciona(m) a eventos, os quais estão arraigados na sociedade e englobam um conjunto de práticas; por seu caráter social, elas podem estar inseridas em quaisquer domínios nos quais haja a circulação de textos (por exemplo, na escola, no trânsito, na igreja, no trabalho, em casa), sendo algumas dessas práticas, na atualidade, mais dominantes (como as da instituição escolar) ou menos dominantes (como aquelas do meio familiar), e não sendo, este processo, estático, visto que a todo o momento novas práticas podem surgir assim como antigas podem desaparecer, de acordo com a dinamicidade da própria sociedade. Esse caráter nos mostra as diversas possibilidades de trabalho acerca desse conceito, assim como os diversos usos que são dados à leitura e

²⁹ A área se considera apenas como “Estudos de letramento”, no Brasil, por ser mais recente do que as correntes estrangeiras.

³⁰ Literacy is best understood as a set of social practices; these can be inferred from events which are mediated by written texts. There are different literacies associated with different domains of life. Literacy practices are patterned by social institutions and power relationships, and some literacies are more dominant, visible and influential than others. Literacy practices are purposeful and embedded in broader social goals and cultural practices. Literacy is historically situated. Literacy practices change and new ones are frequently acquired through processes of informal learning and sense making. (Tradução nossa)

à escrita, reconhecendo sua abrangência e relevância para compreensão e *mudança* das próprias relações sociais.

Além desses aspectos gerais, pesquisadores consideram as *orientações de letramento*, ou seja, construções teóricas que possam classificar a área. Street (1984) considera os modelos autônomo e ideológico, enquanto McLaren (1988) os cultural, funcional e crítico.

Para Street (1984), o modelo autônomo de letramento considera que o mesmo poderia ser descrito de forma científica, independente e neutra de fatores sociais, assim sendo, alguns dos seus impactos, autônomos. O modelo ideológico, por sua vez, considera as pressuposições culturais e sociais, as relações de poder, descrições dominantes, entre outros fatores da sociedade que influenciam ou sustentam determinadas descrições de letramento. A partir de 1993, Street considera que não haja orientação de letramento sem ideologia, pois até mesmo o modelo autônomo apresenta-se altamente ideológico, apesar de sua camuflagem neutra em relação a aspectos socioculturais.

McLaren (1988), por sua vez, propõe uma orientação cultural, para a qual o desenvolvimento das habilidades consagradas pelo currículo seria o caminho para o sucesso escolar do aluno; nesse sentido, práticas que fujam ao que é considerado correto, ou marginalizadas, são identificadas como déficits, os quais precisam ser ‘consertados’ a partir da aquisição da cultura dominante. Essa prescrição acaba por manter desigualdades sociais, por se pautar em ideologias elitistas como determinantes do letramento.

Já a orientação funcional diz respeito ao currículo pautado no ensino de capacidades para participar da sociedade, especificamente da escola e do campo do trabalho; o conhecimento ‘funcional’, dessa forma, colabora para que o indivíduo consiga utilizar a linguagem no seu dia a dia, por exemplo, lendo jornais, fazendo compras ou preenchendo formulários. Críticas a essa orientação ocorrem devido à abordagem funcional não engajar alunos a textos ou contextos históricos e sociais de forma crítica (KAPLAN, 2002), o que perpetua o processo de marginalização dos alunos de diferentes *backgrounds*.

Na terceira orientação, crítica, usa-se o diálogo, as necessidades de linguagem da comunidade e os propósitos das mesmas para definir-se um currículo. Oliveira (2010) comenta, sobre este aspecto, que o currículo é ‘(re)desenhado’ a partir dos eventos e das práticas de letramento que emergem no contexto situado das ações. Esse

fator envolve responsabilidade social e criticidade, visto que evoca questões de poder, sociedade, democracia, igualdade, transformação, política, voz e agência, além de provocar reflexões sobre os letramentos dentro e fora da sala de aula, bem como do ‘local’ com o ‘global’. É a partir dessa orientação que norteamos nosso trabalho.

No Brasil, Mary Kato foi pioneira ao utilizar o termo “letramento” na publicação *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística*, no ano 1986; em 1988, Leda Verdiani Tfouni retoma o termo, distinguindo “letramento” de “alfabetização” (questão que será situada por nós neste capítulo, também); porém, apenas em 1995, Angela Kleiman teoriza sobre o tema de forma mais sistemática, na publicação *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Em consonância com a conceituação apresentada nessa obra, consideramos os trabalhos de Kleiman (1995; 2000; 2005; 2006; 2007), Oliveira (2008; 2010) e Oliveira, Tinoco & Santos (2011), dos quais traremos as principais concepções englobadas, de forma geral, pelos Estudos de Letramento (nomenclatura apresentada por Angela Kleiman e Maria do Socorro Oliveira, na publicação “*Letramento múltiplos: agentes, práticas, representações*”, datada de 2008).

Destacamos, ainda, as linhas de pesquisa brasileiras envolvidas com os estudos de letramento, a partir de mapeamento realizado, no ano de 2013, pela Professora Doutora Maria do Socorro Oliveira e seus bolsistas de iniciação científica (graduação), Alana Driziê Gonzatti dos Santos, Ana Paula Pereira Comissário, Daniel Bruno Miranda da Silva, Dayveson Noberto da Costa Pereira e Fernanda Nayara da Silva Mendonça. Há, de acordo com as informações coletadas, pelo menos, 5 (cinco) linhas de pesquisa voltadas a esse estudo em universidades da região Sul do país, 18 (dezoito) na região Nordeste, 15 (quinze) na região Sudeste, 7 (sete) na região Centro-oeste e 2 (duas) na região Norte.

Destas linhas, chamamos atenção para as pertencentes ao grupo de pesquisa “Letramento e Etnografia”, coordenado pela Profª. Dra. Maria do Socorro Oliveira, no Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA) da UFRN, as quais têm, entre seus interesses, letramento e aquisição, letramento e cultura, letramento e formação do professor, letramento e gêneros discursivos, letramento e inclusão, letramentos e políticas públicas, letramento e tecnologia, letramento laboral, letramento literário, letramento informacional, letramentos múltiplos e *letramento familiar*, nosso interesse em específico.

As acepções que envolvem o(s) letramento(s) mostram-lhes, de acordo com Oliveira (2010), como múltiplos, dêiticos, ideológicos, culturais e críticos. Desse modo, podemos dizer que:

[...] os letramentos necessitam ser melhor entendidos nos seus contextos sociais e históricos; são fruto de relações de poder; servem a propósitos sociais na construção e troca de significados; formatam e são formatados pela cultura; sofrem interferência de posições ideológicas, podendo estas serem explícitas e implícitas; são dinâmicos à medida que são determinados por injunções de natureza econômica (globalização), tecnológica (recursos da mídia e da *internet*), política (políticas públicas de educação) e histórica (certas práticas valorizadas numa determinada época que perdem o seu valor noutro tempo). (OLIVEIRA, 2010, p. 329)

Tendo isso em mente, notamos que trabalhar com letramentos significa considerar que há fatores de diversas ordens a serem considerados por trás das práticas e dos eventos de leitura e escrita. Ao trabalhar com um contexto periférico, pensar em letramento é pensar em todas as questões, forças e poderes que agem e impactam sobre aquele meio e que, também, caracterizam-no. É considerar que, no uso da língua escrita, há marcas ideológicas (STREET, 1984) que não podem ser ignoradas.

Além disso, percebemos que letramentos são amplos, e se organizam em diversas esferas sociais onde circulem práticas letradas. Dessa forma, entendemos letramento como as diversas práticas de leitura e escrita existentes em circulação social. Vale ressaltar, portanto, que a escrita e a leitura, na perspectiva do letramento, não se restringem ao meio escolar. Eles são encontrados em várias outras situações do dia a dia dos seres letrados.

Figura 10 – Eventos de letramento do dia a dia



Fonte: <http://goo.gl/tB8hcg> / <http://goo.gl/sMFLf5> / <http://goo.gl/9MLeB7> / <http://goo.gl/EsWjJo> / <http://goo.gl/4e9SEy> / <http://goo.gl/4Lwe9t> Acesso 10 Out 2015

Por isso, precisamos ressaltar que não apenas as produções escolarizadas e, assim, dominantes, são fruto de trabalhos da área; práticas do dia a dia da comunidade (diário, lista de compras, relatos orais, por exemplo) em que se situam trabalhos com vistas ao letramento são comuns e relevantes para as descrições e análises com enfoque nos Estudos de Letramento. Comunidades marginalizadas, inclusive, consideradas “iletradas” ou “analfabetas” pelas classes dominantes, possuem ricas práticas de letramento (OLIVEIRA, 2010), visto que letramento não é estritamente vinculado a escolarização – e essas comunidades podem ser estimuladas a utilizar a escrita como uma forma situada de resolução de problemas. E por que não criar espaços no meio escolar dessas comunidades para o uso dessas práticas?

É na escola, agência de letramento por excelência de nossa sociedade, que devem ser criados espaços para experimentar formas de participação nas práticas sociais letradas e, portanto, acredito também na pertinência de assumir o letramento, ou melhor, os múltiplos letramentos da vida social, como o objetivo estruturante do trabalho escolar em todos os ciclos. (KLEIMAN, 2007, p. 4)

É perceptível que, a partir de uma inserção dessa percepção ao ensino, com enfoque nos letramentos, a ação pedagógica passará a ser guiada pela prática social, e não somente pelo conteúdo a ser trabalhado. Nessa perspectiva, a prioridade se torna a reflexão e a ação cooperativa de todos os membros dessa esfera, pois assim os saberes se mobilizam e acarretam na construção conjunta e negociada do conhecimento.

Ainda, dado o contexto de ensino em que o nosso trabalho ocorre (primeiro ano do ensino fundamental), algumas considerações conceituais devem ser feitas; chamamos atenção a uma diferenciação entre as definições de *alfabetização* e *letramento*, muitas vezes confundidas ou igualadas, conforme observamos em reflexão proposta por Kleiman (2005) em sua publicação “*Preciso ensinar o letramento?*”.

A partir das discussões pontuadas nessa dissertação, notamos que o(s) letramento(s) se refere(m) a quaisquer práticas de leitura e/ou escrita inseridas em contextos sociais, por isso, consideramos que o(s) letramento(s) englobam a alfabetização, mas não se resume(m) a ela. Assim sendo, a alfabetização é uma das várias práticas letradas da sociedade, e não será a prática ressaltada em nossa produção – com vistas a nosso interesse pelo *letramento familiar*, conceito que será tratado no próximo tópico. O letramento, portanto, é um fenômeno mais abrangente, uma vez que abarca diferentes práticas de diversos domínios da sociedade (entre eles escola e família, por exemplo).

Quadro 6 – Alfabetização versus Letramento (KLEIMAN, 2005)

ALFABETIZAÇÃO	LETRAMENTO
Prática específica de uma instituição (escolar)	Prática social de domínios onde circulem leitura e escrita
Prática que envolve diversos participantes com relações pré-determinadas	Prática coletiva e colaborativa
Prática que denota um conjunto de saberes	Prática que mobiliza diversos saberes
Prática que considera o sujeito independente do tempo e do espaço	Prática que considera o sujeito como histórico e social
Prática que envolve materiais que a concretizam	Prática que envolve ações que a mobilizam
Prática que visa desenvolvimento de habilidades (processo de aquisição)	Prática que possui objetivos sociais

Fonte: Kleiman (2005)

Apesar de estas serem definições que se entrelaçam, consideramos a *alfabetização* como processo – inicial – de aquisição da linguagem escrita e apropriação da leitura, ou seja, uma prática específica de letramento. Não é incompatível, porém, pensar em um trabalho envolvendo alfabetização e letramento, desde que a prática social seja determinante aos objetivos escolares (KLEIMAN, 2007). A alfabetização, ancorada no letramento, vai além da aquisição do código escrito, pois centra-se nos interesses e objetivos dos colaboradores em relação ao processo.

Assim, mesmo sendo caracterizados como elementos distintos, alfabetização e letramento complementam-se nessa produção, visto que:

[...] Assumir como objetivo o letramento no contexto do ciclo escolar implica adotar na alfabetização uma concepção social da escrita, em contraste com uma concepção tradicional que considera a aprendizagem de leitura e produção textual como a aprendizagem de habilidades individuais. (KLEIMAN, 2007, p.1)

O papel dessa perspectiva no contexto educacional está em promover o ensino com gêneros (OLIVEIRA, 2010), materializados no texto (unidade de análise da língua), movimento este que privilegia a função social da escrita. Nesse sentido, o *gênero*³¹ é tratado de forma social, não sendo conceituado, apenas, como forma ou tipo, e, portanto, tornando-se um mecanismo de ação e transformando o movimento da escrita em um instrumento da agência.

³¹ Ressaltamos, novamente, que tratamos do conceito de gênero como ação social, partindo da Nova Retórica.

Com essa mudança de pensamento por parte do docente na maneira de *ensinar*, vem uma alteração no modo que o aluno trata o gênero, sendo-lhe oferecida a noção de que vários tipos de problemas cotidianos que se apresentam a eles podem ser solucionados através da leitura e escrita de textos, além da questão de autoria - de que a escrita do aluno é válida para circular em seu meio social e ser compartilhada com outros leitores.

No contexto educacional, para perceber o caráter social dos gêneros que circulam nessa e em outras esferas do cotidiano há a alternativa de se trabalhar com práticas e eventos de letramento, conceitos³² relevantes dentro dos Estudos de Letramento.

Práticas de letramento (STREET, 1984, p. 1), em complementaridade aos eventos de letramento, podem ser entendidas como usos culturais da leitura e da escrita (BAYNHAM, 1995), ou as práticas sociais e concepções de leitura e escrita (STREET, 1984), englobando, assim, processos intrassubjetivos, padrões de atividade e aspectos socioculturais do letramento. Como define Barton (1993), a junção entre práticas e eventos está no sentido de que as práticas de letramento são produzidas em eventos de letramento, e envolvem comportamentos, concepções, interpretações e seus usos em relação à leitura e à escrita. Essa complexidade das práticas possui, ainda, três dimensões (OLIVEIRA, 2010, p. 6): os variados contextos de atividade; as atividades particulares da vida cultural; e os seus diferentes sistemas simbólicos.

Amparados por discussões de Oliveira (2008), fazemos uma relação entre práticas de letramento e gêneros, considerando que os primeiros (leitura e escrita) são mediados ou subsidiados pelos segundos (materializados no texto), visto que ambos estão pautados na prática social e na atividade.

A principal diferença em relação aos eventos está no acesso à visibilidade dos construtos (práticas se tornam observáveis a partir de ações sociais em eventos de letramento), visto que há uma questão etnográfica envolvida nesta distinção (STREET, 2014).

³² [...] eventos de letramento são cenas observáveis, envolvendo pessoas interagindo com base em um texto escrito. Eles indicam que determinados usos da escrita estão presentes na comunidade; entretanto, nada nos diz sobre toda a significação que tais usos têm localmente. A noção de eventos salienta a natureza situada dos estudos de letramento, indicando que o uso da língua escrita não ocorre em qualquer contexto. Já as práticas de letramentos se referem não somente ao que as pessoas estão fazendo com um texto, mas inclui as ideias, atitudes, ideologias e valores que definem seu comportamento em um evento de letramento. (SANTOS, 2012, p. 79)

Os *eventos de letramento*, dessa forma, caracterizam-se como as ocasiões contextualizadas em que usam-se as práticas sociais de leitura e escrita. É o concreto, o registrável, a cena, a ação e os envolvidos. Por exemplo, ao ir para o *shopping* temos as lojas, o mobiliário, a movimentação e outros fenômenos que caracterizam este evento, bem como as práticas de leitura e de escrita específicas de uma esfera comercial (propagandas, cartazes, anúncios, cheques, vitrines *etc*). Por isso, quando as pessoas escrevem e leem, elas se engajam em eventos. A seguir, vemos um exemplo de evento do nosso programa, para elucidar o conceito:

Figura 11 – Evento de letramento sobre as Eleições 2014 (Descrição da imagem: membro da equipe escolar responde a entrevista realizada por uma aluna colaboradora do programa, sob supervisão de uma pesquisadora)



Fonte: Dados do Programa “Engajando famílias na escola”

Hamilton (2000), ao discutir esses conceitos, teoriza sobre algumas possíveis categorias a partir de elementos visíveis (eventos) e invisíveis (práticas). Assinala, portanto, que os eventos de letramento podem ser caracterizados por participantes³³, ambientes, artefatos e atividades, enquanto as práticas por participantes ocultos, domínios, recursos e rotinas.

Ela caracteriza os participantes como pessoas que interagem com os materiais escritos, os ambientes como circunstâncias da interação, os artefatos como materiais utilizados na mesma e as atividades como ações realizadas pelos colaboradores. Em relação aos elementos invisíveis, os participantes ocultos são indivíduos que participam das relações sociais, o domínio é posto como práticas dentro de que ocorre o evento, os recursos se organizam como aspectos apresentados nas práticas (referente a valores, por exemplo), e as rotinas seriam as regras que organizam essas práticas (como quem pode ou não participar das mesmas).

Uma alternativa para se trazer práticas e eventos ao ambiente escolar é por meio de projetos de letramento, conforme veremos a seguir.

³³ Utilizaremos a nomenclatura “colaboradores” em função da abordagem colaborativa de nossa pesquisa.

3.1.2 Dispositivos de letramento

No contexto brasileiro, o trabalho escolar ganhou novos âmbitos após a elaboração das novas metodologias curriculares e pedagógicas realizadas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN (Brasil, 1998), além de estes terem ampliado as discussões sobre o ensino de línguas assumido no contexto de estudos de leitura e escrita. Neste documento, são postos três dispositivos de organização didática, a saber: módulo, sequência e projeto, este último podendo ser executado como projeto temático, projeto interdisciplinar, projeto de classe, projeto de trabalho, projeto de letramento, entre outros.

Em nossa pesquisa, consideramos este conceitual com vistas à perspectiva do letramento, por isso, o trabalho é realizado através de *projetos de letramento*. Nestes projetos são considerados diversos aspectos: relação vida/escola, autonomia, liberdade, igualdade, democracia e emancipação social (OLIVEIRA, TINOCO & SANTOS, 2011), nos quais a interação e a agência ocorrem com o objetivo principal de promover uma mudança de visões de mundo e uma transformação de pensamentos dos colaboradores envolvidos – sejam eles alunos, professores, familiares, diretores, entre outros.

Além disso, a nível global, na sociedade de hoje, vemos o alcance e a influência de novas práticas de letramento, não apenas na identidade do aluno e em suas práticas em casa, mas em todo o seu ambiente social, incluindo o escolar. Conseqüentemente, esta nova forma de leitura e escrita do mundo simplesmente não pode ser ignorada em uma comunidade de aprendizagem.

Com isso, percebemos que os *projetos de letramento* são realizados a partir de uma concepção de ensino que considera a vida do aluno, sua interação com os outros discentes – assim como com professores e demais pessoas da comunidade, como também um currículo aberto para inserções que sejam de interesse do alunado. Sendo assim, consideramos que o *projeto de letramento* é:

Um conjunto de atividades que se origina de um interesse real na vida dos alunos e cuja realização envolve o uso da escrita, isto é, a leitura de textos que, de fato, circulam na sociedade e a produção de textos que serão lidos, em um trabalho coletivo de alunos e professor, cada um segundo sua capacidade. (KLEIMAN, 2000, p. 238)

Entendemos, então, que o uso da leitura e da escrita nesse contexto possui finalidade, ou seja, além dos objetivos de aprendizagem, existem funções sociais nos

gêneros lidos e produzidos, de modo que o foco, nos projetos, não está nos gêneros que o currículo considera conteúdos para a etapa de ensino em que nos inserimos, mas sim nos gêneros que possam ser relevantes para o desenvolvimento do projeto.

Sobre os projetos de letramento, Oliveira (2010) afirma, ainda, que englobam: comunidade de aprendizagem, ensino *com* gêneros, prática social, resolução de problemas, currículo dinâmico, agentes de letramento, aprendizagem situada e abordagem colaborativa.

Isso significa que, ao trabalhar nesta perspectiva, o marco inicial do trabalho é sempre um *problema*. A diferença que os projetos de letramento implementam, nesse aspecto, é o acréscimo da noção de práticas de leitura e escrita partindo de um problema que a escola ou a comunidade apresentem, e não do conteúdo a ser trabalhado ou relacionado a temáticas do livro didático, com uma circulação para leitores além do professor. Com essa mudança de pensamento por parte do docente na maneira de *ensinar*, vem uma alteração no modo que o aluno trata o texto, sendo-lhe oferecida a noção de que vários tipos de problemas cotidianos que se apresentam a eles podem ser solucionados através da leitura e escrita, além da questão de autoria - de que a escrita do aluno é válida para circular em seu meio social e ser compartilhada com outros leitores.

Como o ensino parte de problemas, e não de assuntos estabelecidos, o *currículo* deve ser *dinâmico* e partir das experiências como iniciativas para o ensino (aspecto que será discutido de forma mais sistemática no tópico 2.2.3). Considerando que, então, não há engessamento das ações educativas, os gêneros não são trabalhados como conteúdo, mas sim como *elementos organizadores* da ação de ensinar (OLIVEIRA, 2010). A partir desta percepção, os gêneros se inserem nas ações educativas a partir da relevância dos mesmos àquela experiência situada, sendo tratados de forma social.

Pensar na *natureza situada* das ações nos remete a *comunidades de aprendizagem*, visto que, nesta perspectiva, nossa sala de aula é um espaço para engajamento e interação. Essa questão é especialmente importante para trabalhos com o *letramento familiar* envolvido, visto que a concepção promove um vínculo entre escola e comunidade, assim como suas necessidades e seus interesses locais.

Dentre os aspectos que caracterizam uma comunidade de aprendizagem, destacamos: **agência, pertencimento, coesão e diversidade**. Trata-se de um lugar em que aprendentes fazem uso de uma meta-aprendizagem coletiva, fundamentados na interação, no diálogo, na reflexão conjunta e no

compromisso de atingirem objetivos comuns de aprendizagem. (OLIVEIRA, TINOCO & SANTOS, 2011, p. 52)

Tal relação não é possível sem que se estabeleça uma *abordagem colaborativa* de ação, ou seja, um movimento em que cada agente, de acordo com suas necessidades e possibilidades, colabore com o desenvolvimento didático, promovendo reflexão e interação. Nesse sentido, podemos considerar que há, também, um aprendizado em rede, pois este considera “representar a multidimensionalidade dinâmica das interações, vinculações e conexões presentes na constituição dos fenômenos sociais e humanos” (MANGIA & MURAMOTO, 2005, p. 2), sendo, assim, caracterizada como uma “teia de relações” (OLIVEIRA, 2003), na qual o grupo como um todo vivencia diferentes papéis para que as vozes de todos possam ser escutadas (ALVES, 2008), ou seja, um movimento em que cada agente, de acordo com suas necessidades e possibilidades, colabore com o desenvolvimento didático, promovendo reflexão e interação.

Vemos como necessária uma definição de *agência* na perspectiva do letramento, sendo ela que, através da escrita, de acordo com Bazerman (2011, p. 11-12), “fornece-nos meios pelos quais alcançamos outros através do tempo e do espaço, para compartilhar nossos pensamentos, para interagir, para influenciar e cooperar”. Dessa forma, dado seu caráter coletivo, a agência possibilita a transformação de comunidades, a partir da promoção de formas de participação em práticas de letramento (KLEIMAN, 2006).

Apesar de a escola ser considerada o principal local de agências de letramento pela sociedade, é importante lembrar que este fenômeno não se restringe apenas a esse ambiente: o contexto escolar é somente uma das várias esferas nas quais a agência pode ser localizada (igreja, família, comunidade, trabalho, entre outros). Assim, o termo refere-se à resolução de problemáticas de uma comunidade de aprendizagem, seja ela do meio escolar ou não.

Como exemplo da agência na perspectiva do letramento, pensemos na solicitação de uma mudança a partir do gênero Carta Aberta: os sujeitos envolvidos na pesquisa por argumentos, construção da carta e reescrita da mesma são agentes do processo, e esse procedimento se torna ação na medida em que os agentes tentam argumentar a favor do pedido feito e concentram essa prática na vida real, enviando a carta a um destinatário que seja capaz de conceder a solicitação aos agentes. Outro exemplo de agência se encontra em manifestações estudantis que trazem o uso da escrita e são ações com a iniciativa de alcançar certos resultados.

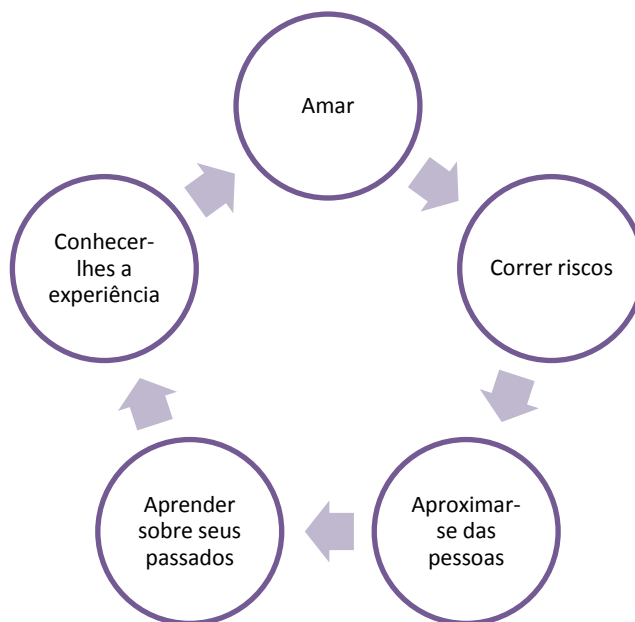
Todos os seres envolvidos em uma prática de letramento – independente de seus papéis sociais e do poder que possuem – são *agentes de letramento* (KLEIMAN, 2006), visto que mobilizam saberes em esferas nas quais há a preocupação com a função social dos textos. Por conseguinte, pessoas em relações sociais nas quais há a possibilidade de ação a partir de práticas de letramento – sejam elas professores, alunos, colegas, amigos, entre outros - estão envolvidas na agência e são agentes desse processo.

O aluno, como figura central do ambiente escolar, passa a configurar-se como um ser agente, a partir de, no contexto da alfabetização escolar que se insere esse trabalho, “uma visão da criança como cidadã, sujeito criativo, indivíduo social, produtora da cultura e da história, ao mesmo tempo em que é produzida na história e na cultura que lhe são contemporâneas” (KRAMER, 2002, p. 43). Com isso em vista, passa-se a reconhecer que o infante possui conhecimentos que devem ser compartilhados por práticas de leitura e escrita, mesmo que este ainda se encontre em processo de alfabetização, em colaboração com seus familiares e com a equipe escolar.

Vemos contribuições, também, no trabalho de Key (1998), a qual propõe discussões sobre programas de letramento, bem como formas de perceber e engajar nossos colaboradores, lutando contra o silenciamento. A autora comenta que os principais elementos de *shutdown* seriam a exclusão de vozes, que acarreta na perda de consciência do valor próprio do indivíduo, o medo em relação à percepção do outro sobre sua linguagem e o sofrimento a partir de percepções arrogantes na perpetuação das distâncias entre pessoas e instituições. A ideia proposta é que só identificamos o outro e promovemos relações de reciprocidade (por exemplo, entre professor e aluno) quando deixamos de lado percepções arrogantes e amamos os outros, ou seja, fazemos-nos se sentirem confortáveis, conhecemos-las e não propiciamos seu silenciamento.

Tal percepção encaminha a ação educativa para o enfoque em experiências pessoais, o currículo emancipador, a construção da identidade, história e voz.

Figura 12 – Princípios contra o silenciamento para a implantação de projetos de letramento



Fonte: KEY (1998)

Destacamos, também, as produções de nosso grupo de pesquisa as quais têm aumentado as discussões sobre projetos, a saber: “*Projetos de letramento na educação de jovens e adultos: o ensino da escrita em uma perspectiva emancipatória.*”, tese de doutorado defendida em 2012 pela Professora Doutora Ivoneide Bezerra de Araújo Santos, “*Projetos de letramento: ação e formação de professores de língua materna*” tese de doutorado defendida em 2008 pela Professora Doutora Glícia Marili Azevedo de Medeiros Tinôco, bem como o livro “*Projetos de letramento e formAÇÃO de professores de língua materna*”, publicado em 2011 pelas Professoras Doutoras Maria do Socorro Oliveira, Glícia Marili Azevedo de Medeiros Tinôco e Ivoneide Bezerra de Araújo Santos.

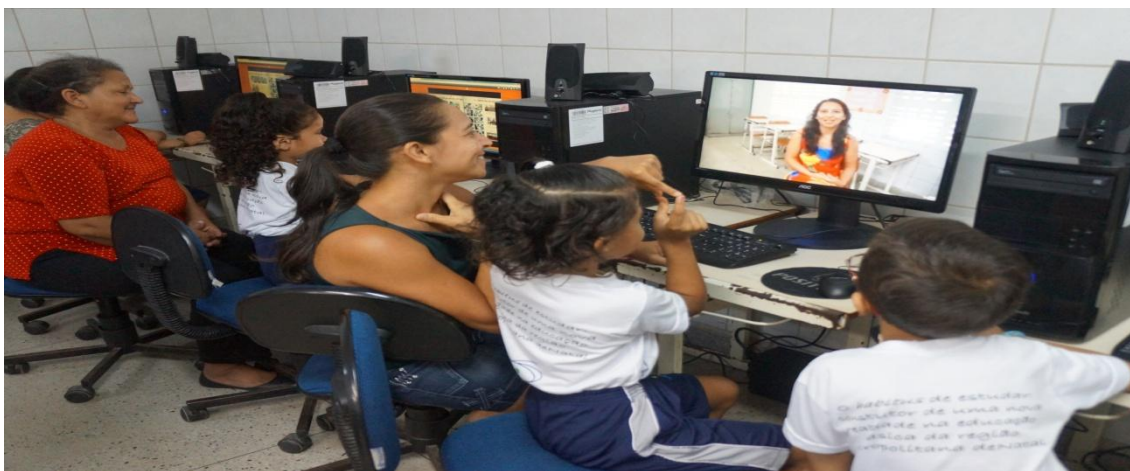
Esta última publicação já tem nos revelado consequências do trabalho com projetos de letramento, em relação a resistências e possibilidades de trabalho. No primeiro caso, algumas variáveis do próprio contexto (estrutura escolar e curricular, equipamentos, colaboradores, tempo, interesse *etc*) podem dificultar o acesso de projetos ao meio escolar, por isso é necessário conhecer o contexto, realizar formações com os colaboradores e promover recursos para a execução das atividades. Assim, o desenvolvimento de projetos pode ser uma possibilidade de a escola se engajar em trabalhos coletivos que contribuam para toda a instituição, desde que estudados previamente os mecanismos necessários para que os fins demarcados possam ser atingidos de forma ativa.

Finalmente, sabemos que “ler e escrever são ações que se dão em resposta a textos lidos, ouvidos, imaginados e vividos” (OLIVEIRA, 2011, p. 35), daí aparece o caráter reativo, reflexivo e agetivo dos projetos de letramento como práticas situadas de resolução de problemas da comunidade.

Tais atividades são edificadas considerando que “aprender por projetos é aprender respondendo a uma necessidade vinculada a uma prática social (...) algo (...) voltado para o passado e apontando para o futuro, embora centrado no presente.” (OLIVEIRA, TINOCO, SANTOS, 2011, p. 48). Dessa forma, atentamos ao conceito de projetos de letramento como práticas de leitura e escrita desenvolvidas no meio escolar *com fins sociais e específicos*, os quais vão além da mera aprendizagem conteudística formal.

Com esse encaminhamento, a leitura do ambiente escolar com perspectivas de letramento passa a ser de textos que circulem na sociedade por meio de suportes como jornais, blogs, redes sociais, revistas, entre outros, assim como a escrita dos colaboradores passa a possuir uma preocupação de circular em suportes, deixando de ser meramente uma produção a ser corrigida pelo professor e, assim, transpondo-se à sociedade. É nessa perspectiva que trazemos a prática do Jornal Flor à sala de aula, o jornal eletrônico (publicação *online* trimestral em que circulam os textos imagéticos, escritos e em vídeo produzidos por nossos colaboradores), utilizado como principal estratégia e suporte para o nosso programa.

Figura 13 – Colaboradores em prática de leitura com o Jornal Flor (Descrição da imagem: Uma avó, uma mãe e três crianças sorriem e assistem a vídeo produzido por eles, na sala de informática da escola)



Fonte: Dados do Programa “Engajando famílias na escola”

Nesse sentido, organizar nosso programa de letramento familiar sob o viés dos projetos de letramento nos fortalece ao estabelecer papéis aos colaboradores, provocar-lhes reflexão crítica sobre seus contextos, incitar o uso das práticas de letramento de forma social, bem como estabelecer aprendizados da comunidade em rede.

Com isso, vemos que com a inserção de projetos de letramento no contexto teve o papel de proporcionar o estabelecimento de, em colaboração com a escola e a comunidade, qual seria o problema enfocado em nossas ações, quais seriam os recursos disponíveis para as mesmas, que planejamento poderia orientar as atividades, que mudanças poderiam ser inseridas nesse planejamento durante o curso do programa, de que forma os colaboradores poderiam se engajar nas práticas realizadas, que gêneros seriam utilizados para atingir nossos fins, entre outros.

Pensamos que esta se mostra como uma grande alternativa de inserção das famílias ao contexto escolar.

A família é o elemento mais forte para moldar a vida. É a rede mais poderosa de apoio que há. É onde o ciclo de aprendizado começa, em que as atividades dos pais sobre o aprendizado se tornam valores educacionais das crianças. Através da educação de mais de uma geração, programas de letramento familiar constroem forças familiares e fornecem as ferramentas e o apoio que eles precisam para se tornarem mais fortes e auto-suficientes

(NATIONAL CENTRE FOR FAMILY LITERACY,
KENTUCKY, 2000)³⁴

2.2 Letramento familiar

2.2.1 Conceituação

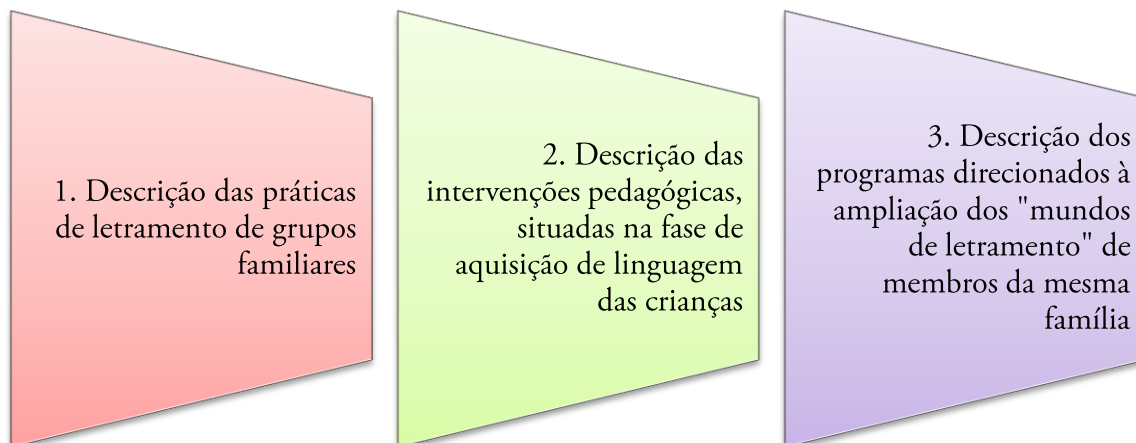
Sabendo que pesquisas com enfoque no letramento surgem a partir de *problemas*, a preocupação com a relação da família com as práticas de leitura e escrita foi motivada, academicamente, pela percepção de alguns pesquisadores de que há uma conexão entre o contato dos familiares com textos, assim como a presença/ausência de práticas escritas no ambiente familiar, com o sucesso escolar das novas gerações daquele contexto, conforme discutido primeiramente por Heath (1982). Assim sendo, analfabetismo adulto, sucesso escolar e integração familiar, entre outros aspectos, passaram a ser notados como questões que poderiam ser enfocadas para que, a partir do uso da linguagem, fossem dadas alternativas de ação.

O conceito em pauta, letramento familiar, então, remete a forma a qual familiares, cuidadores e crianças utilizam dos letramentos em casa e no seu dia a dia (GADSEN, 2002). O trabalho com o letramento familiar, então, reconhece a riqueza dos múltiplos conhecimentos que podem ser mobilizados em uma relação com a família, assim como se baseia na crença de que a primeira fonte de contato com os letramentos pelas crianças vem de casa; tendo isso em mente, a experiência compartilhada, a valorização dos letramentos, a responsabilidade pelo apoio ao ensino e as possibilidades culturais deste trabalho têm sido ganhos para o atual processo educacional.

Os interessados nesta temática, a partir dos anos 1980, acabaram por dividir o foco desses estudos em três aspectos, conforme apresentado por Wasik et al. (2000):

³⁴ The family is the strongest element in shaping lives. It's the most powerful support network there is. It's where the cycle of learning begins, where the attitudes of parents about learning become the educational values of their children. Through education of more than one generation, family literacy programs build on families' strengths and provide the tools and support they need to become stronger and more self-sufficient. (Tradução nossa)

Figura 14 – Focos de estudo em letramento familiar (WASIK et al., 2000)



Fonte: Wasik et al. (2000)

No primeiro caso, “descrição das práticas de letramento de grupos familiares”, é comum encontrar estudos nos quais o pesquisador faça visitas regulares às casas de seus colaboradores, para analisar, por exemplo, quais são os livros que estes possuem e que ações são mobilizadas a partir da escrita e da leitura naquele ambiente. No exterior, Eve Gregory (2005) mostrou resultados de uma pesquisa com irmãos de Bangladesh, em suas casas, e as práticas de letramento por eles protagonizadas; no Brasil, destacamos a tese defendida por Goulart (2012) em relação à escrita e à leitura de uma comunidade familiar originada de pais analfabetos. Em alguns contextos, esse enfoque se mostra como a primeira etapa de uma pesquisa que possa objetivar a criação de um programa de letramento familiar. Percebemos que essa pesquisa pode ser caracterizada como um elemento dificultador, pois sugere adentrar em um espaço particular das famílias envolvidas, mas também pode criar uma relação de proximidade entre os colaboradores própria do interpretativismo.

Na “descrição de intervenções pedagógicas, situadas na fase de aquisição da linguagem das crianças”, há uma preocupação em estabelecer uma relação entre as famílias e o ensino desde suas etapas iniciais, para promover o encadeamento de ações entre essas duas esferas. Este tipo de pesquisa corrobora com a concepção de que incentivos e interações com a língua escrita e com formas de comunicação, no período de aquisição de linguagem, a partir de livros e tentativas de leitura, por exemplo, favorecem o aprendizado. Os chamados *letramentos emergentes* (*emergent literacy*,

conforme Marie Clay, 1966)³⁵ se relacionam ao letramento familiar devido ao forte papel que a esfera domiciliar possui neste processo de contato com a linguagem.

Finalmente, na “descrição de programas direcionados à ampliação dos ‘mundos de letramento’ de membros da mesma família”, o planejamento é da criação de ações conjuntas e colaborativas entre crianças e adultos da mesma família, visando pelo ensino e aprendizado compartilhado, cada qual com suas necessidades e possibilidades de atuação. Bruner (1986), inclusive, traz-nos a metáfora do “andaime” (*scaffolding*) para justificar que a assistência de pessoas mais velhas às crianças em tarefas iniciais colabora para o seu processo de aprendizado ativo. Tal tipo de ação foi muito desenvolvido em países de língua inglesa (Inglaterra, Austrália, Canadá e Estados Unidos) nos quais imigrantes chegavam sem domínio da língua oficial; assim, os programas objetivaram a aquisição da língua em comunidades multilinguais, argumentando que as famílias seriam peças chave para a socialização das crianças (KENDRICK et al., 2005).

É difícil colocar nosso trabalho como pertencente a apenas uma dessas correntes, por ter tido contribuições consideradas nas três situações; cremos que não poderia ser diferente, visto que, para desenvolver um programa de letramento familiar, é necessário passar por essas etapas, mesmo que de forma breve. Dito isso, podemos dizer que ele se situou, então, na terceira corrente apresentada, devido aos objetivos do Programa estarem direcionados ao trabalho colaborativo familiar, ampliando possibilidades do contexto ao trazer contribuições dos pais para além de somente na esfera familiar, transpondo sua presença, também, ao domínio escolar. Sabendo que o letramento é *plural e situado*, seus usos também variam; portanto, trazer o letramento familiar para o contexto do letramento escolar certamente trará novas práticas, utilizações e atividades realizadas pelos agentes de letramento (alunos, familiares e membros da comunidade em que nos inserimos).

Nesse sentido, discutimos o conceito de letramento familiar, observando sua ligação à definição de Programas.

³⁵ O trabalho de Doutorado de Marie Clay não foi publicado, mas ela é considerada pioneira ao cunhar o termo. Esta referência foi retirada de Joseph (2006), “Understanding, Assessing, and Intervening on Reading Problems”.

2.2.2 Programas

Figura 15 – Definição da palavra *programa*

pro·gra·ma
substantivo masculino

1. Ordem que se há de observar nos diferentes números de uma festa ou cerimônia pública.
2. Papel que enuncia essa ordem.
3. Condições de um concurso.
4. Enumeração das matérias que se hão de ensinar num curso.
5. Enumeração dos propósitos de um partido.
6. Delineamento geral dos diversos pontos que se hão de tratar num trabalho literário.
7. [Por extensão] Desígnio, projeto.
8. Exposição resumida que um indivíduo ou um partido faz dos seus princípios ou do caminho que se propõe seguir.
9. Conjunto de instruções, de dados ou de expressões registradas num suporte e necessárias para a execução de uma série de determinadas operações, pedidas a um computador.

Palavras relacionadas: [programado](#), [programação](#), [programar](#), [programador](#), [matéria](#), [descompilar](#), [emular](#).

Fonte: Dicionário Priberam.

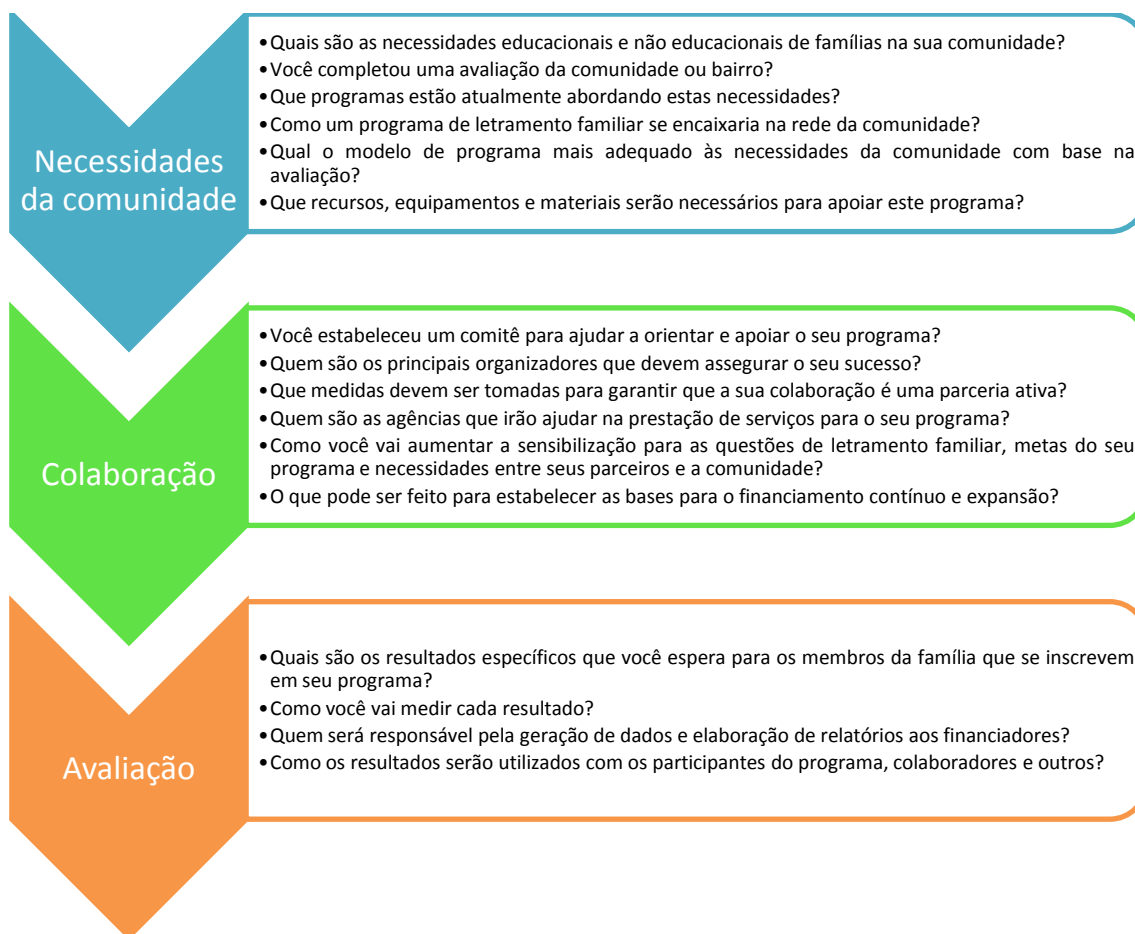
Disponível em <<http://www.priberam.pt/dlpo/programa>> Acesso 21 Jan 2014

Ao pensar no que são *programas*, remetemos à sua definição e observamos relações-chave entre o conceito e algumas palavras, das quais destacamos *propósitos*, *delineamento*, *projeto*, *princípios*, *caminho* e *conjunto*. Vemos, assim, que deve haver um planejamento de ações a serem realizadas (delineamento) em uma ordem relevante aos colaboradores (caminho) com objetivos bem definidos (propósitos) e que respondam às necessidades locais (princípios) em um sistema relacional e significativo (projeto) que forme um todo (conjunto).

De forma mais específica, temos os *programas de letramento familiar*. As particularidades deste enfoque devem ser observadas desde o momento de preparação deste programa. No guia organizado pela Literacy BC³⁶ (2000), alguns questionamentos são elencados a fim de serem levados em conta no início de um programa nesta perspectiva. Trazemos, a seguir, aqueles relevantes a nosso contexto, separado por tópicos conforme a publicação original.

³⁶ British Columbia

Quadro 7 – Trechos do guia para programas de letramento familiar (LITERACY BC, 2000)



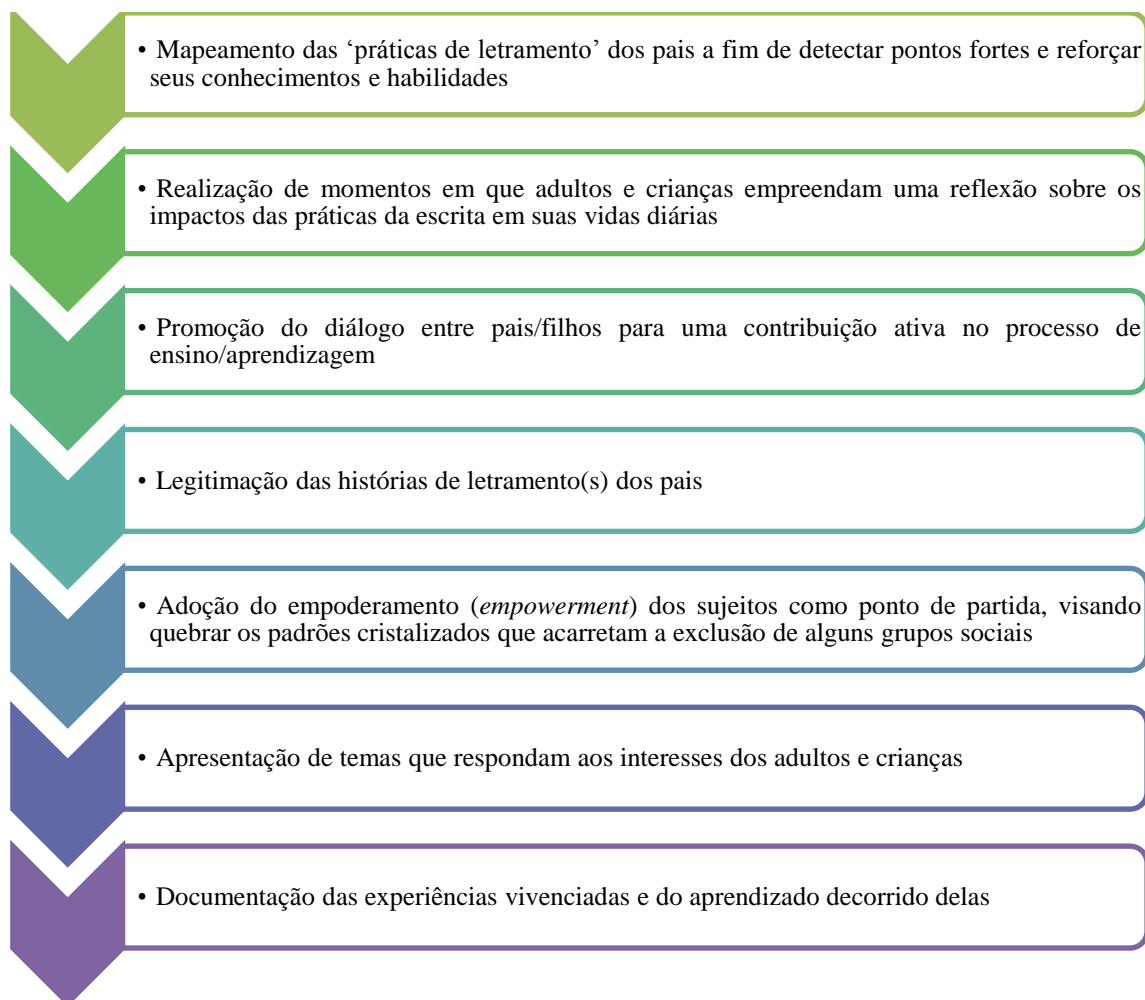
Fonte: Dados do Programa “Engajando famílias na escola”

Consideramos, ainda, “a importância de que os programas de letramento familiar honrem as forças que os participantes trazem (...) mas também apontem para formas as quais o letramento, em um sentido Freiriano, pode ser pessoalmente transformador e libertador.”³⁷ (KENDRICK, ROGERS, SMYTHE & ANDERSON, 2005, p. 5). Procurando atender às demandas para serem considerados programas, estes promovem (RASMUSSEN, 2000; CASPE, 2003): atividades de leitura e escrita valorizadas pelas famílias, de acordo com seu contexto, que os encorajem a experiências compartilhadas; aumento da habilidade (empoderamento), visto que promovem formações, cursos e/ou atividades voltadas para essas habilidade, e acompanhamento dos pais e familiares para apoiar o desenvolvimento letrado das crianças; provimento de oportunidades de aprendizado adequadas às crianças nas esferas escolar e familiar; e, ainda, oportunidade para os pais seguirem seus próprios objetivos educacionais.

³⁷ “(...) the importance of family literacy programs honouring the strengths that participants bring (...) but also points to the ways in which literacy, in a Freirian sense, can be personally liberating and transformational.” (Tradução nossa)

Caspe (2003) elenca alguns princípios passo a passo para nortear este tipo de trabalho, os quais trazemos abaixo:

Quadro 8 - Princípios norteadores de programas de letramento familiar (CASPE, 2003)³⁸



Fonte: Caspe (2003)

Apresentamos dois exemplos de ações reconhecidas internacionalmente e uma breve descrição de cada uma delas, para que haja uma melhor compreensão sobre o funcionamento destes programas; são elas: Parents as literacy supporters (PALS), *Os pais como apoiadores no letramento* (tradução livre), e Raising Early Achievement in Literacy (REAL), *Aumentando conquistas iniciais no letramento* (tradução livre).

³⁸ Texto original: “Strive to understand parents’ literacy strengths and reinforce their knowledge and skills. Believe that literacy is acquired through shared dialogue, where learners are actively contributing to their own learning. Provide opportunities for adults and children to reflect on literacy practices in their daily lives. Recognize the literacy history of parents and that all parents come with some memories of literacy. Grow out of needs of participants and examine resources in a sociocultural context. Adopt an empowerment philosophy and take action to break down patterns of social isolation. Respond to the interests of adults and children. Document their experiences and learn from them, which at the same time contributes to building a research base for family literacy.” (CASPE, 2003, p. 5)

Quadro 9 – Exemplos de programas internacionais de letramento familiar

O PALS é um programa que foi co-desenvolvido pelo Professor Doutor Jim Anderson e por Fiona Morrison em 1999 e continua ativo e crescendo pela Inglaterra (iniciou-se em duas escolas e hoje funciona em 26 distritos escolares). No livro “Portraits of Literacy Across Families, Communities, and Schools” (KENDRICK, ROGERS, SMYTHE & ANDERSON, 2005), *retratos do letramento entre famílias, comunidades e escolas* (tradução livre), o programa é descrito como uma assistência a familiares para que estes possam apoiar o aprendizado das crianças em idade escolar a partir da realização de sessões para os pais, professores e facilitadores conversarem sobre a aprendizagem, assim como a promoção de oportunidades para que os familiares estejam em atividades dos filhos na sala de aula e possam levar materiais do programa para realizar em colaboração em casa.

Já o REAL (NUTBROWN, C.E., HANNON, P., & MORGAN, A., 2005), também da Inglaterra, começou a ser desenvolvido em 1995 e teve a duração de dez anos, com a perspectiva de pouca intensidade e longa duração, em favor de familiares de crianças no início do percurso escolar (assim como pré-escolar), sendo oferecido principalmente em áreas periféricas ou a comunidades bilíngues. Consistiu de visitas domiciliares, provimento de recursos letrados, atividades grupais, comunicações postais e, opcionalmente, educação para adultos. Teve como achados a grande participação e o pequeno número de desistências, com professores e familiares positivos em relação à experiência, assim como efeitos para a aprendizagem das crianças.

Fonte1: Kendrick, Rogers, Smythe & Anderson, 2005

Fonte2: Nutbrown, C.E., Hannon, P., & Morgan, A., 2005

2.2.3 Desafios e resistências do letramento familiar

Com quase vinte anos de discussões, o conceito de *letramento familiar* ainda sofria pela falta de teorizações na área. Até hoje, são poucos os apontamentos que embasem esse tipo de estudo, em comparação a outros afins. Temos compreendido que isso é resultado de que muitas das ações voltadas para o letramento familiar não foram documentadas de forma acadêmica; nesse sentido, a pesquisa ainda fica atrás da prática.

Um problema enfrentado pelos defensores do letramento familiar nos Estados Unidos é a falta de evidências empíricas que suportem os programas. A maioria dos programas estão em seus estágios iniciais, e são de serviço e não de investigação orientada (Nickse, 1990). Portanto, embora seja possível encontrar algum suporte teórico para o letramento familiar a partir de áreas afins, como a alfabetização de adultos, letramento emergente, ciência cognitiva, a educação infantil e teoria de sistemas da família, há pouca evidência de que outros programas de letramento familiar efetivamente cumpram os diversos objetivos para os quais foram concebidos. (PUCHNER, 1997, p. 5)³⁹

³⁹ “One problem faced by family literacy advocates in the United States is the lack of empirical evidence supporting the programs. Most programs are in their initial stages, and are service and not research oriented (Nickse, 1990). Therefore, although it is possible to find some theoretical support for family

Apesar de este não ser o caso dos programas que apresentamos, esse problema mostra-se como realidade quando vamos procurar mais a fundo por exemplos de pesquisas na área; o material, principalmente na literatura nacional, é escasso. Há o reconhecimento da necessidade e da realização dessas práticas engajadas (e, conforme a área da LA na qual nos inserimos, a serviço da comunidade e em favor dos colaboradores), mas a documentação não tem sido feita na maioria dos casos. Por isso, pesquisadores brasileiros sentem dificuldade em traçar os passos e as metas de um programa de letramento familiar. Esperamos, com essa dissertação, contribuir para os conhecimentos da área nesse sentido.

Além da problemática conceitual, enfrentamos outras resistências neste tipo de trabalho, as quais podem ser consideradas desafios para a implementação dos programas. Padak, Sapin & Baycich (2002, p. 15) colocam três desses fatores: (i) as *qualidades e características do pessoal* envolvido; (ii) *informações sobre currículo e ensino*, incluindo os pressupostos curriculares, práticas pedagógicas e descrições de programas para grupos específicos de famílias; e (iii) *colaboração*, tanto externa como interna para os programas.

O primeiro aspecto refere-se tanto a uma formação relacionada à área (e, quando não, a realização de leituras e discussões acerca dela) bem como à capacidade destes membros de se arrisarem e envolverem, serem sensíveis e trabalharem em equipe em prol deste programa. Visto que, normalmente, os professores devem implementar os programas em sala de aula, mas não participam (por diversos fatores) do desenvolvimento das políticas e dos programas, encontrar um pessoal preparado e disposto a este trabalho pode ser um desafio.

Já o segundo, ao remeter ao currículo, traz um dos grandes impasses da realidade brasileira: a vontade pelo novo *versus* a estrutura curricular que engessa certas práticas escolares. O trabalho com o programa requer um currículo delineado por interesses, experiências e conhecimentos dos participantes, dando espaço a problemáticas de fora da escola de forma flexível. Atender às exigências governamentais e, ao mesmo tempo, realizar um trabalho situado e valorado pelos colaboradores pode se tornar algo árduo.

literacy from related fields such as adult literacy, emergent literacy, cognitive science, early childhood education, and family systems theory, there is little other evidence that family literacy programs actually fulfill the various goals for which they are designed.” (Tradução nossa)

Finalmente, a colaboração é um fator chave para o sucesso de nossas ações. Não são somente as famílias que precisam estar disponíveis e dispostas ao programa, visto que, ao trabalhar com letramento familiar, nós nos inserimos no domínio escolar e, no nosso caso, no domínio público. A falta de apoio pelas escolas e suas equipes, assim como pelas organizações públicas (responsáveis por transporte ou financiamento necessário a alguma ação, por exemplo), pode minar as chances de sucesso do programa.

Por isso, há toda uma estrutura que precisa estar *engajada* durante o processo.

2.2.4 Formas de engajamento

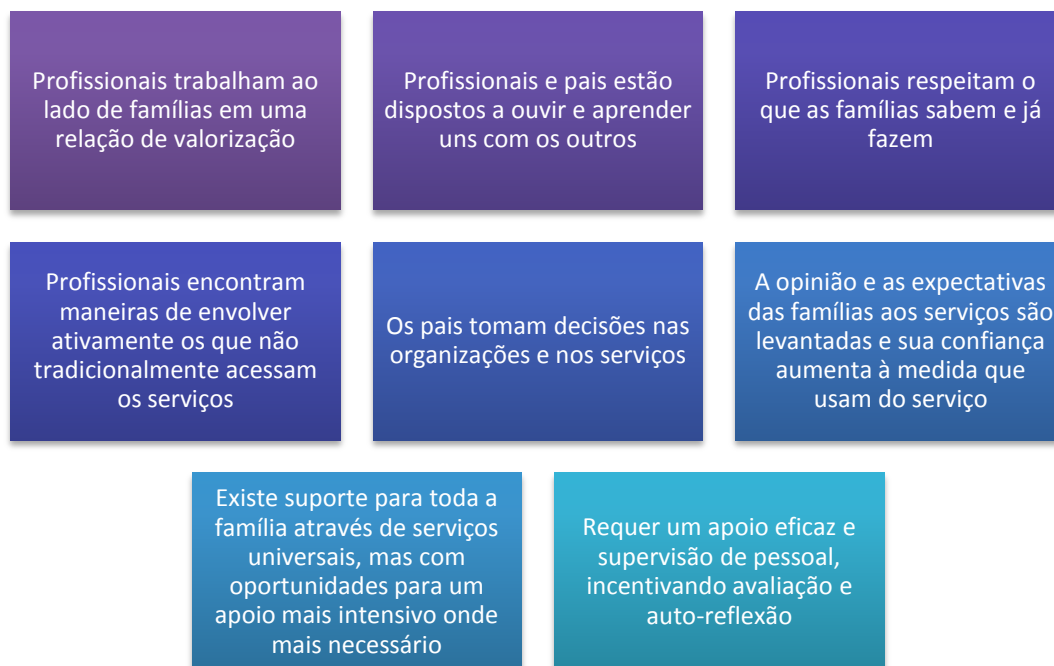
Engajar nossos colaboradores nas atividades, especialmente tratando-se de um programa, o qual exige certa duração, pode ser difícil. Manter o interesse e realizar propostas que possuam significado aos colaboradores é essencial para uma prática efetiva. De acordo com Cairney (2005, p. 58), para que essas parcerias entre família-escola-comunidade funcionem, é preciso, ainda:

(...) CONHECER nossas comunidades e as pessoas, ter contato com elas, e ser aberto e dialógico em nossas abordagens. ENTENDER nossas comunidades – fazer mais do que simplesmente manter contato; procurar entender a linguagem, a cultura e o tecido social. RECONHECER o significado dos ‘fundos de conhecimento’ que trazem e com os quais contribuem. VALORIZAR nossas comunidades e o que suas pessoas têm a oferecer – não de maneiras simbólicas, mas por ouvir os membros da comunidade. APRENDER a partir das comunidades, como também prover oportunidades para que eles aprendam sobre seus objetivos e estratégias chave.⁴⁰

Gostaríamos de destacar que o engajamento não se mostra, apenas, como primeiro passo para a construção de programas envolvendo famílias na escola. Esta questão deve permear todas as ações, a partir de estratégias que evoquem relevância aos colaboradores. Em conformidade com esse pensamento, o grupo NCB (*National Children's Bureau*), situado na Inglaterra e focado em políticas, pesquisas e práticas, desenvolveu um guia com princípios de engajamento com as famílias, mostrando dez passos para uma parceria *bem sucedida e contínua*:

⁴⁰ “to: KNOW our communities and their people, be in contact with them, and be open in dialogue in our approach to them. UNDERSTAND our communities – do more than maintain contact; seek to understand their languages, cultures, and social fabric. ACKNOWLEDGE the significant ‘funds of knowledge’ they bring and contribute. VALLUE our communities and what their people have to offer – not in token ways but by listening to parents and community members. LEARN from our communities as well as providing opportunities for them to learn about our goals and key strategies.” (Tradução nossa)

Figura 16 – Princípios de engajamento com as famílias



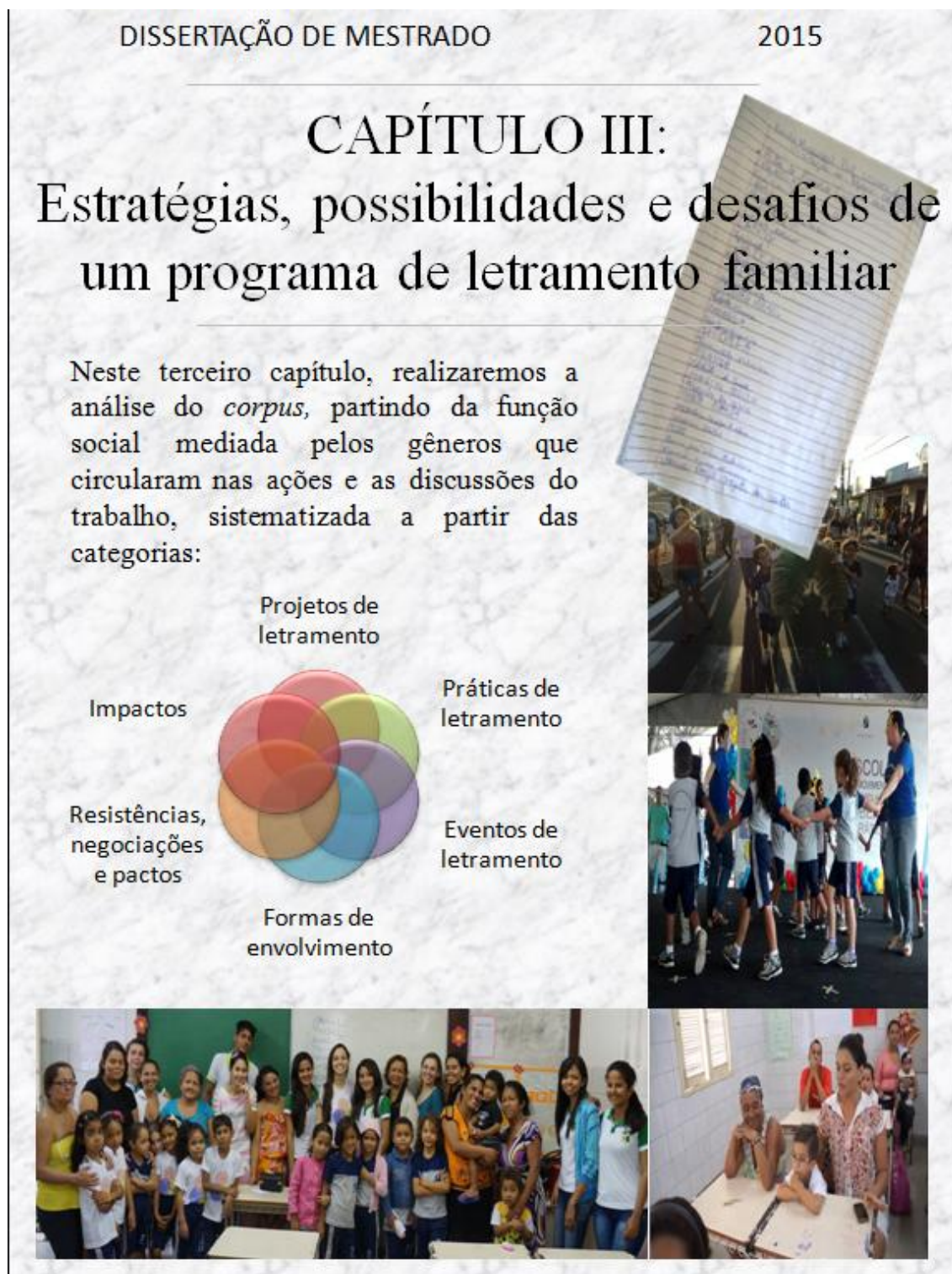
Fonte: NCB (2010)

Com isso, vemos a necessidade de aproximação com o contexto e de conhecer que necessidades desses colaboradores devem ser atendidas, assim como mobilizar situações em que os familiares possam se envolver no planejamento e na avaliação das atividades realizadas. Anderson (1994) também percebeu que o desejo das crianças em participar destes programas pode motivar a regularidade das famílias nas ações. O reconhecimento de que o envolvimento dos familiares nas atividades escolares melhora a relação dos alunos com este ambiente, muitas vezes refletindo em um aprendizado bem-sucedido, também serve como ferramenta para que haja participação nestas atividades.

No próximo capítulo, “*Estratégias, possibilidades e desafios de um programa de letramento familiar*”, veremos, no contexto de nossa pesquisa, de que forma ocorreu o engajamento dos colaboradores, bem como quais foram as práticas e eventos promovidos durante nosso programa, que resistências, negociações e pactos foram necessários e quais os impactos promovidos por essa atividade.

ESTRATÉGIAS, POSSIBILIDADES E DESAFIOS DE UM PROGRAMA DE LETRAMENTO FAMILIAR

Figura 17 – Abertura do Capítulo 3



Fonte: Dados do Programa “Engajando famílias na escola”

3.1 Projetos de letramento

As atividades do programa de letramento familiar foram empreendidas considerando-se as características de projetos de letramento, caracterizados como um dispositivo didático. Vamos retomá-las, conforme nosso referencial teórico acerca desse dispositivo (OLIVEIRA, 2010):

Figura 18 – Características de projetos de letramento



Fonte: Oliveira (2010)

Observando a figura, o primeiro passo para a construção das ações seria pensarmos na questão do PROBLEMA. Dado o caráter etnográfico de nossa pesquisa, isso foi feito a partir de observações (que geram Notas de Campo) e de Questionários aplicados na fase exploratória da pesquisa. Sendo assim, destacamos, abaixo, um recorte de fala da professora da turma na qual nos situamos, em momento inicial da pesquisa:

Quadro 10 – Relato da professora (Notas de campo)

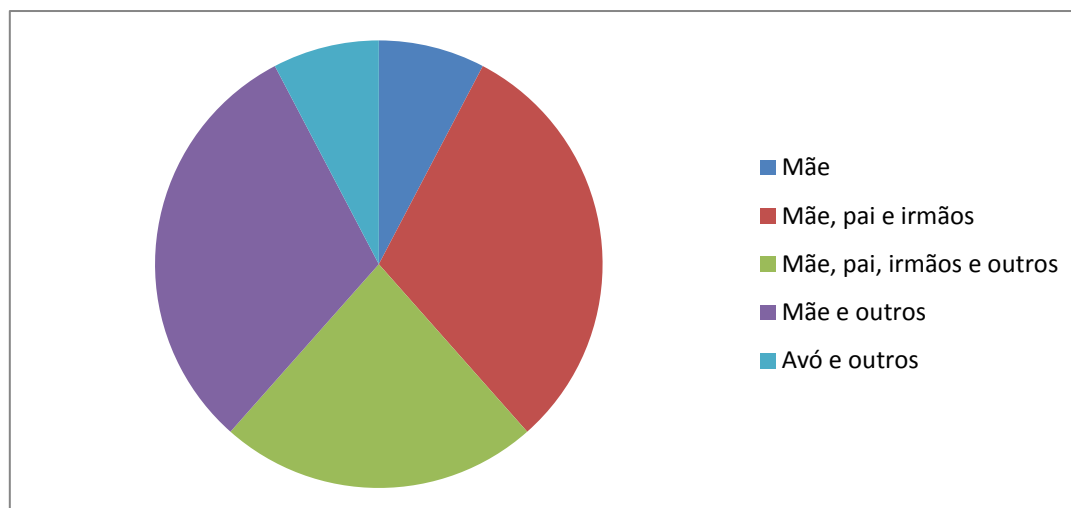
“As famílias na sua grande maioria atendem as expectativas da escola, colaboram e participam das reuniões, dos eventos e dos projetos escolares. Entretanto algumas famílias não participam da vida escolar dos seus filhos e com isso se percebe dificuldades na caminhada, contribuindo para o fracasso escolar. A direção escolar observa que as maiores dificuldades que os pais têm em realizar o acompanhamento dos filhos estão relacionadas a alguns fatores como: baixa escolaridade de alguns pais, falta de tempo, trabalho fora de casa, desinteresse, entre outros, pois, às vezes, são priorizados outros interesses pessoais em detrimento das necessidades dos filhos, há casos de desajuste familiar, algumas famílias são constituídas de pais separados, filhos que moram com os avós, mães que estão ausentes por morarem fora do domicílio dos filhos, alunos que passam o dia com os irmãos mais velhos, aos cuidados de vizinhos ou outros parentes. Diante desse quadro, o acompanhamento escolar não acontece e a escola, muitas vezes, é o único local onde esse aluno recebe as orientações para sua vida de formação pessoal, social e profissional. Entretanto, observa-se que os alunos com resultados mais satisfatórios são os que recebem acompanhamento e reforço em casa, isto é percebido quando as famílias deixam e buscam os filhos na escola, favorecem tempo de estudo, organizam uma rotina diária, participam da vida escolar do filho e quando têm dúvidas sobre os resultados das aprendizagens vem à escola para repassar e receber orientações, contribuindo para a melhoria da qualidade da educação de toda comunidade escolar. Juntas, família e escola, vão ensinando valores importantes para o desenvolvimento integral dos filhos/alunos, como: ética, cidadania, solidariedade, respeito ao próximo, autoestima, respeito ao meio ambiente, enfim, conhecimentos que favorecem ao filho/aluno a ser um adulto flexível, que saiba resolver problemas, que esteja aberto ao diálogo, que encare as mudanças que o mundo vai lhe impor, com muita responsabilidade e sabedoria, pois o primeiro grupo com quem o filho/aluno ao nascer tem contato é a família, e é através dela que adquire seus hábitos, suas regras, seu modo de viver, incluindo aí a sua educação. Para que essa educação seja formalizada entra o suporte da escola, espaço no qual os valores irão se agregar e, gradativamente, o filho/aluno vai perceber que a fonte da sua identidade se fortalece com o contato com outros grupos: escola, comunidade e a sociedade em geral.”

Fonte: Notas de campo da professora da turma (Dados do Programa “Engajando famílias na escola”)

Com base nesse relato, decidimos enviar aos familiares questionários que apontassem a constituição das famílias, bem como esclarecessem a relação família-escola, visto que essa foi uma problemática⁴¹ tratada como relevante pela professora da turma. Em sala de aula, também iniciamos uma conversa com os alunos, que gerou autobiografias, narrando a constituição familiar. As informações dadas pelos alunos geraram a Figura 19, apresentada na página seguinte:

⁴¹ Destacamos que a escola não tinha projetos que abordassem a vinculação das famílias às atividades escolares, sendo estes, por isso, uma necessidade que poderia se encaixar na rede da comunidade.

Figura 19 – Pessoas que moram na residência do aluno



Fonte: Questionário - Ficha da Família e Autobiografias
(Dados do Programa “Engajando famílias na escola”)

Tais dados sugerem que há certa diversidade entre os círculos familiares dos alunos, fato que já era esperado por ter se tornado comum à sociedade atual⁴². Essas informações nos deram suporte para pensar ações de integração desses familiares com a escola, visto que, além de a própria professora posicionar-se positiva acerca dessa colaboração, as famílias também o fizeram:

Quadro 11 – Respostas de familiares acerca do envolvimento com a escola

<i>É muito importante para a aprendizagem da criança a família participar. (Adri de Lima)</i>
<i>Sim, é importante para ficarmos sabendo do aprendizado. (Lau Oliveira)</i>
<i>Com os pais presentes, o desenvolvimento será bem maior. (Nita Rameiro)</i>
<i>É muito importante para o futuro deles. (Mando Batista)</i>
<i>Para ficar informado de tudo. (Line Rolim)</i>
<i>Para o aluno ter mais conhecimento. (Lucy dos Santos)</i>
<i>Porque fica sabendo o desenvolvimento do seu filho na escola. (Rafa da Silva)</i>
<i>Tanto é importante para o aluno quanto para o responsável. (Gi Barbosa)</i>
<i>Sim, porque é importante estar sempre atento a tudo que acontece com os filhos no colégio. (Mari Silva)</i>
<i>Pra saber o comportamento do aluno. (Eli Silva)</i>
<i>Ajuda na educação, no aprendizado. (Rosa Silva)</i>

Fonte: Questionários – Ficha da família (Dados do Programa “Engajando famílias na escola”)

⁴² “Ao se discutir família não se deve pensar apenas no modelo nuclear patriarcal, já que esta vem se modificando e construindo novas relações a partir de transformações vivenciadas pela sociedade.” (SANTANA, OLIVEIRA, MEIRA, 2013, p. 2)

Dessa forma, tomamos como problema, considerando a relevância para a comunidade, a relação família-escola, e nosso programa de letramento familiar, calcado na construção de projetos de letramento, focou na construção de práticas de leitura e escrita voltadas para essa problemática. Mobilizamo-nos, então, na construção de um programa que pudesse envolver os familiares na escola bem como nas ações, para que estas pudessem ser compartilhadas dentro e fora da comunidade. Neste âmbito se insere nosso principal recurso para apoiar as ações do programa, um jornal eletrônico. Esta prática de letramento é caracterizada como um recurso vivo, uma ferramenta de publicação e distribuição de informações em rede, pela *internet* ou por meios digitais que permite o fortalecimento e engajamento dos alunos e das famílias nas atividades curriculares.

Dentre as especificidades dessa prática, percebemos a (i) instantaneidade, (ii) interatividade, (iii) perenidade, (iv) multimediação, (v) hipertextualidade e (vi) customização, segundo Palácios (2001b).

A primeira característica refere-se à capacidade de transmitir instantaneamente um fato; uma publicação eletrônica é rápida, fácil e barata de ser produzida; a segunda é considerada a comunicação mediada por tecnologias (o que é possível de ser feito por qualquer pessoa com acesso à internet): escrever um comentário na página do jornal, comentar com outras pessoas sobre a produção, exibir a página em um artigo, por exemplo; a terceira baseia-se no fato de que, quando produzimos jornais, não produzimos apenas um exemplar, pois se espera haver várias edições trazendo e abraçando diferentes temas sobre a comunidade; a quarta é a possibilidade de utilização conjunta de várias linguagens (imagens, textos, vídeos, sons) nesta produção, variando as formas de escrita e leitura do contexto; a quinta é uma referência a outro recurso, por exemplo, colocar na capa do jornal os temas que serão abordados nessa edição, trazendo links para outros sites ou publicações; finalmente, a sexta baseia-se no teor de personalização que pode ser feito, desde a escolha das fontes que são usadas até o tipo de textos que circulam na nossa prática.

Com relação aos estudos de Letramento, aporte teórico de nossa pesquisa, percebemos uma ligação forte entre os conceitos devido ao jornal ser uma prática, por si só, social; o jornal eletrônico ser um forte instrumento de divulgação de produções escritas; os exemplares possuem função e fazerem com que os colaboradores exerçam *agência* e influência sobre outros sujeitos, dada a circulação e visibilidade das ações; as

possibilidades de trabalho colaborativo e estabelecimento de papéis nessa prática; entre outros aspectos.

Dessa forma, assumimos o *Jornal Flor* (do jornal eletrônico ao e-book), no contexto escolar e com a participação familiar, na intenção de que pudesse trazer influências positivas à situação da comunidade e trazer elucidacões nesta pesquisa sobre o contexto situado da comunidade.

O *Jornal Flor* é o recurso por meio do qual a maioria dos textos de nossas ações foram veiculados e disponibilizados, primeiramente, *online*, culminando na construção de um livro impresso e um *e-book*, publicados no ano de 2015. A publicação *online* do *Jornal Flor* rendeu 4.448 (quatro mil e quatrocentos e quarenta e oito) leitores ao site, conforme dados do Google Analytics®, desde 4 de junho de 2014 até o dia 17 de dezembro de 2015.

Figura 20 – Capa do *Jornal Flor*



Fonte: Dados do Programa “Engajando famílias na escola”

Na capa do Jornal Flor, aparece o título (em fonte de aluna), imagens que estamparam as três edições do jornal eletrônico (também criadas por alunos), uma breve descrição, os organizadores e parceiros da produção. O nome do jornal eletrônico, dotado de expressão poética, brotou da decisão dos próprios alunos, os quais realizaram uma votação em sala de aula em um dos primeiros encontros do programa.

Quadro 12 – A escolha do nome do jornal

Foi lindo como os alunos decidiram qual seria o nome do jornal, iniciamos mostrando alguns periódicos que circulam aqui na cidade do Natal, mostramos como eles são elaborados, quais as contribuições que são necessárias para que ele seja editado e como a escolha do título é importante para o sucesso do jornal junto com as matérias que nele são colocadas. Após essa etapa os alunos foram estimulados para pensar um nome para o nosso jornal e eles escolheram muitos nomes, depois foi feita uma seleção dos nomes e eles escolheram “Jornal Flor”.

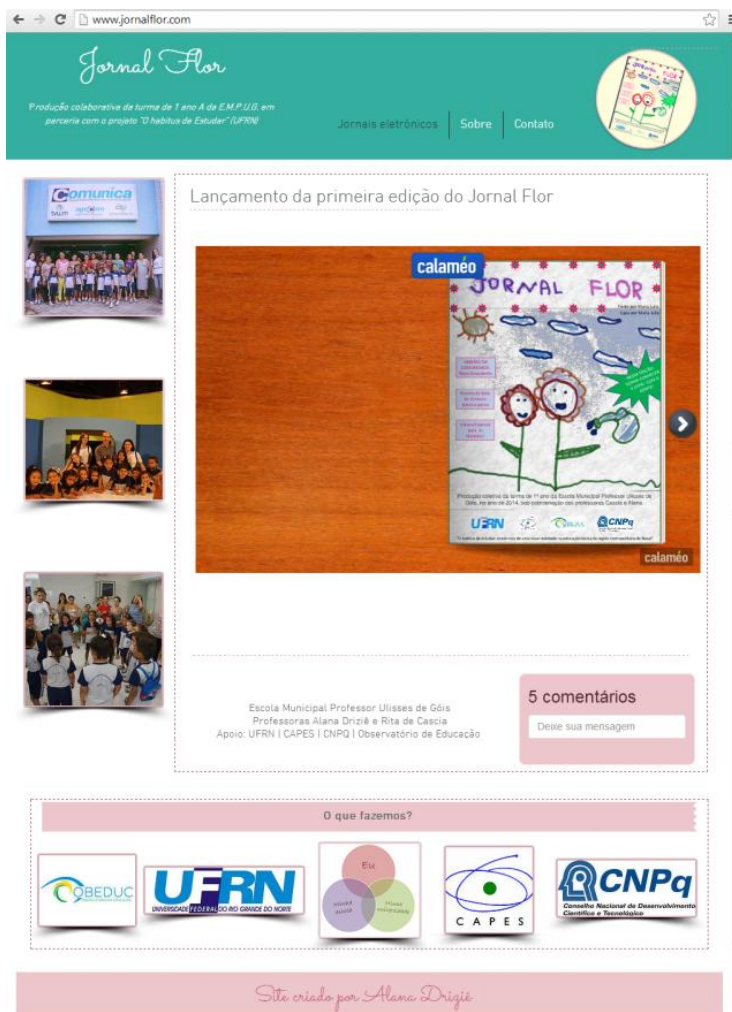
Fonte: Notas de Campo da professora da turma (Dados do Programa “Engajando famílias na escola”)

Posterior a esse momento, iniciamos as ações de linguagem do programa. Iremos detalhar as produções das famílias, dos alunos e de colaboradores da equipe escolar no tópico *práticas de letramento*. Entre elas, estão autobiografias, histórias de vida, relatos, reportagens, cartas, resumos, pesquisas, notícias e comentários. O contexto favorável do recurso utilizado para fortalecer essas atividades diz respeito à visibilidade dos trabalhos realizados, promoção de comunicação e expressão nos textos, participação em espaços públicos, relação com a comunidade e outros membros da equipe escolar e, principalmente, o interesse e a motivação dos alunos e, também, das famílias, para participar e publicar seus textos e suas fotos.

Para construir as três edições publicadas no nosso Jornal Flor, utilizamos o programa Microsoft Office Power Point 2010®, com configurações de página personalizadas para um formato de jornal. Nele, inserimos as práticas de leitura e escrita, as fotos, os áudios e vídeos realizados de forma colaborativa durante os eventos. Quando salvo em formato PDF⁴³, o arquivo pode ser facilmente publicado *online*, conforme mostraremos a seguir (Figura 21), em captura da tela de uma das nossas publicações.

⁴³ *Portable document format*

Figura 21 – Captura da tela das nossas produções



Fonte: Site [HTTP://jornalflor.com](http://jornalflor.com)

Figura 22 - Família acessando o *Jornal Flor* (Descrição da imagem: três membros familiares acessam, animados, a plataforma eletrônica de circulação do jornal)




Fonte: Dados do Programa “Engajando famílias na escola”

Torna-se perceptível que, ao trabalharmos com o jornal e os textos nele inseridos, utilizamos uma concepção de ENSINO COM GÊNEROS, imergindo os alunos nas práticas sociais deles decorrentes. Ter o *Jornal Flor* como elemento organizador do nosso programa permite que os gêneros sejam usados como ferramentas de ensino, e não como uma tática de ensino “sobre” o texto. Esse recurso exige que haja uma abordagem contextualizada das produções e que os gêneros circulem, conforme vemos, na Figura 22, três colaboradores acessando nosso jornal.

Um dado em relação a isso é apresentado no Quadro abaixo, no qual apresentamos as práticas de letramento realizadas no Dia dos Avós – a feitura de uma carta à/ao avó/avô, colocada em envelopes e endereçada a um dos avós, que responderia à mensagem de seu neto. Se o foco da atividade fosse o ensino “sobre” um gênero (no caso, a carta), o enfoque da atividade seria em aspectos estruturais do texto, ao invés da função social da prática.

Quadro 13 – Carta de aluna à avó no Dia dos Avós (esq.), seguida de resposta (dir.)

	<p><i>Esta cartinha tão simples mas em cada letrinha pude me emocionar com um gesto tão carinhoso. Pude ver que na simplicidade das palavras senti o amor da minha neta. Fiquei ou seja estou feliz pelo desempenho dela, e na força de vontade de poder demonstrar como o seu amor por mim é tão grande, eu me sinto presenteada por Deus por minha neta, amei a cartinha pois vou guardar bem. Tchau e obrigada pelo espaço.</i></p> <p><i>Gi Barbosa (avó de Kah Barbosa)</i></p>
---	--

Fonte: Gêneros que circulam no Jornal Flor (Dados do Programa “Engajando famílias na escola”)

Ainda, pautamos nosso programa em um conjunto de atividades dispostas em um CURRÍCULO DINÂMICO, ou seja, baseando-se nas experiências cotidianas para o ensino da linguagem. A parceria com a escola e, especialmente, com a professora da turma, possibilitou que nossas ações fossem (re)organizadas, modificadas e acatadas sabendo-se que poderiam se afastar, se necessário, do planejamento inicial da série, já que deveriam estar voltados para a formação dos alunos. Isto dava relevância ao trabalho realizado, o que era visto por todos. Apresentamos um relato do coordenador geral de um dos projetos relacionados a nosso programa de letramento familiar, o qual demonstra algumas das ações desenvolvidas e sua apreciação:

Quadro 14 – Rodas de conversa

Eu quero agradecer a participação dos pais, dessa forma que vocês estão acompanhando esses filhos, isso é muito difícil de fazer, nós visitamos várias escolas dentro de Natal e a participação dos pais é muito limitada, mas com vocês foi diferente, nós fomos à universidade, acho que vocês gostaram de visitar a universidade, nós fomos lá à outra escola, ficaram felizes com a biblioteca de uma escola que não tinha, buscamos essa visita, para que os seus meninos participem e publiquem no jornal, na ideia do jornal, no meu entendimento, uma ideia pedagógica, que foi trabalhada ao longo do ano, para que os nossos filhos possam melhorar a escrita, possam melhorar a expressão oral, enfim para tudo aquilo que tem a ver com a educação, então, eu me sinto feliz.

Fonte: Anexo 6 – Recorte da fala do Prof. Dr. Moisés Alberto Calle Aguirre (Dados do Programa “Engajando famílias na escola”)

Os movimentos dinâmicos se relacionam à concepção de APRENDIZAGEM SITUADA, visto que o contexto e a comunidade estão à frente das discussões de temáticas organizadas. Mostramos no Quadro 15, por exemplo, um dos *eventos de letramento* promovidos pelo programa: a visita a vários espaços da Universidade, seguida da construção de um relato colaborativo.

Quadro 15 – Imagem da visita à UFRN e relato colaborativo de mãe e filha

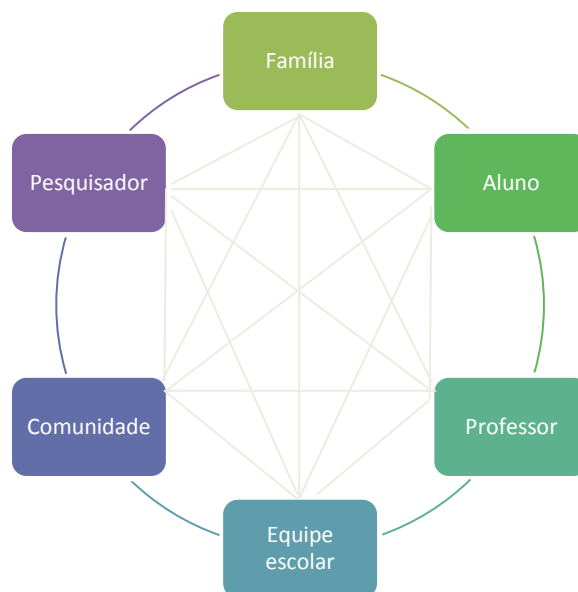


Eu, Edi Rameiro, e Flá Dantas achamos muito interessante os animais empalhados. Flávia também gostou das brincadeiras, porque toda criança tem direito a educação e ao lazer, ela amou tudo, ela disse “mamãe, gostei muito, você foi comigo, você vai de novo, sim”. O passeio foi especial para nós porque cada dia que passo com minha filha aprendo mais, quero participar mais e mais da educação dela e dos passeios.

Fonte: Gênero veiculado no Jornal Flor (Dados do Programa “Engajando famílias na escola”)

A ABORDAGEM COLABORATIVA (IBIAPINA, 2008), assim, é intrínseca a esse desenvolvimento, visto que a família é inserida no contexto escolar para trabalhar junto dos alunos, professores e outros colaboradores. Essa *teia de relações* (OLIVEIRA, 2003) pode ser observada a seguir:

Figura 23 – Rede de aprendizagem colaborativa estabelecida em nossa pesquisa



Fonte: Dados do Programa “Engajando famílias na escola”

Nesse sentido, de acordo com as possibilidades e capacidades de cada um (híbrido de alunos e familiares alfabetizados e não alfabetizados, dada a série escolar de atuação, bem como a história de vida dos colaboradores), construímos ações que possibilitassem a construção de uma **COMUNIDADE DE APRENDIZAGEM** (OLIVEIRA, 2010).

Com vistas a esse propósito, os colaboradores atuam como **AGENTES DE LETRAMENTO** (KLEIMAN, 2006), já que interagem, colaboram e podem modificar a comunidade através de suas práticas de letramento; a relação família-escola pôde ser alterada a partir dessa concepção, pois os familiares, ao escreverem junto dos alunos, sentem-se agentes e se constroem como fazendo parte da comunidade escolar.

Ao realizar as produções para o jornal eletrônico, o aluno se tornou agente no seu processo de aprendizagem. A escola passa a ter um alicerce sólido para desenvolver uma proposta que promova a criticidade de seus alunos sobre o mundo da comunicação, essa realidade dominante da cultura contemporânea que, muitas vezes, se sobrepõe à própria escola.

Ademais, a comunicação desse dispositivo permite que a escola ofereça as condições para que os alunos atuem também na mobilização social da comunidade onde estão inseridos. A escola passa a ter a possibilidade de interferir no ambiente onde acontece a educação informal através das relações familiares e sociais, fazendo com que os conhecimentos trabalhados na escola ultrapassem seus muros, tornando seus alunos

atores desse novo processo de aprendizagem, de articulação com o interno da escola e o externo que é a comunidade onde a escola está inserida. Abaixo, por exemplo, vemos um dos trabalhos colaborativos do nosso programa, em que mãe e filha realizam, juntas, uma prática de letramento:

Figura 24 – Prática de letramento familiar (mãe e filha) (Descrição da imagem: em sala de aula, mãe e filha encontram-se sentadas próximas e realizando uma prática de escrita colaborativa)



Fonte: Dados do Programa “Engajando famílias na escola”

Na figura, registro de sala de aula, vemos uma quebra de paradigmas ao posicionar os familiares de forma central no processo de ensino aprendizagem realizado na escola, pois estes se sentam junto aos alunos, produzem com eles colaborativamente e participam das aulas, de forma interativa com os outros colaboradores. Tais momentos proporcionam o diálogo, a conscientização, a prática e a reflexão sobre valores, conforme veremos nas próximas categorias de análise.

A seguir listamos, de forma geral, os eventos e as práticas que foram realizados nos projetos de letramento do nosso programa. Destacaremos, nas próximas análises, alguns deles com as respectivas práticas de escrita ou de oralidade.

Quadro 16 – Eventos e práticas inseridos nos projetos de letramento do Programa

Eventos de letramento	Práticas de letramento ⁴⁴
Apresentação do programa	Convite Projeto Autorização Questionário Histórias de letramento
Conhecendo os agentes	Fotografias Questionário Autobiografias
Reportagem informativa: o bairro de Nova Descoberta	Relatos (alunos) Entrevistas (familiares)
Falando sobre a Páscoa	Receita
Projeto “Eu, minha escola, minha Universidade” Eventos: apresentação da temática; visita à Universidade; criação de notícia; relato como atividade de casa.	Convite Autorização Mostra de vídeos Desenhos Planejamento Palestra Fotos Notícia Relato
Coluna da mamãe	Desenho Relato Comentário
Publicação da primeira edição do Jornal Flor	Convites Jornal Comentários
Exposição do dia dos avós	Bilhete Comentários Exposição Cartas
Projeto “Família e literatura” Eventos: contação de histórias de leitura; visita do projeto “Divulgando leituras conquistando leitores”; leitura e interpretação literária; histórias como	Convite Histórias de leitura (vídeo) Roda de leitura Jogos Notícia Conto

⁴⁴ Viabilizadas a partir de gêneros textuais, conforme discussão teórica da pesquisa.

atividade de casa; feitura de resumo como atividade de casa; cobertura da inauguração da biblioteca de outra escola; construção de reportagem e relatos do momento.	Poema Histórias Resumo Fotos Reportagem Relato (vídeo) Relatos (atividade de casa)
Comemoração do dia dos pais	Desenho Comentário
Desfile da independência	Fotos Notícia Relato (vídeo)
Intenções de voto nas Eleições 2014	Pesquisa Figura
Publicação da segunda edição do Jornal Flor	Jornal Flor Comentários Relatos (vídeo)
Participação na CIENTEC	Apresentação musical Banner
Coluna social	Fotos Notas (vídeo)
Reflexões sobre o programa	Comentários (vídeo)
Publicação da terceira edição do Jornal Flor	Apresentação Roda de conversa Jornal Flor Certificados DVDs
Lançamento do livro Jornal Flor	Convite Autorização Apresentação História Agradecimento Comentários Jornal Flor (livro)

Fonte: Notas de campo (Dados do Programa “Engajando famílias na escola”)

3.2 Eventos de letramento

Figura 25 – Alguns eventos de letramento de nosso programa (Descrição da imagem: diversos eventos de letramento protagonizados pelos agentes do programa, dentro e fora da escola)



Fonte: Dados do Programa “Engajando famílias na escola”

Entre os eventos de letramento apresentados na seção anterior, destacamos alguns para comentarmos de forma mais sistemática, considerando um recorte dos dados que foram gerados em cada ação. Na figura de abertura dessa categoria, apresentamos outros momentos do programa nos quais os colaboradores se inseriram em práticas colaborativas (dentro e fora de sala de aula), momentos de resgate da própria história, de valorização da comunidade, de criticidade acerca de acontecimentos de âmbito nacional, de apreciação sobre o Jornal Flor, entre outros.

O primeiro evento que iremos apresentar é “Conhecendo o bairro de Nova Descoberta”. Uma das ações iniciais do nosso programa, que visou, essencialmente, um conhecimento inicial sobre os alunos e suas famílias (todos os alunos moram neste bairro, visto que a Secretaria Municipal de Educação recebe alunos nas escolas de acordo com a localidade de suas casas) bem como uma preocupação com o contexto da escola e as problemáticas que o envolvem. Para isso, recolhemos relatos (em vídeo) dos alunos, os quais realizaram entrevistas (escritas) com seus familiares acerca da temática.

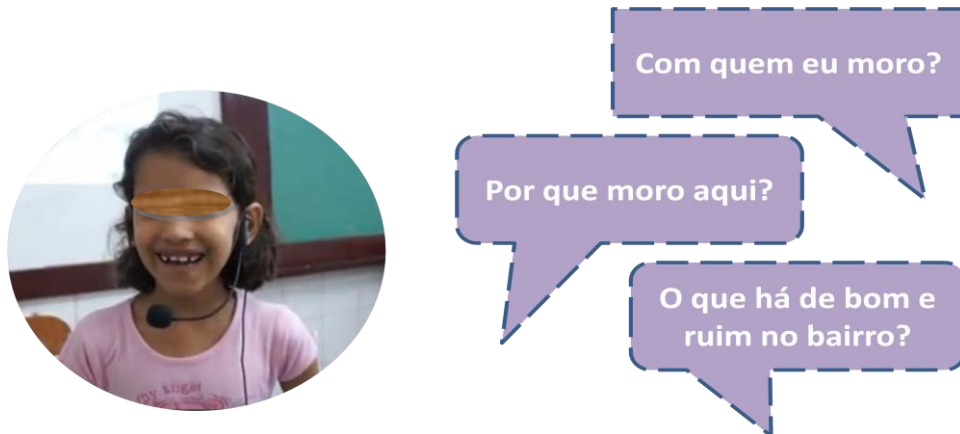
Os alunos (muitos em sua primeira experiência com vídeo) comentaram sobre principais locais e movimentações presentes assim como com quem moravam (o que possibilitou que conhecêssemos a estrutura familiar de cada um). Nas produções dos familiares, foi possível ver a própria história inserida naquele sítio assim como críticas pontuais – por exemplo, à violência e ao barulho e perspectivas para o futuro de seus filhos. Tivemos grande participação (12 de 15 familiares), o que se mostrou como um saldo positivo ao programa. Os textos produzidos nessa e nas próximas ações serão discutidos no tópico *práticas de letramento*.

Quadro 17 – Relato da professora da turma acerca da atividade

O bairro de Nova Descoberta é o bairro onde mora todos os alunos que participam do Projeto: O Habitus de Estudar, por essa razão foi programada uma matéria exclusiva sobre o bairro onde os alunos e suas famílias seriam os atores responsáveis pelos resultados dessa matéria. Explicamos para os alunos que eles e seus familiares seriam convidados a falarem sobre o bairro onde residem. Preparamos os alunos e convidados as famílias para esse momento. Foi organizado um espaço na escola para a gravação das falas dos alunos e familiares, para nossa alegria os resultados foram além do que esperávamos, pois houve a produção de reportagens com os alunos e pais contando um pouco sobre onde moram, porque moram nesse bairro e o que o bairro tem de bom e de ruim, todos os resultados encontram-se na 1ª edição do Jornal Flor.

Fonte: Notas de Campo da professora da turma (Dados do Programa “Engajando famílias na escola”)

Figura 26 – Aluna realizando a gravação do seu relato sobre o bairro



Fonte: Jornal Flor (Dados do Programa “Engajando famílias na escola”)

O segundo evento de letramento apresentado é “Visitando a UFRN”, que se insere no conjunto de atividades (subprojeto) “Eu, minha escola, minha Universidade”, uma iniciativa do projeto “O *habitus* de estudar: construtor de uma nova realidade na educação básica da RMN” para oportunizar o conhecimento do meio acadêmico por alunos de escolas públicas parceiras, construindo relações de envolvimento com o espaço. Para darmos continuidade às nossas atividades, achamos pertinente fazer com que os familiares e as crianças conhecessem o ambiente acadêmico no qual se situa nossa pesquisa bem como o projeto maior do qual ela faz parte.

Após recebermos os dados de que a maioria dos familiares não havia prosseguido com os estudos (apenas dois familiares possuem ensino médio completo), decidimos tratar sobre a importância do ensino e da continuidade da escolarização das crianças atendidas no projeto. Aproveitando a proximidade com a Universidade (de ônibus, a escola fica a cinco minutos da UFRN) assim como a parceria com o projeto e o programa viabilizados pela mesma, agimos em prol da realização de uma visita que incitasse interesse naquele espaço. Por isso, convidamos todos a refletirem sobre a possibilidade de visitarmos a UFRN, sugestão que foi acatada. Para tal, alguns eventos anteriores e posteriores ao principal foram necessários.

Antes da visita, realizamos a apresentação da temática, momento em que levamos convites para a visita, autorizações para saída da escola, assim como vídeos institucionais e fotos da Universidade, para discussão sobre o espaço. Comentamos sobre o que poderia ser encontrado na Universidade e muitos alunos e familiares ficaram admirados com o mundo de possibilidades que esta reserva. Depois, construímos o planejamento das ações, para que, enfim, pudéssemos efetivá-las.

O evento ocorreu com a visita de vários espaços: o Museu, a TV e o CCHLA. Nesses locais, houve palestras e jogos. As principais falas do evento foram do Professor Doutor Moisés Alberto Calle Aguirre, o qual destacou a sua história de letramento, como forma de incentivo, e a do Professor Doutor Marcone de Oliveira Maffezzoli, coordenador da TV Universitária, o qual contribuiu com informações acerca da produção de um jornal (dispositivo didático de veiculação das nossas produções). A primeira parada foi no Museu, onde fomos recebidos pelos bolsistas que lá atuam, os quais iniciaram a fala apresentando o que se estuda naquele local. Seguimos para a sala dos Vertebrados e Invertebrados, nesse espaço, as dinâmicas e jogos dos bolsistas envolveram todos os colaboradores. Depois disso, tivemos uma palestra com o coordenador do projeto, Prof. Dr. Moisés Alberto Calle Aguirre, o qual se utilizou de sua história escolar para incentivar os pais nesse aspecto. Seguimos, então, à TV Universitária, onde fomos recebidos pelo seu coordenador, que, sabendo do nosso trabalho com um jornal, dispôs-se a apresentar a todos a rotina midiática universitária. Após nosso lanche, retornamos à escola.

Procuramos sensibilizar os pais sobre a educação dos filhos e vimos alguns casos em que os pais repensaram seu próprio processo educacional dentro da instituição. Uma mãe relatou seu desejo de cursar Pedagogia e de estudar naquele ambiente, assim como muitos alunos ambicionaram continuar seus estudos até esta etapa de ensino.

Posterior ao evento, ocorreu a criação da notícia e a produção de um relato colaborativo, os quais serão explorados em nosso próximo tópico.

Figura 27 – Visitando a Universidade (Descrição da imagem: os treze alunos e seus familiares, além de dois membros da equipe escolar, posicionados em frente ao prédio da TV Universitária, na UFRN)



Fonte: Dados do Programa “Engajando famílias na escola”

Outro projeto que gerou vários eventos de letramento familiar foi nomeado “Família e literatura”. Este momento foi suscitado por inquietações da professora da turma, a qual via a necessidade de trabalhar a literatura e o incentivo à leitura, para criar um *habitus* de leitura nos alunos desde os anos iniciais de alfabetização. Por considerarmos que envolver a família nessas práticas seria um ganho para a escola e para o letramento familiar, iniciamos nossos eventos enviando um convite aos pais para participarem de atividades em sala de aula.

Neste evento, nomeado “Divulgando leituras, conquistando leitores⁴⁵” (doravante DLCD), iniciamos a manhã propondo que os familiares nos contassem suas histórias de leitura em formato de vídeo, as quais apareceram, muitas vezes, entrelaçadas às histórias de vida deles próprios, estando assim esses colaboradores compartilhando suas histórias com outros familiares e outros alunos. Ainda, em parceria com Teresa Paula, coordenadora do DLCD, realizamos um programa de leituras literárias junto ao grupo de alunos de ensino médio do Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN) de Nova Cruz, no interior do Estado, integrantes do projeto DLCD. O grupo que nos visitava propôs uma roda de leitura e alguns jogos interpretativos, conforme ilustra o relato abaixo, seguido de figura que ilustra uma das avós do nosso programa participando das ações:

Quadro 18 – Notas de campo da professora da turma acerca do evento literário

No dia 4 de agosto de 2014, o grupo “Divulgando leituras conquistando leitores”, da cidade de Nova Cruz (RN), foi convidado por Alana Driziê para fazer uma apresentação para os alunos do 1º ano A, da EMPUG e seus familiares. Foi um momento rico, pois o grupo apresentou a leitura do conto “A Caixa de Pandora”, realizou dinâmicas envolvendo os alunos e os familiares que compareceram. No momento de uma das dinâmicas algumas mães puderam expressar o sentimento de ter uma família. Foram relatos lindos e significativos, pois cada família tem uma história de vida diferente. Foi importante esse momento e agradecemos a coordenadora do projeto Sr^a Teresa Paula Leôncio, por fazer da literatura algo tão fascinante.

Fonte: Notas de campo da professora da turma (Dados do Programa “Engajando famílias na escola”)

⁴⁵ Projeto de letramento literário que se integrou às ações desenvolvidas no nosso projeto de letramento familiar.

Figura 28 – Grupo de leitura em jogo com participação de uma avó colaboradora (Descrição da imagem: membros do programa DLCD realizam dinâmica com uma caixinha de objetos, e uma das avós colaboradoras participa de olhos vendados)



Fonte: Dados do Programa “Engajando famílias na escola”

Além desse evento, destacamos o “Lendo a biblioteca”, iniciativa que promovemos para aproveitarmos o acervo literário que a escola possui para nossas ações. Assim, levamos os colaboradores até o espaço da biblioteca e deixamos que eles escolhessem um livro para levar para casa. Encaminhamos, então, a atividade de um resumo dessa leitura, o qual teria de ser assinado e feito em colaboração entre o aluno e pelo menos um familiar. Ainda, pedimos que cada família nos contasse uma história própria a partir daquela leitura. Conforme o relato abaixo, essa prática de letramento foi muito marcante para a professora da turma, trouxe-lhe novos conhecimentos sobre seus alunos e proporcionou maior compreensão acerca do conceito por nós explorado:

Quadro 19 – Notas de campo da professora da turma acerca das leituras

Como é habitual os alunos irem à biblioteca da escola, propomos um momento de leitura dos alunos com os pais, não na escola mais em casa. Conversamos com os alunos e para fortalecer o trabalho literário que os alunos realizam na escola, foi decido que eles iriam à biblioteca para escolher um livro infantil para levar para casa e junto com os pais leriam e fariam um resumo para trazer para escola. Os alunos ficaram muito interessados nessa atividade, pois dissemos que todos os resumos seriam colocados no Jornal Flor, foi uma euforia geral, pois envolvemos também a professora da biblioteca e ela deu grande apoio na escolha dos livros junto aos alunos. [...] As atividades vivenciadas na sala do 1º ano A através do Projeto “O Habitus de Estudar” não se restringe aos eventos realizados na escola ou fora dela, realizamos trabalhos com os gêneros literários com a participação dos alunos e das famílias e a Coluna Literária “Era uma vez” e a Coluna Social com as “Histórias colaborativas” fez lembrar as histórias de vida das famílias. Histórias lindas e cheias de emoção. Tem relatos que falam sobre: Aniversário com a família..., Churrasco em família..., Passeio ao Parque das Dunas..., Minha família..., Uma mãe que precisa trabalhar fora..., Minha vida... e outras histórias incríveis e marcantes, onde se não fosse essa atividade talvez eu (Profª Cascia) nunca tenha tido essa oportunidade de conhecer mais de perto um pouco da intimidade das famílias dos meus alunos. O bacana é que a forma como foi conduzida a atividade levou as famílias a se sentirem a vontade para partilhar conosco essas histórias maravilhosas. Após as famílias encaminharem as histórias, fizemos com os alunos um momento de partilha, isto é, lemos para eles as histórias e eles ficaram encantados com os relatos. Isto é o que entendo que seja o verdadeiro trabalho sobre “O letramento familiar”.

Fonte: Notas de campo da professora da turma (Dados do Programa “Engajando famílias na escola”)

Após esse trabalho envolvendo a biblioteca, o qual, assim como todos, sempre era compartilhado em reuniões na Universidade, nossos colaboradores foram convidados a participar de uma ação em outra escola, colaboradora do projeto “*O habitus de estudar: construtor de uma nova realidade na educação básica da RMN*”. A Escola Municipal José Horácio de Góes, depois de três anos reunindo recursos, finalmente tinha construído sua biblioteca e organizaria um evento para apresentá-la à comunidade discente. Sabendo que trabalhávamos com a veiculação de textos no *Jornal Flor*, os colaboradores daquela escola pediram que fôssemos fazer a cobertura desse evento com nossos editores (alunos e familiares). Considerando o currículo dinâmico como algo aberto a mudanças, aceitamos o convite e organizamos o próximo evento de letramento apresentado.

“Inaugurando uma biblioteca” foi um evento que precisou de grandes mobilizações, visto que o trajeto para a outra escola duraria, em média, 1 hora e 30 minutos (a escola é de zona rural). Com transporte alugado com recursos do OBEDUC/CAPES, chegamos à escola e fomos surpreendidos com uma festa de apresentações musicais e teatrais, além do espaço da biblioteca e os livros disponíveis. Para registrar o momento, utilizamos de fotos, criação de notícia do momento, entrevista à bolsista da escola, relatos escritos colaborativos e um relato em vídeo da diretora da escola, da professora da turma e de uma das mães que estava presente.

Abaixo, destacamos nossos principais registros desse momento: 1) o espaço da biblioteca da escola visitada (o que foi comentado em vídeo, por nossos colaboradores, como um lugar lindo como um jardim, por ser, apesar de pequeno, cuidado e belo para os alunos da escola) e 2) foto dos nossos colaboradores bem como alguns representantes da escola, como representação de uma parceria que deu certo:

Figura 29 – Biblioteca / Familiares, alunos e equipe escolar no evento de inauguração da biblioteca



Fonte: Dados do Programa “Engajando famílias na escola”

Outro evento notório do programa foi “Encerrando as ações do programa”, no qual, após convidarmos os familiares para momento em sala de aula, apresentamos a terceira edição do Jornal Flor, realizamos uma roda de conversa sobre as ações (que envolveu, também, a equipe escolar e a coordenação do projeto financiado pelo OBEDUC) e entregamos as três edições do Jornal Flor impressas para os familiares e alunos assim como Certificados de participação e DVDs com os vídeos e as versões eletrônicas dos textos. Esse momento foi de suma importância para percebermos o retorno que as ações deram aos colaboradores na culminância do programa e será explorado a partir das transcrições de vídeos na seção *Impactos*. A seguir, destacamos o registro fotográfico desse momento; nele, percebemos o envolvimento dos nossos colaboradores em relação ao programa (muitos alunos estavam com mais de um familiar presente no evento, todos contribuíram com lanches e participaram das discussões acerca do projeto, as quais contaram, ainda, com a participação de vários membros da equipe escolar e acadêmica parceira do nosso programa).

Figura 30 – Encerrando as ações do programa (Descrição da imagem: doze alunos e seus familiares estão sentados, em formato meia lua, ao redor da mesa de lanches montada por eles, aguardando o início do evento de letramento)



Fonte: Dados do Programa “Engajando famílias na escola”

Apesar de ter sido o encerramento das ações do programa, este não foi o último evento de letramento proporcionado. No ano de 2015, tivemos a oportunidade de publicar os textos veiculados no Jornal Flor em formato de livro impresso e *e-book*, com apoio financeiro do OBEDUC/CAPES. Dessa forma, após seis meses da finalização do programa, discutimos a publicação com nossos colaboradores e convidamo-los para o lançamento do livro “Jornal Flor”.

O evento “Lançando meu primeiro livro” foi organizado em um auditório da UFRN, no dia 12 de julho de 2015 e planejado seguindo os passos: apresentação sobre o letramento familiar, pela Professora Doutora Maria do Socorro Oliveira; apresentação do livro e do programa, por Alana Driziê Gonzatti dos Santos e Rita de Cascia Gomes; leitura e contação de história veiculada no livro, por um aluno da turma; agradecimentos, por uma mãe da turma; comentários pelos professores, representantes da Universidade e da Secretaria Municipal de Educação; entrega do livro às autoridades, aos alunos e familiares.

Figura 31 – “Lançando meu primeiro livro” (Descrição da imagem: o primeiro registro mostra um aluno da turma, ao lado da pesquisadora e da professora, realizando a leitura, para a plateia do evento, de um gênero que ele produziu e que está no Jornal Flor; o segundo registro mostra uma das mães colaboradoras lendo uma carta de agradecimento ao programa; já no terceiro registro presencia-se a entrega de um exemplar do livro a uma aluna e sua avó, tendo como fundo a mesa de autoridades responsáveis pelo evento)



Fonte: Dados do Programa “Engajando famílias na escola”

O evento, nesse sentido, contou com a realização de várias práticas de letramento, e, conforme vemos nas fotos, o envolvimento e o entusiasmo dos colaboradores se fizeram presentes em todos os momentos.

Nessas ocasiões contextualizadas em que utilizamos as práticas sociais de leitura e escrita, pudemos perceber o engajamento dos familiares em se fazerem presentes pelos alunos e em participarem das atividades, mesmo em momentos de receio, vergonha ou dificuldades devido ao nível da própria escolaridade (fato que será desenvolvido no próximo tópico). Sabendo dessas questões, procuramos desenvolver momentos informais e com diálogos abertos à participação e exposição de opiniões, fator que facilitou a aproximação e participação da maioria dos nossos colaboradores.

As práticas discursivas da comunidade, dessa forma, foram preservadas através de eventos que oportunizaram momentos lúdicos em que as práticas de leitura e de escrita ficaram imersas, construindo-se um espaço que provocou interesse nos alunos e mobilizou a comunidade à expressão e à agência. Vejamos, de acordo com as categorias de Hamilton (2000), a sistematização de nossos eventos, de forma geral:

Quadro 20 – Características dos eventos de letramento construídos

Colaboradores	<ul style="list-style-type: none"> • Equipe da universidade, do IFRN, da Escola Estadual Professor Horácio de Góes, além de professor, pesquisador, familiares e alunos da turma de primeiro ano da EMPUG.
Artefatos	<ul style="list-style-type: none"> • Vídeos, palestra, conto, poema, apresentação, jogos, autorização, <i>site</i>, certificados, fotos e <i>dvds</i>.
Ambientes	<ul style="list-style-type: none"> • Escola Municipal Professor Ulisses de Góis • Escola Estadual Professor Horácio de Góes • Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Atividades	<ul style="list-style-type: none"> • Entrevistas, convite, desenhos, planejamento, notícia, relato, histórias de leitura, roda de leitura, histórias, resumo, reportagem, roda de conversa, agradecimento, comentários e Jornal Flor.

Fonte: Dados do Programa “Engajando famílias na escola”

3.3 Práticas de letramento

Considerando que práticas de letramento são caracterizadas como práticas sociais e concepções de leitura e escrita (STREET, 1984), reunimos informações em dois âmbitos para esse tópico: as concepções de leitura e escrita dos colaboradores (3.3.1), a partir de respostas ao instrumental histórias de letramento, e as práticas de leitura e escrita (3.3.2), percebidas através de textos veiculados no Jornal Flor.

3.3.1 Concepções de leitura e escrita

Nas histórias de letramento (ver tópico *Instrumentos de geração de dados da pesquisa*), geramos dados relativos às práticas de leitura e escrita da equipe escolar e das famílias colaboradoras. Em relação ao primeiro grupo, toda a equipe afirmou ter a prática de leitura entre os passatempos favoritos e realizar leituras com os alunos diariamente (no caso dos professores atuantes em sala de aula), segundo os colaboradores, com o objetivo de “*contribuir para desenvolver o hábito de leitura dos alunos e capacitar o processo de letramento e alfabetização*” (Rita de Cascia), “*aprimorar o processo de leitura e escrita e o prazer de ler*” (Liane Fernandes), “*instruir para as atividades pedagógicas desenvolvidas no Laboratório de Informática*” (Ilana Soares) e “*motivar os alunos para a leitura*” (Sandra Maciel).

Com relação à escrita, questionados sobre as próprias práticas e vivências durante suas histórias de letramento, os parceiros comentaram:

Quadro 21 – Histórias de letramento (escrita para a equipe escolar)

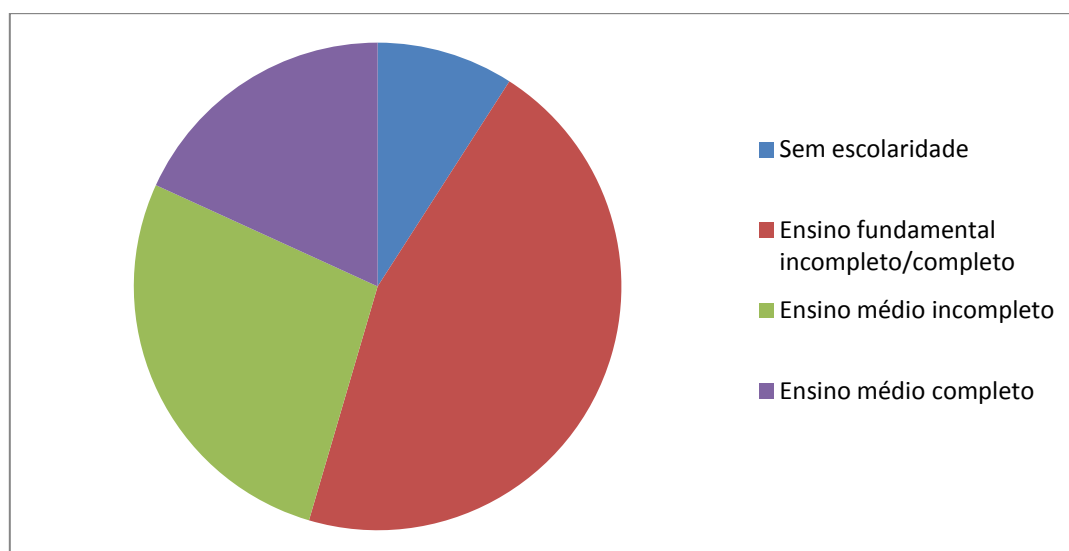
<p>“<i>minha função como professora me possibilita a escrever com frequência, pois tudo que faço nos meus planos de trabalho a leitura e a escrita fazem parte para a melhoria dos resultados desejados</i>” (Rita de Cascia, professora do 1º ano A)</p>
<p>“<i>sou graduada em Pedagogia (licenciatura). Fiz o magistério e em seguida já iniciei meu trabalho em sala de aula. Fui alfabetizadora 10 anos e depois segui com as turmas de 2º ao 5º ano. Trabalho em escola pública e privada. Tenho 31 anos de sala de aula. Espero continuar com meu trabalho, mesmo sabendo das dificuldades que enfrentamos na educação atualmente. Gosto muito do que faço. Diariamente realizo com a turma diversos gêneros textuais envolvendo todas as áreas de conhecimento.</i>” (Liane Fernandes, professora do 3º ano)</p>
<p>“<i>escrevo com frequência em relação aos planejamentos pedagógicos para o Laboratório de Informática, mas tenho um bom hábito de leitura, com média mensal de dois livros.</i>” (Ilana Soares, professora do Ensino Fundamental I)</p>
<p>“<i>sempre fui de desenvolver ideias a partir de algum tema, e assim, com essa prática, muito me facilitou em outros aspectos ligados à escrita e leitura. Não adianta uma leitura mecânica, mas sim, uma leitura que dê significado, que haja compreensão.</i>” (Jance Leite, vice diretor da escola)</p>

Fonte: Mapeamento de práticas de leitura e escrita (Dados do Programa “Engajando famílias na escola”)

Sendo as práticas de leitura e escrita um eixo essencial para nosso trabalho, ter a parceria de um grupo envolvido com estas preocupações auxiliou na aceitação do projeto e no efeito das ações, visto que a valorização destas práticas deveria ser feita na escola, para que pudesse haver incentivo aos alunos e familiares nas suas produções escritas e leituras.

Com relação às famílias, o grau de escolaridade foi um fator evidenciado em entrevistas, memórias, relatos e nas histórias de letramento. Acreditamos que este influencie nas concepções e práticas de leitura e escrita dos familiares e, por conseguinte, dos alunos. Por isso, trazemos abaixo a Figura 32 com estas informações:

Figura 32 – Grau de escolaridade dos familiares



Fonte: Mapeamento de práticas de leitura e escrita (Dados do Programa “Engajando famílias na escola”)

O cenário demonstrado nas histórias de letramento sugeriu o que foi enfatizado em várias outras práticas de memórias das famílias: a maioria dos colaboradores teria deixado os estudos para trabalhar. A seguir, ilustramos essa ideia com as memórias escolares (transcritas do formato em vídeo) de uma mãe colaboradora do nosso programa:

Quadro 22 – Memórias escolares de uma mãe

“(…) Gostava de estudar e sempre estava indo pra o colégio, quando faltava... sempre tinha alguma coisa pra faltar, eu não queria faltar. Gosto de ler, gosto de escrever, e gosto sempre de estar ensinando a (Alex), eu sempre falo pra ele assim, “(Alex) sua mãe sempre gostou de estudar, então vamos estudar também pra ser uma pessoa na vida”. Eu não fui médica, não fui alguma coisa assim, mas pelo menos eu quero que ele seja o que um dia eu nunca fui. Então é isso que eu sempre falo com ele em casa, porque eu sempre gostei de estudar. Eu não terminei o estudo por causa que eu ia trabalhar. Então como eu ia trabalhar aí eu ficava pensando, “meu Deus, eu estou trabalhando e estou estudando, não tenho tempo de estudar”. Então eu decidi trabalhar, mas (inint) [00:04:19] porque eu sei ler e sei escrever, e quero que ele seja uma pessoa na vida.”

Fonte: Transcrição da História de vida familiar de Adri de Lima (Dados do Programa “Engajando famílias na escola”)

É importante destacar que, apesar dessa história de vida recorrente, nossos colaboradores, em sua maioria, não se mostraram contrários à participação na escola ou nas práticas de leitura e escrita. Assim, a grande maioria dos colaboradores já iniciou sua participação reconhecendo o valor das práticas letradas para si e para os alunos, conforme relatos em relação à leitura e à escrita no dia a dia:

Quadro 23 – Histórias de letramento (leitura para as famílias)

<i>“Não leio com minhas crianças porque não sei ler.” (Rosa Silva)</i>
<i>“Leio quando tenho tempo porque trabalho e os motivos são deveres de casa.” (Lucy dos Santos)</i>
<i>“Leio porque gosto de ler.” (Eli Rameiro)</i>
<i>“Leio para que ela se interesse mais pela leitura.” (Mari Silva)</i>
<i>“Leio porque quero que ela aprenda mais.” (Gi Barbosa)</i>
<i>“Leio quando tenho tempo porque trabalho.” (Fran da Silva)</i>
<i>“Leio porque gosto de ler e incentivo.” (Adri de Lima)</i>
<i>“Leio para o desenvolvimento.” (Line Rolim)</i>
<i>“Leio quando tenho tempo.” (Lau Oliveira)</i>

Fonte: Mapeamento de práticas de leitura e escrita (Dados do Programa “Engajando famílias na escola”)

Quadro 24 – Histórias de letramento (escrita para as famílias)

<p><i>“Não escrevo.”(Rosa Silva e Lucy dos Santos)</i></p>
<p><i>“Sim, escrevo bastante e gosto muito. A minha vida foi maravilhosa, eu estudava, não terminei o meu estudo porque eu precisava trabalhar, mas eu agradeço a todos professores que sempre estavam comigo me ensinando e o pouco que eu sei é muito para mim, porque Deus estava sempre me ajudando com a minha família e agradeço pela educação que eu tenho e passo para os meus filhos.” (Eli Rameiro)</i></p>
<p><i>“Eu queria ter estudado mais, trabalhado menos. Tive que deixar os estudos para poder trabalhar, mas eu tenho uma boa educação apesar de tudo. Hoje eu só quero o melhor para minha filha. A escola é uma porta aberta para o conhecimento do mundo, só quem estuda sabe. Estudar é muito bom, pena que eu estudei pouco...” (Adri de Lima)</i></p>
<p><i>“Sim, eu sou uma pessoa simples, tive uma boa educação, queria ter estudado mais, como não tive esta oportunidade hoje luto para que meus filhos possam ser aquilo que eu não fui na vida, que eles estudem muito e possam ter uma boa profissão e se realizem na vida em todas as partes.”</i></p>
<p><i>“Sim, eu não tive todos esses privilégios que são oferecidos hoje. No meu tempo de escola nem tudo era existente, faltava compreensão de professores. A minha educação e a do meu irmão foi a nossa força de vontade, tirávamos livros velhos do lixo e na curiosidade dos desenhos nos aprofundamos no mundo da leitura de onde tiramos a nossa sabedoria e o nosso desenvolvimento para sobreviver nesse mundo onde é cada um por si: essa é a minha história.” (Gih Barbosa)</i></p>
<p><i>“Não, mas pretendo e vou tentar.” (Lau Oliveira)</i></p>
<p><i>“Sim, eu tenho trinta e oito anos, sou casada há vinte e um anos, tenho dois filhos maravilhosos, um de vinte anos e uma de seis anos. Sou muito feliz, tenho uma família maravilhosa. Sobre minha educação, quando criança gostava muito de estudar, nunca repeti de ano. Não terminei os estudos, tenho até o segundo ano do Ensino Médio. Gosto muito de ler e escrever.” (Mari Silva)</i></p>
<p><i>“Não sei escrever, faltam letras, mas leio tudo. Queria saber mais, para ajudar meus filhos. Não tive chance de estudar porque eu trabalhei muito cedo, se pudesse voltaria a estudar.” (Fran da Silva)</i></p>
<p><i>“Sim. Terminei o segundo grau completo e trabalho de doméstica pela manhã e de tarde saio para vender Avon. De vez em quando faço outras coisas, vivo muito feliz com minha filha e minha família.” (Line Rolim)</i></p>

Fonte: Mapeamento de práticas de leitura e escrita (Dados do Programa “Engajando famílias na escola”)

Nesse sentido, percebemos que é importante conhecer e valorizar as histórias de vida dos nossos colaboradores para melhor compreender as práticas que eram realizadas em casa e que seriam possibilitadas no trabalho do programa. Os dados nos mostram que a figura feminina é o centro das práticas letradas em casa (e também na escola, dada a maioria de participações de mulheres nas ações do programa). Essa figura, porém, muitas vezes não completou o ensino médio (atualmente a última etapa obrigatória do ensino, no Brasil), além de possuir extensa carga horária de trabalho dentro e fora de casa. Esse cenário será abordado na categoria *Resistências, negociações e pactos*, mas já sinaliza que a participação dessas colaboradoras no programa se dá pela relevância e importância que as mesmas percebem nas ações, a partir de suas concepções sobre leitura, escrita e escola tidas como transformadoras da realidade dos alunos (e, até, de si próprias), possibilitando a emancipação e ascensão social.

3.3.2 Práticas de leitura e escrita

Ao apresentar as práticas de leitura e escrita realizadas por nossos colaboradores, gostaríamos de retomar que nosso propósito é perceber as possibilidades do programa em ações de linguagem mediadas pelos textos e não os aspectos formais dos gêneros.

De um total de 79 (setenta e nove) ações de linguagem realizadas no programa (conforme apresentado no Quadro 16), 9 (nove) serão desenvolvidas nesse tópico, com o intuito de abarcarmos os principais aspectos contemplados nas ações do programa.

Inicialmente, em um dos primeiros encontros do programa, no evento “Conhecendo o bairro de Nova Descoberta”, foram realizados, em entrevista dos alunos com seus familiares, relatos escritos sobre a comunidade onde as famílias e a escola estão inseridas, o bairro Nova Descoberta. O propósito da ação de linguagem foi estabelecer contatos, conhecer a história de vida das famílias naquela comunidade e propiciar reflexões acerca da qualidade de vida da mesma, assim como críticas para o desenvolvimento do bairro, retomando a ideia de que “letramento e linguagem estão intrinsecamente ligados a sistemas econômicos e políticos, assim como a um senso de família e comunidade” (KEY, 1998, p. 2). Percebemos, com essa atividade, a voz potente que estaria a ser ouvida a partir dos relatos familiares. A seguir, apresentamos 2 (duas) das práticas que resultaram dessa ação:

Quadro 25 – Alguns relatos sobre o bairro de Nova Descoberta

Meu nome é Rosa C. (responsável de Ray), tenho 25 anos, nasci em Natal, moro no bairro de Nova Descoberta. Moro há 25 anos nesse bairro, moro aqui porque é um bairro calmo, tem muitas conveniências próximas umas das outras e outras coisas mais. Na minha casa mora eu, minha mãe, meu pai e meus quatro irmãos (Aparecida, Roberto, Rafaela, Renata) e Ray. As minhas melhores lembranças que vivi com minha família nesse bairro foram o aniversário de Ray de um ano, foi maravilhoso demais e outros aniversários dela que comemoramos todos juntos. Teve outras confraternizações, noite de natal, dia das mães, dia dos pais, São João e outras comemorações que passamos juntos. O que não gosto nesse bairro em que moro é a sujeira dos esgotos, das ruas, praças, praias e etc. violência, por exemplo assaltos, brigas, mortes, e insegurança tá demais, além dos alugueis das casas caríssimos. O que eu desejo que meus filhos possam encontrar nesse bairro no futuro é escolas com ensinamentos melhores e alguns cursos e outras mudanças que nós não tivemos.

Meu nome é Mari da Silva (responsável de Juju), tenho 38 anos, nasci em Sitio Novo, moro em Natal, no bairro Nova Descoberta. Na minha casa mora eu, minha mãe Cíça, meu esposo João e meus filhos, Juju e João. Moro há 14 anos nesse bairro, porque ele é um bairro tranquilo, apesar dos acontecimentos, por ter escolas perto, onde se sente seguro de deixar os filhos. As minhas melhores lembranças que já vivi nesse bairro foram os momentos de festejos junto com a família, comemorando os aniversariantes, sempre com muita alegria. Os festejos juninos que acontecem no bairro são muito bons. O que eu não gosto no bairro em que moro é a falta de segurança; a falta de saneamento básico; o mal atendimento no posto de saúde; a falta de lazer no bairro, não tem. O que eu desejo que meus filhos possam encontrar aqui no futuro é mais segurança, uma educação bem mais elevada, mais incentivo nas escolas para que ela goste cada vez mais de estudar e tenha um futuro brilhante no bairro.

Fonte: Gêneros que circulam no Jornal Flor (Dados do Programa “Engajando famílias na escola”)

Os relatos revelam-nos um momento de reflexão desses colaboradores sobre aspectos do passado, do presente e do futuro da comunidade. Ainda, permitiram-nos construir informações sobre as pessoas que moram na mesma casa que o aluno, além de oferecerem outros dados pertinentes sobre sua história.

A partir dessa prática, pudemos sistematizar a convivência dessas famílias com a comunidade bem como perceber quem participa diretamente de seu círculo familiar. Essas informações apontam para a forte presença da mãe (apenas uma aluna não mora com a mãe, pois esta é presidiária) no ambiente familiar (o que tem como consequência uma grande participação desse membro em nosso programa). Além disso, o fato de muitas das famílias morarem há muitos anos no bairro resulta em um senso de comunidade entre os colaboradores, os quais mostraram, durante as ações, possuir laços afetivos não só entre os alunos, mas entre os familiares também. Tais fatores geraram o quadro apresentado a seguir:

Quadro 26 – Relação de tempo na comunidade e familiares que moram com o aluno

Aluno	Tempo da família no bairro	Com quem mora
<i>Alex de Lima</i>	2 meses	Mãe, pai, irmão, tio, tia e avô.
<i>Ari Oliveira</i>	6 anos	Mãe, irmã e avó.
<i>Duda Pereira</i>	10 anos	Mãe, pai e irmãos.
<i>Flá Dantas</i>	15 anos	Mãe.
<i>João Batista</i>	20 anos	Mãe, pai e três irmãs.
<i>Juju Silva</i>	14 anos	Mãe, pai, irmão e avó.
<i>Kah Barbosa</i>	13 anos	Avó, dois tios, uma tia e uma irmã.
<i>Oto Bezerra</i>	3 anos	Mãe, avó, tia e irmão.
<i>Pri Fernandes</i>	16 anos	Mãe, pai e irmãos.
<i>Rafa da Silva</i>	6 anos	Mãe, pai e duas irmãs.
<i>Ray Cunha</i>	25 anos	Mãe, tios, tias e avó.
<i>Vivi Silva</i>	40 anos	Mãe, cuidadora, pai, tio, avô e irmão.

Fonte: Dados do Programa “Engajando famílias na escola”

Posteriormente, próximo ao dia das Mães, os alunos produziram uma coluna do jornal exclusiva à figura materna. Tal produção foi encaminhada para casa, sendo requisitado que as mães/responsáveis enviassem um comentário sobre a atividade assim como destacassem qual seria a concepção delas sobre a maternidade. Uma das respostas dadas a essa atividade foi elaborada por uma avó, que expressou alegria em ter este espaço destinado a sua homenagem. Tal prática de escrita se mostrou expressiva no sentido de exteriorizar os sentimentos da avó pela neta:

Quadro 27 – Resposta de uma avó à homenagem de Dia das Mães feita pelos alunos

Fiquei muito orgulhosa com essa criança cheia de sonhos, por ser tão pequena ela já tem sentimento e noção de que sou tudo isso. Para ela, ela reconhece todo carinho, amor, dedicação, muito mais que posso oferecê-la, cada gesto que ela se inspirou para mim, lhe devolvo com todo amor. Ela sempre será minha menina, a minha pequena flor que todos os dias perfuma a minha vida e me traz a beleza de sua inocência. Obrigada por esse espaço tão especial para mim, adorei essa atividade, pois nós mães podemos liberar o nosso sentimento sem medo de errar. (Gi Barbosa, avó de Kah)

Fonte: Gêneros que circulam no Jornal Flor (Dados do Programa “Engajando famílias na escola”)

Ainda, em nosso encontro seguinte à visita à Universidade (evento descrito no tópico anterior), elaboramos relatos de experiência colaborativos (o aluno com o familiar que o acompanhou ao evento), gerando produções como estas a seguir:

Quadro 28 – Relatos de experiência colaborativos sobre a visita à UFRN

<p>Eu, Lau, e Ari achamos que a melhor parte do passeio foi a parte dos animais em vidros, porque nunca tinha visto alguns. O passeio foi especial para nós por mostrar algumas coisas que eu e meu filho não conhecíamos. (família de Ari Oliveira)</p>
<p>Eu, Edi, e Flá achamos muito interessante os animais empalhados. Flávia também gostou das brincadeiras, porque toda criança tem direito a educação e ao lazer, ela amou tudo, ela disse “mamãe, gostei muito, você foi comigo, você vai de novo, sim”. O passeio foi especial para nós porque cada dia que passo com minha filha aprendo mais, quero participar mais e mais da educação dela e dos passeios. (família de Flá Dantas)</p>
<p>Eu, Jose, e Vivi gostamos da parte dos animais vertebrados e invertebrados, pois conhecemos melhor, tocamos neles, porque só ouvia falar de animais com ossos ou sem ossos através de livro. O que eu achei muito importante também foi o coração da baleia, eu não tinha visto ainda. O passeio foi especial para nós porque tivemos a oportunidade de conhecermos muita coisa legal, tais como: o museu, os animais com ou sem ossos, o estúdio de TV, como é feita a programação, enfim, o passeio foi muito especial, pois as crianças e os pais tiveram a oportunidade de despertar o conhecimento de tudo ao VIVO. (família de Vivi Silva)</p>

Fonte: Gêneros que circulam no Jornal Flor (Dados do Programa “Engajando famílias na escola”)

Os relatos de experiência colaborativos articularam-se como importante passo na construção de práticas de letramento familiares, visto que promoveram a discussão, entre membros dessa esfera, sobre atividades realizadas em outros momentos. Além disso, demonstraram o interesse dos alunos pela participação das famílias e destes próprios pela continuação das ações colaborativas, conforme trecho do relato acima (“*O passeio foi especial para nós porque cada dia que passo com minha filha aprendo mais, quero participar mais e mais da educação dela e dos passeios*”), o que se apresenta como dado positivo às ações e ao envolvimento com o contexto escolar.

Além dessas práticas, destacamos trechos de uma reportagem acerca da inauguração da biblioteca de uma escola parceira de nosso projeto financiador. Em encontro seguinte à aula de campo realizada, levamos as fotos do evento e construímos uma cronologia de tudo que tinha ocorrido em formato de uma notícia. Além disso, tivemos a colaboração em vídeo de três entrevistados: a diretora da escola, a professora da turma e uma das mães do nosso programa, todas comentando o evento do qual tinham participado. A seguir, mostramos a notícia colaborativa, realizada em sala de aula a partir desse momento:

Quadro 29 – Notícia⁴⁶ sobre a inauguração da biblioteca da Escola Municipal José Horácio de Góes

Em uma quinta-feira, dia 28 de agosto de 2014, nós, os alunos, familiares, professoras e diretora da EMPUG, entramos no ônibus, brincamos e fomos para o passeio para a Escola Municipal José Horácio de Góis, na cidade de São Gonçalo do Amarante. O ônibus era grande, tinha banheiro, cadeiras, água e ar condicionado.

Nós chegamos e fomos assistir a apresentação na frente da escola sentados em cadeiras e os alunos da escola também. A diretora falou no início da apresentação para dizer que ia haver a inauguração da biblioteca e agradeceu por nós e Moisés estarmos lá.

Depois as meninas da escola fizeram uma apresentação dançando e tocando garrafa no chão. A escola agradeceu ao projeto pela biblioteca com uma faixa.

Os personagens da Turma da Mônica se apresentaram com música e a gente dançou junto. Depois quando terminou a apresentação nós fomos tirar foto com eles.

Fomos conhecer a porta da biblioteca “*Hábitus de ler*” e cortaram com uma tesoura um laço para a gente entrar. Dentro da biblioteca a gente sentou com os travesseiros e tirou fotos.

Lanchamos cachorro quente e suco de maracujá. Teve bolo em homenagem à inauguração. Depois entramos no ônibus e comemos bolo e tomamos refrigerante. O mais importante foi inaugurar a biblioteca.

Fonte: Gêneros que circulam no Jornal Flor (Dados do Programa “Engajando famílias na escola”)

A notícia produzida nos mostra a riqueza da parceria entre escolas, também, pois possibilita o conhecimento de novas realidades e comunidades (cidade *versus* campo, por exemplo), o desenvolvimento de novas atividades (como uma aula de campo em formato de cobertura jornalística) e a troca de saberes entre diferentes colaboradores.

Também valiosos para a documentação da nossa ação foram os relatos em vídeo, registros do encantamento dos colaboradores com a ação realizada, dos quais trazemos o da professora da turma e de uma das mães colaboradoras. A reflexão feita por elas sobre a situação da escola rural mostrou-se relevante em todos os âmbitos, visto que motivou várias práticas de leitura e escrita e enfatizou chamar a atenção da importância, na consciência dos colaboradores, de educação e leitura.

⁴⁶ Observamos que o produto final dessa ação se tornou um gênero híbrido entre o relato e a notícia, dada a pouca familiaridade dos colaboradores com esse gênero jornalístico.

Quadro 30 – Página do Jornal Flor e relatos transcritos da professora da turma e de uma das mães sobre a inauguração da biblioteca da Escola Municipal José Horácio de Góes

calameo

REPORTAGEM - COLUNA LITERÁRIA

REPORTAGEM

Inauguração da biblioteca “Habitus de ler” da Escola José Horácio de Góes

Em uma quinta-feira, dia 28 de agosto de 2014, nós, os alunos, familiares, professoras e diretora da EMPUG, entramos no ônibus, brincamos e fomos para o passeio para a Escola Municipal José Horácio de Góes, na cidade de São Gonçalo do Amarante. O ônibus era grande, tinha banheiro, cadeiras, água e ar condicionado.

Nós chegamos e fomos assistir a apresentação na frente da escola sentados em cadeiras e os alunos da escola também. A diretora falou no início da apresentação para dizer que ia haver a inauguração da biblioteca e agradeceu por nós e Moisés estarmos lá.

Depois as meninas da escola fizeram uma apresentação dançando e tocando garrafa no chão. A escola agradeceu ao projeto pela biblioteca com uma faixa.

Os personagens da Turma da Mônica se apresentaram com música e a gente dançou junto. Depois quando terminou a apresentação nós fomos tirar foto com eles.

Fomos conhecer a porta da biblioteca “Habitus de ler” e cortaram com uma tesoura um laço para a gente entrar. Dentro da biblioteca a gente sentou com os travessinhos e tirou fotos.

Lanchamos cachorro quente e suco de maracujá. Teve bolo em homenagem à inauguração. Depois entramos no ônibus e comemos bolo e tomamos refrigerante. *O mais importante foi inaugurar a biblioteca.*

ENTREVISTA

Sol: Deisy Gabrielly Rodrigues de Marêdo, graduanda em Letras- Língua portuguesa e bolsista do projeto “O Habitus de estudar” e atuante na EMUG. Quando eu comeci no Projeto, a ideia da biblioteca já estava em andamento, a escola já tinha recebido doações de algumas cadeiras, mas ainda faltava muita coisa, como por exemplo: o espaço onde seria a biblioteca. Durante o recesso escolar, que foi no mês de junho, a escola passou por uma pequena reforma, onde uma sala foi dividida em duas e a sala onde ficava a turma do 5º ano passou a ser a nossa biblioteca. Com o espaço reservado para a biblioteca, nós recebemos mais algumas doações do projeto (mesas, cadeiras e dois armários), então conseguimos a nos preparar para a escolha do nome para a biblioteca, que aconteceu da seguinte maneira: os alunos do 5º ano deram algumas sugestões de nomes e depois disso, levamos para a reunião do projeto *habitus* e fizemos uma espécie de triagem dessas sugestões, então ficamos com dois nomes possíveis (*habitus de estudar* e *habitus de ler*) feito isso, passamos em todas as turmas (1º, 2º, 3º, 4º e 5º) para que todos pudessem votar no nome que preferissem e ao final da votação o nome escolhido foi “Habitus de ler”. Após a escolha do nome, organizamos o espaço. A biblioteca foi inaugurada dia 28/08/2014. O nosso principal objetivo é oferecer aos alunos um espaço onde eles possam desfrutar de tudo de melhor que os livros oferecem, um espaço onde eles possam estudar também. Acredito que a inauguração da biblioteca tenha estimulado os alunos a criar um interesse pela leitura, posso afirmar que nunca tinha ouvido nenhum deles falar sobre algum livro que tinham lido, mas agora, já escuto alguns me contarem suas experiências de leitura.

calameo

Para o jornal acontecer essas atividades são realizadas tanto dentro da escola como fora dela. E como o projeto também tem outras escolas que participa, nós fomos convidados. O grupo do jornal flor, que é o nome do jornal que nós estamos trabalhando, foi convidado para que fizesse a cobertura da inauguração biblioteca na cidade de (São Gonçalo do Amarante) na escola (Horácio de Góis). Toda a minha turma foi pra o passeio, os pais também foram para o passeio junto conosco porque estamos trabalhando o letramento familiar. Chegando na escola, nós fomos agraciados por uma grande festa, pensávamos que fosse uma festa menor. Mas foi um evento de grande porte onde a escola estava totalmente preparada pra este momento. Os pais dos meus alunos ficaram muito felizes porque aqui na escola aonde a gente trabalha nós temos uma biblioteca muito boa, uma biblioteca grande com muitos materiais, e ao chegarmos na biblioteca (Horácio de Góis) nós também verificamos que na inauguração tudo foi preparado com muito carinho, e com muito cuidado. Tinha muito material, a biblioteca está linda, a biblioteca tem a função na escola de proporcionar o hábito de leitura onde todo o material que está na biblioteca sirva para dar apoio a aprendizagem dos alunos, e é de fundamental importância que os livros sejam a base para a biblioteca existir, e que os alunos possam fazer desses livros amigos constantes e que possam transformar o seu hábito de leitura num hábito de constante aprendizado (Rita de Cascia, professora da turma)

Meu nome é (Mari), sou mãe de (Juju) que estuda na escola (Municipal Professor Ulisses de Góis) [00:00:12]. Estuda o primeiro ano lá. Eu vou falar um pouco da inauguração da biblioteca (inint) [00:00:22] participaram da inauguração da biblioteca ‘hábitos de ler’, e pra mim foi muito gratificante participar junto com eles, a escola pequena, mas a vontade deles de estudar, de eles participarem. A participação de todos, eu achei aquilo muito gratificante. Temos uma escola rica, nós. A escola daqui é enorme, mas a de lá é muito pequena, os espaços pequeno demais, mas estava lá a biblioteca, a coisa mais linda, tudo perfeito, tudo tão lindo que eu me encantei. Parecia uma coisa maravilhosa, um jardim quando eu encontrei aquela biblioteca pequena, mas toda equipada. Eu acredito que tudo que eles precisam esteja ali, pra eles aprender mais, e crescer e dar valor a leitura. Hoje a leitura é muito importante pra cada um dos alunos, eu gosto muito de ler e incentivo (Juju) mesmo, e espero que ela chegue lá. E os alunos da escola (Ulisses de Góis) fazem parte do projeto. Foram convidados para fazer a cobertura da biblioteca, pra fazer parte do Jornal Flor que eles participam.

Fonte: Transcrição de vídeos (Dados do Programa “Engajando famílias na escola”)

A comparação da biblioteca visitada a um “*jardim*”, conforme fala da Mari (uma das mães colaboradoras em nosso programa), retrata o deslumbramento em relação a essa realidade diferente e aos conhecimentos que podem germinar naquele espaço e daquele evento. O fato de essa visita ter proporcionado, além disso, a própria reflexão sobre hábitos de leitura [*“Hoje a leitura é muito importante pra cada um dos alunos, eu gosto muito de ler e incentivo (Juju) mesmo, e espero que ela chegue lá”*] demonstra bons frutos da proposta concretizada.

Em outro momento do nosso programa, visando conhecer mais profundamente os colaboradores, promovemos um momento, em sala de aula, de contação de histórias de vida. A iniciativa para tal foi coletiva, pois o momento não fazia parte do cronograma de ações do programa e ocorreu espontaneamente, em um dia no qual tínhamos algum tempo livre enquanto esperávamos um grupo de leituras chegar à escola. Nessas contações, os familiares apresentaram ao grupo de colaboradores momentos marcantes em sua formação como indivíduos bem como retratos de suas histórias de letramento e da rotina diária com os filhos/netos/sobrinhos/alunos. Listamos, assim, dois trechos⁴⁷ de algumas dessas histórias narradas:

⁴⁷ Optamos por apresentar trechos devido a os relatos serem muito grandes. Tais produções na íntegra encontram-se anexas a esse trabalho.

Quadro 31 – Histórias de vida de uma mãe e uma avó, colaboradoras

Sou mãe de (Alex), eu passei 7 anos pra conquistar o pai dele. Persistindo até que a gente conseguiu namorar, ficamos noivos e casamos. Daí do casamento nasceu (Alex) que foi maravilhoso. Foi uma história linda porque ele é um menino especial, depois que nasceu (Alex) eu engravidei novamente, só que o bebezinho eu perdi com 3 meses de gestação. Mas Deus disse assim, “vou dar outro bebezinho a mãe de (Alex)”. Então nasceu (Jonas) que também é especial na minha vida. Então o meu casamento é maravilhoso, meu esposo é carinhoso, amo os filhos, a minha casa tem harmonia. Nós somos evangélicos, sempre estamos indo pra igreja, sempre estamos ensinando (Alex) e (Jonas) como seguir o caminho, como ser educado, eles são maravilhosos os meus 2 filhos, e junto com a minha família, com a minha mãe, o meu pai. Eu tenho padrasto, mas ele faleceu que era um avô maravilhoso para os netos. Ele brincava, ele ia lá na minha casa, ele rolava com ele no chão, eu todos os dias ligava pra ele, ele ligava pra mim falava com os netos dele. Mas papai do céu levou ele, mas ele está sempre dentro do coração da gente como (inint) [00:01:49]. [...] Aí é isso a minha história (inint) [00:02:19] história bonita, foi assim o dia que eu fiquei... estudava muito também, era muito estudiosa, às vezes quando eu não ia pra aula eu ficava chorando. Porque às vezes não dava pra ir, mas eu sempre persisti na minha vida, e cheguei assim, “eu vou casar, vou ter filhos”. Sempre tive esse sonho. E é assim a minha história, casei, tenho uma família feliz, agradeço muito a Deus por ter essa família muito feliz. Quando eu era pequena eu (inint) [00:02:59] tudo, eu nasci em (Recife), fui estudar numa creche lá que era muito boa, era muito bom. Era muito persistente no estudo, gostava muito de estudar como eu falei aí. Depois me mudei pra (Baía Formosa) que era (inint) [00:03:20] e estudei bastante. (inint) [00:03:24]. Gostava de estudar e sempre estava indo pra o colégio, quando faltava... sempre tinha alguma coisa pra faltar, eu não queria faltar. Gosto de ler, gosto de escrever, e gosto sempre de estar ensinando a (Alex), eu sempre falo pra ele assim, “(Alex) sua mãe sempre gostou de estudar, então vamos estudar também pra ser uma pessoa na vida”. Eu não fui médica, não fui alguma coisa assim, mas pelo menos eu quero que ele seja o que um dia eu nunca fui. Então é isso que eu sempre falo com ele em casa, porque eu sempre gostei de estudar. Eu não terminei o estudo por causa que eu ia trabalhar. Então como eu ia trabalhar aí eu ficava pensando, “meu Deus, eu estou trabalhando e estou estudando, não tenho tempo de estudar”. Então eu decidi trabalhar, mas (inint) [00:04:19] porque eu sei ler e sei escrever, e quero que ele seja uma pessoa na vida. Saiba ler bastante como um dia eu não cheguei a ser. No meu dia a dia. Acordo, dou o café da manhã deles, todo o meu café da manhã vou fazer as minhas tarefas de casa, almoço, antes venho deixar ele no colégio, volto pra casa e faço as minhas tarefas, almoço, depois venho pegar ele, dou o almoço dele. Também termino de fazer as tarefas deito um pouquinho pra descansar, começa tudo de novo. [...] (*Adri de Lima*)

[...] Aí que as minhas filhas, minhas netas. A minha filha me deu as minhas netas. Eu cuido delas até hoje. (inint) [00:02:05] minha filha disse, “mãe está aqui, a menina é sua. A senhora toma de conta?”. Eu digo, “eu cuido minha filha (inint) [00:02:12] eu cuido”. (inint) [00:02:13] todo mundo sabe. Essa menina aí sabe comecei ajudar a mãe dela, mas nem por isso eu desprezei a minha filha. Hoje em dia está aí, ela agora (inint) [00:02:23] tem mais 2 filhos, e as filhas são minhas. São minhas, o que eu quis dizer é isso. E hoje nós somos felizes. E agora (inint) [00:02:34] normal, ela toma conta da casa dela, eu tomo conta das minhas netas e pronto. [...] (*Gih Barbosa*)

Fonte: Transcrição de vídeos (Dados do Programa “Engajando famílias na escola”)

Essas histórias nos apresentaram mais sobre o dia a dia das famílias, o percurso passado pelas mesmas, suas dificuldades e alegrias, além das práticas de letramento que as circundam. Assim, a relação vida/escola foi pautada, em nosso programa, como algo indispensável.

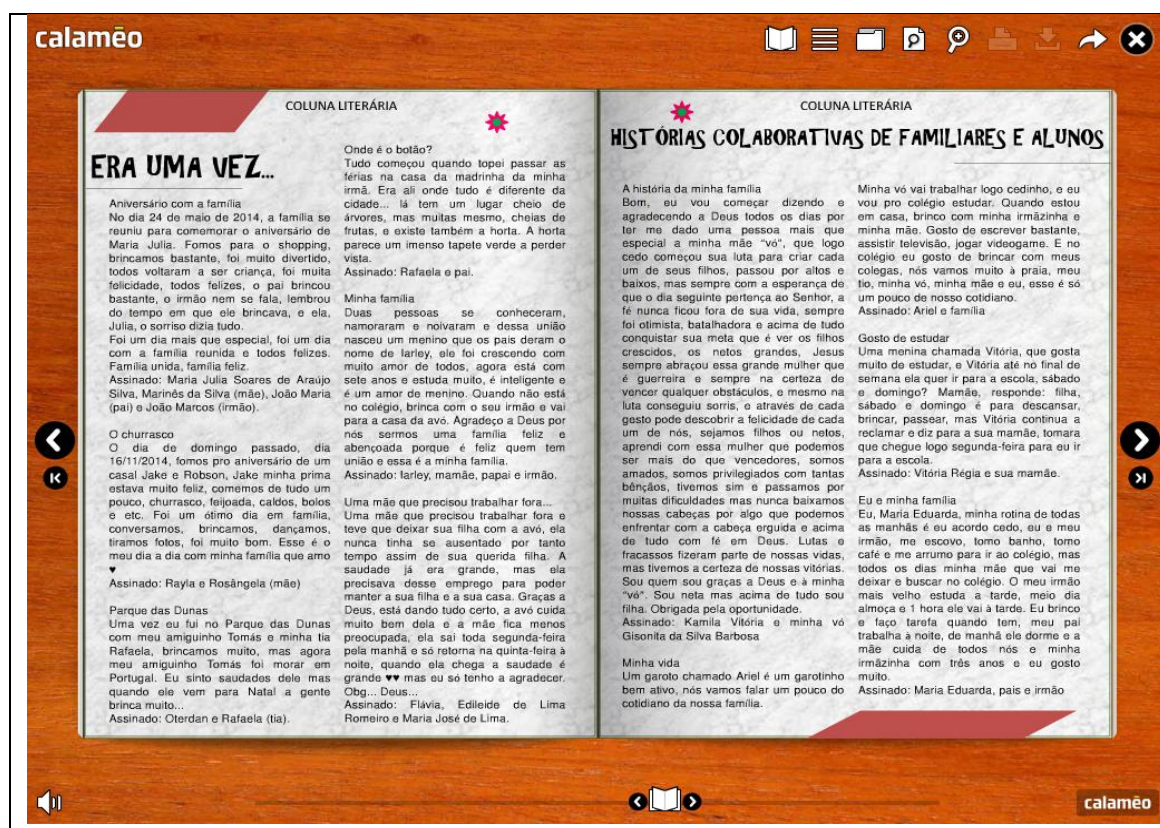
O trecho “*Gosto de ler, gosto de escrever, e gosto sempre de estar ensinando a (Alex), eu sempre falo pra ele assim, ‘(Alex) sua mãe sempre gostou de estudar, então vamos estudar também pra ser uma pessoa na vida’.* Eu não fui médica, não fui alguma coisa assim, mas pelo menos eu quero que ele seja o que um dia eu nunca fui.” mostra que essas famílias acreditam no poder da escola para mudar a realidade e promover a ascensão social, mesmo que, algumas vezes, eles próprios não tenham concluído seus estudos. A oportunidade de fazer diferente pelos filhos e participar ativamente desse processo pode fazer parte de uma das maiores motivações para a participação em programas de letramento familiar.

Além desse momento em sala de aula, para dar mais espaço a outras narrações, encaminhamos como atividade de casa – a contação de uma história, o que gerou produções como a abaixo:

Quadro 32 – História colaborativa, criada por aluna e sua avó, que tornou-se página do Jornal Flor

A história da minha família

Bom, eu vou começar dizendo e agradecendo a Deus todos os dias por ter me dado uma pessoa mais que especial a minha mãe “vó”, que logo cedo começou sua luta para criar cada um de seus filhos, passou por altos e baixos, mas sempre com a esperança de que o dia seguinte pertença ao Senhor, a fé nunca ficou fora de sua vida, sempre foi otimista, batalhadora e acima de tudo conquistar sua meta que é ver os filhos crescidos, os netos grandes, Jesus sempre abraçou essa grande mulher que é guerreira e sempre na certeza de vencer quaisquer obstáculos, e mesmo na luta conseguiu sorrir, e através de cada gesto pode descobrir a felicidade de cada um de nós, sejamos filhos ou netos, aprendi com essa mulher que podemos ser mais do que vencedores, somos amados, somos privilegiados com tantas bênçãos, tivemos sim e passamos por muitas dificuldades mas nunca baixamos nossas cabeças por algo que podemos enfrentar com a cabeça erguida e acima de tudo com fé em Deus. Lutas e fracassos fizeram parte de nossas vidas, mas tivemos a certeza de nossas vitórias. Sou quem sou graças a Deus e à minha “vó”. Sou neta mas acima de tudo sou filha. Obrigada pela oportunidade. *(Gih Barbosa)*



Fonte: Gêneros que circulam no Jornal Flor (Dados do Programa “Engajando famílias na escola”)

Dar voz a essas histórias proporciona concebermos a expressividade de trabalhar com projetos de letramento no ambiente escolar, visto que o interesse real na vida do colaborador gera dados ricos em sentido, vida, emoção e valor.

Outra experiência enriquecedora no sentido de conhecer e valorizar histórias dos colaboradores foi a aproximação com o Desfile da Independência da comunidade, visto que uma avó colaboradora gravou um relato sobre suas memórias em relação a esse momento:

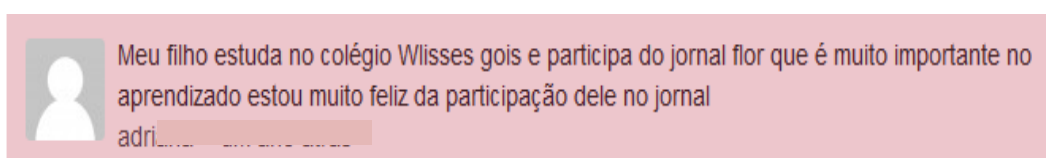
Quadro 33 – Relato de familiar acerca do Desfile da Independência da comunidade

Gi Barbosa: Bom dia eu sou (Gi), avó de (Kah) que estuda aqui no colégio (Ulisses de Góis) no primeiro ano. Quero contar um pouco do desfile que houve aqui no bairro de Nova Descoberta. Eu fiquei muito feliz porque eu já tinha ido uma vez quando eu estudava, junto do meu pai. Que o meu pai era ex-combatente. Aí tinha o desfile dele, hoje em dia me sinto realizada, muito feliz porque minhas netas estão participando do desfile. Com minha neta e a turma do primeiro ano participar foi muito importante.

Fonte: Texto veiculado em vídeo no Jornal Flor (Dados do Programa “Engajando famílias na escola”)

Finalizando a apresentação de práticas de letramento dos familiares, expomos, abaixo, um dos comentários realizados por uma das mães colaboradoras em nosso jornal eletrônico (movimento este que foi incentivado durante nossas ações, mas em nenhum momento pautado como atividade a ser realizada obrigatoriamente):

Figura 33 – Comentário de mãe ao jornal eletrônico



Fonte: Dados do Programa “Engajando famílias na escola”

A avaliação positiva dessa mãe em relação à participação do seu filho remete à noção de relevância e interesse pelo programa desenvolvido. Outras práticas de letramento realizadas no programa, como as Rodas de conversa, serão comentadas na sessão *Impactos* da nossa dissertação.

Sintetizamos, de forma geral, a seguir, as características das práticas de letramento construídas, conforme categorias de Hamilton (2000):

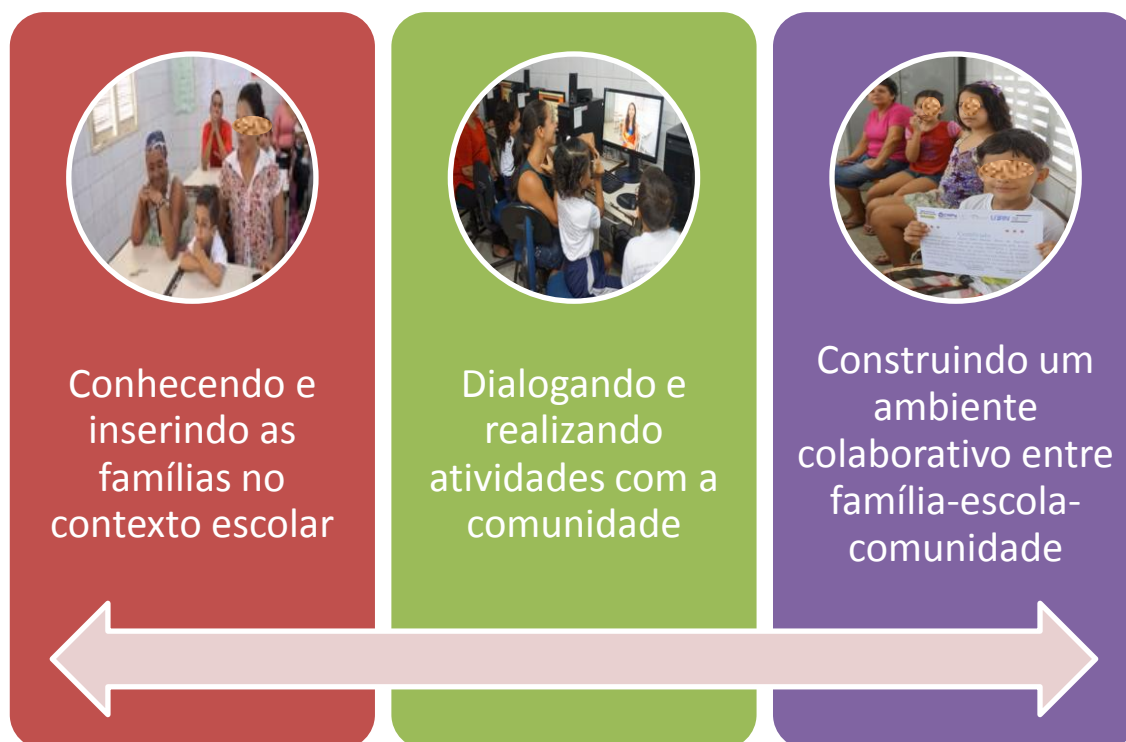
Quadro 34 – Características das práticas de letramento construídas

Participantes ocultos	<ul style="list-style-type: none"> • Equipe escolar e outros familiares que não participaram das ações, mas estão envolvidos.
Domínios	<ul style="list-style-type: none"> • Escolar • Universitário • Comunitário • Eletrônico • Familiar
Recursos	<ul style="list-style-type: none"> • Valores dos familiares sobre o trabalho colaborativo entre escola e comunidade; sentimentos de curiosidade sobre os novos aprendizados e espaços; compreensões sobre o uso social da escrita e sua importância no percurso educativo e no dia a dia.
Rotinas	<ul style="list-style-type: none"> • Os eventos se restringem aos colaboradores do programa "Engajando famílias na escola".

Fonte: Dados do Programa “Engajando famílias na escola”

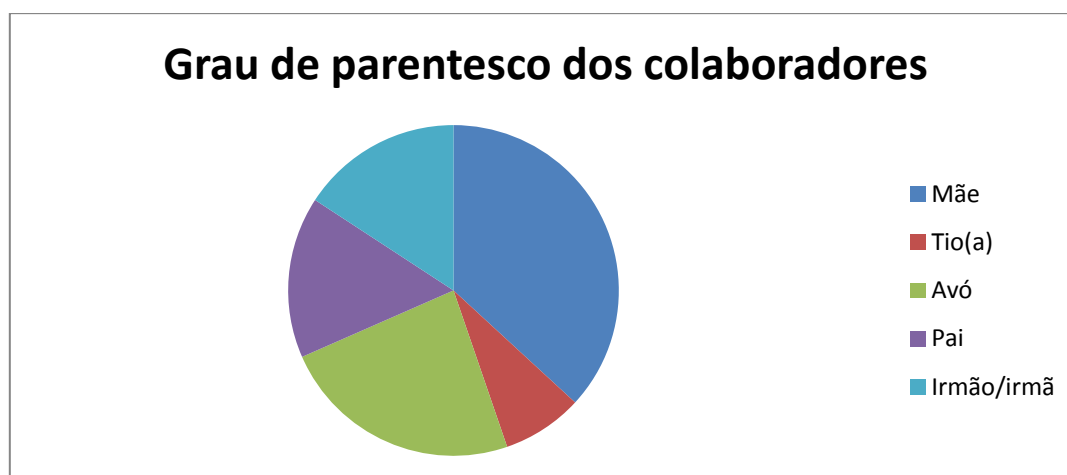
3.4 Formas de envolvimento

Quadro 35 – Formas de envolvimento



Fonte: Dados do Programa “Engajando famílias na escola”

O engajamento dos colaboradores nas ações do programa foi um aspecto de extrema relevância para o sucesso do mesmo. Por isso, o primeiro movimento a ser desenvolvido nesse tópico será conhecermos quem foram nossos colaboradores do âmbito familiar. Para esclarecer a relação destes familiares com a escola, questionamos sobre quem seria o responsável por participar das atividades escolares. Um fator interessante, demonstrado na Figura 34, abaixo, diz respeito ao grau de parentesco dos colaboradores da nossa pesquisa, durante todas as ações.

Figura 34 – Grau de parentesco dos colaboradores aos alunos⁴⁸

Fonte: Dados do Programa “Engajando famílias na escola”

Essa figura nos sugere evidências sobre a estrutura familiar dos nossos alunos e sobre os papéis desempenhados nesse ambiente: a grande participação das mães no processo educativo dos filhos, considerando-se que os pais, normalmente, estão no trabalho – o que é refletido pela pequena participação paterna nas ações. Outra questão importante é a presença de tios e avós em nossos trabalhos. Esse fato sugere que ambos os pais estejam trabalhando ou que haja uma estrutura familiar diferente da mais comum entre estes colaboradores.

Sabendo quem são nossos colaboradores, pensamos no porquê de seu envolvimento no programa, questão que será respondida de acordo com os discursos presentes no instrumental *questionário*, enviado às famílias.

Ao serem indagados sobre de quem seria a tarefa da educação dos filhos, todos os colaboradores responderam que essa seria fruto da articulação família e escola. Obtivemos, assim, 100% de respostas positivas sobre a importância do acompanhamento, da participação e da presença dos responsáveis na escola, tanto nas reuniões quanto nas tarefas escolares do aluno.

Quadro 36 – Justificando o acompanhamento, a participação e a presença das famílias na escola

É muito importante para a aprendizagem da criança a família participar. (Adri de Lima)

Sim, é importante para ficarmos sabendo do aprendizado. (Line Rolim)

Com os pais presentes, o desenvolvimento será bem maior. (Eli Rameiro)

⁴⁸ Figura apontando a média de participações em todos os momentos do programa.

<i>É muito importante para o futuro deles. (Lau Oliveira)</i>
<i>Para ficar informado de tudo. (Fran da Silva)</i>
<i>Para o aluno ter mais conhecimento. (Gih Barbosa)</i>
<i>Porque fica sabendo o desenvolvimento do seu filho na escola. (Lucy dos Santos)</i>
<i>Tanto é importante para o aluno quanto para o responsável. (Mari Silva)</i>
<i>Sim, porque é importante estar sempre atento a tudo que acontece com os filhos no colégio. (Rosa Silva)</i>
<i>Pra saber o comportamento do aluno. (Mando Batista)</i>
<i>Ajuda na educação, no aprendizado. (Manu Bezerra)</i>

Fonte: Dados do Programa “Engajando famílias na escola”

Dada essa situação, o contexto foi favorável para a realização do programa, visto que essa concepção denota clareza dos familiares em relação à convivência, a presença e o incentivo na escola. Os colaboradores do meio escolar também garantiram um ambiente de parceria, aberto e acessível às ações, de modo que esses participaram em atividades de sala de aula, de campo e de rodas de conversa, contribuindo para o nosso trabalho.

Destacamos, especialmente, o empenho da professora responsável pela turma de colaboradores, Rita de Cascia Gomes, principalmente, pelo envolvimento que a mesma teve e provocou no contexto situado de alunos, familiares e equipe escolar. Acreditamos que a construção de ações de fortalecimento, a partir de pesquisas da nossa área, só é possível caso haja mobilização e engajamento por parte dos colaboradores para que se efetivem os resultados. Reconhecemos o valor desses movimentos para que possamos, neste estudo, mostrar nossas considerações acerca do trabalho desenvolvido.

Após os movimentos iniciais, para garantir que a parceria ocorresse, de fato, disponibilizamos, no questionário inicial, um local para que os familiares informassem em que dias e horários estariam disponíveis para participar do programa, para assim adequarmos nosso calendário de atividades. Apesar de alguns familiares possuírem muita disponibilidade, a maioria, por questões de trabalho ou logística de cuidado com outros filhos, só poderia participar no horário de chegada dos alunos à escola (7 horas da manhã), visto que os familiares sempre levavam as crianças. Visando atender as demandas, a maioria de nossas atividades foi realizada nesse horário.

Lembrando dos princípios elencados por Key (1998), o primeiro passo no sentido do engajamento familiar ao programa foi promover narrativas de letramento e histórias de vida das famílias em sala de aula, considerando a importância desse momento para que pudéssemos conhecer os nossos colaboradores e dar-lhes voz nesse processo. Inicialmente esse procedimento foi prontamente acatado por alguns, e respondido, por outros, com silenciamentos, provavelmente ocasionados pelas próprias memórias de letramento desses familiares.

Figura 35 – Colaboradora compartilhando sua história de vida



Fonte: Dados do Programa “Engajando famílias na escola”

No decorrer dos encontros, as vozes foram se multiplicando, assim como a quantidade de familiares. Não raro foi mais de um familiar de alunos estar participando de algumas de nossas ações. Nesse percurso, foi possível realizar diálogos com a comunidade e *ouvir o que as pessoas sentiam*, fato bastante explorado a partir de ações de linguagem em relatos (conforme discussão realizada na categoria *Práticas de letramento*). A partir do reconhecimento e da valorização dessas histórias, ocorreu a aproximação entre a esfera familiar e a escolar bem como a possibilidade de incentivo a partir de outras histórias de vida em novos contextos.

Por exemplo, ao levarmos os colaboradores à UFRN, um espaço por muitos desconhecido, procuramos contribuir no estímulo aos estudos nos alunos, bem como sensibilizar os familiares acerca da importância da educação na vida das crianças desde os anos iniciais da educação básica. Nesse encontro, o Professor Doutor Moisés Alberto Calle Aguirre apresentou o tema “Eu, minha escola, minha Universidade”, relacionando

sua história de vida e de letramento a seu desenvolvimento profissional, momento que emocionou os familiares e incitou os alunos aos estudos.

Quadro 37 – Trecho de relato sobre o passeio à Universidade

(...) O passeio foi especial pois tivemos todos juntos aluno família e principalmente os professores que nos ensinam a vencer batalhas cada dia. Obrigada por tudo. <i>(Eli Rameiro)</i>
--

Fonte: Dados do Programa “Engajando famílias na escola”

Esses diálogos favorecem o envolvimento e propiciam a construção de um ambiente colaborativo entre família-escola-comunidade, visto que evocam: motivação dos alunos – e dos próprios familiares – em participarem das ações, o que resulta na regularidade das colaborações; enfoque nas experiências pessoais dos alunos e das famílias; articulação entre as próprias famílias e relações de vínculo entre elas; valorização das crenças, histórias, linguagens, vozes e dos letramentos familiares; construção de conhecimentos ao atravessarem os letramentos já realizados em casa, indo além em relação ao letramento formal e às práticas de leitura e escrita cotidiana; avaliação positiva da participação no programa, conforme observamos em nossa última categoria, *Impactos*.

De posse dessas informações, para realizar projetos com foco no letramento familiar, precisamos estar cientes de que, em geral, há uma lacuna entre o ensino formal desenvolvido na escola com um professor e educação familiar, vinculada à esfera com familiares dos alunos. Esse cenário, muitas vezes, faz com que a família não seja um participante ativo no processo educacional do aluno. No entanto, é notável que, quando há interesse família, há mais disposição e facilidade na construção de aprendizagem na escola. Por isso, o envolvimento dos pais em relação à rotina de ensino e aprendizagem na educação formal de seus filhos é importante.

Figura 36 – Lançamento da segunda edição do *Jornal Flor*



Fonte: Dados do Programa “Engajando famílias na escola”

3.5 Resistências, negociações e pactos

No decorrer do programa, foi necessário lidarmos com questões da ordem local, no sentido de resolver possíveis problemáticas que pudessem influenciar na organização das ações. Retomamos que tais demandas podem se referir a (i) as *características do pessoal* envolvido; (ii) *informações sobre currículo e ensino*, incluindo os pressupostos curriculares, práticas pedagógicas e descrições de programas para grupos específicos de famílias; e (iii) *colaboração*, tanto externa como interna para os programas.

Em relação ao primeiro aspecto, a equipe escolar e a pesquisadora foram os principais envolvidos na orientação e no apoio do programa, os quais deveriam assegurar o seu sucesso a partir de uma parceria ativa e mútua, no sentido de compartilhar materiais, discutir ideias, aprovar planejamentos, realizar ações e sensibilizar famílias à participação. Encontrar um pessoal preparado e disposto a este trabalho pode ser um desafio.

Neste programa, entretanto, não houve resistências nesse sentido, visto que o programa já estava inserido no contexto escolar por meio do projeto maior, vinculado à universidade, por dois anos anteriores. Assim, sempre houve clareza por todos de seus papéis para as ações e, a partir da experiência colaborativa, houve o envolvimento necessário em prol do programa.

Destacamos, porém, que essas capacidades foram desenvolvidas durante o projeto e o programa, visto que o pessoal não teve formação específica anterior a eles relacionada ao letramento familiar. Apresentações, leituras de textos e discussões temáticas foram feitas, principalmente com a professora da turma atendida, a partir de reuniões quinzenais acadêmicas, gerando, inclusive, a produção de artigos na área em colaboração com a docente.

Em relação ao currículo, procuramos estabelecer relações com as tendências pedagógicas da escola, seus objetivos e conteúdos programados, ao mesmo tempo em que tivemos abertura para novas possibilidades a partir da situação que se apresentava⁴⁹. O primeiro caso foi observado a partir da inserção de ações voltadas a datas comemorativas (seguindo o calendário da escola) e a necessidades da própria docente (por exemplo, ao requisitar apoio em atividades relacionadas ao incentivo e ao gosto pela literatura). Nessas ocasiões, pudemos extrapolar os muros da escola tendo a presença da família em sala de aula e em outros espaços nos quais as atividades foram realizadas. Para estabelecer tais negociações, observamos o PPP da escola, elaborado em 2006, e suas proposições.

O PPP elenca um modo de pensar a mudança na/da escola a partir da missão de formar cidadãos críticos, criativos e conscientes, capazes de agir na transformação da sociedade. Ainda, como objetivos estratégicos, propõe elevar o nível de desempenho dos alunos, modernizar a gestão escolar e estimular o envolvimento dos pais e da comunidade na escola. A relação foi estabelecida, assim, a partir dos interesses da escola, dando espaço às problemáticas situacionais da comunidade. É importante salientar que o programa se constituiu como inédito na escola, ao problematizar a interação família-escola-comunidade de forma colaborativa, tendo sido, dessa forma, frutífero para as proposições mostradas no planejamento escolar.

Em relação à colaboração externa, atentamos para as bases de financiamento, apoio e organização das ações a partir de:

- 1) o apoio financeiro concedido pelo CNPq, o qual contribuiu para o pagamento de hospedagens virtuais da página do jornal eletrônico bem como para impressões e compra de materiais básicos;
- 2) o projeto de extensão “O *habitus* de estudar: construtor de uma nova realidade na região metropolitana de Natal”, coordenado pelo Professor Doutor Moisés

⁴⁹ O planejamento (*Quadro de ações do programa*) se encontra na sessão de Apêndices deste trabalho.

Alberto Calle Aguirre, integrado ao Programa do Observatório da Educação (UFRN) e financiado pela CAPES, responsável pelas reuniões acadêmicas quinzenais, o aluguel de ônibus (2), compra de camisetas e materiais para os alunos, impressão dos jornais, editoração do livro, além de participação nas ações;

3) o grupo “Letramento e Etnografia”, do PPGEL-UFRN, contribuinte na divulgação do correio eletrônico do nosso jornal e no fórum acadêmico de nosso *site*;

4) o programa de extensão do MEC “Letramentos e políticas públicas: a família na escola”, coordenado pela Professora Doutora Maria do Socorro Oliveira, o qual possibilitou a realização de reuniões em eventos de letramento para discussão de aportes teóricos da área, bem como contribuiu para a divulgação das ações;

E de colaborações individuais:

1) o Professor Doutor Marcone de Oliveira Maffezzolli, coordenador da TV Universitária, o qual aceitou nossa visita ao prédio e cedeu subsídios aos colaboradores para uma formação mais sólida em relação às mídias;

2) os responsáveis pelo Museu de Ciências Morfológicas da UFRN e seus bolsistas, os quais receberam nossa equipe de colaboradores para uma visita;

3) a direção e as professoras da Escola Municipal José Horácio de Góes, situada na comunidade de Guanduba, em São Gonçalo do Amarante, os quais convidaram e receberam nosso projeto, nossos alunos e nossas famílias em seu contexto;

4) a Teresa Paula de C. Leôncio, coordenadora e idealizadora do projeto “Divulgando leituras, conquistando leitores”, a qual participou de uma de nossas ações literárias com seu projeto;

5) a Milena de Macedo Barbosa Nascimento, na feitura da ficha catalográfica do *e-book* resultante do nosso programa.

6) a Professora Doutora Maria do Socorro Oliveira, orientadora desse trabalho e de seu planejamento.

A partir dessas parcerias externas, o nosso trabalho foi possível e a colaboração interna completa essa estrutura engajada, especialmente no sentido do envolvimento das famílias com o programa, essencial para que nossas ações fossem efetivadas.

Quadro 38 – Recorte da fala do Prof. Dr. Moisés Alberto Calle Aguirre

“Ao visitarem esta escola, outra escola e prestigiar a inauguração de uma biblioteca de outra escola, essa outra escola que faz parte de nosso projeto e que nos estamos trabalhando 3 anos e que há uma duas semanas conseguimos concretizar, mas um trabalho bem colaborativo, com participação das mães, com participação dos alunos, com participação da comunidade acadêmica onde destacam se lideranças como as diretoras dessas escolas que possibilitaram todo esse diálogo e apoiaram esse processo. E em parceria sempre com a universidade. Isso que é bom.” (Anexo 6 – Recorte da fala do Prof. Dr. Moisés Alberto Calle Aguirre)

Fonte: Dados do Programa “Engajando famílias na escola”

Conforme o *Quadro 4* apresentado nesta dissertação (Relação de alunos e familiares), a colaboração foi realizada por 12 (doze) alunos e 37 (trinta e sete) de seus familiares, o que representa, proporcionalmente, que cada aluno tenha tido a colaboração de pelo menos três familiares durante a realização do programa.

Esses números representam uma rede de relações possibilitadas pelo engajamento dos colaboradores assim como pactos estabelecidos para a continuidade das participações, tais como: compreender nossos colaboradores (suas histórias de vida, sua disponibilidade, sua rotina diária e suas dificuldades); informar o cronograma de atividades, suas justificativas e seus objetivos; incentivar a participação a partir de apresentações e rodas de conversa; estabelecer vínculos afetivos entre todos os envolvidos na rede de colaboração e valorizar os conhecimentos, as histórias e os relatos trazidos por esses colaboradores. Com esse encaminhamento, obtivemos um percurso bem sucedido.

3.6 Impactos

O trabalho com o letramento familiar pode ter se mostrado como um desafio em alguns momentos, porém ocasionou diversos impactos nos âmbitos: 1) familiar 2) escolar e 3) acadêmico, principalmente. A percepção dessas potências mobilizadas durante o nosso trabalho foi descrita por Moisés Alberto Calle Aguirre (2015), no prefácio de nosso livro publicado:

Quadro 39 – Prefácio do livro *Jornal Flor*

É com muita alegria que tenho a honra de apresentar os resultados do **Jornal Flor**. Um trabalho desenvolvido, no decorrer do ano letivo de 2014, pelos alunos do 1º ano do ensino fundamental da Escola Municipal Professor Ulisses de Góis – junto à professora Rita de Cascia e sua colaboradora Alana Driziê Gonzatti dos Santos, estudante de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da UFRN.

O **Jornal Flor** tem se constituído um importante instrumento pedagógico no processo de alfabetização, no letramento familiar e no aprimoramento do *habitus* de estudar. Deste modo, o trabalho desenvolvido apoia-se nestes conceitos teóricos e leva-os ao campo da prática. Assim, apresenta três potências que colocam o jornal como imaginativo e inovador no processo de educar.

A **primeira potência** do jornal refere-se à atitude positiva das professoras no processo de despertar na criança o interesse, o desejo e a disposição de aprender, estimulando-as através do desenvolvimento de uma diversidade de atividades que foram trabalhadas na composição do *Jornal Flor*. Algumas das quais concretizadas fora da escola, como, por exemplo, a visita aos ambientes educativos da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), seguindo uma programação específica, que incluía conhecer e apreender sobre o Museu de Ciências Morfológicas, a Biblioteca e a TV Universitária – locais onde os estudantes receberam verdadeiras aulas acerca da importância educativa de cada um dos espaços universitários visitados e que, num futuro próximo, eles farão uso destes. Além disso, na esfera da socialização educativa, participaram da inauguração da Biblioteca da Escola Municipal José Horácio de Góis, localizada na área rural do município de São Gonçalo do Amarante.

A **segunda potência** mostra o jornal no processo educativo dos estudantes, pois faz referência à mobilização e à concretização do envolvimento e da participação massiva dos pais e da família junto aos alunos nos eventos anteriormente citados (fato determinante para a sensibilização dos pais sobre a importância da escola na educação de seus filhos).

A **terceira potência** apresentada pelo jornal envolve a força da parceria institucional entre a Escola Municipal Professor Ulisses de Góis e a Universidade Federal do Rio Grande do Norte, concretizada através do projeto “*Habitus* de estudar: construtor de uma nova realidade na educação básica da Região Metropolitana de Natal”, âmbito no qual foi elaborado o *Jornal Flor*, com o apoio do Programa do Observatório da Educação da CAPES. Esta parceria comprova a contribuição saudável que a UFRN proporciona a partir do trabalho de pesquisa, ensino e extensão para a educação básica, em particular para esta escola.

Para finalizar, e deixar você leitor apreciar o conteúdo do **Jornal Flor**, quero destacar o envolvimento institucional da Escola Municipal Professor Ulisses de Góis através de sua diretora, o comprometimento dos professores, das mães, dos pais e de toda família, bem como parabenizar aos alunos da turma do 1º ano do ensino fundamental pelo belo trabalho realizado.

Moisés Alberto Calle Aguirre

Fonte: Dados do Programa “Engajando famílias na escola”

No que diz respeito à família, percebemos um maior envolvimento com o ambiente escolar, as atividades de casa e de sala de aula. Esse fenômeno foi comentado pela coordenadora da escola, em nossa última roda de conversa realizada:

Quadro 40 – Fala da coordenadora do turno matutino da EMPUG, em uma das Rodas de Conversa

“independente do projeto, a participação de vocês é fundamental na vida acadêmica, na vida escolar dos filhos de vocês, não é porque tem esse projeto hoje, que eu devo estar presente, eu devo estar presente porque eu sou pai, eu sou mãe, eu sou responsável pelo meu filho, e escola nenhuma funciona sem a presença de vocês, independente do projeto acontecer, porque não são todas as turmas que tem esse privilégio, então eu como mãe, eu tenho que me preocupar de estar na escola, de deixar meu filho, independente de ano, é primeiro, é segundo, é terceiro, é quinto, é fundamental 2, mas vocês tem que estar presentes na vida dos filhos de vocês, então eu acho que essa é a maior lição que a gente tem que tirar de tudo isso, isso aqui é um momento, esse projeto é um recorte de uma parceria que a escola esta tendo com a universidade, mas o acompanhamento de vocês é fundamental, na vida dos filhos de vocês, certo?” (Anexo 6 – Recorte da fala de Sandra Maciel)

Fonte: Dados do Programa “Engajando famílias na escola”

Julgamos importante essa fala, pois ela evoca uma problemática de tantas outras salas de aula brasileiras: a presença/ausência do acompanhamento familiar às atividades escolares. Ao destacarmos, nesta dissertação, a riqueza da parceria e de como ela pode ser uma semente para o envolvimento contínuo das famílias na escola e a colheita de aprendizados futuros, confirmamos que o desenvolvimento de um programa de letramento familiar, desde os anos iniciais, pode se mostrar como uma alternativa de resolução a essa problemática, visto que é plantada nas famílias a ideia de que o trabalho colaborativo pode ser extremamente significativo e relevante ao contexto em que ele é realizado.

Temos como consequência dessa colaboração exercida no trabalho a satisfação das famílias com os resultados, a alegria em participar das atividades e o empenho em se fazer presentes nesses momentos:

Quadro 41 – Trechos de rodas de conversa

<p>Eu aprendi muito e a dar mais valor à família na escola, aprendi a dar mais valor às tarefas que Juju levava e não só os passeios, mas as tarefas ficaram marcadas. Foram só de aprendizados e foi muito bom esse projeto, e pelo jeito não vai ficar só impresso, vai ficar no coração e na mente porque foi muito bom e já estou com saudades. (Mari)</p>
<p>Ela aprendeu bastante com esse jornal. Não só ela, mas eu também. Pra mim foi uma experiência única. Pra ela foi maravilhoso, foi tudo de bom esse jornal na minha vida e principalmente na vida dela. (Adri)</p>
<p>Eu vi que (inint) [00:00:40] desempenhou mais a leitura depois do Jornal Flor. Porque ele (inint) [00:00:44] todas as palavras que ele vê, ele começa a juntar e assim que ele está muito melhor depois do Jornal Flor. Desde que começou esse jornal que ele melhorou muito. Se interessou mais. Tem coisas que eu digo assim, “(inint) [00:01:01] ao invés de você está vendo (TV) vá ler”. Aí ele diz, “eu já li, olha aqui. Margarina, vinagre, óleo”. Aí começa a ler tudo, tudo que ele vê ele vai lendo. Então eu acredito que esse jornal desempenhou ele. Ele ficou mais interessado. (Rafa da Silva)</p>

Fonte: Dados do Programa “Engajando famílias na escola”

Tais relatos nos trazem uma indagação: Quem ensina e quem aprende nesse processo? A resposta mais prudente seria dizermos que, em colaboração, todo o trabalho funciona em uma rede de ensino-aprendizagem, por isso, o valor do letramento familiar se estende das crianças até os mais velhos, perpetuando novos interesses, múltiplas leituras e muitas escritas.

Figura 37 – Colaboradores em nosso último evento de letramento



Fonte: Dados do Programa “Engajando famílias na escola”

Com base nessas relações, a escola se sente autorizada a interferir no ambiente onde a educação formal acontece através de relações familiares e sociais, refletindo o conhecimento aprendido na escola para além de seus muros, tornando seus alunos agentes deste novo processo de aprendizagem em conjunto com a escola e a comunidade onde a escola está localizada. Além disso, a escola pode ter uma base sólida para desenvolver uma proposta que promova a criticidade de seus alunos e de suas famílias sobre o mundo da comunicação, essa realidade dominante da cultura contemporânea que muitas vezes se sobrepõe à própria escola.

Percebemos, também, que a realização das ações ocasionou algo significativo no contexto escolar. Ao ressignificar práticas, criar novas, moldá-las, além de perceber o que é relevante, de forma situada, considerando o contexto e seus conflitos, conforme afirma Kleiman (2005), o professor transforma o ambiente escolar e proporciona novos aprendizados aos alunos. Vemos, conforme relatos abaixo – em especial no último, referente à professora responsável pela turma colaboradora – os valores atribuídos ao programa pelos docentes:

Quadro 42 – Comentários sobre o programa

“Um órgão de divulgação é sempre importante. No momento em que a família manuseia, de alguma forma, essa família se aproxima mais da escola e do aluno.” (Jance Leite, vice diretor da escola)

“Vejo esse projeto como uma janela de oportunidades significativas para os alunos aprimorarem sua aprendizagem, pois envolve os pais nas atividades escolares dos seus filhos, como também integra as famílias em um todo.” (Liane Fernandes, professora do 3º ano)

“Realizar um trabalho de letramento com a participação da família é algo extremamente significativo.” (Sandra Maciel, coordenadora do turno matutino)

*“Acompanho o trabalho da turma no laboratório de informática e já fui convidada a participar do projeto *Habitus de Estudar*, em uma de suas diversas atividades pedagógicas. O projeto trabalha a construção da escrita e da leitura a partir das vivências dos alunos e de suas famílias. Aproxima pais e filhos, valoriza seus saberes e contribui para o aprimoramento dos conteúdos vivenciados em sala.”* (Ilana Soares, professora do Ensino Fundamental I)

“Faço parte desde o início do projeto e sou responsável pelo desenvolvimento do mesmo na escola, o qual possibilitou outros olhares para o ensino-aprendizagem sobre o processo de letramento e alfabetização e também do letramento familiar. Houve mais aproximação das famílias junto ao trabalho desenvolvido na escola e em especial na sala onde o projeto atua.” (Rita de Cascia, professora do 1º ano A)

Fonte: Questionário (Dados do Programa “Engajando famílias na escola”)

Essas falas se concretizaram pelo envolvimento dos colaboradores e pela dimensão que o nosso programa tomou na escola, sendo sempre divulgado pela direção em eventos e redes sociais. No momento em que a escola viu relevância nas ações, oportunidades, parcerias e pactos foram estabelecidos, de forma que o programa teve portas abertas para todas as proposições feitas, transformando-se em um espaço de diálogo colaborativo tal qual foi pensado para nosso trabalho.

Em notas de campo, a professora da turma enunciou suas considerações acerca do programa, evidenciando suas concepções:

Quadro 43 - Trecho das Notas de Campo⁵⁰ realizadas pela Professora Rita de Cascia

“As atividades vivenciadas na sala do 1º ano A através do Projeto ‘O Habitus de Estudar’ não se restringem aos eventos realizados na escola ou fora dela, realizamos trabalhos com os gêneros literários com a participação dos alunos e das famílias e a Coluna Literária ‘Era uma vez’ e a Coluna Social com as ‘Histórias colaborativas’ fez lembrar as histórias de vida das famílias. Histórias lindas e cheias de emoção. Tem relatos que falam sobre: Aniversário com a família..., Churrasco em família..., Passeio ao Parque das Dunas..., Minha família..., Uma mãe que precisa trabalhar fora..., Minha vida... e outras histórias incríveis e marcantes, onde se não fosse essa atividade talvez eu (Profª Cascia) nunca tenha tido essa oportunidade de conhecer mais de perto um pouco da intimidade das famílias dos meus alunos. O bacana é que a forma como foi conduzida a atividade levou as famílias a se sentirem a vontade para partilhar conosco essas histórias maravilhosas. Após as famílias encaminharem as histórias, fizemos com os alunos um momento de partilha, isto é, lemos para eles as histórias e eles ficaram encantados com os relatos. Isto é o que entendo que seja o verdadeiro trabalho sobre ‘O letramento familiar’.”

Fonte: Dados do Programa “Engajando famílias na escola”

⁵⁰ Disponível na íntegra nos Anexos deste trabalho.

Assim, notamos que o trabalho proporcionou aos alunos ferramentas de uso da leitura e da escrita na escola e na comunidade; portadores de textos que dão uso social à escrita dos alunos na fase de alfabetização; experiências de vida para os alunos, sendo um fator de estimulação e motivação para sua aprendizagem; valorização das produções escritas dos alunos, fazendo-as circular no ambiente escolar, familiar e comunitário; estímulo para o aluno escrever pessoal e socialmente, elevando a sua autoestima e estimulando o imaginário.

O foco na agência escolar foi uma maneira de traçar ações que vão além da sala de aula. Ao considerarmos que as práticas de leitura e escrita são, por sua natureza, sociais, somos capazes de realizar atividades que trazem significado e relevância para os colaboradores. Além disso, trabalhar com as questões situadas em seus próprios contextos - os problemas da comunidade, por exemplo - é crucial para os colaboradores se sentirem os agentes neste processo. Assim, ao delinear práticas no ambiente escolar, o pesquisador não pode deixar de levar em conta o contexto, os colaboradores, os seus interesses e as suas necessidades, porque isso traz a sua função social.

O trabalho acadêmico desenvolvido ganha força, assim, por estabelecer vínculos exitosos com a escola pública (movimento incentivado pelo Plano Nacional da Educação), ao mesmo tempo em que traz novas contribuições ao campo do letramento familiar e impactos ao contexto dos colaboradores da pesquisa a partir da experiência socioeducativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De modo a sintetizarmos os principais achados da pesquisa, retomamos, em nossas *Considerações Finais*, as Questões que nortearam nossa pesquisa, propondo alternativas de respostas de acordo com nosso *corpus*.

Que recursos podem apoiar o desenvolvimento de um programa de letramento familiar que permita a interação entre os membros das comunidades escolar e familiar?

O programa “Engajando famílias na escola” foi articulado visando à interação entre os membros das comunidades escolar e familiar, a partir das noções de projetos de letramento, entendidos como dispositivos didáticos. Dessa forma, integra uma rede de princípios: *comunidade de aprendizagem, ensino com gêneros, prática social, resolução de problemas, currículo dinâmico, agentes de letramento, aprendizagem situada e abordagem colaborativa* (Oliveira, 2010). Conforme tais pressupostos, consideramos como importante para a realização do programa a relevância social das problemáticas realçadas, a colaboração da comunidade, a flexibilidade das ações curriculares, entre outras características próprias desses projetos. Ainda, dar voz a essas histórias proporcionou concebermos a expressividade de trabalhar com projetos de letramento no ambiente escolar, visto que o interesse real na vida do colaborador gera dados ricos em sentido, vida, emoção e valor.

Esse encaminhamento possibilitou a criação de uma ferramenta de interação e contato com a comunidade a partir de atividades de leitura e escrita, sendo o principal recurso para seu desenvolvimento o *Jornal Flor*, com contribuições de estudantes, famílias e comunidade escolar. Utilizar o jornal eletrônico proporcionou tarefas que envolvem vários gêneros, produções colaborativas, escrita individual, experiências coletivas com alunos e pais, dinâmicas, jogos, filmes e passeios, movimentos que proporcionaram materiais a serem compartilhados entre a comunidade e suscitaram o aprendizado com diferentes contextos sociais de práticas. Ainda, permitiu aguçar a motivação para a colaboração a partir da divulgação das produções para além da escola, em suporte *online*, e do desenvolvimento de atividades prazerosas que envolvem a escrita.

Que ações podem ser implementadas para integrar as famílias às atividades curriculares?

Em nosso programa, os familiares foram integrados às atividades de casa, sala de aula, passeios e reuniões, em colaboração com os alunos e membros da equipe escolar. Discursivamente, a integração da família às atividades curriculares ocorreu através da feitura de autobiografias, histórias de vida e de letramento, relatos, reportagens, cartas, resumos, pesquisas, notícias e comentários (ver o Apêndice 1 com a sistematização de todas as ações do programa).

Nessa orientação, o planejamento de ações do programa de letramento familiar foi sistematizado pensando nas seguintes questões: (i) o trabalho focado e os objetivos bem definidos, de modo que as famílias pudessem compreender a importância da produção escrita para si e para os alunos; (ii) a apresentação de tópicos/temáticas/assuntos que abordassem as necessidades e os interesses das famílias e crianças - preocupação com a situação da comunidade; (iii) a adoção de ações de empoderamento, especialmente em comunidades socialmente marginalizadas, com foco em práticas sociais e agentivas de leitura e escrita; (iv) a mobilização de momentos, como rodas de conversa, nos quais todos os participantes praticassem a reflexão sobre suas ações e seu impacto sobre os outros e as suas próprias vidas diárias; (v) a legitimação do conhecimento e práticas de letramento das famílias para sustentar a relação criada entre as famílias e as escolas; (vi) a promoção de momentos de práticas de leitura e escrita compartilhadas entre alunos e famílias, proporcionando o diálogo.

Que estratégias de engajamento podemos utilizar para promover a aproximação entre as esferas familiar e escolar?

A principal problemática abordada no nosso trabalho, ou seja, a distância entre as esferas familiar e escolar, mostrou-se como desafio a ser combatido por meio do nosso programa. Dessa forma, um movimento necessário para quebrar barreiras nesse sentido era conhecer o ambiente em que nos inserimos (tanto as famílias quanto as escolas e seus alunos) para sabermos quais as necessidades, as exigências e os valores praticados por eles. Para tal, foi necessário que dialogássemos e realizássemos atividades com a comunidade, procurando sempre, nesses momentos, oportunizar envolvimento e priorizar saberes locais e a construção de um conhecimento compartilhado, o que se realizou, em nossa pesquisa, principalmente a partir de relatos e rodas de conversa. Nesse caminho, o ambiente colaborativo é produzido e o engajamento é efetivado.

Ressaltamos que, em pesquisas de caráter social, a aceitação dos colaboradores é necessária para que as atividades sejam realizadas. Pensamos que é por isso que é delicado construir projetos de letramento familiar em nosso contexto. Acreditamos que trabalhar para aumentar a conscientização sobre o espaço da família na escola e sua importância para melhorar a aprendizagem ainda são passos necessários para abrir os horizontes de mais pesquisas relacionadas a esse tópico.

Nesse sentido, consideramos que, para os colaboradores de nossas ações, a oportunidade de vivenciar um programa de letramento familiar, em parceria entre família-escola-comunidade, foi rica e impactante, pois abriu caminho para reflexões sobre a importância do ensino e dessa parceria, promovendo um estreitamento de relações do contexto situado.

Para mim, como pesquisadora e professora, o trabalho ressignificou os valores sobre pesquisa científica, ensino e o papel da família nesse percurso. Oportunizou a construção de experiências acadêmicas e no ensino público, parcerias com professores ilustres, diálogos com saberes comunitários e crescimento pessoal diante da beleza do trabalho com famílias, histórias, crianças, ensino e amor.

REFERÊNCIAS

Site da AILA. Disponível em <<http://www.aila.info/en/>> Acesso em: 4 Mar 2014

ALVES, L. Aprendizagem em rede e formação docente: trilhando caminhos para a autonomia, a colaboração e a cooperação. In: VEIGA, I. P. A.; D'ÁVILA, C. (Orgs). *Profissão docente: novos sentidos, novas perspectivas*. Campinas: Papirus, 2008.

ANDERSON, J. E. *Families Learning Together in Colorado: A Report on Family Literacy*. Denver: Office of Adult Education, Colorado State Department of Education, 1994.

AUERBACH, E. *Making Meaning, Making Change: A Guide to Participatory Curriculum Development for Adult ESL and Family Literacy*. Boston: UMass English Family Literacy Project, 1990.

BARBOSA, M. L. R. *Deslindando os usos da escrita nos domínios escolar e familiar: implicações de práticas de letramento no processo de alfabetização*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis, 2014.

BARRETO, C. P.. *Comunidade, escola, jornal escolar: um estudo de caso*. Mestrado acadêmico em educação. Universidade de Brasília, Brasília: 2012.

BARTON, David; HAMILTON, Mary; IVANIC, Roz (Eds.). Preface: literacy events and literacy practices. In: *Worlds of literacy: The Language and Education*. Clevedon: Multilingual Matters, 1993.

BAYNHAM, M. *Literacy practices: Investigating literacy in social contexts*. (Language in social life series.) London: Longman, 1995.

BAZERMAN, C. *Gênero, agência e escrita*. (Tradução: Judith Chambliss Hoffnagel) – 2ª edição – São Paulo: Cortez, 2011.

BENDRATH, E. A. *O programa Escola da Família enquanto política pública: Políticas Compensatórias e Avaliação de Rendimento*. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós Graduação em Educação da UNESP/FCT. FAPESP. Presidente Prudente, 2010.

BORTONI-RICARDO, S. M. *O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa*. São Paulo: Parábola Editora, 2008.

BRASIL. *Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos*. Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, 2006.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. *PCN: Parâmetros Curriculares Nacionais*. Brasília, v. 2, 1997.

_____. *Plano Nacional de Educação*. Lei No 13.005, de 25 junho de 2014.

BRUNER, J. *Actual Worlds Possible Minds*. Cambridge, Mass: Harvard University Press, 1986.

CAIRNEY, T. H. Literacy diversity: Understanding and responding to the textual tapestries of home, school and community. In: *Portraits of Literacy across families, communities and schools* (Orgs ANDERSON, J.; KENDRICK, M; ROGERS, T; SMYTHE, S.). London: Lawrence Erlbaum Associates, 2005.

CÂMARA, L. L. M. *Práticas de letramento digital de professores em formação: demandas, saberes e impactos*. Mestrado em Estudos da linguagem. UFRN: Natal, 2014.

CANÇADO, M. Um estudo sobre a pesquisa etnográfica em sala de aula. *Trabalhos em Linguística Aplicada*. Campinas, SP, n. 23, 1994.

CARVALHO, R. A. *O jornal escolar como estratégia para produção e publicação de diferentes gêneros textuais em sala de aula: um estudo de caso do jornal "Galera Roldão"* (Mestrado Acadêmico em Lingüística). Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis, 2011.

CASPE, M. *Family Literacy: A Review of Programs and Critical Perspectives*. Cambridge: Harvard Family Research Project, 2003.

CASTRO, J. M.; REGATTIERI, M. *Interação escola-família: subsídios para práticas escolares*. Brasília: UNESCO, MEC, 2009. Disponível em <<http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001877/187729por.pdf>> Acesso em 04 Jul 2014

CELANI, M. A. A relevância da Lingüística Aplicada na formação de uma política educacional brasileira. Fortkamp, B. M. e Tomitch, L. M. B. (orgs.). *Aspectos da Lingüística Aplicada: estudos em homenagem ao professor Hilário Ignácio Bohn*. Florianópolis: Insular, p. 17-32, 2000.

COELHO, M. G. P.; OTHON, R. A. A. *Do Papel à Rede: Práticas Jornalísticas Remasterizadas na Convergência Digital*. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – Natal: 2015.

COELHO, M. G. P. ; GALLO, P. Aquisição dos letramentos necessários à cultura da convergência: a narrativa transmídia na escola. *QUIPUS*. Natal: 2011.

CORSI, F. A. M.. *Contribuições do uso do jornal impresso na produção de gêneros textuais no ensino fundamental*. (Mestrado Acadêmico em Lingüística) Universidade de Franca: Franca, 2012.

DANTAS, M. L. *Making family connections and partnerships*. California Association of Bilingual Educators conference in Long Beach. San Diego: University of San Diego, 2006.

DANTAS, M. L.; MANYAK, P. C. (Eds.). *Home-School Connections in a multicultural society: learning from and with culturally and linguistically diverse families*. New York: Routledge, 2010.

Dicionário Priberam da Língua Portuguesa (DPLP). Disponível em <<http://www.priberam.pt/dlpo/programa>> Acesso em 21 Jan 2014

EMERSON, R. M.; FRETZ, R. I.; SHAW, L. L. Fieldnotes in ethnographic research. In: *Writing ethnographic fieldnotes*. Chicago: University of Chicago Press, 1995. Tradução para a língua portuguesa por Leandro de Oliveira (Professor do Departamento de Ciências Sociais da URCA). Disponível em <<http://periodicos.urca.br/ojs/index.php/RevTendenc/article/view/690/606>> Acesso em 09 de Mar 2015

ERICKSON, F. Qualitative methods in research on teaching. In: M. Wittrock (Ed.), *Handbook of research on teaching* (pp. 119-161). New York: Macmillan, 1990.

EUZÉBIO, M. D. *Usos sociais da escrita na família e na escola: um estudo sobre práticas e eventos de letramento em uma comunidade escolar em Florianópolis/SC*. Dissertação de mestrado. Florianópolis: PPGLG/UFSC, 2011.

FREINET, C. *O Jornal Escolar*. Lisboa: Editorial Estampa, 1974.

GADSEN, V. L. Current Areas of Interest in Family Literacy. In J. COMINGS, B. GARNER, & C. SMITH (Eds.), *Annual review of adult learning and literacy* (Vol. 3, p. 248-267). San Francisco: Jossey-Bass, 2002.

GALVÃO, A. M. de O. Leitura: algo que se transmite entre as gerações? In: RIBEIRO, V. M. (Org). *Letramento no Brasil*. São Paulo: Global, 2003.

GOULART, A. J. *Letramento familiar: práticas e eventos de leitura em segmento genealógico familiar com progenitores analfabetos*. 247 fl.: il. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis, 2012.

GREGORY, E. Guiding lights: siblings as Literacy Teachers. In: *Portraits of Literacy across families, communities and schools* (Orgs ANDERSON, J.; KENDRICK, M; ROGERS, T; SMYTHE, S.). London: Lawrence Erlbaum Associates, 2005.

- HAMILTON, M. Expanding the new literacy studies: using photographs to explore literacy as social practice. In: BARTON, David; HAMILTON, Mary; IVANIC, Roz (Org.) *Situated literacies*. London: Routledge, 2000.
- HEATH, S. B. What no bedtime story means: narrative skills at home and school. *Language in Society*. p. 49-76. Local, 1982.
- HEATH, S. B.; STREET, B. *On Ethnography: Approaches to Language and Literacy Research*. National Conference on Research in Language and Literacy. Teachers College Columbia: Columbia, 2007.
- HORIKAWA, A. Y. Pesquisa Colaborativa: Uma Construção Compartilhada de Instrumentos. *Revista Intercâmbio*, volume XVIII: 22-42. São Paulo: LAEL/PUC-SP, 2008.
- IBIAPINA, I. M. L. M. *Pesquisa colaborativa: investigação, formação e produção de conhecimentos*. Brasília: Líber Livro, 2008.
- KAPLAN, K. C. Literacy Ideologies: Critically Engaging the Language Arts Curriculum. *Language Arts*. Vol. 79 No. 5, Illinois: National Council of Teachers of English, 2002. Disponível em <
http://www.alexiscullerton.com/uploads/2/4/7/2/24729748/literacy_ideologies_cadiero-kaplan.pdf> Acesso 12 mar 2015
- KEY, D. *Literacy shutdown: stories of six American women*. International Reading Association: Delaware, 1998.
- KING, R.; MCMASTER, J. *Pathways: a primer for family literacy program and development*. Louisville, KY: National Center for Family Literacy, 2000.
- JOSEPH, L. M. *Understanding, Assessing, and Intervening on Reading Problems*. Bethesda, MD: National Association of School Psychologists, 2006.
- KATO, M. *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística*. São Paulo: Ática, 1986.
- KLEIMAN, A. B. *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995.
- KLEIMAN, A. B. *Alfabetização e formação do professor: alfabetização de jovens e adultos*. Angela B. Kleiman e Inês Signorini. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.
- KLEIMAN, A. B. A interface de questões éticas e metodológicas na pesquisa em Linguística Aplicada. In: da Silva, Denize E.G.; Vieira, Josênia A.. (Org.). *Análise do Discurso Percursos Teóricos e Metodológicos*. 1ed. Brasília: Editora Plano, 2002, v. 1, p. 187-202.

KLEIMAN, A. B. *Preciso “ensinar” o letramento? Não basta ensinar a ler e a escrever?* Campinas: Cefiel/Unicamp, MEC, 2005.

KLEIMAN, A. B. Processos identitários na formação profissional: o professor como agente de letramento. In: CORRÊA, M. L. G.; BOCH, F. (Org.). *Ensino de língua: representação e letramento*. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2006.

KLEIMAN, A. Letramento e suas implicações para o ensino de língua materna. In: *Signo*. Santa Cruz do Sul, v. 32 n. 53, dez, 2007.

KRAMER, S. *Autoria e autorização: questões éticas na pesquisa com crianças* Cadernos de Pesquisa, n. 116, p. 41-59, 2002.

LEFFA, V. A Linguística Aplicada e seu compromisso com a sociedade. In: *Anais do VI Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada*. Belo Horizonte: Associação de Linguística Aplicada do Brasil, 2001.

LEU, D. J.; JR., KINZER, C. K.; COIRO, J.; CAMMACK, D. Toward a theory of new literacies emerging from the internet and other information and communication technologies. In: R. B. RUDELL & N.J. UNRAU (Eds.) *Theoretical Models and Processes of Reading, Newark, DE: International Reading Association, Fifth Edition (1568-1611)*. International Reading Association: Newark, DE. (Reprinted in J. Cobb & M. K. Kallus (Ed.) *Historical, theoretical, and sociological foundations of reading in the United States*. Pearson: Boston, MA, 2004.

LITERACY BC. *Helping Communities Bloom: A Family Literacy Resource Guide for British Columbia*. Vancouver: Literacy BC, 2000. Disponível em <<http://www.nald.ca/library/learning/lbc/helping/helping.pdf>> Acesso 23 Fev 2014

MANGIA, E. F.; MURAMOTO, M. T. O estudo de redes sociais. *Rev. Ter. Ocup.* Universidade de São Paulo: São Paulo, v. 16, n. 1, p. 22-30, jan./abr., 2005.

McLAREN, P. L. Culture or Canon? Critical Pedagogy and Politics of Literacy. *Havard Educational Review*, v. 58, n. 2, p. 213-234, 1988.

MELO, P. B. A performance jornalística: a atuação da agência material sobre a agência humana na prática midiática. Recife: Anais do XIII Congresso Brasileiro de Sociologia, 2007. Disponível em:

<http://www.fundaj.gov.br/geral/observanordeste/observanordeste_textosespeciais-patriciameelo2.pdf> Acesso em: 05 Fev 2014

MENEZES, V.; SILVA, M. M.; GOMES, I.F. Sessenta anos de Linguística Aplicada: de onde viemos e para onde vamos. In: PEREIRA, R.C.; ROCA, P. *Linguística*

aplicada: um caminho com diferentes acessos. São Paulo: Contexto, 2009. Disponível em: <<http://www.veramenezes.com/linaplic.pdf>> Acesso em 12 Nov 2013

MOITA LOPES, L. P. da. Etnografia crítica: um paradigma de pesquisa em Lingüística Aplicada. *Intercâmbio Puc Sp*, v. 03, p. 1-16, 1993.

MOITA LOPES, L. P. da . Pesquisa interpretativista em Lingüística Aplicada: a linguagem como condição e solução. *Delta*. Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada, v. 10, n.2, p. 329-338, 1994.

MOITA LOPES, L. P. Da aplicação de linguística à Linguística Aplicada Indisciplinar. In: PEREIRA, R. C. ROCA, P. *Linguística Aplicada: um caminho com diferentes acessos*. São Paulo: Contexto, 2009.

MOURA, A. D.; LIMA, M. G. A reinvenção da roda: roda de conversa: um instrumento metodológico possível. *Revista Temas em Educação*, João Pessoa, v.23, n.1, p. 98-106, jan.-jun. 2014

NATIONAL CENTER FOR FAMILY LITERACY. *The family literacy answer book: a guidebook for teachers and administrators of family literacy programs*. Louisville: The Center, 1997.

NATIONAL CHILDREN'S BUREAU (NCB). *Principles for engaging with families: A framework for local authorities and national organizations to evaluate and improve engagement with families*. National Quality Improvement Network: London, 2010. Disponível em <http://www.ncb.org.uk/media/236258/engaging_with_families.pdf> Acesso 22 Jun 2014

NICKSE, Ruth. *The Noises of Literacy*. Washington: U.S. Department of Education, 1989 [1990].

NUTBROWN, C.E., HANNON, P., & MORGAN, A. *Early literacy work with families*. London: SAGE Publications, 2005.

OLIVEIRA, E. G. *Educação à distância na transição paradigmática*. Campinas: Papirus, 2003.

OLIVEIRA, M. S.; KLEIMAN, A. B. (orgs.) *Letramento múltiplos: agentes, práticas, representações*. Natal/RN: EDUFRN, 2008.

OLIVEIRA, M. S. Gêneros textuais e letramento. In: *RBLA*, Belo Horizonte, v. 10, n. 2, p. 325-345, 2010.

OLIVEIRA, M. S.; TINOCO, G. A.; SANTOS, I. B. A. *Projetos de letramento e formAÇÃO de professores de língua materna*. Natal: EDUFRN, 2011.

- OLIVEIRA, M. S. *Letramentos e políticas públicas: a família na escola*. In: KLEIMAN, Angela Bustos (org.) *Significados e Ressignificações do Letramento*. No prelo.
- PADAK, N. SAPIN, C. & BAYCICH, D. *A decade of family literacy: programs, outcomes and future prospects*. ERIC Document No. ED 456 074, 2002.
- PEARCE, L. D. Integrating Survey and Ethnographic Methods for Systematic Anomalous Case Analysis. *Sociological Methodology*, 2002.
- Portal do MEC. Disponível em < <http://portal.mec.gov.br/>> Acesso 12 Fev 2014
- PÉREZ TORNERO, José Manuel & VARIS, Tapio. *Alfabetización mediática y nuevo humanismo*. Barcelona: UOC/Unesco, 2012.
- PRINSLOO, M. & BREIER, M. *The Social Uses of Literacy: Theory and Practice in Contemporary South Africa*. Amsterdam: John Benjamin Publishers, 1996.
- PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. de. *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. Novo Hamburgo: Universidade Feevale, 2013.
- PUCHNER, L. D. *Family literacy in cultural context: lessons from two case studies*. Philadelphia: National Center on Adult Literacy, University of Pennsylvania, 1997.
- RASMUSSEN, J. *The BC framework of statements and standards of best practices in family literacy*. Vancouver, BC: Literacy BC, 2000.
- ROJO, R. *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*. São Paulo: Parábola, 2009.
- ROZALEN, M.; MAZZILLI, S. Formação de professores para o uso da informática nas escolas: evidências da prática. In: Reunião da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação, 28, 2005, Caxambu. *Anais da 28ª Reunião da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação*. Rio de Janeiro: Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação, 2005.
- SANTANA, V. C.; OLIVEIRA, D. C.; MEIRA, T. A. V. Novos arranjos familiares: uma breve análise. *EFDeportes.com, Revista Digital*. Buenos Aires, Ano 17, Nº 177, 2013. Disponível em < <http://www.efdeportes.com/efd177/novos-arranjos-familiares-uma-breve-analise.htm> > Acesso em 03 Dez 2014
- SANTOS, A. D. G.; OLIVEIRA, M. S. (Org.) ; AGUIRRE, M. A. C. (Org.) ; GOMES, R. C. (Org.) *Jornal Flor*. 1. ed. Natal: Editora Lula Borges Imagem e Som, 2015. 56p .
- SANTOS, I. B. de A. *Projetos de letramento na educação de jovens e adultos: o ensino da escrita em uma perspectiva emancipatória*. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012.

SILVA, P. A. P. "*Práticas colaborativas de escrita por meio de ferramentas da internet: ressignificando a produção textual na escola*" Doutorado em Linguística Aplicada. Universidade Estadual de Campinas, Campinas: 2011.

ST PIERRE, LAYZAR & BARNES. *The Future of Children: long-term outcomes of early childhood programs*, 1995. Disponível em <http://futureofchildren.org/futureofchildren/publications/docs/05_03_FullJournal.pdf>

Acesso em 03 Jul 2014

STREET, B. *Literacy in theory and practice*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

STREET, B. Introduction: The New Literacy Studies. In: Brian Street (ed.). *Cross-cultural approaches to literacy*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 1-19. 1993.

TFOUNI, L.V. *Adultos não alfabetizados: o avesso do avesso*. Campinas: Pontes, 1988.

TINOCO, G. M. A. de M. *Projetos de letramento: ação e formação de professores de língua materna*. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem: Campinas, 2008.

THOMAS, J. *Doing critical ethnography*. Thousand Oaks, CA: Sage, 1993.

UNITED WAY OF AMERICA. *Measuring Program Outcomes: A Practical Approach*. Alexandria: United Way Worldwide, 1996.

U.S. DEPARTMENT OF EDUCATION, DWYER, M. C., SWEENEY, T. R. & RMC RESEARCH CORPORATION. *Guide to Quality: Even Start Family Literacy Program Implementation and Continuous Improvement*, 2001.

WASIK, B. H., HERMANN, S., BERRY, R. S., DOBBINS, D. R., SCHIMIZZI, A. M., SMITH, T. K., et al. *Family literacy: An annotated bibliography*. Chapel Hill: University of North Carolina at Chapel Hill. 2000 Disponível em: http://www.ed.gov/PDFDocs/Family_Literacy.pdf Acesso: 12 de Out de 2013.

APÊNDICES



Apêndice 1 – Quadro de ações do programa “Engajando famílias na escola”

	Data	Ações
1	2012-2014	Contato com comunidade, professor e escola
2	20/03	Apresentação do projeto: o <i>habitus</i> de estudar e o jornal eletrônico Autorização para realização do projeto, uso de imagem e participação.
3	20/03	O que é o jornal?
4	27/03	Conhecendo os agentes
5	03/04	Reportagem informativa: Nova Descoberta
6	10/04-15/05	Bolo de cenoura com calda de chocolate
7	24/04	Autorização para visita à UFRN e convite para irem junto às crianças Introdução ao tema: eu, minha escola, minha Universidade
8	29/04-19/05	Coluna da Mamãe
9	06/05	Visitação à UFRN: eu, minha escola, minha Universidade
10	15/05	Registros da visita
11	22/05	Criação de site para hospedar o jornal (wix) e inscrição no site de conversão de arquivo pdf para formato de <i>jornal eletrônico</i> (Calaméo).
12	10/06-22/07	Coluna Esportiva: Copa do Mundo
13	03/06	Publicação da primeira edição do jornal eletrônico (sala de vídeo) Lanche coletivo Questionário e histórias de letramento (equipe escolar e famílias)
14	24/07	Dia dos avós (26 de julho): homenagens e objetos de sua época
15	04/08	Visita de Convidado: Projeto Divulgando leituras conquistando leitores Histórias de vida (equipe escolar e famílias)
16	07/08	Atividade em homenagem ao Dia dos Pais (10/08): O que significa ‘ser pai’?
17	14/08	Leituras literárias Atividade de casa: Leitura compartilhada em casa de livro da biblioteca
18	28/08-04/09	Cobertura da Inauguração da Biblioteca da Escola Horácio de Góis Construção da matéria em formato de reportagem Gravação em vídeo de mãe
19	05/09-11/09	Desfile – Sete de setembro Gravação em vídeo de avó, registros do desfile e notícia do evento
20	15/09	Espaço do leitor: Comentários de membros da escola ao jornal
21	22/09-25/09	Valorizando a biblioteca

22	29/09	Eleições 2014 – pesquisa de intenção de votos
23	16/10	Publicação da segunda edição do jornal eletrônico (sala de computação)
24	13/11	Produção de história colaborativa entre familiares e alunos narrando um evento em família
25	21/11- 24/11	Participação na CIENTEC (Semana de Ciência, Tecnologia e Cultura) da UFRN
26	*	Espaço do Leitor Criação da mensagem final das professoras Feitura do convite formal aos palestrantes
27	11/12	Coluna Social: Trazer fotos da família em eventos sociais e criar uma ‘nota’ Vídeo final dos alunos e familiares: Construir roteiro de forma colaborativa (o que aprendemos nesse ano, agradecimentos, mensagem aos leitores, despedida), que gerará um editorial; Gravação.
28	*	Finalização da edição Impressão dos jornais e dos certificados e gravação dos DVDs
29	16/12	Publicação da terceira edição do jornal eletrônico Roda de conversa reflexiva com os pais (Convidados: Equipe escolar e Prof. Dr. Moisés Alberto Calle Aguirre) Entrega de certificado de participação do projeto. Entrega de DVD (documentário + edições do <i>jornal eletrônico</i>) Entrega da versão impressa dos três jornais
30	12/06 2015	Evento de lançamento da publicação “Jornal Flor”, pela Editora Lula Borges Imagem & Som.


NOTA DE CAMPO 1
DATA: 2012-2014
PLANEJAMENTO DE AÇÕES: Contato com comunidade, professor e escola
PROPÓSITO DA AÇÃO: Conhecer a comunidade na qual nos inserimos para a realização do programa.
GÊNERO(S) E FUNÇÃO DO TRABALHO COM O(S) MESMO(S): <i>Notas de campo</i> foram organizadas para sistematizar as impressões do pesquisador em relação à escola e às suas necessidades.
EXECUÇÃO: <p>Nos anos de 2012 e 2013, estivemos inseridos na EMPUG de duas formas: pelo projeto “O <i>habitus</i> de estudar: construtor de uma nova realidade na educação básica da RMN” e pelas disciplinas de estágio (I, II e III) da licenciatura em Letras da UFRN. Através do projeto, realizamos atividades na EMPUG junto à professora da turma com a qual realizaríamos nosso programa; nos estágios, realizamos visitas, relatórios e análise do Projeto Político Pedagógico da escola, além de buscarmos a história da escola, sua estrutura física, seus recursos humanos e a caracterização socioeconômica de sua área, visando conhecer melhor seu contexto.</p> <p>Tais momentos apontaram para a necessidade de uma inserção da família ao ambiente de sala de aula. Por se tratar de uma escola pública em região periférica, mesmo em salas de aula dos primeiros níveis (como, no nosso caso, 1º ano do ensino fundamental), havia tido relatos de abandono escolar, bem como envolvimento em trabalho infantil e outras atividades impróprias para o meio. Além disso, o incentivo ao aprendizado, essencial para haver a motivação dos alunos, precisava de forças familiares.</p> <p>Como meio de tentativa de mudança nessa situação, procuramos inserir nesse ambiente uma alternativa: o uso do <i>jornal eletrônico</i>, uma criação dos alunos em parceria com a escola e com a família. Com isso, decidimos implantar, no ano de 2014, um cronograma de ações nos quais a família tivesse o máximo de envolvimento possível, até mesmo participando de atividades em sala de aula. Queríamos que a família sentisse que era parte do ambiente escolar.</p>

NOTA DE CAMPO 2
DATA: 20/03/2014
<p>PLANEJAMENTO DE AÇÕES:</p> <p>Apresentação do projeto: o <i>habitus</i> de estudar e o jornal eletrônico</p> <p>Autorização para a realização do projeto, o uso de imagem e a participação.</p>
<p>PROPÓSITO DA AÇÃO:</p> <p>Convidar os familiares a participar das ações e apresentar o programa de letramento familiar;</p> <p>Autorizar a utilização das imagens para a nossa publicação.</p>
<p>GÊNERO(S) E FUNÇÃO DO TRABALHO COM O(S) MESMO(S):</p> <p><i>Convites</i> foram feitos para encaminharmos às famílias em momento anterior, explicando a importância de sua participação nesse momento.</p> <p><i>Apresentação oral</i> do projeto de ações a ser desenvolvido, para demonstrar as justificativas, os objetivos e o cronograma de atividades que seriam desenvolvidas.</p> <p><i>Autorização</i> a ser assinada pelos familiares e pelos alunos, habilitando as ações.</p>
<p>EXECUÇÃO:</p> <p>No primeiro encontro com a turma em foco – os alunos e familiares do primeiro ano A do ano de 2014 da EMPUG – nós convidamos os familiares a entrar na sala de aula, sentar nas cadeiras ao lado dos alunos e discutir conosco a proposta de intervenção.</p> <p>Em parceria com a professora da turma, explicamos os objetivos do programa e como seria o andamento das ações. Muitos dos olhares familiares foram curiosos e demonstraram interesse, dentre eles uma irmã, uma avó, um pai e algumas mães. Ainda havia alunos e familiares ausentes, e, para estes, a informação foi dada em outros momentos de encontros na escola e também por comunicação escrita, na qual expressamos os objetivos do programa e questionamos se haveria interesse na participação.</p> <p>Não houve problemas e todos pareceram solícitos em estarem presentes durante nossos encontros semanais, apesar de observarmos que alguns não poderiam estar disponíveis em todos os encontros devido a compromissos (especialmente, trabalho).</p>

NOTA DE CAMPO 3	
DATA: 20/03/2014	
PLANEJAMENTO DE AÇÕES:	O que é o jornal?
PROPÓSITO DA AÇÃO:	Fazer contato com exemplares do gênero da realidade local; Estabelecer o foco da nossa publicação.
GÊNERO(S) E FUNÇÃO DO TRABALHO COM O(S) MESMO(S):	<i>Jornais</i> que circulam na comunidade para a realização de leituras/primeiras leituras e contato com o gênero. <i>Debate</i> para discussão de ideias para a nossa produção. <i>Votação</i> para escolha do título e da capa da nossa publicação.
EXECUÇÃO:	<p>Iniciamos esse momento com a leitura de diversos exemplares de jornais que circulam na capital potiguar. Para alguns, esse seria o primeiro contato com o gênero, por isso julgamos relevante tal ação. Colaborativamente, realizamos algumas leituras e comentários sobre as notícias publicadas naquela semana.</p> <p>Ao ver os grandes títulos desses jornais em circulação, os alunos quiseram realizar a votação de qual seria o nome do nosso jornal; a partir de uma tempestade de ideias, surge a ideia do “Jornal Flor”, justificada por ser um “<i>lindo</i>” nome. Percebemos que os nomes se relacionavam muito às vivências destes alunos (boneca, carrinho <i>etc</i>). Toda a programação para este dia foi contemplada sem problemas.</p>
	

NOTA DE CAMPO 4
DATA: 27/03/2014
PLANEJAMENTO DE AÇÕES: Conhecendo os agentes
PROPÓSITO DA AÇÃO: Obter aproximação e conhecimentos sobre o grupo com o qual trabalhamos.
GÊNERO(S) E FUNÇÃO DO TRABALHO COM O(S) MESMO(S): <i>Fotografias</i> foram feitas para registrar os alunos e familiares colaboradores. <i>Questionários</i> foram realizados para nortear a construção das autobiografias. <i>Autobiografias</i> foram produzidas para conhecermos os colaboradores.
EXECUÇÃO: <p>Visando por reconhecer nossos agentes, adotamos como primeira atividade oficial do programa uma apresentação dos mesmos. Realizamos registros fotográficos e produções orais com auxílio de questionário. Duas alunas faltaram e foi necessário realizar essa atividade com elas em outro momento.</p> <p>Algumas das autobiografias:</p> <p><i>Meu nome é Kah Barbosa. Tenho cinco anos. Nasci no interior e agora moro em Natal, Nova Descoberta, com minha vó, dois tios, minha tia e minha irmã. Estudo na EMPUG. Todos os dias eu fico dormindo. Gosto de ler historinhas e não gosto da história do pato. Quando eu era mais nova ia pro médico e pro shopping. Eu gosto de ir pra escola e de brincar de boneca, e não gosto de varrer a casa. No futuro quero ser veterinária, morar na Zona Norte e casar.</i></p> <p><i>Meu nome é Lanny Priscila dos Santos Fernandes. Tenho seis anos. Nasci em Natal, no hospital da polícia, e moro em Nova Descoberta com minha mãe, meu pai e meus irmãos. Estudo na EMPUG. Todo dia vou pra escola, escrevo, vou pro parquinho, lanche e faço dever. Em casa, fico no computador, no facebook e durmo. Gosto de ler livro da Mônica e não gosto de livro de monstro. Quando eu era mais nova quebrava meus brinquedos e mamava. Gosto de brincar no notebook e não gosto que briguem comigo. No futuro quero ser professora e policial, morar numa casa bem grande, criar um cachorro pitbull e continuar com a minha família.</i></p>

NOTA DE CAMPO 5
DATA: 03/04/2014
PLANEJAMENTO DE AÇÕES: Reportagem informativa: Nova Descoberta
PROPÓSITO DA AÇÃO: Descrever o contexto da escola e das casas dos nossos colaboradores.
GÊNERO(S) E FUNÇÃO DO TRABALHO COM O(S) MESMO(S): <i>Relatos</i> dos alunos sobre o contexto, para dar-lhes senso de comunidade junto aos colegas e a escola. <i>Entrevistas</i> com um membro familiar sobre sua história de vida no bairro, para que conhecêssemos as percepções da comunidade sobre o meio em que residem e onde a escola é situada.
EXECUÇÃO: <p>Além de conhecer nossos agentes, quisemos conhecer o contexto no qual a escola se situa e, para isso, questionamos os alunos e familiares sobre seus próprios conhecimentos sobre o bairro. Os alunos (muitos em sua primeira experiência com vídeo) comentaram sobre principais locais e movimentações presentes, assim como com quem moram (o que possibilitou que conhecêssemos a estrutura familiar de cada um, e nas produções dos familiares foi possível ver a própria história inserida naquele sítio, assim como críticas pontuais (por exemplo, à violência e o barulho) e perspectivas para o futuro e para seus filhos. Tivemos grande participação (12 de 15 familiares), o que se mostrou como um saldo positivo ao programa.</p> <p>Um dos relatos:</p> <p>Meu nome é Adri de Lima, (responsável de Alex de Lima) tenho 36 anos. Nasci em Canguaretama, moro na cidade de Natal, no bairro Nova Descoberta. Moro há 2 meses nesse bairro, moro nesse bairro porque é um bom bairro, muito tranquilo e na minha casa mora eu, meu esposo e meus dois filhos. As melhores lembranças que vivi nesse bairro foi estar sempre com a minha família e festas, jantar, almoço. O que eu não gosto no bairro é os preços dos alugueis, que são caros. O que eu desejo que meus filhos possam encontrar no bairro no futuro é segurança, paz e tranquilidade.</p>

NOTA DE CAMPO 6	
DATA: 10/04/2014 – 15/04/2014	
PLANEJAMENTO DE AÇÕES:	Bolo de cenoura com calda de chocolate
PROPÓSITO DA AÇÃO:	Realizar trabalho com gênero, celebrando data comemorativa, possível de ser trabalhado no meio familiar.
GÊNERO(S) E FUNÇÃO DO TRABALHO COM O(S) MESMO(S):	<i>Receita</i> a ser encaminhada aos familiares, como uma oportunidade para propiciar momentos de leitura significativos no contexto familiar, assim como envolvimento nas atividades escolares.
EXECUÇÃO:	<p>Como parte do calendário escolar, ocorreu, na semana da Páscoa, uma apresentação comemorativa. Aproveitamos a data para, em parceria com a ideia da professora de realizar um encontro culinário de Bolo de Cenoura com Chocolate, enviar aos familiares a receita que fora criada junto aos alunos após a realização da oficina. A sessão de culinária foi realizada por nossa convidada <i>Maria Marluce Gomes</i> (Extensionista da EMATER e formada em Hotelaria):</p> <div style="text-align: center;">  </div>
NOTA DE CAMPO 7	
DATA: 24/04/2014	
PLANEJAMENTO DE AÇÕES:	<p>Autorização para visita à UFRN e convite para irem junto às crianças;</p> <p>Introdução ao tema: eu, minha escola, minha Universidade</p>
PROPÓSITO DA AÇÃO:	Apresentar proposta de evento de letramento na UFRN

GÊNERO(S) E FUNÇÃO DO TRABALHO COM O(S) MESMO(S):

Convite para encaminhar às famílias informações sobre o evento.

Autorização para registrar aval dos responsáveis sobre a ida, bem como sua própria presença.

Mostra de vídeos oficiais da Universidade, para apresentar o local e criar familiaridade e discussões sobre ele com os alunos.

Desenhos com o imaginário dos colaboradores sobre o espaço.

Planejamento das ações a serem realizadas na UFRN, de acordo com os interesses dos colaboradores.

EXECUÇÃO:

Para darmos continuidade às nossas atividades, achamos pertinente fazer com que os familiares e as crianças conhecessem o ambiente acadêmico no qual se situa nossa pesquisa, bem como o projeto maior do qual ela faz parte. Por isso, convidamos todos a refletirem sobre a possibilidade, que foi acatada. Comentamos sobre o que poderia ser encontrado na Universidade, realizamos uma mostra de vídeos sobre a UFRN, NEI, Museu, TVU (sala de vídeo) e muitos alunos e familiares ficaram admirados com o mundo de possibilidades que esta reserva. Ainda, mostramos imagens do que poderíamos visitar e iniciamos a organizar nossa programação de visitas de acordo com este encontro, para que os alunos retratassem em desenhos seu imaginário dos espaços e seus interesses. Construimos convites impressos e de autorizações a serem assinadas, a serem encaminhadas para casa.

Findamos neste planejamento:

Programação da visita dos alunos da Escola Municipal Professor Ulisses de Góis à UFRN

Data: 06 de maio de 2014

Horário: 7h-11h

Horário	Atividade	Local
7h15-7h30	Saída da Escola à caminho da UFRN.	Ulisses - UFRN
7h30-8h	Tour guiada pela UFRN, passando pelos espaços: RU, ginásio de esportes, Reitoria, TV universitária, setor de aulas I, CCHLA, Biblioteca Central Zila Mamede, setor de aulas III, Centro de Convivência, Secretaria de Relações Internacionais, Reitoria, Centro de Biociências, setor de aulas IV, prédio ECT, à caminho do estacionamento do CB.	UFRN
8h-8h40	Museu de Ciências Morfológicas do CB	Estacionamento do CB
8h40-9h	Tour passando pelos espaços NEI, Escola de Música, Praça Cívica, Deart, dando contorno pela Universidade a caminho do estacionamento do setor II.	UFRN
9h-9h40	Momento com a apresentação de Moisés: <i>Eu, minha escola, minha Universidade</i>	Auditório C do CCHLA
9h45-10h	Horário do Lanche – Brincadeiras	Praça do prédio CCET
10h10-10h40	TV universitária (apresentação por Marcone de Oliveira Maffezzoli)	TVU
10h40-11h	Retorno à Escola Municipal Professor Ulisses de Góis.	UFRN - Ulisses

NOTA DE CAMPO 8
DATA: 29/04/2014 – 19/05/2014
PLANEJAMENTO DE AÇÕES: Coluna da Mamãe
PROPÓSITO DA AÇÃO: Homenagear os colaboradores do nosso programa em virtude da aproximação do Dia das Mães.
GÊNERO(S) E FUNÇÃO DO TRABALHO COM O(S) MESMO(S): <i>Desenho</i> para que os alunos retratassem o carinho com as mães/responsáveis, visto que ainda se encontram no início do processo de alfabetização. <i>Relato</i> das mães/responsáveis em relação a sua concepção de ser mãe, com vistas a levantar reflexões sobre o seu papel na vida do aluno. <i>Comentário</i> das mães/responsáveis acerca da atividade e da produção dos alunos, como forma de avaliação das ações elencadas.
EXECUÇÃO: <p>Por estarmos situados na escrita de um jornal, criamos a Coluna da mamãe, espaço para os alunos colocarem seus sentimentos e mensagens às mães a partir da construção de um desenho. Tal produção foi encaminhada para casa e foi requisitado que as mães enviassem um comentário sobre a atividade, assim como destacassem qual seria a concepção delas sobre a maternidade. Foi bom ver relatos positivos em relação ao programa e à função de “mãe”.</p> <p>Um dos comentários:</p> <p>— <i>Fiquei muito orgulhosa com essa criança cheia de sonhos, por ser tão pequena ela já tem sentimento e noção de que sou tudo isso. Para ela, ela reconhece todo carinho, amor, dedicação, muito mais que posso oferecê-la, cada gesto que ela se inspirou para mim, lhe devolvo com todo amor. Ela sempre será minha menina, a minha pequena flor que todos os dias perfuma a minha vida e me traz a beleza de sua inocência. Obrigada por esse espaço tão especial para mim, adorei essa atividade pois nós mães podemos liberar o nosso sentimento sem medo de errar. (avó de Kah)</i></p>

NOTA DE CAMPO 9
DATA: 06/05/2014
PLANEJAMENTO DE AÇÕES: Visitação à UFRN: eu, minha escola, minha Universidade
PROPÓSITO DA AÇÃO: Conhecer o espaço universitário e promover reflexão sobre o processo formativo educacional.
GÊNERO(S) E FUNÇÃO DO TRABALHO COM O(S) MESMO(S): <i>Palestras</i> realizadas por representantes da Universidade para oportunizar o contato maior com essa esfera. <i>Fotos</i> para registrar os momentos do evento.
EXECUÇÃO: <p>O cronograma foi seguido 100% e sem problemas. O ônibus alugado pelo projeto chegou à escola antes do horário de início da aula, então quando os alunos e familiares chegaram nós separamos o lanche a ser levado, recolhemos as autorizações que ainda não haviam sido dadas e prosseguimos ao ônibus.</p> <p>Numa viagem de aproximadamente 10 minutos, estávamos na Universidade, passeando pela metragem da instituição. A primeira parada foi no Museu, onde fomos recebidos pelos bolsistas que lá atuam, os quais iniciaram a fala apresentando o que se estuda naquele local. Seguimos para a sala dos Vertebrados e Invertebrados, e as dinâmicas e jogos dos bolsistas envolveram todos os colaboradores.</p> <p>Depois disso, tivemos uma palestra com o coordenador do projeto, Prof. Dr. Moisés Alberto Calle Aguirre, o qual utilizou de sua história escolar para incentivar os pais neste aspecto. Seguimos, então, à TV Universitária, que cedeu-nos apoio através de seu coordenador, o qual, sabendo que trabalhávamos com um jornal, dispôs-se a apresentar a todos a rotina midiática universitária. Após nosso lanche, retornamos à escola.</p> <p>Procuramos sensibilizar os pais sobre a educação dos filhos, e vimos alguns casos em que os pais repensaram seu próprio processo educacional dentro da instituição. Uma mãe relatou seu desejo de cursar Pedagogia e de estudar naquele ambiente, assim como muitos alunos ambicionaram por continuar seus estudos até esta etapa de ensino.</p>



NOTA DE CAMPO 10

DATA: 15/05/2014

PLANEJAMENTO DE AÇÕES:

Registros da visita

PROPÓSITO DA AÇÃO:

Apresentar aos colaboradores os registros da visita à Universidade, promovendo reflexões para a construção de notícias e relatos do momento.

GÊNERO(S) E FUNÇÃO DO TRABALHO COM O(S) MESMO(S):

Notícia, como atividade colaborativa em sala de aula, para descrevermos os detalhes das atividades realizadas no passeio.

Relato, como atividade de casa de familiar e aluno, com suas percepções do momento, para que os colaboradores refletissem sobre o mesmo e avaliassem sua execução.

EXECUÇÃO:

Na semana seguinte à visita, organizamos todos os materiais gerados em fotografias e levamos para a sala de aula para comentarmos junto aos colaboradores. Com isso em mãos, sistematizamos nossos passos na visita e construímos uma notícia do evento. Além disso, encaminhamos como atividade de casa um relato colaborativo (aluno e familiar que o acompanhou à visita) sobre este momento.

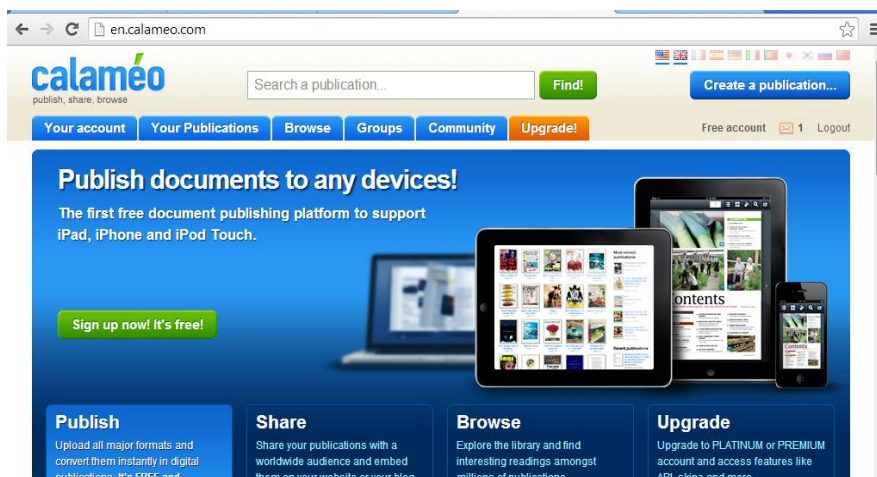
Um dos relatos:

Eu, Jose Pereira, e Vivi gostamos da parte dos animais vertebrados e invertebrados, pois conhecemos melhor, tocamos neles, porque só ouvia falar de animais com ossos ou sem ossos através de livro. O que eu achei muito importante também foi o coração da baleia, eu não tinha visto ainda. O passeio foi especial para nós porque tivemos a

<p><i>oportunidade de conhecermos muita coisa legal, tais como: o museu, os animais com ou sem ossos, o estúdio de TV, como é feita a programação, enfim, o passeio foi muito especial, pois as crianças e os pais tiveram a oportunidade de despertar o conhecimento de tudo ao VIVO.</i></p>
NOTA DE CAMPO 11
DATA: 22/05/2014
<p>PLANEJAMENTO DE AÇÕES:</p> <p>Criar site para hospedar o jornal (wix) e inscrição no site de conversão de arquivo pdf para formato de <i>jornal eletrônico</i> (Calaméo).</p>
<p>PROPÓSITO DA AÇÃO:</p> <p>Desenvolver recurso para publicação do jornal eletrônico.</p>
<p>GÊNERO(S) E FUNÇÃO DO TRABALHO COM O(S) MESMO(S):</p> <p><i>Site</i> para circulação, publicação e compartilhamento <i>online</i> das práticas de letramento realizadas.</p>
<p>EXECUÇÃO:</p> <p>O ambiente virtual onde tivemos nossos jornais publicados foi o site HTTP://jornalflor.com. Em sua página principal, temos o nome dado pelos colaboradores à prática (<i>Jornal Flor</i>), uma breve apresentação, algumas imagens em destaque, entidades que apoiam as ações e a postagem principal, na qual destacamos nossas três edições do jornal eletrônico produzido; há, ainda nesse espaço, uma visualização dos comentários enviados acerca da prática e um <i>link</i> para envio de impressões. Há mais duas grandes abas no site, “Sobre” e “Contato”; a primeira traz um resumo do projeto, e a segunda possui endereços eletrônicos dos pesquisadores envolvidos, um perfil de cada um e uma aba intitulada “Fórum”, área para que leitores de outras instituições de ensino superior possam dar contribuições acadêmicas à pesquisa.</p> <p>Para construir o site, foram necessárias duas hospedagens diferentes. A primeira veio da necessidade de uma plataforma <i>online</i> a qual convertesse arquivos PDF para o formato de jornal. Há variados sites que oferecem esse serviço de forma gratuita, porém as limitações desses serviços acabam por descaracterizar a prática em seu contexto <i>online</i>, por não permitirem hiperlinks, gravações em áudio ou vídeo, inserção de arquivos de outras plataformas (Youtube®, Dailymotion®, Vimeo®,</p>

Soundcloud®, por exemplo), customizações ou *download* do arquivo. Para termos todas essas possibilidades, contratamos o serviço Platinum da plataforma Calaméo®, com recursos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Página inicial da plataforma Calaméo®



Fonte: [HTTP://en.calameo.com](http://en.calameo.com)

No Calaméo®, é possível visualizar nosso jornal e este poderia ter sido nosso ponto de chegada; entretanto, percebemos que haveria dificuldade, principalmente àqueles que não tivessem tanto manuseio com meios digitais, para acessar os jornais em momentos além dos nossos encontros, devido à extensão dos *links* de acesso (Por exemplo, para acessar nossa primeira edição nessa plataforma é preciso entrar no seguinte *link*: <http://www.calameo.com/read/003488900268cc3c236b5>).

Tendo isso em mente, a segunda hospedagem foi para compra de domínio (.com), realizada com a plataforma Wix®, com um Plano Premium, visando pela facilidade de acesso, ausência de anúncios, capacidade de armazenamento (10GB), largura de banda ilimitada e assistência, caso necessário, realizada com recursos próprios dos pesquisadores. Com isso, foi possível facilitarmos ainda mais a divulgação de nossas produções ao criarmos o site [HTTP://jornalflor.com](http://jornalflor.com), o qual serve como domínio discursivo do nosso jornal.

Algumas áreas do nosso site merecem uma atenção com relação a dados gerados, sendo elas: os visitantes, os comentários e o fórum. Participantes esperados, mas não colaboradores no processo de construção do programa, foram nossos leitores. Pudemos controlar esses acessos através do site Google Analytics®, o qual faz reportes

sobre os visitantes, informando data de visitação, tipo (novo ou antigo visitante), origem e duração da sessão, entre outros.

Além disso, disponibilizamos dois espaços para interação em nosso site, em consonância com as características do gênero e sua circulação *online*; foram eles: a zona de comentários, disponível a cada postagem para que qualquer visitante pudesse tecer comentários sobre os jornais; e o fórum acadêmico⁵¹, acessível em uma aba separada, para que houvesse contribuições mais sistemáticas acerca das práticas, vindas de outros estudantes de pós-graduação, professores da rede pública e do ensino superior.

Figura N – Alguns comentários deixados em nossa primeira publicação



Fonte: Dados do Programa “Engajando famílias na escola” (disponível no site < [HTTP://jornalflor.com](http://jornalflor.com)

>

Figura NÚMERO – Proposta dos pesquisadores para utilização do fórum



Fonte: Dados do Programa “Engajando famílias na escola”, disponível em < http://www.jornalflor.com/#!social-forum/c182v/postKey-hEP_tEV5dDQKyXRL4g8MEQ >

⁵¹ Por se afastar do nosso objeto de pesquisa, o letramento familiar, tal recurso não se mostra como dado direto desta pesquisa, entretanto teve sua contribuição para o aperfeiçoamento da mesma.

NOTA DE CAMPO 12
DATA: 27/05-10/06-22/07/2014
PLANEJAMENTO DE AÇÕES: Coluna esportiva: Copa do Mundo
PROPÓSITO DA AÇÃO: Oportunizar informações e discussões acerca de evento internacional situado em nossa cidade.
GÊNERO(S) E FUNÇÃO DO TRABALHO COM O(S) MESMO(S): <i>Jornais</i> locais para leitura colaborativa das informações. <i>Notícia</i> colaborativa em formato de vídeo, para desenvolver comentários do evento que ainda iria ocorrer. <i>Mural</i> com recortes dos jornais sobre a Copa, para compartilhar com outros alunos da escola as informações lidas. <i>Imagens</i> de bandeiras dos países participantes, para dar conhecimento sobre a questão. <i>Notícia</i> colaborativa acerca do evento, após sua execução, para resumir os seus principais acontecimentos.
EXECUÇÃO: <p>Por ter sido um assunto que afetou toda a comunidade, devido a um evento internacional ocorrer na capital potiguar, decidimos trazê-lo como tópico de notícia para nosso jornal. Assim, organizamos a produção de um vídeo com os conhecimentos da comunidade e de pesquisas sobre o evento (datas, locais, nome do estádio...).</p> <p>Organizamos os jornais locais da semana e realizamos uma leitura colaborativa sobre o momento do país, para então podermos construir um mural com as informações lidas, assim como outras informações que vieram da comunidade.</p> <p>No retorno do recesso escolar, continuamos nossas atividades retomando imagens das bandeiras dos países participantes e informações da comunidade sobre a Copa para construir a notícia sobre o evento. Levamos recortes de jornais e das bandeiras dos países participantes.</p>

NOTA DE CAMPO 13
DATA: 03/06/2014
<p>PLANEJAMENTO DE AÇÕES:</p> <p>Publicação da primeira edição do jornal eletrônico (sala de informática)</p> <p>Lanche coletivo</p> <p>Questionário e histórias de letramento (equipe escolar e famílias)</p>
<p>PROPÓSITO DA AÇÃO:</p> <p>Compartilhar as primeiras práticas de letramento com o grupo, apresentar o sítio <i>online</i> no qual elas estariam disponíveis e responder questionários e histórias de letramento.</p>
<p>GÊNERO(S) E FUNÇÃO DO TRABALHO COM O(S) MESMO(S):</p> <p><i>Convites</i> para participação do momento em sala de aula.</p> <p><i>Jornal eletrônico</i> com produções dos colaboradores, para leitura e discussão.</p> <p><i>Site</i> para oportunizar o compartilhamento das informações com outros membros da comunidade.</p> <p><i>Comentários</i> acerca da produção, para avaliar o nosso jornal e trazer novos saberes nas próximas edições.</p> <p><i>Questionário</i> aos familiares e equipe escolar, acerca de sua escolaridade e participação na escola, para provocar aproximação dos colaboradores e dar-nos informações etnográficas.</p> <p><i>Histórias de letramento</i> dos familiares e equipe escolar, para promover contato com as experiências de vida, especialmente em leitura e escrita, dos nossos colaboradores.</p>
<p>EXECUÇÃO:</p> <p>Após todos esses eventos, organizamos a diagramação do jornal, realizamos a publicação <i>online</i> (conforme já explicado), criamos e enviamos um convite às famílias e fizemos o lançamento da primeira edição do nosso jornal. Esse momento seria na sala de informática, para que todos tivessem acesso em cada computador, porém na data a escola estava com a conexão de <i>internet</i> baixa e, assim, foi preferível realizarmos na sala de vídeo, onde pudemos todos compartilhar das imagens, dos textos e dos vídeos através do auxílio de um <i>datashow</i>. Houve grande participação familiar, assim como da coordenação e direção da escola, e todos tiveram retornos positivos acerca das ações, comentários presentes em vídeo e na própria sessão de comentários do site.</p>



Convidamos os familiares para um momento em sala de aula, no qual comentamos sobre nossos instrumentais de pesquisa e distribuimos nossos questionários e histórias de letramentos. Demos um prazo de cinco dias para entrega. Dos 12 questionários e histórias de letramentos enviados, recebemos retorno de 11.

NOTA DE CAMPO 14

DATA: 24/07/2014

PLANEJAMENTO DE AÇÕES:

Dia dos avós (26 de julho): homenagens e objetos de sua época

PROPÓSITO DA AÇÃO:

Homenagear colaboradores e familiares no Dia dos avós, assim como trazer conhecimentos de sua época para amostragem em sala de aula.

GÊNERO(S) E FUNÇÃO DO TRABALHO COM O(S) MESMO(S):

Bilhete para requisitarmos que os avós dos alunos trouxessem um objeto marcante em sua vida para o encontro.

Comentários dos avós acerca da importância desse objeto, para conhecermos mais sobre esses colaboradores e fazê-los compartilhar seus saberes.

Exposição dos objetos trazidos, para criar uma rede de conhecimentos familiares.

Cartas dos alunos aos avós, seguidos da resposta dos avós aos alunos, para leitura em sala de aula e homenagem a esses familiares.

EXECUÇÃO:

Em momento anterior, enviamos um bilhete aos responsáveis, para que estes resgatassem algum bem familiar da época dos avós, trouxessem na data respectiva e contassem o que era o objeto e comentassem sobre sua importância na família. A avó mais presente durante todo o programa trouxe uma caneca que tinha sido dada a ela por seu marido (já falecido) na época do namoro, e que ela guardava com muito carinho.

Tivemos outros objetos como relógios, pulseiras, anéis, camisas *etc*, e com eles organizamos uma exposição da sala e registramos em fotografias.

Posteriormente, fizemos uma produção dos alunos aos avós que tinham-lhes emprestado esses objetos, e na cartinha pedíamos que esses avós respondessem à correspondência, o que foi feito com muita alegria e prontidão.



Uma das respostas:

Eu fiquei muito feliz com a homenagem que meu neto Alex me mandou, foi lindo. Cada palavra para mim foi especial. Além de ser lindo ele é meigo, eu amo meu neto, foi Deus que me deu. Deus abençoe, meu amor, sua vovó te ama, guarda sempre os netos e livra de todos os maus, Amem.

Mari Auxiliadora (avó de Alex)

NOTA DE CAMPO 15

DATA: 04/08/2014

PLANEJAMENTO DE AÇÕES:

Visita de Convidado: Projeto Divulgando leituras conquistando leitores
Histórias de vida (equipe escolar e famílias)

PROPÓSITO DA AÇÃO:

(Re)iniciar o contato dos colaboradores com a literatura a partir de atividade lúdica.

GÊNERO(S) E FUNÇÃO DO TRABALHO COM O(S) MESMO(S):

Convite aos colaboradores para participação no evento de letramento.

Histórias de vida dos colaboradores, para abrir nossa sessão de histórias, com vistas a compartilhar seus saberes e suas experiências.

Roda de leitura organizada pelo projeto, como forma de contato com os textos literários.

Jogos em relação aos textos lidos, para oportunizar reflexões sobre as leituras e um momento lúdico.

EXECUÇÃO:

Em parceria com Teresa de Paula, também mestranda do mesmo programa e sob mesma orientação, realizamos um programa de leituras literárias junto ao projeto desta professora, o qual reúne alunos de ensino médio do Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN) do interior do estado. Como a viagem do interior para a capital duraria uma média de 1h30 e o projeto só chegaria à escola às 9h (enquanto o horário inicial é 7h), decidimos convidar os pais a virem com os alunos já no horário inicial (para garantir mais presenças) e aproveitamos o momento para registrar algumas histórias de vida.

Assim, realizamos apresentações dos familiares às crianças, contando sobre sua trajetória de vida e escolar; também foi possível realizar algumas perguntas aos familiares, assim como houve a participação de outra turma da escola, da qual a professora também quis registrar sua própria história de vida. No horário combinado, tivemos a chegada do grupo de leituras, com fantasias e maquiagens diversas, e este realizou uma leitura interpretativa seguida de brincadeiras, que tiveram a participação de alunos e familiares.

**NOTA DE CAMPO 16**

DATA: 07/08/2014

PLANEJAMENTO DE AÇÕES:

Atividade em homenagem ao Dia dos Pais: o que significa 'ser pai'?

PROPÓSITO DA AÇÃO:

Homenagear os pais pela comemoração de sua data, provocando a participação dos mesmos nas ações.

<p>GÊNERO(S) E FUNÇÃO DO TRABALHO COM O(S) MESMO(S):</p> <p><i>Desenhos e pinturas</i> dos alunos para a figura de pai, como momento lúdico de caracterização dos mesmos.</p> <p><i>Cartões</i>, com escrita colaborativa, para homenagear seus responsáveis.</p> <p><i>Relatos</i> dos pais acerca da concepção dessa figura para o desenvolvimento dos filhos, como oportunidade de reflexão.</p>
<p>EXECUÇÃO:</p> <p>Aproximando-se da data comemorativa do dia dos Pais, realizamos a produção de desenhos, pinturas e cartões remetendo à data, assim como enviamos atividade aos pais requisitando sua percepção sobre ser “pai”. Tivemos menos participação do que no dia das Mães, mas alguns relatos muito significativos.</p> <p>Um dos relatos:</p> <p><i>Eu acho que ser pai é dar carinho, amor e tudo de bom que uma criança precisa para ser uma pessoa educada e honesta quando maior. É isso, educar é importante. (responsável por Ray)</i></p>
<p>NOTA DE CAMPO 17</p>
<p>DATA: 14/08/2014</p>
<p>PLANEJAMENTO DE AÇÕES:</p> <p>Leituras literárias</p> <p>Atividade de casa: Leitura compartilhada em casa de livro da biblioteca</p>
<p>PROPÓSITO DA AÇÃO:</p> <p>Continuar contato com a literatura e estimular o interesse de leituras no ambiente familiar.</p>
<p>GÊNERO(S) E FUNÇÃO DO TRABALHO COM O(S) MESMO(S):</p> <p><i>Conto e poema</i> para leitura e discussão em sala de aula, refletindo em motivações e na importância da leitura.</p> <p><i>Livros da biblioteca</i> (vários gêneros entre fábulas, contos, poemas <i>etc</i>) para leitura colaborativa em casa, para estimular essa prática em tal domínio.</p> <p><i>Resumos</i> dos livros lidos para oportunizar momento de escrita colaborativa no âmbito familiar.</p>

EXECUÇÃO:

Para instigar um *habitus* de leitura nas famílias (depois de percebermos muitas faltas de leitura em casa, a partir de dados dos questionários), decidimos organizar um projeto literário auxiliado pela biblioteca da escola. Pegamos alguns livros desse espaço e demos para que os alunos levassem para casa para realizarem uma leitura compartilhada junto aos familiares, da qual seria gerado um resumo. Para introduzir essa atividade, levamos ainda dois textos (o conto “A borboleta azul” e o poema “As borboletas”) e realizamos a leitura e interpretação em sala de aula.

Um dos resumos:

Peninha era um pássaro pequeno mas com um apetite muito grande. Guloso demais, Peninha não deixava escapar nenhuma minhoca sequer. Os outros animais não concordavam com o que ele fazia, mas enfim, ele aprendeu a lição, mexeu com quem não devia e foi machucado. (Peninha, o pitassilco guloso – Oto, mãe e avó)

NOTA DE CAMPO 18

DATA: 28/08/2014 – 04/09/2014

PLANEJAMENTO DE AÇÕES:

Cobertura da Inauguração da Biblioteca da Escola Horácio de Góes

Matéria em formato de reportagem

Gravação em vídeo de mãe

PROPÓSITO DA AÇÃO:

Apoiar as ações de uma escola parceira, conhecer outro contexto escolar (rural) e propiciar momento de reflexão aos colaboradores.

GÊNERO(S) E FUNÇÃO DO TRABALHO COM O(S) MESMO(S):

Fotos para registrar o momento.

Reportagem colaborativa do evento, como forma de armazenar informações do ocorrido.

Relatos (vídeo) de uma das mães colaboradoras, da professora da turma e da direção escolar, para retratar suas impressões do momento.

Entrevista com a bolsista responsável pelas ações atingidas na escola, para contribuir com a reportagem realizada.

EXECUÇÃO:

O projeto “O *habitus* de estudar: construtor de uma nova realidade na educação básica da RMN” possui parceria com muitas escolas, dentre elas a Horário de Góes, que não tinha biblioteca. Um dos grandes trunfos da parceria foi a construção de uma biblioteca para a escola e, por isso, ocorreu um grande evento na comunidade. Como nossa escola possui o jornal, achamos produtivo que nossos editores (alunos e familiares) prestigiassem o evento daquela escola, para noticiarmos em nosso canal de divulgação. Seria um espaço, também, para mais contato com a leitura. Assim, alugamos ônibus, enviamos convites e autorizações e, no dia estipulado, partimos para o interior de São Gonçalo (onde a escola está situada). Houve muitas apresentações e a abertura oficial da biblioteca. Realizamos fotos e uma entrevista com a bolsista responsável pelas ações.

Em nosso encontro seguinte, levamos as fotos do evento e construímos uma cronologia de tudo que tinha ocorrido em formato de uma notícia. Além disso, tivemos a colaboração em vídeo de três entrevistados: a diretora da escola, a professora da turma e uma das mães do nosso programa, todas comentando o evento do qual tinham participado.

**NOTA DE CAMPO 19**

DATA: 05/09/2014 – 11/09/2014

PLANEJAMENTO DE AÇÕES:

Desfile – Sete de setembro

PROPÓSITO DA AÇÃO:

Participar de evento que reúne toda a comunidade onde os alunos moram e a escola está inserida.

GÊNERO(S) E FUNÇÃO DO TRABALHO COM O(S) MESMO(S):

Fotos para registro das ações.

Notícia colaborativa para historiar o ocorrido.

Relato (vídeo) de uma das avós colaboradoras, para discutir a participação no desfile e sua importância na própria história de vida.

EXECUÇÃO:

É tradição na comunidade de Nova Descoberta (onde está situada a escola) a realização do desfile de sete de setembro. Muitas pessoas vão às ruas assistir as escolas e, por isso, convidamos os pais a desfilarem junto conosco neste momento. Depois, noticiamos o acontecimento e gravamos uma das avós participantes, visto que, para ela, o desfile tinha um significado mais do que especial.

**NOTA DE CAMPO 20**

DATA: 15/09/2014

PLANEJAMENTO DE AÇÕES:

Espaço do leitor: Comentários de membros da escola ao jornal

PROPÓSITO DA AÇÃO:

Registrar impressões da equipe escolar acerca de nossas ações.

GÊNERO(S) E FUNÇÃO DO TRABALHO COM O(S) MESMO(S):

Comentários produzidos pela equipe escolar a fim de mostrarem suas opiniões em relação ao trabalho realizado na escola.

EXECUÇÃO:

Assim como realizamos um histórias de letramento das famílias, quisemos também reconhecer mais informações da equipe escolar e, assim, encaminhamos a elas este documento. Os dados por ele gerados, inclusive, tornaram-se material para nosso jornal, visto que traziam comentários acerca da nossa proposta.

NOTA DE CAMPO 21
DATA: 25/09/2014
PLANEJAMENTO DE AÇÕES: Valorizando a biblioteca – produção em vídeo
PROPÓSITO DA AÇÃO: Construir um vídeo colaborativo com frases temáticas sobre a biblioteca e leitura.
GÊNERO(S) E FUNÇÃO DO TRABALHO COM O(S) MESMO(S): <i>Citações</i> acerca da importância da leitura e da biblioteca, com vistas a valorizar esse espaço da escola.
EXECUÇÃO: <p>Continuando com nossa preocupação com a leitura, realizamos mais um trabalho em parceria com a família. Comentamos que precisaríamos que eles trabalhassem com os alunos, em casa, citações para a produção em vídeo sobre a biblioteca. Os familiares colocaram que houve muita prática em casa, o que gerou uma produção com os alunos mais preparados.</p>
NOTA DE CAMPO 22
DATA: 29/09/2014
PLANEJAMENTO DE AÇÕES: Eleições 2014 – pesquisa de intenção de votos
PROPÓSITO DA AÇÃO: Refletir sobre importante momento político do nosso país.
GÊNERO(S) E FUNÇÃO DO TRABALHO COM O(S) MESMO(S): <i>Pesquisa</i> de intenção de votos com os familiares e a equipe escolar, para promover a reflexão dos mesmos sobre as informações políticas do momento ímpar. <i>Gráfico</i> , com o apoio de bolsista na área da matemática, com os resultados da pesquisa, como forma de intercalar conhecimentos de outras áreas do conhecimento.
EXECUÇÃO: <p>Trazendo a tona outro aspecto de grande relevância social, convidamos os familiares a participarem de uma pesquisa de intenção de votos dentro da sala de aula. Além deles, a equipe escolar também participou, e assim tivemos 22 votos. Como nosso projeto maior abarca várias disciplinas, convidamos uma das bolsistas da área da matemática para trabalhar de acordo com seus conhecimentos os resultados de nossas pesquisas. Foi, assim, construído um gráfico.</p>



NOTA DE CAMPO 23

DATA: 16/10/2014

PLANEJAMENTO DE AÇÕES:

Publicação da segunda edição do jornal eletrônico (sala de computação)

PROPÓSITO DA AÇÃO:

Compartilhar as práticas de letramento da segunda edição do Jornal Flor com o grupo.

GÊNERO(S) E FUNÇÃO DO TRABALHO COM O(S) MESMO(S):

Jornal Flor, em formato *online*, para que os colaboradores acessassem as práticas realizadas no período.

Comentários da direção e dos familiares para apreciação da produção.

Relatos (vídeo) do diretor do projeto e de outra bolsista do mesmo, para avaliar o momento e nosso jornal.

EXECUÇÃO:

Nossa primeira publicação havia sido feita na sala de vídeo e, por isso, decidimos fazer a segunda lá também. Entretanto, ao chegarmos à escola, a direção nos informou que o aparelho *datashow* estava quebrado, impossibilitando esse feito. Fomos, então, à sala de computação, ligamos todos os computadores e acessamos os jornais por lá. Foi ótimo para os familiares, pois aqueles que ainda não conheciam nosso site puderam acessá-lo pela primeira vez. Deixamos-los à vontade para passarem as páginas e conhecerem como estava a nova publicação, aproveitando novamente da participação da direção da escola, assim como também com o coordenador do nosso projeto e de outra colaboradora do mesmo.



NOTA DE CAMPO 24

DATA: 13/11/2014

PLANEJAMENTO DE AÇÕES:

Produção de história colaborativa entre familiares e alunos narrando um evento em família

PROPÓSITO DA AÇÃO:

Construir Coluna Literária a partir de histórias dos alunos e familiares.

GÊNERO(S) E FUNÇÃO DO TRABALHO COM O(S) MESMO(S):

Histórias colaborativas, em formato de atividade de casa, para propiciar momento de envolvimento com a escrita no âmbito familiar, bem como promover maior conhecimento sobre experiências dos colaboradores.

EXECUÇÃO:

Tomando como base atividades da sala de aula, em que realizamos leituras e escritas de histórias, encaminhamos uma atividade colaborativa para os familiares e alunos contarem de alguma experiência do cotidiano. Muitos relataram aniversários ou momentos emocionantes, como o nascimento dos filhos.

Um dos relatos:

A história da minha família

Bom, eu vou começar dizendo e agradecendo a Deus todos os dias por ter me dado uma pessoa mais que especial a minha mãe “vó”, que logo cedo começou sua luta para criar cada um de seus filhos, passou por altos e baixos, mas sempre com a

esperança de que o dia seguinte pertença ao Senhor, a fé nunca ficou fora de sua vida, sempre foi otimista, batalhadora e acima de tudo conquistar sua meta que é ver os filhos crescidos, os netos grandes, Jesus sempre abraçou essa grande mulher que é guerreira e sempre na certeza de vencer qualquer obstáculos, e mesmo na luta conseguiu sorrisos, e através de cada gesto pode descobrir a felicidade de cada um de nós, sejamos filhos ou netos, aprendi com essa mulher que podemos ser mais do que vencedores, somos amados, somos privilegiados com tantas bênçãos, tivemos sim e passamos por muitas dificuldades mas nunca baixamos nossas cabeças por algo que podemos enfrentar com a cabeça erguida e acima de tudo com fé em Deus. Lutas e fracassos fizeram parte de nossas vidas, mas tivemos a certeza de nossas vitórias. Sou quem sou graças a Deus e à minha “vó”. Sou neta mas acima de tudo sou filha. Obrigada pela oportunidade.

Assinado: Kah e minha vó Gi Barbosa

NOTA DE CAMPO 25

DATA: 21-24/11/2014

PLANEJAMENTO DE AÇÕES:

Participação na CIENTEC

PROPÓSITO DA AÇÃO:

Divulgar as ações realizadas no meio acadêmico.

GÊNERO(S) E FUNÇÃO DO TRABALHO COM O(S) MESMO(S):

Apresentação de dança dos alunos na feira, como forma lúdica de envolvimento com o ambiente acadêmico.

Stands da escola e do projeto, oportunizando exposição das ações e do contexto escolar.

Banner para interação com os visitantes à feira e dar visibilidade ao programa.

EXECUÇÃO:

Em dois momentos – representando a escola e o projeto – foi possível que houvesse a participação dos colaboradores no evento da CIENTEC, protagonizado pela UFRN. Através de dois stands, pudemos compartilhar o trabalho que vem sendo realizado, assim como tivemos a presença dos próprios colaboradores, alunos e pais, à feira. Os primeiros anos da escola fizeram apresentação de dança no espaço da MARCO, da música “Viajar pelo safári”.



NOTA DE CAMPO 26

DATA: 11/12/2014

PLANEJAMENTO DE AÇÕES:

Coluna Social

Vídeo final dos alunos e familiares

PROPÓSITO DA AÇÃO:

Promover a apresentação de mais momentos marcantes da vida de nossos colaboradores e avaliar as ações do programa.

GÊNERO(S) E FUNÇÃO DO TRABALHO COM O(S) MESMO(S):

Fotos, trazidas pelos colaboradores, de momentos marcantes na companhia dos alunos, como forma de maior abertura e conhecimento sobre os colaboradores.

Notas (vídeo) sobre esses momentos, para relatar sentimentos inspirados pelas imagens.

Comentários (vídeo), a partir de *roda de conversa*, sobre a avaliação do programa e da participação até aquele momento.

EXECUÇÃO:

Convidamos nossos familiares a mais um momento em sala de aula. Neste, cada um levaria uma foto de um momento importante em família e contaria a história daquele registro. Alguns familiares estavam presentes mesmo sem fotos, apresentando algum fato curioso ou o nascimento dos filhos, mas a maioria cumpriu o comando e trouxe imagens do Natal, de passeios, em monumentos da cidade, entre outros. Estas histórias estão documentadas em vídeo e transcritas em nossos anexos.



Pensamos em organizar um Editorial junto aos colaboradores, porém o momento se transformou em uma roda de conversa e a opinião de cada um foi significativamente construindo um vídeo reflexivo acerca do programa e dos aprendizados mobilizados pelos e nos colaboradores, transcrito em nossos anexos.

NOTA DE CAMPO 27

DATA: Dez/2014

PLANEJAMENTO DE AÇÕES:

Espaço do Leitor

Escolha dos melhores comentários feitos às edições anteriores no site

Criação da mensagem final das professoras

Feitura do convite formal aos palestrantes

PROPÓSITO DA AÇÃO:

Construir novos espaços à edição final de nosso jornal eletrônico.

GÊNERO(S) E FUNÇÃO DO TRABALHO COM O(S) MESMO(S):

Comentários inseridos nas últimas duas publicações foram selecionados para figurar em nossa última edição, para que tomassem maior visibilidade.

Mensagem da professora e da pesquisadora aos colaboradores, como forma de agradecimento pelo comprometimento e pela colaboração com os resultados.

Convite formal aos palestrantes, para organizarmos cronograma do encontro final do programa.

<p>EXECUÇÃO:</p> <p>Utilizamos a comunicação <i>online</i> recebida tanto por familiares como outros admiradores do programa como fonte para a publicação de concepções sobre o trabalho realizado durante o ano letivo. Também, em colaboração com a professora da turma, organizamos uma mensagem final aos familiares e alunos, assim como realizamos o planejamento de nosso encontro final.</p>
NOTA DE CAMPO 28
DATA: Dez/2014
<p>PLANEJAMENTO DE AÇÕES:</p> <p>Finalização da edição</p> <p>Impressão dos jornais e dos certificados e gravação dos DVDs</p>
<p>PROPÓSITO DA AÇÃO:</p> <p>Realizar últimos retórcos à edição e organizar materiais necessários ao encontro final.</p>
<p>GÊNERO(S) E FUNÇÃO DO TRABALHO COM O(S) MESMO(S):</p> <p><i>Site, jornal eletrônico, certificados e DVDs</i>, utilizados para organização e sistematização de todas as produções do nosso programa.</p>
<p>EXECUÇÃO:</p> <p>Seguindo o padrão apresentado na primeira e na segunda edição, publicamos nossos vídeos <i>online</i> e organizamos a diagramação e disposição de elementos em nosso jornal para a publicação.</p> <p>Com financiamento do projeto, realizamos a impressão dos jornais, totalizando 25 cópias (para suprir as demandas de famílias, equipe escolar e projeto).</p> <p>Gravamos os DVDs em domicílio, contendo as três edições do jornal, bem como os vídeos de todas as edições, com ajuda de Darius dos Santos.</p>
NOTA DE CAMPO 29
DATA: 16/12/2014
<p>PLANEJAMENTO DE AÇÕES:</p> <p>Publicação da terceira edição do jornal eletrônico</p> <p>Roda de conversa reflexiva com os pais (Convidados: Equipe escolar e Prof. Dr. Moisés Alberto Calle Aguirre)</p> <p>Entrega de certificado de participação do programa.</p> <p>Entrega de DVD (documentário + edições do <i>jornal eletrônico</i>)</p> <p>Entrega da versão impressa dos três jornais.</p>

PROPÓSITO DA AÇÃO:

Apreciar o programa e apresentar os resultados finais.

GÊNERO(S) E FUNÇÃO DO TRABALHO COM O(S) MESMO(S):

Apresentação da terceira edição do jornal eletrônico aos colaboradores e convidados, para que os colaboradores possam compartilhar suas práticas de letramento do programa em diversos âmbitos.

Roda de conversa para discutir os impactos do programa à comunidade.

Jornal Flor, em formato impresso, para facilitar o armazenamento das informações.

Certificados de participação, para alunos e familiares, como forma de valorizar a colaboração de todos para a execução do programa.

DVDs com todos os vídeos produzidos durante o programa, para facilitar o acesso e a divulgação das ações.

EXECUÇÃO:

Na sala de aula, instalamos material para apresentação da nova edição do nosso jornal, organizamos um lanche colaborativo (trazido pelas famílias e apoiado pela escola), dispomos de uma mesa de autoridades (composta da Equipe Escolar, o coordenador do nosso projeto e uma das bolsistas) e preparamos o espaço para comportar a todos. Tivemos grande acato a este momento, chegando a ter famílias com mais de três membros presentes, além do aluno. Irmãos, tios, avós, mães, cuidadora e pais reunidos e alegres com este momento de finalização das ações.

A professora da turma foi a cerimonialista e conduziu todos os momentos desta manhã. Apresentamos as experiências e demos espaço para que a mesa de autoridades e os colaboradores expressassem suas impressões sobre as ações (estes dados estão transcritos nos Anexos deste trabalho, visto que foram gravados). Ainda, construímos uma bolsa de lembranças, na qual inserimos impressões dos nossos jornais, certificados de participação (em nome dos alunos e das famílias) e CDs com os vídeos realizados e a versão digital do nosso jornal, e premiamos o coordenador com uma placa de certificação por suas contribuições.



NOTA DE CAMPO 30

DATA: 12/06/2015

PLANEJAMENTO DE AÇÕES:

Evento de lançamento da publicação “Jornal Flor”, pela Editora Lula Borges Imagem & Som

PROPÓSITO DA AÇÃO:

Lançar livro resultante das ações do nosso programa.

GÊNERO(S) E FUNÇÃO DO TRABALHO COM O(S) MESMO(S):

Convite a autoridades, à equipe escolar e aos colaboradores, para participação do momento.

Autorização para saída da escola.

Apresentação do conceito de letramento familiar e da trajetória do programa, para situar a história das nossas ações.

História, presente no jornal e lida por um aluno, para compartilhar algumas das ações desenvolvidas.

Agradecimento ao programa, por uma mãe colaboradora, para representar a fala dos colaboradores.

Comentários da mesa de autoridades para avaliar o desenvolvimento do programa e o livro lançado.

Jornal Flor (*livro*) como representação da autoria de nossos colaboradores às produções vivenciadas.

EXECUÇÃO:

Com convite prévio aos alunos, familiares, equipe escolar e autoridades da Secretaria Municipal de Educação e da UFRN, assim como aluguel de ônibus para o traslado entre a EMPUG e o local do lançamento, realizamos o evento em que nossos jornais se transformaram em um livro, editorado e impresso. Nosso evento seguiu a seguinte programação:

14h30min - Abertura da Cerimônia com a Composição da Mesa.

Fala da Professora Doutora Maria do Socorro Oliveira (Professora Titular do Departamento de Letras – UFRN).

15h - Apresentação do Jornal Flor, realizada por - Alana Driziê Gonzatti dos Santos, estudante de mestrado do PPGEL/UFRN, Rita de Cascia Gomes, familiares e alunos da Escola Municipal Professor Ulisses de Góis.

15h30 - Autoridades

- Professora Justina Iva de Araújo Silva (Secretaria de Educação Municipal de Natal – RN)

- Professora Norma Suely Chacon (Diretora da Escola Municipal Professor Ulisses de Góis)

Fechamento das apreciações pelo Professor Moisés Alberto Calle Aguirre (Coordenador do Projeto: O *habitus* de estudar: construtor de uma nova realidade na educação básica da região metropolitana de Natal. DDCA/PPGDEM/UFRN)

16h - Entrega das publicações aos colaboradores e às autoridades presentes.

16h15 - Mesa de mostra dos livros aos convidados presentes e *Coffee Break*.

16h45min - Encerramento do evento.



Apêndice 3 – Questionários aplicados à equipe escolar



PROGRAMA “O jornal eletrônico: promovendo práticas de letramento familiar no ambiente escolar”

i. Dados gerais

Nome:

Sexo: () masculino () feminino

Função:

Turno em que trabalha:

Série/etapa de ensino com a qual trabalha:

Local de trabalho:

Local de trabalho 2 (se possuir):

ii. Dados específicos

1 Você conhece o programa que está sendo desenvolvido na turma de primeiro ano A, sobre o Jornal Flor? Se sim, como conheceu?

.....

2 Quais são suas impressões sobre este programa?

.....

3 Ele contribui para a relação família-escola? Se sim, de que forma?

.....



PROGRAMA “O JORNAL ELETRÔNICO: PROMOVENDO PRÁTICAS DE LETRAMENTO FAMILIAR NO AMBIENTE ESCOLAR”

FICHA DA FAMÍLIA

1. DADOS DA MÃE

NOME:.....

PROFISSÃO E LOCAL DE TRABALHO.....

MORA COM O ALUNO () SIM () NÃO

2. DADOS DO PAI

NOME:.....

PROFISSÃO E LOCAL DE TRABALHO.....

MORA COM O ALUNO () SIM () NÃO

3. DADOS DE OUTRO FAMILIAR RESPONSÁVEL PELO ALUNO

NOME:.....

PROFISSÃO E LOCAL DE TRABALHO.....

MORA COM O ALUNO () SIM () NÃO

1. A FAMÍLIA É FORMADA POR QUANTAS PESSOAS? PESSOAS

2. QUEM DA FAMÍLIA TRABALHA FORA DE CASA?

() PAI () MÃE () AVÓS () OUTRA PESSOA

3. COM QUEM FICAM OS ALUNOS, QUANDO OS RESPONSÁVEIS TRABALHAM?

.....

ARTICULAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA

1. A EDUCAÇÃO DE SEU(S) FILHO(S) DEVE SER:

() TAREFA DA ESCOLA () TAREFA DOS PAIS COM A ESCOLA

2. VOCÊ ACHA IMPORTANTE QUE OS RESPONSÁVEIS ACOMPANHEM, PARTICIPEM OU ESTEJAM PRESENTES À ESCOLA?

() SIM () NÃO

POR QUÊ.....

3. EM SUA OPINIÃO, QUAL O PAPEL DA ESCOLA NA FORMAÇÃO DO ALUNO?

- PREPARAÇÃO PSICOLÓGICA
 APERFEIÇOAMENTO DA EDUCAÇÃO QUE RECEBE EM CASA
 FORMAÇÃO PROFISSIONAL
 AMPLIAÇÃO DE CONHECIMENTOS E HABILIDADES
 SEGURANÇA
 AUXÍLIO NO CUIDADO
 ENTRETENIMENTO OU PASSATEMPO

4. VOCÊ ACOMPANHA AS TAREFAS ESCOLARES DO ALUNO?

- SIM NÃO

POR QUÊ.....

5. O TRABALHO CONJUNTO DA ESCOLA COM A FAMÍLIA PODE AJUDAR A RESOLVER PROBLEMAS? DE QUE TIPO?

.....

6. COMO VOCÊ PODE AJUDAR À ESCOLA NA EDUCAÇÃO DO ALUNO E COM ALGUM PROJETO VOLTADO PARA PARCERIA FAMÍLIA-ESCOLA?

.....

7. VOCÊ OU RESPONSÁVEL ASSISTEM A REUNIÕES DE PAIS NA ESCOLA?

- SIM NÃO

10. EM QUE DIA DA SEMANA E HORÁRIO VOCÊ PODE PARTICIPAR DE ALGUMA ATIVIDADE PROGRAMADA PARA OS RESPONSÁVEIS?

.....

11. VOCÊ TEM VONTADE, INTERESSE OU NECESSIDADE EM SER ATENDIDO POR ALGUM PROGRAMA EDUCATIVO PROMOVIDO PELA/NA ESCOLA?

- SIM NÃO

POR QUÊ?

.....

12. A ESCOLA PROMOVE EVENTOS INTERESSANTES PARA REUNIR OS FAMILIARES NA COMUNIDADE ESCOLAR? QUAIS SÃO OS EVENTOS DE QUE VOCÊ MAIS GOSTA?

.....

Histórias de letramento (equipe escolar)

1. Qual é seu nível de escolaridade?

- () ensino superior incompleto () ensino superior completo
() especialização em andamento/completa
() mestrado em andamento/completo
() outro: _____

2. A leitura está entre seus passatempos favoritos?

- () sim () não

3. Você lê com os alunos? Se sim, com que frequência?

- () sim () não
() diariamente () semanalmente () quando tenho tempo

Motivo das leituras (ou não):

4. Costuma integrar a biblioteca às suas atividades de aula? Se sim, para quê?

- () sim () não
() incentivar os alunos a requisitar livros
() requisitar materiais para uso em sala de aula
() realizar leituras
() outro: _____

5. Você realiza algum projeto de leitura ou escrita em sua sala de aula? Se sim, comente-o.

6. Você escreve com frequência? Se sim, conte-nos sua história, falando sobre sua vida e sua educação.

HISTÓRIAS DE LETRAMENTO (FAMÍLIA)

1. QUAL É SEU NÍVEL DE ESCOLARIDADE?
() SEM ESCOLARIDADE
() ENSINO FUNDAMENTAL INCOMPLETO/COMPLETO
() ENSINO MÉDIO INCOMPLETO () ENSINO MÉDIO COMPLETO
() ENSINO SUPERIOR INCOMPLETO () SUPERIOR COMPLETO
() OUTRO: _____

2. A LEITURA ESTÁ ENTRE SEUS PASSATEMPOS FAVORITOS?
() SIM () NÃO

3. COM QUE FREQUÊNCIA VOCÊ LÊ?
() DIARIAMENTE () SEMANALMENTE () QUANDO TENHO TEMPO

4. VOCÊ LÊ COM AS CRIANÇAS? SE SIM, COM QUE FREQUÊNCIA?
() SIM () NÃO
() DIARIAMENTE
() SEMANALMENTE MOTIVO: _____
() QUANDO TENHO TEMPO

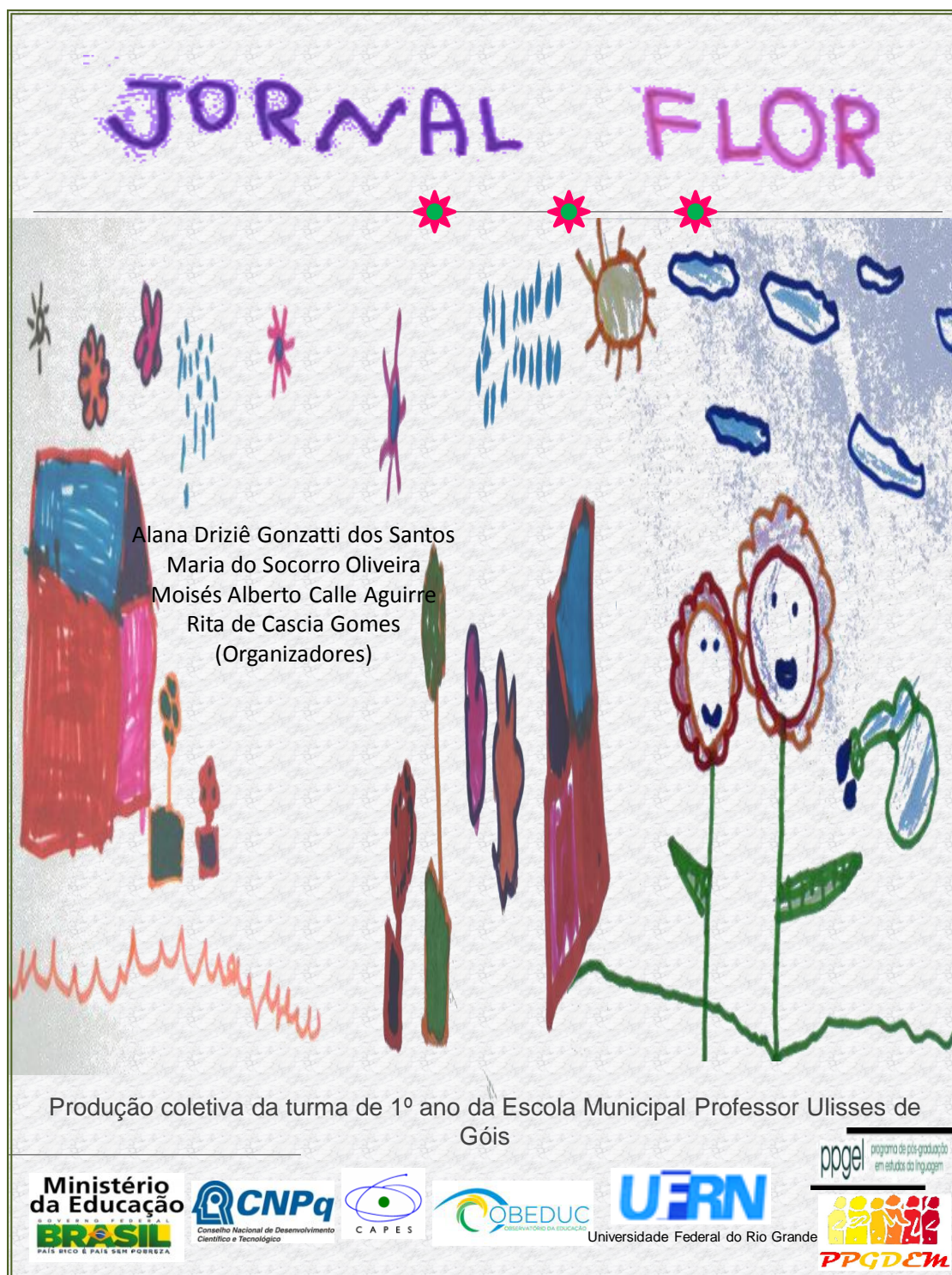
5. EU LERIA MAIS SE...
() EU ACHASSE O ATO DE LER MAIS FÁCIL
() EU TIVESSE MAIS TEMPO LIVRE
() OS LIVROS FOSSEM MAIS BARATOS
() PROFESSORES/PARENTES/AMIGOS ME ESTIMULASSEM MAIS A LER
() A LEITURA FOSSE SOBRE ASSUNTOS QUE ME INTERESSASSEM
() ALGUÉM ME AJUDASSE A LER
() OUTRO: _____

6. VOCÊ ESCREVE COM FREQUÊNCIA? SE SIM, CONTE-NOS SUA HISTÓRIA,
FALANDO SOBRE SUA VIDA E SUA EDUCAÇÃO.

ANEXOS

Anexo 1 – Jornal Flor

E-book disponível para *download* em [HTTP://jornalflor.com](http://jornalflor.com)



Anexo 2 – Respostas por membros da equipe escolar aos questionários



PROGRAMA “O *jornal* eletrônico: promovendo práticas de letramento familiar no ambiente escolar”

i. Dados gerais

Nome:

Sandra Patrícia
Jance Leite
Rita de Cascia
Liane Fernandes
Ilana Felipe

Sexo: (1) masculino (4) feminino

Função:

Coordenador
Vice-diretor
Professor (3)

Turno em que trabalha:

Matutino (4)
Matutino/vespertino/noturno (1)

Série/etapa de ensino com a qual trabalha:

Ensino Fundamental I e Ensino Médio (1)

<p>Ensino Fundamental e EJA (1)</p> <p>Ensino fundamental, médio e EJA (1)</p> <p>Ensino fundamental I (2)</p>
--

Local de trabalho:

<p>EMPUG (5)</p>

Local de trabalho 2 (se possuir):

<p>Escola Estadual Castro Alves</p> <p>Escola Estadual Lourdes Guilherme</p> <p>Colégio Salesiano Dom Bosco</p> <p>Não possui (2)</p>

ii. Dados específicos

1 Você conhece o programa que está sendo desenvolvido na turma de primeiro ano A, sobre o Jornal Flor? Se sim, como conheceu?

<p>Sim. A Escola Ulisses de Góis está participando do mesmo.</p>
--

<p>Sim. Através da própria professora.</p>
--

<p>Sim. Faço parte desde o início do programa e sou responsável pelo desenvolvimento do mesmo na EMPUG.</p>

<p>Sim. Através nas vivências na escola e nos exemplares oferecidos pela professora.</p>
--

<p>Sim. Acompanho o trabalho da turma no laboratório de informática e já fui convidada a participar do projeto O habitus de estudar, em uma de suas diversas atividades pedagógicas.</p>
--

2 Quais são suas impressões sobre este programa?

<p>Um órgão de divulgação é sempre importante.</p>
--

<p>Vejo esse projeto como uma janela de oportunidades significativas para os alunos aprimorarem sua aprendizagem.</p>

Somente positivas, pois realizar um trabalho de letramento com a participação da família é algo extremamente significativo.

São as melhores possíveis, uma vez que o projeto trabalha a construção da escrita e da leitura a partir das vivências dos alunos e de suas famílias.

As melhores possíveis, pois possibilitou outros olhares para o ensino-aprendizagem sobre o processo de letramento e alfabetização e também do letramento familiar.

3 Ele contribui para a relação família-escola? Se sim, de que forma?

No momento em que a família manuseia, de alguma forma, essa família se aproxima mais da escola e do aluno.

Aproxima pais e filhos, valoriza seus saberes e contribui para o aprimoramento dos conteúdos vivenciados em sala.

Sim, pois o projeto acontece justamente com a participação das famílias.

Sim, pois houve mais aproximação das famílias junto ao trabalho desenvolvido na escola e em especial na sala onde o projeto atua.

Sim, pois envolve os pais nas atividades escolares dos seus filhos, como também integra as famílias em um todo.

FICHA DA FAMÍLIA**1. DADOS DA MÃE****PROFISSÃO E LOCAL DE TRABALHO**

Dona de casa (5)

Cuidadora de idoso (1)

Doméstica (5)

MORA COM O ALUNO (10) SIM (1) NÃO

2. DADOS DO PAI**PROFISSÃO E LOCAL DE TRABALHO**

Agente de saúde no posto de saúde do bairro (1)

Almoxarife (construção civil) (1)

Mecânico (1)

Serviços gerais (1)

Coveiro (1)

Encarregado – CEASA (1)

Motorista (1)

Agricultor (1)

Repositor (supermercado) (1)

Não respondido (2)

MORA COM O ALUNO (7) SIM (4) NÃO

3. DADOS DE OUTRO FAMILIAR RESPONSÁVEL PELO ALUNO**PROFISSÃO E LOCAL DE TRABALHO**

Doméstica - avó (1)

Vendedor - irmão (1)

Dona de casa - avó – (5)

Autônoma – avó (1)

Pensionista – avó (1)

Não respondido (1)

MORA COM O ALUNO (7) SIM (3) NÃO

1. A FAMÍLIA É FORMADA POR QUANTAS PESSOAS?

Três (1)

Quatro (2)

Cinco (4)

Seis (2)

Oito (1)

Nove (1)

2. QUEM DA FAMÍLIA TRABALHA FORA DE CASA?

(6) PAI (6) MÃE (1) AVÓS (3) OUTRA PESSOA

3. COM QUEM FICAM OS ALUNOS, QUANDO OS RESPONSÁVEIS TRABALHAM?

Avó (5) Mãe e avó Pai e avó Mãe (3) Tia

ARTICULAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA

1. A EDUCAÇÃO DE SEU(S) FILHO(S) DEVE SER:

(0) TAREFA DA ESCOLA (11) TAREFA DOS PAIS COM A ESCOLA

2. VOCÊ ACHA IMPORTANTE QUE OS RESPONSÁVEIS ACOMPANHEM, PARTICIPEM OU ESTEJAM PRESENTES À ESCOLA?

(11) SIM (0) NÃO

POR QUÊ

É muito importante para a aprendizagem da criança a família participar.
Sim, é importante para ficarmos sabendo do aprendizado.
Com os pais presentes, o desenvolvimento será bem maior.
É muito importante para o futuro deles.
Para ficar informado de tudo.
Para o aluno ter mais conhecimento.
Porque fica sabendo o desenvolvimento do seu filho na escola.
Tanto é importante para o aluno quanto para o responsável.
Sim, porque é importante estar sempre atento a tudo que acontece com os filhos no colégio.
Pra saber o comportamento do aluno.
Ajuda na educação, no aprendizado.

3. EM SUA OPINIÃO, QUAL O PAPEL DA ESCOLA NA FORMAÇÃO DO ALUNO?

(2) PREPARAÇÃO PSICOLÓGICA
 (4) APERFEIÇOAMENTO DA EDUCAÇÃO QUE RECEBE EM CASA
 (7) FORMAÇÃO PROFISSIONAL
 (6) AMPLIAÇÃO DE CONHECIMENTOS E HABILIDADES
 (2) SEGURANÇA
 (1) AUXÍLIO NO CUIDADO
 (0) ENTRETENIMENTO OU PASSATEMPO

4. VOCÊ ACOMPANHA AS TAREFAS ESCOLARES DO ALUNO?

(11) SIM () NÃO
 POR QUÊ

É importante.
É meu dever como mãe.
É importante para o aprendizado dele.
É muito importante fazer parte da educação.
Para ver o seu desempenho.
Porque eu sou mãe e quero que ele esteja bem na vida profissional dele.
Pais e professores têm que estar juntos.
É necessário.
Eu sei que ajuda no aprendizado.

5. O TRABALHO CONJUNTO DA ESCOLA COM A FAMÍLIA PODE AJUDAR A RESOLVER PROBLEMAS? DE QUE TIPO?

Sim. Tipo inclusão social.
Sim. Ajuda a disciplinar.
Pode resolver na segurança, no cuidado e no aprendizado.
Mais no desenvolvimento da criança e do adolescente a procurar ser pessoas de bem futuramente.
Na educação, no jeito de falar e respeitar os mais velhos.
Tudo em geral, como bom aluno na escola e em casa para o futuro dele.
Sim. Problemas sociais, psicológicos e assistência social.
Pode ajudar na educação.
Ajuda em muitas coisas.
Psicológicos de todos tanto do aluno como da família e na profissão.

6. COMO VOCÊ PODE AJUDAR À ESCOLA NA EDUCAÇÃO DO ALUNO E COM ALGUM PROJETO VOLTADO PARA PARCERIA FAMÍLIA-ESCOLA?

Convivendo com o aluno e os professores.
Incentivando-o a querer aprender mais.
O que eu posso fazer é educar em casa, sempre estar atento e ensinando em tudo que eu posso.
Mantendo nossos filhos na escola e participando de tudo que a escola oferece ao aluno.
Na educação e na disciplina.

Mostrando-lhe a realidade dos projetos oferecidos na escola e na parceria família-escola.
Eu acho que os pais tem que ir às reuniões.
Participando dos eventos escolares e o lado social da escola.
Ajudar nas tarefas de casa.
Se tivesse um tempo integral.
Sempre presente nas atividades escolares.

7. VOCÊ OU RESPONSÁVEL ASSISTEM A REUNIÕES DE PAIS NA ESCOLA?

(11) SIM () NÃO

10. EM QUE DIA DA SEMANA E HORÁRIO VOCÊ PODE PARTICIPAR DE ALGUMA ATIVIDADE PROGRAMADA PARA OS RESPONSÁVEIS?

Qualquer dia à tarde
Todos os dias, a partir das 15h30
Todos os dias a qualquer hora
Sempre que estiver pode contar comigo
Qualquer dia da semana
Qualquer dia no horário da manhã ou da tarde
Eu posso na segunda-feira pois estou de folga
Pela manhã, qualquer dia
Qualquer dia da semana de manhã
Toda hora
Todos os dias à tarde

11. VOCÊ TEM VONTADE, INTERESSE OU NECESSIDADE EM SER ATENDIDO POR ALGUM PROGRAMA EDUCATIVO PROMOVIDO PELA/NA ESCOLA?

(7) SIM (4) NÃO

POR QUÊ?

É importante.
Porque eu trabalho.
Para me informar mais.
Para aprender mais.
Nós temos que estar preparados para melhor ajudar os nossos filhos.
Porque queria aprender mais.

Ajuda a criança a desenvolver.

Não tenho muito tempo.

12. A ESCOLA PROMOVE EVENTOS INTERESSANTES PARA REUNIR OS FAMILIARES NA COMUNIDADE ESCOLAR? QUAIS SÃO OS EVENTOS DE QUE VOCÊ MAIS GOSTA?

Sim, festas juninas, festas das mães, dos pais, das crianças e no Natal.
--

São João e Dia das mães.

Gosto de todas que vocês promovem porque eu sei que é importante para toda a família em geral.
--

Principalmente os que falam em educação, muito bom. A gente aprende muito com nossos filhos. Gosto muito.

Todos. (2)

O que tiver eu topo.

Sim, gosto de todos, pois são todos preparados com muita criatividade.
--

Dia dos pais e das mães, das crianças e outras festas.
--

Todos, porque é importante para eles aprenderem mais com isso.
--

Anexo 4 – Histórias de letramento(s) respondido(s) por membro(s) da equipe escolar

Histórias de letramento (equipe escolar)

1. Qual é seu nível de escolaridade?

- () ensino superior incompleto () ensino superior completo
 (5) especialização em andamento/completa
 () mestrado em andamento/completo
 () outro: _____

2. A leitura está entre seus passatempos favoritos?

- (5) sim () não

3. Você lê com os alunos? Se sim, com que frequência?

- (4) sim () não
 (4) diariamente () semanalmente () quando tenho tempo

Motivo das leituras (ou não):

Instruções para as atividades pedagógicas desenvolvidas no Laboratório de Informática.
Não atuo em sala de aula, porém como Coordenadora Pedagógica oriento que a prática do professor motive os alunos para a leitura.
Quando estive em sala de aula, como professor de História e Geografia, a leitura sempre se fez presente.
Contribuir para desenvolver o hábito de leitura dos alunos e facilitar o processo de letramento e alfabetização.
Aprimorar o processo de leitura e escrita e o prazer em ler.

4. Costuma integrar a biblioteca às suas atividades de aula? Se sim, para quê?

- (4) sim () não
 (2) incentivar os alunos a requisitar livros
 (2) requisitar materiais para uso em sala de aula
 (3) realizar leituras
 (2) outro:

Incentivar o hábito de ler
Incentivar o prazer de ler.

5. Você realiza algum projeto de leitura ou escrita em sua sala de aula? Se sim, comente-o.

Sim. Leitura e digitação de textos.
A biblioteca da escola, além do empréstimo que faz parte da rotina, desenvolve o projeto “O leitor do mês”, que premia com livros o aluno de cada turma que lê mais.
No momento, não, devido à minha função.
Sim, o ano inteiro, pois alfabetizar já é um processo constante e contínuo de leitura e escrita.
Sim. Diariamente realizo com a turma diversos gêneros textuais envolvendo todas as áreas de conhecimento.

6. Você escreve com frequência? Se sim, conte-nos sua história, falando sobre sua vida e sua educação.

Minha função como professora me possibilita a escrever com frequência, pois tudo que faço nos meus planos de trabalho a leitura e a escrita fazem parte para a melhoria dos resultados desejados.
Sou graduada em Pedagogia (licenciatura). Fiz o magistério e em seguida já iniciei meu trabalho em sala de aula. Fui alfabetizadora 10 anos e depois segui com as turmas de 2º ao 5º ano. Trabalho em escola pública e privada. Tenho 31 anos de sala de aula. Espero continuar com meu trabalho, mesmo sabendo das dificuldades que enfrentamos na educação atualmente. Gosto muito do que faço.
Escrevo com frequência em relação aos planejamentos pedagógicos para o Laboratório de Informática, mas tenho um bom hábito de leitura, com média mensal de dois livros.
Sempre fui de desenvolver ideias a partir de algum tema, e assim, com essa prática, muito me facilitou em outros aspectos ligados à escrita e leitura. Não adianta uma leitura mecânica, mas sim, uma leitura que dê significado, que haja compreensão.

Anexo 5 – Histórias de letramentos respondidos por familiares

HISTÓRIAS DE LETRAMENTO (FAMÍLIA)

1. QUAL É SEU NÍVEL DE ESCOLARIDADE?

(1) SEM ESCOLARIDADE

(5) ENSINO FUNDAMENTAL INCOMPLETO/COMPLETO

(3) ENSINO MÉDIO INCOMPLETO (2) ENSINO MÉDIO COMPLETO

() ENSINO SUPERIOR INCOMPLETO () SUPERIOR

COMPLETO

() OUTRO: _____

2. A LEITURA ESTÁ ENTRE SEUS PASSATEMPOS FAVORITOS?

(9) SIM

(2) NÃO

3. COM QUE FREQUÊNCIA VOCÊ LÊ?

(5) DIARIAMENTE () SEMANALMENTE (5) QUANDO TENHO TEMPO

4. VOCÊ LÊ COM AS CRIANÇAS? SE SIM, COM QUE FREQUÊNCIA?

(10) SIM

(1) NÃO

(3) DIARIAMENTE

(1) SEMANALMENTE

(4) QUANDO TENHO TEMPO

MOTIVO:

Não sei ler.
Trabalho e deveres de casa.
Porque gosto de ler.
Que ela se interesse mais pela leitura.
Quero que ela aprenda mais.
Trabalho.
Gosto de ler e incentivo.
Para o desenvolvimento.
Tempo.

5. EU LERIA MAIS SE...

- (1) EU ACHASSE O ATO DE LER MAIS FÁCIL
 (9) EU TIVESSE MAIS TEMPO LIVRE
 (2) OS LIVROS FOSSEM MAIS BARATOS
 (0) PROFESSORES/PARENTES/AMIGOS ME ESTIMULASSEM MAIS A LER
 (1) A LEITURA FOSSE SOBRE ASSUNTOS QUE ME INTERESSASSEM
 (1) ALGUÉM ME AJUDASSE A LER
 () OUTRO: _____

6. VOCÊ ESCREVE COM FREQUÊNCIA? SE SIM, CONTE-NOS SUA HISTÓRIA, FALANDO SOBRE SUA VIDA E SUA EDUCAÇÃO.

Não escrevo.
Não.
Sim, escrevo bastante e gosto muito. A minha vida foi maravilhosa, eu estudava, não terminei o meu estudo porque eu precisava trabalhar, mas eu agradeço a todos professores que sempre estavam comigo me ensinando e o pouco que eu sei é muito para mim, porque Deus estava sempre me ajudando com a minha família e agradeço pela educação que eu tenho e passo para os meus filhos.
Eu queria ter estudado mais, trabalhado menos. Tive que deixar os estudos para poder trabalhar, mas eu tenho uma boa educação apesar de tudo. Hoje eu só quero o melhor para minha filha. A escola é uma porta aberta para o conhecimento do mundo, só quem estuda sabe. Estudar é muito bom, pena que eu estudei pouco...
Sim, eu sou uma pessoa simples, tive uma boa educação, queria ter estudado mais, como não tive esta oportunidade hoje luto para que meus filhos possam ser aquilo que eu não fui na vida, que eles estudem muito e possam ter uma boa profissão e se realizem na vida em todas as partes.
Sim, eu não tive todos esses privilégios que são oferecidos hoje. No meu tempo de escola nem tudo era existente, faltava compreensão de professores. A minha educação e a do meu irmão foi a nossa força de vontade, tirávamos livros velhos do lixo e na curiosidade dos desenhos nos aprofundamos no mundo da leitura de onde tiramos a nossa sabedoria e o nosso desenvolvimento para sobreviver nesse mundo onde é cada um por si: essa é a minha história.
Não, mas pretendo e vou tentar.
Sim, eu tenho trinta e oito anos, sou casada há vinte e um anos, tenho dois filhos maravilhosos, um de vinte anos e uma de seis anos. Sou muito feliz, tenho uma família

maravilhosa.

Sobre minha educação, quando criança gostava muito de estudar, nunca repeti de ano. Não terminei os estudos, tenho até o segundo ano do Ensino Médio. Gosto muito de ler e escrever.

Não sei escrever, faltam letras, mas leio tudo. Queria saber mais, para ajudar meus filhos. Não tive chance de estudar porque eu trabalhei muito cedo, se pudesse voltaria a estudar.

Sim. Terminei o segundo grau completo e trabalho de doméstica pela manhã e de tarde saio para vender Avon. De vez em quando faço outras coisas, vivo muito feliz com minha filha e minha família.

Vídeo 1

Descrição: fala do coordenador do projeto “O *habitus* de estudar: construtor de uma nova realidade na educação básica da RMN” acerca do lançamento da segunda edição do Jornal Flor.

PARTICIPANTES

Vozes masculinas identificadas: M1 (Moisés Alberto Calle Aguirre).

TEMPO DE GRAVAÇÃO

6 minutos e 00 segundo

MODALIDADE DE TRANSCRIÇÃO

Padrão

LEGENDA

... → pausa ou interrupção.

(inint) [hh:mm:ss] → palavra ou trecho ininteligível.

(palavra) [hh:mm:ss] → incerteza da palavra transcrita / ouvida.

(palavra) → siglas ou nomes próprios.

(INÍCIO)

[00:00:10]

M1: (Alana) muito obrigado por me convidar a participar deste momento. Acho que com isso vai ter outros que também supere. Não sei se vai nos superar neste momento, eu acho que com o seu trabalho, a participação das mães principalmente neste momento junto com os seus filhos... As mães observando o trabalho que vem sendo desenvolvido por seus filhos em sala de aula foi muito importante, vai mais além de qualquer depoimento que possa ser feito com relação à escola. Eu acho que estamos entrando na era de ações inovadoras para transmitir... não sei se consegue transmitir, vou falar assim, compartilhar conhecimentos, compartilhar saberes. (inint) [00:01:27] no plano acadêmico serve-se para isso. A gente se preparou, isso vai muito mais além, o plano, a importância do outro (inint) [00:01:43], o plano do amor. Do amor (inint) [00:01:47] como crianças que estão começando esse processo de nível social acadêmico. Eu quero destacar como vocês vão ultrapassando fronteiras da escola. Ao visitarem esta escola, outra escola e prestigiar a inauguração de uma biblioteca de outra escola, essa outra escola que faz parte de nosso projeto e que nos estamos trabalhando 3 anos e que há

uma duas semanas conseguimos concretizar, mas um trabalho bem colaborativo, com participação das mães, com participação dos alunos, com participação da comunidade acadêmica onde destacam se lideranças como as diretoras dessas escolas que possibilitaram todo esse diálogo e apoiaram esse processo. E em parceria sempre com a universidade. Isso que é bom. No sentido bom mesmo, e outro ponto culminante deste processo é essa inauguração (inint) [00:03:39] biblioteca. Nós agora falamos porque também fazemos parte dela, ela se chama Hábitos de Ler, e tem uma história como se chegou a este nome também um tanto democrático, que (inint) [00:03:54] está falando no jornal. E que queiram ler, eu acho que devam ler para entender qual é a filosofia da educação que nós estamos querendo pra levar em frente. Eu parabeno porque nós temos no nosso projeto levado um conceito muito importante que é o *habitus*, e esses *habitus* que vamos na tentativa de espalhar, (inint) [00:04:29], eu fico muito feliz. Isto vale por 4, 5, 6, 7 arquivos científicos, valem 10 talvez artigos científicos que eu poderia escrever e que ainda não escrevi, mas não tem maior importância. O que tem importância são estas. Muito obrigado e nós estamos colocando a escola toda com recursos (inint) [00:05:00] a um patamar de primeira linha. Obrigado. Eu quero agradecer a diretora da escola, a (Norma), professora (Cascia), quero agradecer (Alana) que você está sempre atrás das câmeras, mas em algum momento você tem que aparecer, para que te conheçam e (inint) [00:05:25] obrigado a nossos apoiadores como o Observatório da Educação, a CAPES, CNPQ, enfim, que faz o possível que nós consigamos desenvolver este tipo de trabalho que é pesquisa, extensão, e ensino.

[00:05:51]

Vídeo 2

Descrição: A Equipe Escolar comenta os impactos do programa durante o ano letivo.

PARTICIPANTES

Vozes femininas identificadas: F1 (Professora da turma) e F2 (Diretora da escola).

TEMPO DE GRAVAÇÃO

04 minutos e 41 segundos

MODALIDADE DE TRANSCRIÇÃO

Padrão

LEGENDA

(inint) [hh:mm:ss] → palavra ou trecho ininteligível.

(palavra) → siglas ou nomes próprios.

(INÍCIO)

[00:00:00]

F1: A universidade trouxe para a nossa escola, e em relação à questão da nossa parceria, eu gostaria que você fizesse a honra inicial da casa.

F2: É, bom dia a todos, e assim, desde já eu quero parabenizar a (Cascia), (Alana), professor (Moisés), (Daiane), toda a equipe que faz parte desse projeto, e assim, que só veio trazer benefícios para nós, para a nossa escola, para as nossas crianças, é um projeto que, infelizmente no início, assim, não acompanhei muito, mas do ano passado para cá, acompanhei bem mais a educação, e assim a gente passa a ver de uma outra forma mesmo, porque como você passa acompanhar, você passa a perceber a riqueza que é um projeto desse dentro da escola, com a participação de vocês pais, isso é riquíssimo. A presença da família na escola é fundamental, e como eu sempre coloco, a questão da gente ter essa visão de trazer a família para escola, e esse projeto só fez valorizar isso ainda mais, queremos agradecer enquanto escola, mais uma vez por ter gerado a nossa escola, a (Cascia) ter abraçado da forma que abraçou, eu lembro que quando nós fomos procurar alguém para desenvolver esse projeto, foi a primeira pessoa, a primeira a ouvir, (inint) [00:01:45] ela, e ela realmente abraçou, como ela abraça todas as ações que fazem parte desse trabalho dela, a pessoa que ela é, dedicada e no presente futuro. Então assim, é uma pena, infelizmente ter acabado, se não é? Se, vamos botar esse “se” bem grande, e vamos ficar na torcida que realmente não acabe, porque o que é bom na educação tem que permanecer. É isso que eu não entendo, nossa escola tinha

muitos projetos bons, que a gente no ano passado, nós tínhamos projetos maravilhosos, tinha uma professora de (Português), que nós tiramos 10 horas da carga horária dela, colocamos em um projeto de leitura, onde ela trabalhava com todas as professoras de (Português), e assim desenvolvia, conheciam o microfone, e é uma coisa que vinha funcionando, todos os turnos foram abraçando também (inint) [00:02:54], e a secretaria vai e retira, para enxugar o quadro, então isso é o que? Uma desvalorização do fazer pedagógico dentro da escola, porque o que eu coloco é, só sabe o que é uma escola quem esta dentro dela, quem está no dia a dia, quem esta lá na secretaria, por trás de (inint) [00:03:18] já passou por escola mas esquece, a maioria das pessoas que estão aqui, então assim, no que precisar da nossa fala, das nossas lutas, a gente permanecer com o projeto, nós vamos estar (inint) [00:03:35] em qualquer espaço bom, e assim, eu quero parabenizar e agradecer a vocês pais, porque (Cascia) realmente foi muito privilegiada de ter os pais que ela tem, nesse caminhar do projeto, e enfim, quero desde já desejar um Feliz Natal para vocês, um Ano Novo cheio de bênçãos para os pais, estejam conosco, estejam presentes, continuem, mesmo que as crianças vão para o segundo ano, o projeto não parte do segundo ano, mas aí vocês permaneçam com esse perfil de acompanhar os filhos de vocês, procurar falar com um dos professores, e assim gente, muito obrigada, obrigada (Cascia), obrigada professor (Moises), (Alana) [00:04:28], as coordenadoras que estão sempre presentes, (inint) [00:04:33], enfim a todos.

[00:04:37].

Vídeo 3

Descrição: Continuação da fala da Equipe Escolar, com as duas coordenadoras, e do coordenador do projeto, Moisés.

PARTICIPANTES

Vozes femininas identificadas: F1 (Maria José) e F2 (Sandra)

TEMPO DE GRAVAÇÃO

11 minutos e 23 segundos

MODALIDADE DE TRANSCRIÇÃO

Padrão

LEGENDA

... → pausa ou interrupção.

(inint) [hh:mm:ss] → palavra ou trecho ininteligível.

(palavra) [hh:mm:ss] → incerteza da palavra transcrita / ouvida.

(palavra) → siglas ou nomes próprios.

(INÍCIO)

[00:00:05]

Maria José: Bom dia a todos e a todas, eu queria dizer que eu estou muito feliz por vocês estarem aqui como eu já disse ali (na reunião) [00:00:12], é muito importante o acompanhamento dos pais, juntos a essa (inint) [00:00:21]na escola, e a gente fica muito sensibilizado com esse projeto que (inint) [00:00:30] acompanhamos de perto, isso enriqueceu a nossa escola, os nossos alunos, porque tem aluno que esta no terceiro ano também, e isso foi o mais importante, e eu digo sim, que essa parceria com a universidade, é importante, e mais importante porque nós realmente entregamos esse projeto nas mãos de (Cascia), que realmente ela faz tudo, quando ela entra, entra realmente para que aconteça. Então realmente esse projeto aconteceu, com (Cascia), com (Alana), com (Daiane) então esse projeto, realmente a gente viu que ele foi passo a passo acontecendo, e isso a gente ficou muito feliz, feliz pela escola, que somos nós, que nós vestimos a camisa da nossa escola, mas estamos aqui não é nem só porque estamos com a camisa, mas que a gente realmente recebeu, e nós fazemos com que, ele realmente crescesse, e estamos vendo hoje os frutos dessa parceria, realmente foi muito válida, e espero que se puder continuar, forte e maravilhoso, se não puder, mas que nós já colhemos os nossos primeiros frutos, muito obrigada a todos, feliz natal, feliz ano novo, muita paz e muita luz.

Sandra: Na verdade assim, só quero completar o que (Maria José) colocou, dizendo que independente do projeto, a participação de vocês é fundamental na vida acadêmica, na vida escolar dos filhos de vocês, não é porque tem esse projeto hoje, que eu devo estar presente, eu devo estar presente porque eu sou pai, eu sou mãe, eu sou responsável pelo meu filho, e escola nenhuma funciona sem a presença de vocês, independente do projeto acontecer, porque não são todas as turmas que tem esse privilégio, então eu como mãe, eu tenho que me preocupar de estar na escola, de deixar meu filho, independente de ano, é primeiro, é segundo, é terceiro, é quinto, é fundamental 2, mas vocês tem que estar presentes na vida dos filhos de vocês, então eu acho que essa é a maior lição que a gente tem que tirar de tudo isso, isso aqui é um momento, esse projeto é um recorte de uma parceria que a escola esta tendo com a universidade, mas o acompanhamento de vocês é fundamental, na vida dos filhos de vocês, certo? Obrigada e bom dia.

Maria José: Eu também gostaria da fala do professor (Moisés), diante de tudo isso aqui que a gente esta vivendo.

Moisés: Bom, bom dia para todos novamente...

Maria José: ... silêncio que o professor, ele fala diferente um pouquinho, então para a gente ouvir, a gente tem que ficar em silêncio, ele fala um pouquinho diferente, mas dá para entender, certo?

Moisés: Está bom? Então ai se vocês não entenderem, vocês me falem, está bem? Muito bem, mais uma vez estamos reunidos aqui, e eu me sinto muito feliz pelo que está acontecendo, e quero agradecer, quanto mais vezes eu agradeço, eu me sinto feliz, tenho que agradecer sim, por 10 vezes, eu vou fazer agora, eu quero agradecer a professora (Cascia), a (Alana), a diretora que abraçou a ideia, e fez com que todos participassem da ideia, como a professora coordenadora falou, não apenas a todo ensino que se espalha em toda a escola, a ideia se espalhou em toda a escola, hoje eu estou entrando e vendo nas salas, quase todas as professoras, ouvimos falando com os pais de família, isso é fantástico, acho que essa ideia, que não é tão (inint) [00:04:45], mas que dia a dia vai se concretizando de uma forma diferente, então hoje eu venho parabenizar à diretora, a liderança dela foi essencial para esse processo todo, às coordenadoras da escola, que sem elas não seria possível (inint) [00:05:05] operacionalizar tudo que esta acontecendo na escola. Eu quero agradecer a participação dos pais, dessa forma que vocês estão acompanhando esses filhos, isso é muito difícil de fazer, nós visitamos várias escolas dentro de (Natal) [00:05:24] e a participação dos pais é muito limitada, mas com vocês

foi diferente, nós fomos à universidade, acho que vocês gostaram de visitar a universidade, nós fomos lá à outra escola, para ficarem felizes com a biblioteca de uma escola que não tinha, buscamos essa visita, para que os seus meninos participem e publiquem no jornal, na ideia do jornal, no meu entendimento, uma ideia pedagógica, que foi trabalhada ao longo do ano, para que os nossos filhos possam melhorar a escrita, possam melhorar a expressão oral, enfim para tudo aquilo que tem a ver com a educação, então, eu me sinto feliz por outra coisa também, (é uma escola de universidade) [00:06:23] essa é uma filosofia que o projeto vem perseguindo, (é minha família não é?) [00:06:33] ela é sua filha mas ela tem nome não é? Porque a família que deu nome a ela, então eu me chamo (Moisés), porque eu tinha, colocaram meu nome, sinal que meu pai e minha mãe, colocaram esse nome, então por isso (inint) [00:06:51] é da família, e minha escola, esta é minha escola, vocês chegaram, trouxeram os seus filhos, matricularam, esta é minha escola, minha (grandiosa) [00:07:00] escola, aqui o meu filho se educa, aqui eu participo para que meu filho cresça, e a minha universidade, não é essa que a gente espera que esses filhos, todos eles, entrem para a universidade para serem profissionalizados, para serem talvez como (Alana), como as professoras que estão aqui, então é esses são os ciclos que a gente denomina da vida social educativa, e isso vai acontecer só com o apoio de vocês, com o apoio dos pais, como vocês estão fazendo até agora, então pais de família, a felicidade é construída, a felicidade não é instantânea, a felicidade é um processo de busca, e esse processo de busca pela felicidade, no campo da educação, vamos fazer um corte aqui, vamos (inint) [00:08:10] esta felicidade hoje, porque vem de um processo de trabalho, da escola, e das famílias. Para mim, um dos momentos mais felizes, que (uno) [00:08:26] pode experimentar, é no campo da educação, quanto o meu filho começa a ler, quando o meu filho começa a falar, “olha aquela é a letra C, é a letra É”, quanto começa a reconhecer os números, essa é uma intensa felicidade para mim, porque ele está começando a aprender, a se comunicar com os outros, isso é fantástico demais, não? Mas também, ao mesmo tempo para os pais é sofredor, “será que ele vai aprender, será que vai formar mais palavras?”, enfim, eu falo com minha esposa, essas coisas que falo com vocês (inint) [00:09:03], e aí ela entende. Então, pais de família, eu me sinto muito feliz com a presença de vocês, acho que a universidade está contribuindo com um grão de areia, para que a escola possa seguir esses caminhos de sucesso, e nós vamos continuar trabalhando isso, vamos continuar trabalhando com a escola, ainda não se tem que fórmula, ainda a gente vai ver, como a professora disse, “lute”, vamos a lutar então, a

luta tem menos dor, quando você tem o apoio de muita gente, porque a luta não é de um, a luta é de todos, ai é fantástico, é assim como a família quanto tem um problema, a família se une, e vai lutando para alcançar e superar essa dificuldade, então nós vamos aqui, e vamos a lutar sim professores, para que isso continue, e vamos a lutar para que não só esse, mas que se espalhe para toda a escola, toda a escola tem que ter essa cultura, e vamos a lutar para isso, ainda bem que nós temos pessoas como a (Alana), que tem força, ganhou musculatura, e vamos conseguir outras parcerias também, para que isso aconteça dentro da universidade. Muito obrigado pais de família, muito obrigado à nossas crianças, muito obrigado para a direção da escola, muito obrigado à professora (Cascia), muito obrigado, foi fantástico demais, e eu me sinto como se essa felicidade construída, aqui no campo da educação, eu quero dizer a todos vocês um Feliz Natal, um feliz Ano Novo, nova vida, novas coisas, novas ideias para 2015, porque não pode deixar de existir esse pensar por novas ideias, coisas que nossos filhos possam fazer, e eu acho que a felicidade é isso, ela é trabalhada, neste momento eu me sinto feliz porque trabalhamos por ela, não é porque (inint) [00:11:18] obrigado viu? A todos, muito obrigado.

[00:11:21].

Vídeo 4

Descrição: Falas de familiares sobre a experiência no projeto.

PARTICIPANTES

Vozes femininas não identificadas: F

TEMPO DE GRAVAÇÃO

4 minutos e 10 segundos

MODALIDADE DE TRANSCRIÇÃO

Padrão

LEGENDA

... → pausa ou interrupção.

(inint) [hh:mm:ss] → palavra ou trecho ininteligível.

(palavra) [hh:mm:ss] → incerteza da palavra transcrita / ouvida.

(palavra) → siglas ou nomes próprios.

(INÍCIO)

[00:00:03]

F1: Esse projeto (inint) [00:00:04] foi muito importante.

F1: Eu aprendi muito e a dar mais valor à família na escola, aprendi a dar mais valor às tarefas que Julia levava e não só os passeios, mas as tarefas ficaram marcadas. Foram só de aprendizados e foi muito bom esse projeto, e pelo jeito não vai ficar só impresso, vai ficar no coração e na mente porque foi muito bom e já estou com saudades.

F2: Tem mais alguém que gostaria de se colocar?

F3: Primeiramente bom dia.

F2: Bom dia.

F3: Gostaria de agradecer primeiramente a Deus, segundo a escola, os professores, a diretora. E eu estou vendo que o meu filho está aprendendo muito aqui nesse colégio. Estou muito feliz, e ainda mais esse projeto. Ele é muito animado, gosta muito de participar das tarefas e eu dou muita força a ele, e esse projeto veio pra ajudar a gente. Eu meu marido. Então eu tenho que agradecer a todos. Que esse projeto siga em frente se Deus quiser.

F2: Mais alguém deseja falar?

F4: Olha eu agradeço muito por você cuida da minha neta, e eu adorei da professora (Daiane), e também (Alana). Olha ela também (inint) [00:02:03] muito, teve um dia que ela não estava nem... sei lá assim, mas agora depois do projeto ela melhorou muito. Então (inint) [00:02:14] agradecer a você, primeiramente a Deus, segundo a vocês e muito obrigado.

F2: Mais alguém? (inint) [00:02:25].

F5: Primeiramente bom dia a todos, (inint) [00:02:40] a diretora, a todos vocês. Eu gosto muito da escola a professora (Cascia) aqui que ela adora essa professora. Deus no céu e essa professora na terra (inint) [00:02:54] aí, “voinha...”. Ela não passa um dia sem vir pra o colégio, mesmo que ela esteja doente ela, “voinha você pode me levar no colégio?”. “posso”. “eu não quero perder um dia de aula”. “tudo bem”. Ela só não vem quando ela está doente, mas melhorou ela vai pra o colégio. Aí eu quero agradecer a Deus primeiramente, a vocês. Ela não estava desenvolvendo, esse projeto veio, esse jornal (inint) [00:03:28], ela está com muita força de vontade pra estudar. E eu agradeço a Deus e a vocês. (inint) [00:03:37] Deus e a professora (Cascia)

[00:04:09]

Vídeo 5

Descrição: Continuação das falas dos familiares sobre o programa.

PARTICIPANTES

Vozes femininas não identificadas: F

TEMPO DE GRAVAÇÃO

2 minutos e 15 segundos

MODALIDADE DE TRANSCRIÇÃO

Padrão

LEGENDA

... → pausa ou interrupção.

(inint) [hh:mm:ss] → palavra ou trecho ininteligível.

(palavra) [hh:mm:ss] → incerteza da palavra transcrita / ouvida.

(palavra) → siglas ou nomes próprios.

(INÍCIO)

[00:00:05]

F1: Foi muito bom, (inint) [00:00:07] ela diz assim, “vó (inint) [00:00:11] eu também tenho minha amiguinha lá”. E ela desempenhou muito, ela quando está em casa ela pega o livrinho aí diz assim, “olha vó, eu aprendi essas letrinhas no jornal flor”. Eu digo, “então está bom (inint) [00:00:27]”.

F2: E a sua participação no jornal?

F1: Também eu adorei nesse movimento de estar aqui com ela, nessa participação pra o jornal flor.

F3: Eu vi que (inint) [00:00:40] desempenhou mais a leitura depois do Jornal Flor. Porque ele (inint) [00:00:44] todas as palavras que ele vê, ele começa a juntar e assim que ele está muito melhor depois do Jornal Flor. Desde que começou esse jornal que ele melhorou muito. Se interessou mais. Tem coisas que eu digo assim, “(inint) [00:01:01] ao invés de você está vendo (TV) vá ler”. Aí ele diz, “eu já li, olha aqui. Margarina, vinagre, óleo”. Aí começa a ler tudo, tudo que ele vê ele vai lendo. Então eu acredito que esse jornal desempenhou ele. Ele ficou mais interessado.

F4: Desempenhou também. Que ela não estava interessada a fazer as atividades, eu tinha que ir na bolsa dela pra saber se estava tudo bem. Ela “voinha eu já sei fazer as minhas atividades”. As atividades que vai pra casa, ela mesma faz sozinha. Ela só me

pede ajuda quando está em dúvida. Aí ela vai e me pede ajuda. “voinha isso aqui é assim?”. Eu vou e digo, “é está certo”. Mas ela se desenvolveu muito com esse jornal flor.

F5: Ela aprendeu bastante com esse jornal. Não só ela, mas eu também. Pra mim foi uma experiência única. Pra ela foi maravilhoso, foi tudo de bom esse jornal na minha vida e principalmente na vida dela.

[00:02:08]

Anexo 7 – Transcrições das histórias de vida (publicadas no Jornal Flor em forma de vídeo)

Vídeo 1

Descrição: História de vida da professora da turma.

PARTICIPANTES

Rita de Cascia.

TEMPO DE GRAVAÇÃO

4 minutos e 43 segundos

MODALIDADE DE TRANSCRIÇÃO

Padrão

LEGENDA

... → pausa ou interrupção.

(inint) [hh:mm:ss] → palavra ou trecho ininteligível.

(palavra) [hh:mm:ss] → incerteza da palavra transcrita / ouvida.

(palavra) → siglas ou nomes próprios.

(INÍCIO)

[00:00:06]

Rita de Cascia: O meu nome é (Rita de Cascia Gomes), eu sou natural da cidade de (Currais Novos) no estado do (Rio Grande do Norte), eu nasci num mês muito importante, que foi no mês de junho onde as festividades juninas fazem parte da minha história de vida, da minha família. O meu pai chama se (Manoel Dedel Gomes), e (Maria Elvira Silveira Gomes). Hoje o meu pai já não está entre nós, mas ele foi muito importante na minha vida. São pessoas pobres, mas que deram para toda família uma educação onde (inint) [00:00:46] cresci, somos em 4 irmãos, e comecei a estudar muito cedo com a idade de 6 anos, fiz a alfabetização onde antigamente chamava-se o pré-escolar, também fui do primário. Aquele período do primário onde a gente estudava do primeiro a quinta série. Fiz o ensino fundamental que chamava se ginásio, e também fiz o ensino médio que era exatamente o segundo grau. Graças a Deus fui uma aluna sempre muito privilegiada porque os meus pais acompanhavam os meus estudos juntamente com os meus irmãos. Eu entrei na universidade na segunda oportunidade. Fiz o primeiro vestibular para administração e não passei, mas eu acho que foi muito importante, porque no segundo vestibular que fiz para pedagogia me identifiquei muito. Foi muito legal na minha história de vida uma passagem importante de 1 dos meus professores do ensino médio. Eu quando estava estudando para fazer vestibular na

cidade, um dia encontrei este professor e ele me perguntou qual era o curso que eu iria fazer, eu disse que eu iria fazer administração, e ele respondeu pra mim, “Ah (Cascia) você dá uma linda pedagoga”. Eu acho que ele estava adivinhando que a minha história de vida profissionalmente seria mesmo na educação, a qual eu gosto bastante. Após ter sido aprovada no vestibular para Pedagogia me interessei muito por essa área. E hoje eu trabalho há 33 anos nessa área a qual gosto bastante. Hoje sou professora do ensino fundamental do primeiro ano, e também sou coordenadora pedagógica, trabalho na escola estadual com alunos da (EJA) e no ensino médio. Fui realmente muito agraciada porque o Estado do (Rio Grande do Norte), me proporcionou muitas coisas, inclusive uma especialização. Hoje eu sou pedagoga, hoje eu sou especialista na área de educação e linguagens, e faço o meu trabalho com muito carinho. Desde que comecei eu tenho o mesmo entusiasmo, mesmo com esse tempo de trabalho que já faz muito tempo. 33 anos é uma grande jornada de trabalho e ainda não quero me aposentar, porque eu acredito que terei ainda muitas coisas para aprender e também para ensinar. A minha vida é uma vida muito boa, eu sou solteira, mas tenho uma família que tem (inint) [00:03:46] muito bacanas, me deram lindos sobrinhos, e eu sou feliz porque sou mulher, e gosto muito de tudo aquilo que a vida me proporciona. Eu temo a Deus, eu sou católica praticante, e também em cada ambiente que eu chego eu procuro fazer com que Deus esteja presente no meio de todos nós. Então para mim a minha vida realmente é uma vida de muita satisfação, é muito importante a gente ter uma vida feliz, uma vida tranquila mesmo com os obstáculos que ela nos proporciona, mas graças a Deus eu sou feliz do jeito que eu sou.

[00:04:42]

Vídeo 2

Descrição: História de vida familiar de Adri de Lima

PARTICIPANTES

Vozes femininas identificadas: F1, F2.

TEMPO DE GRAVAÇÃO

5 minutos e 24 segundos

MODALIDADE DE TRANSCRIÇÃO

Padrão

LEGENDA

... → pausa ou interrupção.

(inint) [hh:mm:ss] → palavra ou trecho ininteligível.

(palavra) [hh:mm:ss] → incerteza da palavra transcrita / ouvida.

(palavra) → siglas ou nomes próprios.

(INÍCIO)

[00:00:06]

F1: Sou mãe de (Alex), eu passei 7 anos pra conquistar o pai dele. Persistindo até que a gente conseguiu namorar, ficamos noivos e casamos. Daí do casamento nasceu (Alexi) que foi maravilhoso. Foi uma história linda porque ele é um menino especial, depois que nasceu (Alex) eu engravidei novamente, só que o bebezinho eu perdi com 3 meses de gestação. Mas Deus disse assim, “vou dar outro bebezinho a mãe de (Alex)”. Então nasceu (Jonas) que também é especial na minha vida. Então o meu casamento é maravilhoso, meu esposo é carinhoso, amo os filhos, a minha casa tem harmonia. Nós somos evangélicos, sempre estamos indo pra igreja, sempre estamos ensinando (Alex) e (Jonas) como seguir o caminho, como ser educado, eles são maravilhosos os meus 2 filhos, e junto com a minha família, com a minha mãe, o meu pai. Eu tenho padrasto, mas ele faleceu que era um avô maravilhoso para os netos. Ele brincava, ele ia lá na minha casa, ele rolava com ele no chão, eu todos os dias ligava pra ele, ele ligava pra mim falava com os netos dele. Mas papai do céu levou ele, mas ele está sempre dentro do coração da gente como (inint) [00:01:49]. Então a minha família sempre tem uma briguinha como a tia estava falando, mas sempre a gente reúne, tem almoço, tem jantar. A gente liga, “vem almoçar aqui na minha casa”. A minha mãe diz, “vamos almoçar aqui”. Sempre ele está indo na casa da vó dele, a vó dele quando ele chega lá é abraço, é beijo. Uma vó (inint) [00:02:11] está sempre presente em todos os netos. É sempre assim, eu sempre senti isso na minha família. Aí é isso a minha história (inint)

[00:02:19] história bonita, foi assim o dia que eu fiquei... estudava muito também, era muito estudiosa, às vezes quando eu não ia pra aula eu ficava chorando. Porque às vezes não dava pra ir, mas eu sempre persisti na minha vida, e cheguei assim, “eu vou casar, vou ter filhos”. Sempre tive esse sonho. E é assim a minha história, casei, tenho uma família feliz, agradeço muito a Deus por ter essa família muito feliz. Quando eu era pequena eu (inint) [00:02:59] tudo, eu nasci em (Recife), fui estudar numa creche lá que era muito boa, era muito bom. Era muito persistente no estudo, gostava muito de estudar como eu falei aí. Depois me mudei pra (Maria Formosa) que era (inint) [00:03:20] e estudei bastante. (inint) [00:03:24].

F2: Gostava de estudar.

F1: Gostava de estudar e sempre estava indo pra o colégio, quando faltava... sempre tinha alguma coisa pra faltar, eu não queria faltar. Gosto de ler, gosto de escrever, e gosto sempre de estar ensinando a (Alex), eu sempre falo pra ele assim, “(Alex) sua mãe sempre gostou de estudar, então vamos estudar também pra ser uma pessoa na vida”. Eu não fui médica, não fui alguma coisa assim, mas pelo menos eu quero que ele seja o que um dia eu nunca fui. Então é isso que eu sempre falo com ele em casa, porque eu sempre gostei de estudar. Eu não terminei o estudo por causa que eu ia trabalhar. Então como eu ia trabalhar aí eu ficava pensando, “meu Deus, eu estou trabalhando e estou estudando, não tenho tempo de estudar”. Então eu decidi trabalhar, mas (inint) [00:04:19] porque eu sei ler e sei escrever, e quero que ele seja uma pessoa na vida. Saiba ler bastante como um dia eu não cheguei a ser.

F2: Muito bem, eu tenho uma pergunta também. Eu quero saber como é seu dia a dia.

F1: Meu dia a dia. Acordo, dou o café da manhã deles, todo o meu café da manhã vou fazer as minhas tarefas de casa, almoço, antes venho deixar ele no colégio, volto pra casa e faço as minhas tarefas, almoço, depois venho pegar ele, dou o almoço dele. Também termino de fazer as tarefas deito um pouquinho pra descansar, começa tudo de novo. Sempre todo dia a mesma coisa. Vou passear também com eles, vou pra casa da minha mãe, vou a uma praia com o meu marido e com eles. Sempre a gente tem alguma coisa, não é só em casa não, sempre a gente leva ele pra passear pra fazer coisa diferente.

[00:05:18]

Vídeo 3

Descrição: História de vida de uma mãe (Mari Silva)

PARTICIPANTES

Vozes femininas identificadas: F1, F2.

TEMPO DE GRAVAÇÃO

3 minutos e 34 segundos

MODALIDADE DE TRANSCRIÇÃO

Padrão

LEGENDA

... → pausa ou interrupção.

(inint) [hh:mm:ss] → palavra ou trecho ininteligível.

(palavra) [hh:mm:ss] → incerteza da palavra transcrita / ouvida.

(palavra) → siglas ou nomes próprios.

(INÍCIO)

[00:00:05]

Mari: (Sou) mãe de (Julia), não tenho só (Julia), tenho um rapazinho (inint) [00:00:10]. A infância sempre gostei de estudar, mas aos 14 anos me apaixonei pelo pai de (Julia) (inint) [00:00:22] dos estudos. Não cheguei aonde eu queria, na faculdade. Fui embora pra (São Paulo) com 17, engravidei do (João Marcos) irmão de (Julia), lá fui trabalhar morei 6 anos, não me arrependo de nada que fiz, até hoje vivo com o pai dela muito feliz. Meu casamento é cheio de harmonia, ele é muito brincalhão comigo, e hoje o meu filho tem 20 anos, terminou os estudos. Eu espero que ele faça uma faculdade que é um sonho meu, está trabalhando. Só que é muito difícil porque ele está na cabeça, “faça uma faculdade, faça uma faculdade”. Então hoje ele quer trabalhar, e o estudo fica mais pra trás, mas eu sempre estou ali no incentivo pra ele dar continuidade aos estudos dele, porque hoje o Ensino Médio está muito pra trás. Tem que seguir em frente. E sou muito feliz, a minha família é maravilhosa, hoje eu não estudo porque eu não (inint) [00:01:29], mas cuido da minha mãe, idosa de 74 anos. Então fica muito difícil pra mim tomar conta dela, tomar conta da minha mãe, toma conta da casa e ainda ter que estudar. Poderia fazer porque eu sou nova, mas fica muito puxado pra mim. Quem sabe mais pra frente.

F1: Se você fosse fazer alguma faculdade. O quê que você acha que você faria?

Mari: Contabilidade.

F1: Vocês sabem o que é contabilidade? Eles não sabem.

Mari: Contabilidade é mexer com números e mais números e mais números.

F1: A gente não aprende aqui? 1, 2, 3.

Mari: Só números, cálculos. Que é o que eu gosto de fazer.

F1: Alguém tem mais alguma pergunta?

F2: Não.

F1: Como é que é a sua família? Você tem irmão, tem a mamãe? Quem mais?

Mari: Tenho. Fora a mim tenho 5 irmãos. Meu pai hoje é separado da minha mãe. A minha mãe mora comigo, o meu pai vive no interior, mas (inint) [00:02:43] são amigados. Todos bem educados, se conversam e a gente aceitou. Apesar de já sermos todos adultos quando isso aconteceu. Foi difícil porque na época eu tinha 15 anos quando eles se separaram e eu não queria aceitar. Pra mim ele tinha que ficar ali com ela, mas a gente vai crescendo e vai entendendo que não deu mais e hoje a gente entende a separação deles. Ela não quer mais já está nessa idade, ele está com outra pessoa que respeita os filhos e ela hoje mora comigo, sou muito feliz. Se é pra mim tomar conta dela, estamos ali com coração e de braços abertos

F1: Muito bem.

[00:03:28]

Vídeo 4

Descrição: História de vida de uma avó (Gi)

PARTICIPANTES

Vozes femininas identificadas: F1, F2.

TEMPO DE GRAVAÇÃO

4 minutos e 13 segundos

MODALIDADE DE TRANSCRIÇÃO

Padrão

LEGENDA

... → pausa ou interrupção.

(inint) [hh:mm:ss] → palavra ou trecho ininteligível.

(palavra) [hh:mm:ss] → incerteza da palavra transcrita / ouvida.

(palavra) → siglas ou nomes próprios.

(INÍCIO)

[00:00:05]

F1: Minha vida era assim. Eu era pequena morava com os meus pais, e meus pais já passavam por muita luta, aí eu não sabia se estudava, se ajudava meus pais. Porque eles precisavam de mim, que o meu pai sofria de úlcera, não tinha como ele fazer nada, a gente ia fazer por ele. E o que eu tinha bem de fazer por meus pais. Aí depois com um tempo ele ficou doente, chegou a falecer. Eu arranjei um namorado que morreu também. Pronto aí casamos (inint) [00:00:44] de dia, era muita briga, teve um dia que a gente se separou, voltamos de novo, aí depois eu vim pra casa de meus pais passa a morar com a minha irmã, aí ele tentou ir a (Terezinha) atrás de mim, eu disse pra ele que ele só poderia vim se ele parasse de beber, ele disse que não me queria que ele ia ficar com a cana. Eu digo, “então fique com a cana”. E o que aconteceu. Ele foi quando ficou muito doente eu já morava aqui, a mãe dele não queria ele lá, aí mandou ele vir pra cá. Aí eu tomei conta dele, a gente separado mesmo eu tomei conta dele até a hora dele morrer eu cuidei dele. E o povo dizia assim, “pra que cuidar conta dele (inint) [00:01:27] que você não está mais com ele? E você cuida desse homem”. Eu digo eu cuido até na última hora eu cuido. Ele ficou internado no hospital ninguém queria ir pra onde estava ele. (inint) [00:01:39] cuidando dele, tomei conta dele, ele chegou a falecer e eu estou em paz com Deus. E eu fui de (inint) [00:01:46], mas chegou a hora dele pronto.

(inint) [00:01:51].

F1: Aí que as minhas filhas, minhas netas. A minha filha me deu as minhas netas. Eu cuido delas até hoje. (inint) [00:02:05] minha filha disse, “mãe está aqui, a menina é sua. A senhora toma de conta?”. Eu digo, “eu cuido minha filha (inint) [00:02:12] eu cuido”. (inint) [00:02:13] todo mundo sabe. Essa menina aí sabe comecei ajudar a mãe dela, mas nem por isso eu desprezei a minha filha. Hoje em dia está aí, ela agora (inint) [00:02:23] tem mais 2 filhos, e as filhas são minhas. São minhas, o que eu quis dizer isso. E hoje nós somos felizes. E agora (inint) [00:02:34] normal, toma conta da casa dela, eu tomo conta das minhas netas e pronto.

F2: Muito bem. Alguém tem alguma pergunta pra ela? Se (Ivla) estivesse aqui ela iria perguntar como é que foi seu estudo, se você foi trabalhar.

F1: Fui. Foi isso que eu fiz. (inint) [00:03:02] eu não sabia se eu ia pra escola, ou se ficava com meus pais, e nós passou uma fase muito difícil, aí eu via ele num sofrimento, aí dizia o que, “é melhor eu estar trabalhando numa casa”. Eu pequena, tinha uns 11 anos, mas eu chegava ia pra casa (inint) [00:03:23] fazer um trabalho, (inint) [00:03:25] lavar uma louça, pra varrer uma casa. E eu ia fazer que era pra ajudar os meus pais. Aí isso era tudo. Não estudei muito foi porque eu precisei mesmo ir pra perto do meu pai. Aí depois que o meu pai chegou a morrer eu não fiquei com nenhum remorso de eu não ter feito nada por eles. Porque eu garanto que eu fiz, eu ajudei muito a meus pais. (inint) [00:03:52]. Eu sinto orgulho pelo pai que eu tinha, a mãe que eu tinha. Batalhadora, teve que batalhar (inint) [00:04:02] e o mais que eu pude ajudar eles eu ajudei.

[00:04:06]

Vídeo 5

Descrição: Familiares contam alguns momentos marcantes junto aos alunos.

PARTICIPANTES

Vozes masculinas identificadas: M1.

Vozes femininas não identificadas: F1-F8.

TEMPO DE GRAVAÇÃO

3 minutos e 11 segundos

MODALIDADE DE TRANSCRIÇÃO

Padrão

LEGENDA

... → pausa ou interrupção.

(inint) [hh:mm:ss] → palavra ou trecho ininteligível.

(palavra) [hh:mm:ss] → incerteza da palavra transcrita / ouvida.

(palavra) → siglas ou nomes próprios.

(INÍCIO)

[00:00:05]

F1: (inint) [00:00:05] foi muito bom, porque ela dizia assim, “vovó (vamos embora conhecer o) [00:00:10] (Cajueiro)”. Eu digo assim, “minha filha quando tiver tempo a gente vai”. Aí quando chegou esse momento aí não tinha desculpa, fomos pra (Cajueiro), eu levei ela e as minhas outras netas. Ela ficou muito feliz. E eu também.

F2: (inint) [00:00:26] a gente veio de (Santa Cruz), fomos visitar o auto de (Santa Rita), muito lindo lá, muito belo mesmo. Então pra mim foi um dia muito especial. Pra eu o pai dela e o irmão dela.

F3: (inint) [00:00:45] momento da minha vida foi quando eu me separei e vim ficar com ela, pra mim foi o melhor momento da minha vida. Eu deixei tudo e vim morar com minha filha e com ela. Pra mim foi o melhor momento porque (inint) [00:01:02] dando a ela o que eu não pude dar a minha filha (inint) [00:01:07]. Esse é o meu momento feliz.

F4: Eu (inint) [00:01:15] é muito bom, e ela eu acho (inint) [00:01:19] eu amo ela, eu faço tudo por ela e pra minha filha. Por todos. Mas ela eu amo também mais do que (inint) [00:01:26].

F5: (inint) [00:01:27] a minha família é (inint) [00:01:31] muito especial.

F6: Pra mim ser tia. É muito bom, é maravilhoso, eu adoro ser tia. Eu acho que é até melhor do que ser mãe, porque tia é mãe duas vezes. Eu adoro. Tudo que ele quer eu adoro e eu posso estar presente, eu faço tudo. (inint) [00:01:53]. Ontem mesmo foi um dia. A gente vinha na rua e eu estava com dinheiro pra pagar uma conta, mas aí ele aperreou por um carro, e aí eu tive que comprar o carro.

M1: (inint) [00:02:09] experiência.

F: Essa daqui foi a sua primeira filha?

M: (inint) [00:02:15] na vida. Sim.

F: Gente olha a foto dele. É o padre? Tem o padre. Isso aqui foi o que dele?

F7: Batizado dele.

F: O batizado deste menino, quando ele disse a igreja que aceitava a (Cristo). O batizado tem essa função. Aí aqui tem a mãe, o pai, o padre, os padrinhos.

F8: Ser mãe é maravilhoso.

F: É especial?

F8: É especial, é tudo pra mim.

[00:03:05]

Anexo 8 – Transcrição de outros vídeos publicados no Jornal Flor

Vídeo 1

Descrição: Fala da professora da turma acerca de uma das ações.

PARTICIPANTES

Rita de Cascia.

TEMPO DE GRAVAÇÃO

3 minutos e 52 segundos

MODALIDADE DE TRANSCRIÇÃO

Padrão

LEGENDA

... → pausa ou interrupção.

(inint) [hh:mm:ss] → palavra ou trecho ininteligível.

(palavra) [hh:mm:ss] → incerteza da palavra transcrita / ouvida.

(palavra) → siglas ou nomes próprios.

(INÍCIO)

[00:00:06]

Rita de Cascia: O meu nome é (Rita de Cascia), sou professora e estou participando do projeto Hábitos de Estudar há 4 anos. Onde esse projeto no primeiro ano o grupo que participa trabalhou exatamente a parte de reflexões teóricas, para depois no segundo, terceiro, e quarto ano nós entrarmos com as atividades propriamente ditas nas escolas. Eu fui privilegiada em participar desse projeto porque eu trabalho na escola (Ulisses de Góis) no primeiro ano. E todos esses anos os meus alunos foram agraciados com esse projeto onde são importantes todas as atividades que o projeto proporciona, porque a capacidade que o projeto tem de desenvolver atividades diferenciadas, esse é o diferencial de qualquer outra atividade. Este ano nós estamos trabalhando o gênero jornal, e a minha turma que é de primeiro ano composta por 14 alunos e também a professora (Cascia) e também tenho do projeto duas bolsistas (Alana) e a professora (Daiane). (Alana) com a parte de língua portuguesa, e a professora (Daiane) com a parte de matemática. E está sendo um trabalho muito legal porque as crianças estão participando de diversas atividades. Para o jornal acontecer essas atividades são realizadas tanto dentro da escola como fora dela. E como o projeto também tem outras escolas que participa, nós fomos convidados. O grupo do jornal flor, que é o nome do jornal que nós estamos trabalhando, foi convidado para que fizesse a cobertura da

inauguração biblioteca na cidade de (São Gonçalo do Amarante) na escola (Horácio de Góis). Toda a minha turma foi pra o passeio, os pais também foram para o passeio junto conosco porque estamos trabalhando o letramento familiar. Chegando na escola nós fomos agraciados por uma grande festa, pensávamos que fosse uma festa menor. Mas foi um evento de grande porte onde a escola estava totalmente preparada pra este momento. Os pais dos meus alunos ficaram muito felizes porque aqui na escola aonde a gente trabalha nós temos uma biblioteca muito boa, uma biblioteca grande com muitos materiais, e ao chegarmos na biblioteca (Horácio de Góis) nós também verificamos que na inauguração tudo foi preparado com muito carinho, e com muito cuidado. Tinha muito material, a biblioteca está linda, a biblioteca tem a função na escola de proporcionar o hábito de leitura onde todo o material que está na biblioteca sirva para dar apoio a aprendizagem dos alunos, e é de fundamental importância que os livros sejam a base para a biblioteca existir, e que os alunos possam fazer desses livros amigos constantes e que possam transformar o seu hábito de leitura num hábito de constante aprendizado

[00:03:51]

Vídeo 2

Descrição: Fala de uma mãe acerca de uma das ações.

PARTICIPANTES

Mari

TEMPO DE GRAVAÇÃO

1 minuto e 52 segundos

MODALIDADE DE TRANSCRIÇÃO

Padrão

LEGENDA

... → pausa ou interrupção.

(inint) [hh:mm:ss] → palavra ou trecho ininteligível.

(palavra) [hh:mm:ss] → incerteza da palavra transcrita / ouvida.

(palavra) → siglas ou nomes próprios.

(INÍCIO)

[00:00:06]

Mari: Meu nome é (Mari), sou mãe de (Julia) que estuda na escola (Municipal Professor Ulisses de Góis) [00:00:12]. Estuda o primeiro ano lá. Eu vou falar um pouco da inauguração da biblioteca (inint) [00:00:22] participaram da inauguração da biblioteca hábitos de ler, e pra mim foi muito gratificante participar junto com eles, a escola pequena, mas a vontade deles de estudar, de eles participarem. A participação de todos, eu achei aquilo muito gratificante. Temos uma escola rica, nós. A escola daqui é enorme, mas a de lá é muito pequena, os espaços pequeno demais, mas estava lá a biblioteca, a coisa mais linda, tudo perfeito, tudo tão lindo que eu me encantei. Parecia uma coisa maravilhosa, um jardim quando eu encontrei aquela biblioteca pequena, mas toda equipada. Eu acredito que tudo que eles precisam esteja ali, pra eles aprender mais, e crescer e dar valor a leitura. Hoje a leitura é muito importante pra cada um dos alunos, eu gosto muito de ler e incentivo (Julia) mesmo, e espero que ela chegue lá. E os alunos da escola (Ulisses de Góis) fazem parte do projeto. Foram convidados para fazer a cobertura da biblioteca, pra fazer parte do jornal (inint) [00:01:49] que eles participam.

[00:01:51]

Vídeo 3

Descrição: Fala da Direção da escola acerca de uma das ações.

PARTICIPANTES

Vozes femininas identificadas: F1.

TEMPO DE GRAVAÇÃO

2 minutos e 16 segundos

MODALIDADE DE TRANSCRIÇÃO

Padrão

LEGENDA

... → pausa ou interrupção.

(inint) [hh:mm:ss] → palavra ou trecho ininteligível.

(palavra) [hh:mm:ss] → incerteza da palavra transcrita / ouvida.

(palavra) → siglas ou nomes próprios.

(INÍCIO)

[00:00:06]

F1: Olá. Eu sou (Norma) (inint) [00:00:07] atualmente eu estou como gestora da Escola Municipal Professor (Ulisses de Góis), nós temos o prazer de termos em nossa escola a parceria com a (UFRN) com o projeto hábitos do estudar, e esse projeto vem sendo desenvolvido a 4 anos em nossa escola, este ano nós tivemos um aumento impar, onde nós fomos convidados para participar de um evento da inauguração de uma biblioteca na escola (Horácio de Góis) [00:00:44] e aí foi um momento que marcou. Um ponto que me chamou muita atenção foi no momento em que eles foram fazer a apresentação cultural, onde duas crianças apenas com um vasilhame de refrigerante, aqueles descartáveis. Fizeram um som, um barulho musical muito interessante, a participação dos alunos muito boa, e a biblioteca, a escola pequena, mas é muito importante que a escola por menor que seja, ela contemple uma biblioteca em seu espaço. Foi muito bonitinha, bem aconchegante o equipamento, o material bem organizado. E a gente só tem que parabenizar. Também foi com apoio do projeto que é desenvolvido também o hábitos de estudar. E a gente ficou feliz por receber esse convite, por a gente pode ter participado desse momento tão rico e importante para a escola (Horácio de Góis), e nós levamos uma participação muito boa dos pais da nossa escola junto com os alunos, com seus filhos. (inint) [00:02:07] (Cascia) que em nossa escola muito envolvida com o projeto, e parabéns e obrigada a todos. [00:02:15]

Vídeo 4

Descrição: Fala de uma avó acerca de uma das ações.

PARTICIPANTES

Gi

TEMPO DE GRAVAÇÃO

58 segundos

MODALIDADE DE TRANSCRIÇÃO

Padrão

LEGENDA

... → pausa ou interrupção.

(inint) [hh:mm:ss] → palavra ou trecho ininteligível.

(palavra) [hh:mm:ss] → incerteza da palavra transcrita / ouvida.

(palavra) → siglas ou nomes próprios.

(INÍCIO)

[00:00:06]

Gi: Bom dia eu sou (Gi), avó de (Kah) que estuda aqui no colégio (Ulisses de Góis) no primeiro ano. Quero contar um pouco do desfile que houve aqui no bairro de Nova Descoberta. Eu fiquei muito feliz porque eu já tinha ido uma vez quando eu estudava, junto do meu pai. Que o meu pai era ex-combatente. Aí tinha o desfile dele, hoje em dia me sinto realizada, muito feliz porque minhas netas estão participando do desfile. Com minha neta, a turma do primeiro ano, participar foi muito importante.

[00:00:58]

ATIVIDADES DESENVOLVIDAS EM 2014

O ano letivo de 2014 na Escola Municipal Prof. Ulisses de Góis, na sala do 1º ano A, do Ensino Fundamental foi de uma riqueza incomparável, pois aconteceram vivências nas aprendizagens dos alunos nas áreas da Língua Portuguesa e da Matemática. Isso se deu através das experiências que o Projeto: “O Habitus de Estudar” proporcionou aos alunos. Importante salientar que o trabalho que foi realizado partiu de um projeto que a aluna mestranda da UFRN Alana Drizié elaborou para subsidiar o trabalho final do seu mestrado, isto em relação à Língua Portuguesa e também ao Plano de Atividades que a bolsista do curso de Matemática da UFRN, Daiane Kelly desenvolveu junto aos alunos. O projeto desenvolvido na área da Língua Portuguesa tinha como foco desenvolver atividades com os vários gêneros textuais junto os alunos e também com as famílias, pois o letramento familiar foi importante para concretização das ações junto aos alunos. O plano de atividades desenvolvido com os conteúdos da Matemática tinha como objetivo difundir uma nova concepção da matemática como instrumento de cidadania e isenção social.

O trabalho realizado na área da Língua Portuguesa teve início no mês de março com o propósito de construção de um Jornal Eletrônico como prática de letramento e o plano de atividades com os conteúdos matemáticos iniciou no mês de abril com o objetivo de resgatar a matemática no cotidiano dos alunos.

O Projeto "O JORNAL ELETRÔNICO COMO PRÁTICA DE LETRAMENTO": teve o objetivo de promover o letramento familiar e as práticas sociais na Escola Municipal Professor Ulisses de Góis, como atividade a ser desenvolvida através do projeto de pesquisa realizado pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e com apoio do Observatório da Educação, chamado “O Hábitus de Estudar: construtor de uma nova realidade na educação básica da região metropolitana de Natal”, um espaço para atender a missão de alfabetizar letrando, apoiando-se no fato de que os alunos sentem o desejo de “fazer melhor” quando estão se expressando, escrevendo ou desenhando. O jornal eletrônico deu suporte ao ensino contextualizado, direcionando-o para a mobilização familiar, social e comunitária.

Mapeando a situação da escola, as famílias na sua grande maioria atendem as expectativas da escola, colaboram e participam das reuniões, dos eventos e dos projetos escolares. Entretanto algumas famílias não participam da vida escolar dos seus filhos e com isso se percebe dificuldades na caminhada, contribuindo para o fracasso escolar. A direção escolar observa que as maiores dificuldades que os pais têm em realizar o acompanhamento dos filhos estão relacionadas a alguns fatores como: baixa escolaridade de alguns pais, falta de tempo, trabalho fora de casa, desinteresse, entre outros, pois, às vezes, são priorizados outros interesses pessoais em detrimento das necessidades dos filhos, há casos de desajuste familiar, algumas famílias são constituídas de pais separados, filhos que moram com os avós, mães que estão ausentes por morarem fora do domicílio dos filhos, alunos que passam o dia com os irmãos mais velhos, aos cuidados de vizinhos ou outros parentes. Diante desse quadro, o acompanhamento escolar não acontece e a escola, muitas vezes, é o único local onde esse aluno recebe as orientações para sua vida de formação pessoal, social e profissional. Entretanto, observa-se que os alunos com resultados mais satisfatórios são os que recebem acompanhamento e reforço em casa, isto é percebido quando as famílias deixam e buscam os filhos na escola, favorecem tempo de estudo, organizam

uma rotina diária, participam da vida escolar do filho e quando têm dúvidas sobre os resultados das aprendizagens vem à escola para repassar e receber orientações, contribuindo para a melhoria da qualidade da educação de toda comunidade escolar. Juntas, família e escola, vão ensinando valores importantes para o desenvolvimento integral dos filhos/alunos, como: ética, cidadania, solidariedade, respeito ao próximo, autoestima, respeito ao meio ambiente, enfim, conhecimentos que favorecem ao filho/aluno a ser um adulto flexível, que saiba resolver problemas, que esteja aberto ao diálogo, que encare as mudanças que o mundo vai lhe impor, com muita responsabilidade e sabedoria, pois o primeiro grupo com quem o filho/aluno ao nascer tem contato é a família, e é através dela que adquire seus hábitos, suas regras, seu modo de viver, incluindo aí a sua educação. Para que essa educação seja formalizada entra o suporte da escola, espaço no qual os valores irão se agregar e, gradativamente, o filho/aluno vai perceber que a fonte da sua identidade se fortalece com o contato com outros grupos: escola, comunidade e a sociedade em geral.

Realizar o Jornal na Escola é muito mais que divulgar informações, fazer propagandas e realizar um trabalho em grupo. Isso vai muito além, busca desenvolver a criatividade, o espírito crítico, a expressão oral e escrita, conhecer a realidade, os problemas locais, a cultura de uma comunidade. Nós como educadores, podemos utilizar os diferentes tipos de Jornais para enriquecer a nossa prática pedagógica, bem como desenvolver um trabalho com qualidade, onde com certeza nossos alunos encontrarão mais interesse e, conseqüentemente, construirão conhecimentos significativos.

Para uma criança tomar gosto pelos periódicos, o primeiro passo é acabar com a ideia de que jornal é coisa de "gente grande". Dentro da gama variada de assuntos abordados, certamente são encontradas notícias locais ou de entretenimento que atraem também os pequenos. É importante fazer os alunos se relacionarem com o jornal como se fossem leitores comuns: eles devem manuseá-lo por inteiro (não só como textos recortados), aberto sobre uma mesa, no chão ou dobrado e buscar as coisas que mais interessam, vendo fotos e lendo títulos para saber se vale seguir até o final".

A construção do Jornal eletrônico foi muito interessante, pois os alunos passaram pelas etapas de compreensão de como se constrói um jornal, do que ele representa para quem vai ler e de tudo que nele contém e como será sua elaboração.

Foi lindo como os alunos decidiram qual seria o nome do jornal, iniciamos mostrando alguns periódicos que circulam aqui na cidade do Natal, mostramos como eles são elaborados, quais as contribuições que são necessárias para que ele seja editado e como a escolha do título é importante para o sucesso do jornal junto com as matérias que nele são colocadas. Após essa etapa os alunos foram estimulados para pensar um nome para o nosso jornal e eles escolheram muitos nomes, depois foi feita uma seleção dos nomes e eles escolheram "Jornal Flor". Depois passamos para etapa da escolha da Capa, houve muita conversa de como deveria ser o desenho que comporia a capa e os alunos criaram lindos desenhos. Para a escolha eles ficaram bastante a vontade, pois todos os trabalhos foram expostos no quadro e eles foram escolhendo, foi muito interessante o momento da escolha, pois os alunos escolheram desenhos que não era o seu, isso nos mostra como as crianças são livres e não egoístas. Ao final da escolha três trabalhos foram escolhidos e decidimos de que como iríamos ter 3 edições do jornal, cada edição teria uma capa. As edições tiveram as seguintes capas: 1ª edição a capa feita pela aluna Maria Julia, a 2ª edição a capa feita pela aluna Kamila Vitória e a 3ª edição a capa feita pela aluna Flávia Letícia, os alunos participaram dessas etapas com muito interesse e colaboraram em todas as ações desenvolvidas. Fui um sucesso!!!

Para a 1ª edição foram realizadas diversas atividades com a participação efetiva dos alunos e das famílias.

A primeira matéria foram entrevistas feitas pelas professoras Cascia e Alana, onde os alunos responderam perguntas sobre sua história de vida e como pensam sobre a sua vida amanhã, todos os textos ficaram lindos e os alunos se sentiram felizes e foi um momento de troca de experiências e mais conhecimentos sobre cada aluno.

No período da “Páscoa” os alunos trabalharam o gênero receita, foi explicado como se constrói uma receita, quais as etapas da preparação e depois sugerimos que os alunos participassem na prática da preparação de um bolo. Para esse momento compartilhamos experiências com a outra turma do 1º ano, pois a professora e os alunos também estavam estudando esse gênero e convidamos a profissional Maria Marluce Gomes (extensionista da Emater e graduada em Hotelaria) para realizar essa atividade prática com os alunos. Foi um momento muito rico, pois os alunos colaboraram em todos os momentos da preparação da receita, foi feito um “Bolo de cenoura com calda de chocolate”, ao final os alunos degustaram e acharam uma delícia, nesse dia o bolo foi o lanche dos alunos, acompanhado por suco de goiaba. Os alunos fizeram uma festa e a receita depois foi enviada para as famílias.

O bairro de Nova Descoberta é o bairro onde mora todos os alunos que participam do Projeto: O Habitus de Estudar, por essa razão foi programada uma matéria exclusiva sobre o bairro onde os alunos e suas famílias seriam os atores responsáveis pelos resultados dessa matéria. Explicamos para os alunos que eles e seus familiares seriam convidados a falarem sobre o bairro onde residem. Preparamos os alunos e convidados as famílias para esse momento. Foi organizado um espaço na escola para a gravação das falas dos alunos e familiares, para nossa alegria os resultados foram além do que esperávamos, pois houve a produção de reportagens com os alunos e pais contando um pouco sobre onde moram, porque moram nesse bairro e o que o bairro tem de bom e de ruim, todos os resultados encontram-se na 1º edição do Jornal Flor.

Como o letramento familiar já faz parte do trabalho com os alunos do 1º ano A, as comemorações do Dia das Mães, claro que seria um momento especial para realizarmos atividades relacionadas e os alunos e mães participaram da “Coluna da Mamãe”, onde os alunos responderam questões sobre o que eles achavam como seria sua mãe, desenharam o que gostariam de mandar para as mães, e as mães responderam uma questão do que para elas seriam ‘O que significa ser mãe?’ e foram lindas as respostas das mães, como por exemplo a mãe de um aluno escreveu: **“Ser mãe é uma dádiva de Deus, ter Alex como filho é um orgulho para mim, não tenho como explicar as maravilhas que ele é, um bom filho e eu agradeço a Deus por ele ser tão importante na nossa vida, continue assim, sendo um ótimo filho, te amo!”** (mãe do aluno Alex).

Para encerrar as comemorações do Dia das Mães os alunos participaram do evento realizado pela escola e homenagearam as mães com a música “Pra você”:

Pra Você (Paula Fernandes)

Eu quero ser pra você, A alegria de uma chegada, Clarão trazendo o dia, Iluminando a sacada,

Eu quero ser pra você, A confiança, o que te faz, Te faz sonhar todo dia, Sabendo que pode mais.

Eu quero ser ao teu lado, Encontro inesperado, O arrepio de um beijo bom, Eu quero ser sua paz, a melodia capaz, De fazer você dançar.

Eu quero ser pra você, A lua iluminando o sol, Quero acordar todo dia, Pra te

fazer todo o meu amor.

Eu quero ser pra você, Braços abertos a te envolver, E a cada novo sorriso teu, Serei feliz por amar você.

Eu quero ser pra você, A alegria de uma chegada, Clarão trazendo o dia, Iluminando a sacada.

Eu quero ser pra você, A confiança, o que te faz, Te faz sonhar todo dia, Sabendo que pode mais e mais e mais

Eu quero ser ao teu lado, Encontro inesperado, O arrepio de um beijo bom, Eu quero ser sua paz, a melodia capaz, De fazer você dançar.

Eu quero ser pra você, A lua iluminando o sol, Quero acordar todo dia, Pra te fazer todo o meu amor.

Eu quero ser pra você, Braços abertos a te envolver, E a cada novo sorriso teu, Serei feliz por amar você.

Se eu vivo pra você, Se eu canto pra você, Pra você!

Eu quero ser pra você, A lua iluminando o sol, Quero acordar todo dia, Pra te fazer todo o meu amor

Eu quero ser pra você, Braços abertos a te envolver, E a cada novo sorriso teu, Serei feliz por amar você.

Eu quero ser pra você, Eu quero ser pra você, Pra você!



A última matéria realizada para 1ª edição do Jornal Flor foi à visita dos alunos e familiares à UFRN. Foi um momento de muita expectativa dos alunos e familiares, essa atividade aconteceu no dia 06 de maio/2014, e teve a seguinte programação:

- ✚ City tour pela UFRN,
- ✚ Visita ao Museu de Ciências Morfológicas,
- ✚ Palestra com o Prof. Moisés,
- ✚ Momento de lazer (lanche),
- ✚ Visita a TV Universitária

Esse momento foi muito interessante para os alunos e familiares, a professora Alana foi responsável pelas informações sobre os espaços durante o city tour pela UFRN. Os familiares não conheciam a instituição e acharam importante a visita e foi feito um paralelo entre a UFRN e a ESCOLA onde os alunos estudam, como por exemplo: o tamanho de cada lugar, quem é responsável (diretora / reitora), os espaços usados pelos alunos na UFRN e na EMPUG. Todos ficaram encantados e os familiares ao final da visita disseram que gostariam que seus filhos estudassem na UFRN.

Ao voltarmos para a escola foi feito com os alunos um texto coletivo e com as famílias solicitamos que elas encaminhassem um relato do que acharam sobre a visita a UFRN.

O texto coletivo com os alunos teve o seguinte teor:

*Terça-feira, dia 6 de maio, os alunos do 1º ano A da EMPUG foram a um passeio na UFRN, de ônibus, conhecer o Museu, as salas, a televisão e as ruas. Nossos familiares foram com a gente.
O passeio foi muito legal!
Alunos do 1º ano A*

Nos relatos das famílias estava expresso o seguinte:

- *O passeio foi interessante e aprendemos muitas coisas.*
- *O passeio foi especial para nós por mostrar algumas coisas que eu e meu filho não conhecíamos.*
- *O passeio foi especial para nós porque a cada dia que passo com minha filha aprendo mais, quero participar mais e mais da educação dela e dos passeios que ela participa.*
- *O passeio foi especial, pois estivemos todos junto alunos e famílias e principalmente as professoras que nos ensinam a vencer batalhas de cada dia.*
- *Foi especial, pois adquirimos conhecimentos em parceria.*
- *Foi especial pra nós porque podemos nos maravilhar com os bichos e com o estúdio de TV, gostei e espero poder ir de novo.*
- *Foi especial para nós conhecermos coisas bonitas e sempre tive curiosidade de conhecer a Universidade por dentro.*
- *O passeio foi especial, pois as crianças e os pais tiveram a oportunidade de despertar o conhecimento de tudo ao vivo.*

A participação das famílias nas atividades realizadas para a 1ª edição do Jornal Flor foi fundamental para o êxito de todas as matérias.

A apresentação da 1ª edição do Jornal Flor para os pais foi muito interessante. Houve o convite para as famílias participarem, juntamente com os alunos. Preparamos no espaço da sala de vídeo um telão e no dia marcado as famílias, os alunos e a equipe da escola prestigiaram esse momento. As famílias aprovaram tudo que foi apresentado e ficaram felizes, pois repassamos o site que eles deveriam acessar em casa e rever todo o jornal com os parentes e amigos.

Para a 2ª edição também foram realizadas diversas atividades com a participação efetiva dos alunos e das famílias, nessa edição os alunos já estavam mais familiarizados como as matérias deveriam ser realizadas.

No mês de julho, mais especificadamente no dia 26, é comemorado o dia dos avós e como o nosso alunado tem uma relação muito grande com os avós achamos importante realizarmos uma atividade especial para os avós. Conversamos com os alunos sobre a importância dos avós na vida deles, pois tem aluno que mora com os avós ou os avós moram com eles e fazermos uma homenagem para eles seria bem legal. Os alunos acharam interessante e ficou combinado que eles pediriam aos avós que mandassem para escola um objeto que fosse importante na vida deles para fazermos uma exposição na sala de aula. Os avós mandaram muitas coisas: relógio, anel, camisa, pulseira, bolsa, óculos, caneca e cachimbo. Antes da arrumação da exposição os alunos falaram o objeto que trouxeram e o que a vovó ou vovô falou

sobre esse objeto. Sentimos que os avós ficaram interessados em participarem dessa atividade. Realizamos também a confecção de um cartão e de uma cartinha para os avós e solicitamos que eles respondessem as cartinhas, foi muito bacana essa partilha, pois os alunos foram os responsáveis de levar e trazer esse material. Muitas respostas carinhosas e os avós ficaram felizes. Cartinha resposta de uma avó:

Esta cartinha tão simples mas em cada letra pude me emocionar com um gesto tão carinhoso. Pude ver que na simplicidade das palavras senti o amor da minha neta. Fiquei ou seja estou feliz pelo desempenho dela, e na força de vontade de poder demonstrar como o seu amor por mim é tão grande, eu me sinto presenteada por Deus, por minha neta. Amei a cartinha, pois vou guardar bem.

Avó de aluna

Como a família é responsável pela caminhada dos nossos alunos e como o letramento familiar está sendo entendido pelos familiares, o mês de agosto é importante, pois comemoramos o “Dia dos Pais” e essa data as crianças valorizam, pois os pais representam muito para elas, mesmo que muitas crianças não tem a presença paterna em casa, mais sentem que essa pessoa faz parte da família. Para homenagear os pais solicitamos aos alunos que eles levassem para casa uma questão e que fosse respondida pelo pai ou pela pessoa que eles tivessem como referencia de pai. A questão foi a seguinte: O que significa ser pai para você? As respostas foram as mais diversas, pois vieram dos pais, dos avós e também das mães, o legal foi que a família compreendeu que uma resposta mesmo que não fosse do pai, mesmo assim o aluno obteve retorno. Para esse momento dentro do trabalho da linguagem usamos a “Sessão Pergunta”.

Resposta de um pai:

É muito especial é um dom de Deus. É prazeroso, gratificante e carinhoso. Ser pai de João é muito especial, ele é uma criança iluminada por Deus, Com amor seu pai Normando, que te ama tanto, demais.

Como é habitual os alunos irem à biblioteca da escola, propomos um momento de leitura dos alunos com os pais, não na escola mais em casa. Conversamos com os alunos e para fortalecer o trabalho literário que os alunos realizam na escola, foi decido que eles iriam a biblioteca para escolher um livro infantil para levar para casa e junto com os pais leriam e fariam um resumo para trazer para escola. Os alunos ficaram muito interessandos nessa atividade, pois dissemos que todos os resumos seriam colocados no Jornal Flor, foi uma euforia geral, pois envolvemos também a professora da biblioteca e ela deu grande apoio na escolha dos livros junto aos alunos. Os livros escolhidos foram: A borboleta azul, Um peixinho do outro mundo, Chá de sumiço, Peninha, o pintassilgo guloso, Dolores Dolorida, Rimas na floresta, Pupi o cachorrinho, dentre outros. Todas as crianças falaram que os pais ajudaram nessa atividade e trouxeram os resumos solicitados. Os livros abordaram os mais diversos temas, foi uma atividade muito divertida e prazerosa.

Resumo de um dos livros:

PUPI, O CACHORRINHO

Pupi, o cachorrinho escondia todos os brinquedos dentro da casinha. Ele tem um amigo gatinho que se chama Mimi. Ele gosta de ajudar o seu dono Julinho. (Resumo feito por aluno e seu pai)

O Jornal Flor é um veículo de comunicação que interage com os todos os segmentos da cultura e da literatura. No dia 4 de agosto de 2014, o grupo “Divulgando leituras conquistando leitores”, da cidade de Nova Cruz (RN), foi convidado por Alana Driziê para fazer uma apresentação para os alunos do 1º ano A, da EMPUG e seus familiares. Foi um momento rico, pois o grupo apresentou a leitura do conto “A Caixa de Pandora”, realizou dinâmicas envolvendo os alunos e os familiares que compareceram. No momento de uma das dinâmicas algumas mães puderam expressar o sentimento de ter uma família. Foram relatos lindos e significativos, pois cada família tem uma história de vida diferente. Foi importante esse momento e agradecemos a coordenadora do projeto Sr^a Teresa Paula Leôncio, por fazer da literatura algo tão fascinante.

Como citei anteriormente que o Jornal Flor é um veículo de comunicação, fomos convidados para fazermos a cobertura da inauguração da biblioteca da Escola Municipal José Horácio de Góis, no distrito de Guanduba, em São Gonçalo do Amarante (RN). Foi um evento muito importante para a escola, pois a mesma não possuía uma biblioteca e essa inauguração foi um marco divisou para as novas ações pedagógicas. E nós, alunos, familiares, professoras e direção da Escola Municipal Prof. Ulisses de Góis, através do Jornal Flor fomos agraciados para fazermos a cobertura deste tão importante evento. Foi um evento onde a comunidade escolar participou e os nossos alunos ficaram encantados com o espaço destinado as atividades literárias da escola. O nome da nova biblioteca é “Habitudo de Ler”, nome escolhido pelos alunos da referida escola.

Após a cobertura da inauguração da biblioteca “Habitudo de Ler”, os nossos alunos ao voltarem para a sala de aula fizeram uma reportagem coletiva sobre o evento, contaram tudo o que viram e os momentos de descontração que vivenciaram com os alunos de outra escola e a maravilha que foi está em companhia de seus familiares.
Resumo:

EM UMA QUINTA-FEIRA, DIA 28 DE AGOSTO DE 2014, NÓS, OS ALUNOS, FAMILIARES, PROFESSORAS E DIRETORA DA EMPUG, ENTRAMOS NO ÔNIBUS, BRINCAMOS E FOMOS PARA O PASSEIO PARA A EMJHG, NA CIDADE DE SÃO GONÇALO DO AMARANTE..... o texto encontra-se na íntegra na 2ª edição do Jornal Flor.

O evento da “Copa do Mundo” foi marcante para os alunos do 1º ano A, da EMPUG, foram realizadas muitas atividades: leitura de textos sobre a participação do Brasil como país que sede da Copa do Mundo – 2014, desenhos e pinturas das bandeiras dos países que participaram da copa, murais com recorte e colagem dos jogadores, dos estados que sediaram a copa e dos jogos; confecção de cartazes e a produção de um texto coletivo.

Na Copa do Mundo de 2014, no Brasil, Neymar se machucou, a Alemanha ganhou e David Luiz chorou. O Brasil perdeu a taça e a Argentina ficou em segundo lugar. O Hexa não foi nosso.

Importante lembrar que as famílias também participaram das atividades contribuindo com os materiais que eram solicitados para as atividades na sala de aula e

também incentivando os filhos nas atividades que propomos em todos os momentos do evento, realizado tanto em Natal como também nos outros estados que estavam acontecendo os jogos da “Copa do Mundo-2014”. Com a colaboração das famílias as atividades ficaram mais completas e os alunos sentiam esse apoio.

A comunidade do bairro de Nova Descoberta, onde a Escola Municipal Prof. Ulisses de Góis está inserida, todos os anos participa da Semana da Pátria com o desfile cívico em homenagem a Independência do Brasil e no ano de 2014 o tema do desfile foi: DE PÉ NO CHÃO TAMBÉM SE APRENDE A LER, este tema tão significativo para educação do Rio Grande do Norte.

Histórico = A Campanha de pé no chão também se aprende a ler, realizada na gestão do prefeito Djalma Maranhão (1960-1964), primeiro prefeito eleito de forma democrática na capital potiguar. Revela os esforços da campanha no sentido de aliar a educação escolar com a formação cultural e política de crianças, jovens e adultos. Destaca-se inclusive a formação de seus educadores e a orientação pedagógica estabelecida entre a secretaria municipal de educação e as escolas organizadas em bairros populares, com necessidades que ultrapassavam a própria formação escolar. Com o golpe militar de 1964 a campanha foi desfeita.

Os alunos da EMPUG todos os anos são convidados para participarem desse desfile cívico e a turma do 1º ano A, participou fazendo alusão ao tema mostrando como os alunos frequentavam as aulas, com simplicidade e vontade de aprender a ler e escrever, mesmo que tivesse de ir para a sala de aula descalço. Foi uma experiência interessante para os alunos saberem que a educação do RN passou por uma época de grandes transformações, as quais foram importantes para a formação educacional das crianças, jovens e adultos das classes pobres.



Ao retornarmos a sala de aula os alunos produziram um texto coletivo sobre o desfile cívico:



DIA 5 DE SETEMBRO DE 2014 HOUE O DESFILE EM COMEMORAÇÃO A INDEPENDÊNCIA DO BRASIL. OS ALUNOS DO PRIMEIRO ANO A, DA EMPUG FORAM MARCHAR E O TEMA FOI: DE PÉ NO CHÃO TAMBÉM SE APRENDE A LER. O DESFILE FOI MUITO BOM E ACONTECEU NA RUA DO BATALHÃO DO BAIRRO DE NOVA DESCOBERTA.

Houve total participação das famílias no evento e muitas colaboraram para o brilhantismo e organização dos alunos no desfile. A parceria escola x família é fundamental para as ações escolares e isto ocorreu durante todas as atividades na turma do 1º ano A, no ano de 2014.

O Brasil no ano de 2014 passou por um momento de eleições para o cargo majoritário do país, eleição para escolha do presidente da república e nossos alunos também se envolveram em algumas atividades para compreenderem como esse processo político acontece. Inicialmente conversamos com os alunos e os familiares, pois nos propusemos a realizar uma pesquisa sobre as eleições que estava para acontecer, os alunos ficaram interessados e organizamos um momento de eleição em sala de aula, com a participação dos familiares e dos professores e funcionários da escola. Foram preparadas as cédulas para votação, uma caixinha como urna e os alunos ficaram responsáveis em orientar as pessoas a votarem. Ao final da votação a urna foi aberta para contagem dos votos e foi construído um gráfico para que houvesse uma melhor compreensão dos resultados. Os alunos ficaram motivados com a atividade e os objetivos foram alcançados, pois eles levaram as informações para casa e também expomos em sala no cantinho da matemática. Os resultados e fotos encontram-se na 3ª edição do JORNAL FLOR.

**EVENTO MAIS ESPERADO PELOS ALUNOS DA EMPUG
SEMANA NA CRIANÇA – 2014**

TEMA: VIVA A MAGIA DE SER CRIANÇA

**Ser criança é achar que o mundo é feito de fantasias,
Ser criança é comer algodão doce e se lambuzar.
Ser criança é acreditar num mundo cor de rosa.
Cheio de pipocas
Ser criança é olhar e não ver o perigo.
Ser criança é sorrir e fazer sorrir.
Ser criança é chorar sem saber porque.
Ser criança é se esconder para nos preocupar.
Ser criança é pedir com os olhos.
Ser criança é derramar lágrima para nos sensibilizar.
Ser criança é isso e muito mais.
É nos ensinar que a vida, apesar de difícil,
Pode tornar-se fácil com um simples sorriso.
É nos ensinar que criança só quer carinho e afeto.
É nos ensinar que, para sermos felizes,
Basta apenas olharmos para uma criança.**

Sendo esse momento o mais esperado pelos alunos a escola dedica uma semana especial para eles, organizando atividades especiais como: brincadeiras, jogos, filmes, fantoches, passeio, gincana, apresentações, lembranças e lanche coletivo. É uma farra animada, onde a alegria e animação reinam em todos os momentos. As famílias são convidadas a participarem de algumas atividades e outras os alunos ficam na responsabilidade dos professores e equipe da escola. O projeto “ O Habitus de Estudar” no ano de 2014 contribuiu com as atividades lúdicas em sala de aula e também em todas as atividades propostas pela escola, favoreceu e incentivou as famílias a participarem com os filhos a todas as atividades. Uma das atividades que marcou os alunos foi a apresentação coreografada da música ‘Viajar pelo Safári’, onde os alunos se caracterização dos animais relacionados na música:

VIAJAR PELO SAFÁRI

Vamos viajar até onde o sol possa nos guiar

Vamos para a África

Juntos a sorrir dar as nossas mãos

E nos divertir, o safári descobrir

Qual a cor da zebra? não se sabe ao certo

Será que ela é branca e preta ou será que é o inverso?

Olha o elefante, quantos quilos têm?

Eu duvido muito mesmo que não passe de cem

Vamos viajar até onde o sol possa nos guiar

Vamos para a África

Juntos a sorrir dar as nossas mãos

E nos divertir, o safári descobrir

Dona hiena vive dando gargalhadas

Acho que um palhaço lhe contou alguma piada

Senhora girafa que pescoço grande

Pegue uma estrela para mim, essa mais brilhante

Vamos viajar até onde o sol possa nos guiar

Vamos para a África

Juntos a sorrir dar as nossas mãos

E nos divertir no safári

Nos dias 21 e 22 de outubro aconteceu a CIENTEC na UFRN. Os alunos e familiares dos 1ºs anos A e B foram participar de uma apresentação no espaço da MARCO, com a música “Viajar pelo safári”. Foi emocionante o ocorrido, pois além da apresentação os alunos visitaram os espaços da CIENTEC e os stands da MARCO. Depois houve um lanche coletivo no stand da própria escola e foi uma alegria contagiante, pois muitas famílias nunca tinham vivenciado essa experiência e muito menos conheciam a UFRN.

As atividades vivenciadas na sala do 1º ano A através do Projeto “O Habitus de Estudar” não se restringe aos eventos realizados na escola ou fora dela, realizamos trabalhos com os gêneros literários com a participação dos alunos e das famílias e a Coluna Literária “Era uma vez” e a Coluna Social com as “Histórias colaborativas” fez lembrar as histórias de vida das famílias. Histórias lindas e cheias de emoção. Tem relatos que falam sobre: Aniversário com a família..., Churrasco em família...,

Passeio ao Parque das Dunas..., Minha família..., Uma mãe que precisa trabalhar fora..., Minha vida... e outras histórias incríveis e marcantes, onde se não fosse essa atividade talvez eu (Profª Cascia) nunca tenha tido essa oportunidade de conhecer mais de perto um pouco da intimidade das famílias dos meus alunos. O bacana é que a forma como foi conduzida a atividade levou as famílias a se sentirem a vontade para partilhar conosco essas histórias maravilhosas. Após as famílias encaminharem as histórias fizemos com os alunos um momento de partilha, isto é, lemos para eles as histórias e eles ficaram encantados com os relatos. Isto é o que entendo que seja o verdadeiro trabalho sobre “O letramento familiar”. Para leitura completa dos relatos consulte o Jornal Flor – 2014 - 3ª edição.

Realizamos também atividades sobre: Palavras cruzadas, Histórias em Quadrinhos, Produção textual de sequencia, leituras de imagens, leituras compartilhadas, etc...

O dia 16 de dezembro de 2014, a Escola Municipal Prof. Ulisses de Góis ficou em festa, especialmente na turma do 1º ano – A, pois foram encerradas as atividades do Projeto: O Habitus de Estudar. Os alunos, as famílias, a comunidade escolar e especialmente as professoras Cascia e Alana realizaram a festa de encerramento do ano letivo.

Foi apresentada as famílias a 3ª edição do Jornal Flor, prestamos conta ao coordenador do Projeto Prof. Moisés de todas as ações realizadas durante o ano de 2014, certificamos os alunos da participação no projeto e da passagem para o 2º ano, entregamos as famílias uma medalha de agradecimento pela colaboração durante todo ano, entregamos um certificado de mérito ao prof. Moisés, a diretora, ao vice-diretor, as coordenadoras e as professoras da escola que colaboraram direta e indiretamente com o projeto e ouvimos as falas da diretora da escola, das coordenadoras, do prof. Moisés e das famílias. Foram palavras de incentivo e respeito ao trabalho que realizamos.

Os alunos estavam felizes com o momento, ganharam uma sacola com as 3 edições impressas do Jornal Flor, um CD com as edições e uma flauta de presente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Participar do Projeto “O Habitus de Estudar” no ano de 2014 foi muito importante para minha vida pessoal e profissional..

Agradeço a todos que compõe o projeto, a equipe da Escola Municipal Prof. Ulisses de Góis, as pessoas que comentaram no site do Jornal Flor, as famílias e em especial aos alunos que foram os colaboradores direto de todo nosso trabalho.

Agradecimento carinhoso as bolsistas Alana e Daiane que foram responsáveis pelas ações desenvolvidas dentro e fora da sala de aula.

AMIGA ALANA, MUITO OBRIGADA!



ATÉ BREVE !

Profª Rita de Cascia Gomes

Anexo 10 – Notícias publicadas acerca de nossas ações

www.natal.rn.gov.br/noticia/ntc-21852.html

Últimas notícias Gossip Girl Brasil SIGAA

Principal Ouvidoria Mapa do Site Secretarias e Órgãos Webmail Imprensa Lei de Acesso

Prefeitura Municipal do Natal
A nossa cidade

Faça sua busca pelo site

Buscar

Notícias
natal.rn.gov.br » Notícias » Notícias

Prefeitura

Prefeito

Agenda do Prefeito

Vice-Prefeito

Administração Municipal

Lei Orgânica

Imprensa

Avisos de Pauta

Notícias

Notícias - Busca avançada

FAQ

Álbum de fotos

Programas de Rádio

Boletim Informativo

Links

Expediente

Cadastro de Jornalista

Natal

História

Palácio Felipe Camarão

Portal do Turismo

Mapas

09/07/2015 15:30

Escola Municipal Professor Ulisses de Góis lançou livro 'Jornal Flor'

A Escola Municipal Professor Ulisses de Góis, em parceria com a Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), desenvolveu e lançou, através do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da UFRN, o livro 'Jornal Flor', com os alunos do 1º ano do ensino fundamental. O trabalho foi desenvolvido no decorrer do ano letivo de 2014 pela estudante de mestrado Alana Driziê Gonzatti dos Santos, através do projeto 'O habitus de estudar: construtor de uma nova realidade na educação básica da Região Metropolitana de Natal'.

O trabalho foi desenvolvido em parceria com a professora da E. M. Professor Ulisses de Góis, Rita de Cascia Gomes e se constitui de um importante instrumento pedagógico no processo de alfabetização, no letramento familiar e no aprimoramento do 'Habitus de estudar'. De acordo com a estudante de mestrado Alana Driziê, o projeto apóia as suas intenções de realização nos seguintes princípios: buscar a ampliação das pesquisas realizadas na UFRN no âmbito do Núcleo Avançado de Políticas Públicas, no programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, no programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem e no programa de Pós-graduação em Matemática; vislumbrar a possibilidade de ampliação e articulação entre os grupos de pesquisas vinculados aos programas supra citados; investir na possibilidade de perspectivas de continuidade na construção do mapa Social da Região Metropolitana de Natal (RMN).

De acordo com o pós-doutor pela UFRN, Moisés Alberto Calle Aguirre, 'O jornal Flor' te se constituiu um importante instrumento pedagógico no processo de alfabetização, no letramento familiar e no aprimoramento do Habitus de estudar. "O Jornal apresenta três potências que o colocam como imaginativo e inovador no processo de educar", disse Moisés Alberto Calle Aguirre.


Segundo ele, a primeira potência refere-se a atitude positiva das professoras o processo de despertar na criança o interesse, o desejo e a disposição de aprender, estimulando-as através do desenvolvimento de uma diversidade de atividades que foram trabalhadas na composição do Jornal Flor. "Dentre as atividades realizadas fora da escola foram a visita aos ambientes educativos da Universidade Federal do Rio Grande Do Norte (UFRN), que incluiu conhecer e aprender sobre o Museu de Ciências Morfológicas, a Biblioteca e a TV universitária - locais onde os estudantes receberam verdadeiras aulas acerca da importância educativa de cada um dos espaços universitários visitados", disse.

A segunda potência, segundo o professor, mostra o jornal no processo educativo dos estudantes, pois faz referência à mobilização e a concretização do envolvimento e da participação massiva dos pais e da família junto aos alunos nos eventos; e a terceira potência é a força da parceria institucional entre a Escola Municipal Ulisses de Góis e a UFRN, concretizada através do projeto 'Habitus de Estudar: construtor de uma nova realidade a educação básica da Região Metropolitana de Natal'.

Para a aluna de mestrado da Alana Driziê Gonzatti dos Santos (PPgEL | UFRN), o projeto "O JORNAL ELETRÔNICO COMO PRÁTICA DE LETRAMENTO: promoção do letramento familiar e das práticas sociais na escola" foi realizado para a construção da dissertação. "A definição de se trabalhar o jornal eletrônico na classe do primeiro ano do ensino fundamental da Escola Municipal Professor Ulisses de Góis foi considerando que a escola é - ou deveria ser - um espaço para atender a missão de alfabetizar letrando - apoiando-se no fato de que os alunos sentem o desejo de "fazer melhor" quando estão se expressando, escrevendo ou desenhando", disse a estudante.

A gestora da Escola Municipal Professor Ulisses de Góis, Norma Chacon, que acompanhou a realização do projeto, contou que se sentiu realizada no lançamento do livro "Jornal Flor", no Auditório 2, do Departamento de Políticas Públicas (UFRN) que contou com os autores, os alunos do primeiro ano da Escola Municipal Professor Ulisses de Góis (2014) e seus familiares. "Eu me sinto feliz por fazer parte desse projeto. Acompanhei todo o desenvolvimento, e agora lançamos o livro "Jornal Flor". Um projeto lindo que conta com atividades diversas e com a participação intensa da família no ambiente escolar", concluiu.

Divulgação SME



Facebook Twitter RSS

SEMPLA desenvolvimento. Seguimos as seguintes recomendações de projeto: W3C CSS W3C XHTML W3C RA

Produzido com tecnologias livres, socialmente justas para um desenvolvimento sustentável.



Boletim Diário da UFRN – Natal/RN, sexta-feira, 17 de julho de 2015 – nº 131 – Ano XV

Livro “Jornal Flor” registra o habitus de estudar no ensino fundamental

Uma experiência socioeducativa, que envolve escola, família, instituição superior, mestres e estudantes do ensino fundamental, está compartilhada por meio da obra “Jornal Flor”, lançado neste mês (julho) pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e a Escola Municipal Professor Ulisses de Góis, em Natal, RN.

Publicado pelas duas instituições de ensino (escola e universidade), o livro é fruto da pesquisa da mestranda Alana Driziê Gonzatti dos Santos, feita junto aos estudantes do 1º ano do Ensino Fundamental da escola, a partir do projeto “O habitus de estudar: construtor de uma nova realidade na educação básica da Região Metropolitana de Natal”, em 2014.

Para o professor da UFRN Moisés Alberto Calle Aguirre, a obra é um importante instrumento pedagógico no processo de alfabetização, no letramento familiar e no aprimoramento do habitus de estudar. “O Jornal apresenta três potências que o colocam como imaginativo e inovador no processo de educar”, disse.

Testemunha desse projeto, a gestora da Escola Municipal Professor Ulisses de Góis, Norma Chacon disse durante o lançamento na UFRN que se sente realizada. “Eu me sinto feliz por fazer parte desse projeto. Acompanhei todo o desenvolvimento e agora lançamos o livro “Jornal Flor”. Um projeto lindo que conta com atividades diversas e com a participação intensa da família no ambiente escolar”, afirmou.

O lançamento foi prestigiado pelos autores, os alunos e seus familiares do 1º ano da Escola Municipal Professor Ulisses de Góis.

Disponível em

http://www.sistemas.ufrn.br/portal/PT/imprensa/boletim_diario/15949185#4

Acesso 20 Jul 2015

Anexo 11 – Autorização para realização da pesquisa na escola (direção) e para registro fotográfico e publicação (responsáveis)

